



PATRICIA  
HIGHSMITH

O TALENTOSO  
RIPLEY

"[Highsmith] criou um mundo claustrofóbico e irreal no qual entramos sempre com uma sensação de risco pessoal."

— Graham Greene

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Patricia Highsmith

O Talentoso Ripley

Publicado originalmente no Brasil como

*O Sol por Testemunha*

Título original

*The Talented Mr. Ripley*

Tradução de *Aulyde Soares Rodrigues*

Editora Nova Fronteira S.A.

Rio de Janeiro

1984

© Copyright 1956 by Patricia Highsmith

# 1

Tom olhou para trás e viu que o homem saía do bar Green Cage e vinha em sua direção. Acelerou o passo. Não havia dúvida de que o seguia. Notara o homem uns cinco minutos antes, observando-o cuidadosamente da mesa em que estava sentado, como se não se sentisse muito seguro. Tom, porém, achara sua expressão suficientemente segura para terminar a bebida às pressas, pagar e sair do bar.

Na esquina, o corpo inclinado para frente, Tom começou a caminhar com passos rápidos, atravessando a Quinta Avenida. Ali estava o Raoul's. Devia arriscar e entrar para outro drinque? Desafiar a sorte e tudo o mais? Ou correr para Park Avenue, tentando despistá-lo, escondendo-se em um dos portais escuros? Entrou no Raoul's.

Automaticamente, enquanto se dirigia para um dos bancos vagos do bar, olhou em volta à procura de um rosto conhecido. Lá estava o homem grande de cabelos vermelhos, de cujo nome nunca conseguia se lembrar, sentado numa mesa, com uma loura. O homem acenou e a mão de Tom ergueu-se em resposta. Sentou-se, passando a perna por sobre o banco, e ficou de frente para a porta, em atitude de desafio, afetando naturalidade.

— Gim-tônica, por favor — pediu ao *barman*.

Seria aquele o tipo de homem que mandariam à sua procura? Seria, não podia ser, seria? Não tinha jeito de policial ou detetive. Um homem de negócios talvez, pai de família, bem vestido, bem

alimentado, têmeoras grisalhas, um ar de insegurança. Seria aquele o tipo que escolhiam para um trabalho como esse, para iniciar uma conversa num bar e pronto! — a mão no ombro, a outra mostrando o distintivo de policial. *Tom Ripley, você está preso.* Tom vigiava a porta.

Ali vinha ele. O homem olhou em volta, viu Tom e imediatamente virou para o outro lado. Tirou o chapéu e sentou-se na outra extremidade do bar.

Meu Deus, o que queria ele? Por certo não era um *perverso*, pensou Tom pela segunda vez, embora só nesse momento seu cérebro torturado tivesse afinal encontrado a palavra, como se ela pudesse protegê-lo, pois preferia que o homem fosse um perverso e não um policial. A um perverso podia dizer "Não, obrigado", sorrir e seguir seu caminho. Tom ajeitou-se no banco, preparando-se.

Viu o homem fazer um gesto ao *barman*, significando que pediria mais tarde, e vir em sua direção. Então era isso! Tom encarou-o, paralisado. Não podiam condená-lo a mais de dez anos, pensou. Talvez quinze, com livramento por boa conduta. No momento em que o homem abriu a boca para falar, Tom teve uma estranha sensação de remorso, desesperado e angustiante.

— Perdão, é Tom Ripley?

— Sim.

— Meu nome é Herbert Greenleaf. O pai de Richard Greenleaf. — Sua expressão era mais chocante para Tom do que se lhe tivesse apontado uma arma. Amistosa, sorridente, expectante. — É amigo de Richard, não é?

Tom começou a se lembrar vagamente. Dickie Greenleaf. Um

sujeito grande e louro. Tinha um bocado de dinheiro.

— Oh, Dickie Greenleaf. Sim.

— E com certeza conhece Charles e Martha Schriver? Eles me falaram de você, disseram que poderia... Bem... Será que podemos nos sentar numa mesa?

— Sim — respondeu Tom polidamente, apanhando sua bebida. Seguiu o homem até uma mesa no fundo da pequena sala. Salvo, pensou. Livre! Ninguém ia prendê-lo. O homem queria falar sobre outro assunto. Fosse lá o que fosse, não era roubo, violação de correspondência, ou qualquer outra coisa do gênero. Talvez Richard estivesse metido numa encrenca. Talvez Greenleaf quisesse ajuda ou conselho. E Tom sabia exatamente o que dizer a um pai como Greenleaf.

— Eu não estava certo se você era ou não Tom Ripley — disse Greenleaf. — Vi você apenas uma vez, creio. Não estive em minha casa com Richard?

— Acho que sim.

— Os Schrivers me fizeram uma descrição sua também. Todos nós temos tentado entrar em contato com você; os Schrivers queriam que nos encontrássemos em casa deles. Alguém lhes disse que você costuma ir ao Green Cage uma vez ou outra. Esta é a primeira noite que tento encontrá-lo, acho que tive sorte. — Sorriu. — Escrevi para você na semana passada, mas acho que não recebeu a carta.

— Não, não recebi. — Marc não estava mandando a correspondência, pensou Tom. Para o inferno com ele. Talvez houvesse um cheque da tia Dottie. — Mudei-me há uma semana mais ou menos — explicou.

— Ah, bem. Eu não dizia muito na carta. Apenas que queria me encontrar com você para conversarmos. Os Schrivens acham que você conhecia Richard muito bem.

— Sim, eu me lembro dele.

— Mas não se corresponde com ele agora, ou se corresponde? — Parecia desapontado.

— Não. Acho que não vejo Dickie há uns dois anos.

— Está na Europa há dois anos. Os Schrivens recomendaram muito você; acham que poderia ter alguma influência sobre Richard, se lhe escrevesse. Quero que ele volte para casa. Tem responsabilidades aqui, mas no momento não dá a mínima atenção ao que eu ou a mãe lhe dizemos.

Tom estava intrigado.

— O que exatamente os Schrivens disseram?

— Disseram — aparentemente exageraram um pouco — que você e Richard eram amigos, bons amigos. Ao que parece, acham que tem se correspondido com ele durante todo esse tempo. Sabe, atualmente ignoro quase tudo sobre os amigos de Richard. — Olhou para o corpo de Tom como se estivesse ansioso para lhe oferecer uma bebida ao menos, mas Tom não terminara a sua.

Tom lembrava-se de ter ido a um coquetel na casa dos Schrivens com Dickie Greenleaf. Talvez os Greenleafs fossem mais amigos dos Schrivens do que ele, e isso explicava tudo, pois na verdade só vira os Schrivens três ou quatro vezes na vida. E a última, pensou Tom, na noite em que preparara a declaração de renda de Charley Schriver. Charley era diretor de televisão e estava com a sua contabilidade de *freelancer* na maior desordem. Achou Tom Ripley um gênio por tê-lo

feito pagar muito menos imposto do que tinha calculado, e de modo perfeitamente legal. Naturalmente, julgando-o por aquela noite. Charley dissera a Greenleaf que Tom era inteligente, sensato, escrupulosamente honesto e sempre disposto a prestar favores. Estava equivocado.

— Suponho que você não saiba de ninguém mais que possa exercer alguma influência sobre Richard? — perguntou Greenleaf pateticamente.

Sim, pensou Tom, Buddy Lankenau, mas não ia jogar esse abacaxi em cima de Buddy.

— Sinto muito, creio que não — Tom balançou a cabeça. — Por que Richard não volta para casa?

— Diz que prefere viver na Europa. Só que agora a mãe está muito doente. Problemas de família. Desculpe-me por aborrecê-lo com eles. — Passou com desânimo a mão pelos cabelos grisalhos e bem penteados. — Diz que está pintando. Nada de errado com a pintura, mas ele não tem talento. Tem talento para desenhar barcos e devia se dedicar a isso. — Ergueu os olhos para o garçom que falava com ele: — Uísque e soda, por favor. Dewar's. Quer outro?

— Não, obrigado — respondeu Tom.

Greenleaf olhou para Tom, como quem se desculpa:

— Você é o primeiro amigo de Richard que tem paciência de me ouvir. Todos agem como se eu tentasse interferir em suas vidas.

Tom compreendia perfeitamente.

— Gostaria de poder ajudar — disse com delicadeza. Lembrava-se agora que o dinheiro de Dickie vinha de uma companhia de estaleiros. Pequenos barcos a vela. Sem dúvida o pai queria que

voltasse para tornar conta do negócio da família. Sorriu inexpressivamente e terminou a bebida. Estava sentado na ponta da cadeira, pronto para se levantar, mas o desapontamento do homem no outro lado da mesa era quase palpável.

— Em que lugar da Europa ele está? — perguntou, na verdade não se importando a mínima com o lugar em que Richard pudesse estar.

— Numa cidadezinha chamada Mongibello, ao sul de Nápoles. Não tem nem mesmo uma biblioteca, pelo que ele diz. Richard divide o tempo entre a pintura e seu barco a vela. Comprou uma casa lá. Richard tem renda própria, nada muito grande, mas, ao que tudo indica, o bastante para viver na Itália. Bem, gosto não se discute, mas não consigo ver nada de atraente naquele lugar. — Greenleaf sorriu, resignado. — Posso lhe oferecer um drinque, Ripley? — perguntou, quando o garçom chegou com o uísque e a soda.

Tom queria ir embora. Mas não tinha coragem de deixar o homem ali sozinho, com a bebida que nem provara ainda.

— Obrigado, creio que vou aceitar — respondeu, estendendo o copo para o garçom.

— Charley Schriver me disse que você trabalha com seguros — Greenleaf observou amavelmente.

— Sim, trabalhava, até pouco tempo atrás. Eu... — Não queria dizer que trabalhava no Departamento de Imposto de Renda, não agora. — Trabalho na contabilidade de uma agência de publicidade, no momento.

— Oh!

Ficaram em silêncio por algum tempo. Greenleaf olhava para Tom fixamente, com expressão patética e ansiosa. O que mais

poderia dizer? Tom arrependeu-se de ter aceito o drinque.

— A propósito, quantos anos Dickie tem agora?

— Vinte e cinco.

Eu também, pensou Tom. Provavelmente Dickie leva um vidão na Itália. Renda própria, casa, um barco. Por que ia querer voltar? Dickie começava a aparecer na sua memória: sorriso largo, cabelos crespos alourados, uma expressão de quem está de bem com a vida. Dickie tinha sorte. O que fazia Tom aos vinte e cinco anos? Vivendo da mão para a boca. Sem conta bancária. Pela primeira vez na vida fugindo dos tiras. Tinha certo talento para matemática. Por que diabos não lhe pagavam para exercer esse talento em algum lugar? Percebeu que estava com os músculos tensos, que a caixinha de fósforos que segurava estava amassada, quase completamente dobrada. Sentia-se chateado, infernalmente chateado, chateado, chateado! Queria voltar para o balcão do bar, ficar sozinho.

Tomou um gole da bebida.

— Terei prazer em me comunicar com Dickie, se me der o endereço — disse rapidamente. — Espero que ele ainda se lembre de mim. Estivemos em uma festa, num fim de semana, em Long Island, lembro-me. Dickie e eu saímos e apanhamos mexilhões, mas todo mundo os comeu no café da manhã. — Tom sorriu. — Alguns ficaram enjoados. E não foi uma festa muito boa. Mas lembro que Dickie falou em ir à Europa. Deve ter ido logo...

— Sim, eu me lembro! — disse Greenleaf. — Foi o último fim de semana que Richard passou aqui. Acho que me falou sobre os mexilhões. — Riu alto demais.

— Estive também no apartamento dele algumas vezes —

continuou Tom, procurando acompanhar o entusiasmo de Greenleaf. — Dickie me mostrou uns modelos de navios que estavam sobre a mesa, no quarto dele.

— Apenas tentativas infantis! — Greenleaf sorria, radiante. — Chegou a lhe mostrar os modelos de estruturas? Os seus desenhos?

Dickie não os mostrara, mas Tom disse com animação:

— Sim! É claro. Desenhos a bico de pena. Fascinantes alguns deles. — Tom nunca tinha visto os desenhos, mas podia vê-los agora, as linhas precisas do desenhista, cada parafuso, cada porca delineados claramente; podia ver Dickie sorrindo, mostrando-lhe os desenhos, e poderia levar minutos descrevendo os detalhes, para satisfação de Greenleaf; conteve-se, porém.

— Sim, Richard tem talento para essas coisas — disse Greenleaf com ar satisfeito.

— Também acho — concordou Tom. A chateação atingia agora a segunda fase. Conhecia essa sensação. Assaltava-o às vezes nas festas, especialmente quando jantava com alguém cujo convite aceitara a contragosto, e a noite alongava-se interminavelmente. Quando atingia esse ponto, podia ser delicado até o exagero, e então algo explodia dentro dele, e tinha de sair correndo para a porta. — Sinto muito não estar livre agora para ir pessoalmente tentar convencer Richard. Talvez tivesse alguma influência sobre ele — disse, apenas porque era o que Greenleaf queria ouvir.

— Se pensa mesmo assim... Isto é, não sei se está ou não planejando uma viagem à Europa.

— Não, não estou.

— Richard sempre se deixou influenciar pelos amigos. Se você, ou

alguém que o conhece, pudesse tirar uma licença no trabalho, eu me disporia a mandá-lo à Europa para falar com ele. De qualquer modo, acho que seria muito melhor do que eu mesmo ir. Não poderia conseguir uma licença?

O coração de Tom deu um salto. Fez cara de quem considera a possibilidade. Sim, era uma solução. Algo no seu íntimo farejara isso é se agarrara à idéia, antes ainda de o cérebro registrá-la. Seu emprego: inexistente. De qualquer modo, talvez tivesse mesmo de deixar a cidade muito em breve. Queria sair de Nova York.

— Talvez possa — respondeu, cauteloso, com a mesma expressão pensativa, como se analisasse milhares de compromissos passíveis de impedir a viagem.

— Não preciso dizer que, se for, eu me encarrego das despesas. Acha de fato que consegue dar um jeito de ir? Digamos, neste outono?

Estavam em meados de setembro. Tom olhou para o anel de sinete, com o timbre meio gasto, no dedo mínimo de Greenleaf.

— Talvez, talvez consiga. Vai ser bom ver Richard outra vez, especialmente se acha que posso ajudar.

— Acho que sim! Creio que ele vai ouvir você. Além disso, o fato de não se conhecerem muito bem... Se apresentar razões convincentes ele não vai desconfiar de você. — Greenleaf recostou-se na cadeira, olhando para Tom com aprovação. — O engraçado é que Jim Burke e sua mulher — Jim é meu sócio — passaram por Mongibello no ano passado, quando faziam um cruzeiro. Richard prometeu que estaria em casa no começo do inverno. Do ano passado. Jim não acredita que ele volte. Qual o rapaz de vinte e cinco

anos que dá ouvidos a um homem de mais de sessenta? Você talvez tenha sucesso onde nós falhamos!

— Espero que sim — replicou Tom modestamente.

— Que tal outro drinque? O que me diz de um bom conhaque?

## 2

Passava da meia-noite quando Tom foi para casa. Greenleaf oferecera-se para levá-lo de táxi, mas Tom não queria que visse onde morava — uma lúgubre casa de pedra marrom entre a Terceira e a Segunda Avenida, com uma placa, QUARTOS PARA ALUGAR, pendurada na frente. Há duas semanas e meia morava com Bob Delancey, rapaz que mal conhecia, mas a única pessoa em Nova York que oferecera a casa quando ficara sem ter para onde ir. Tom não convidara ninguém à casa de Bob e não dissera a ninguém onde morava. A principal vantagem do lugar era poder receber a correspondência enviada em nome de George McAlpin, sem perigo de ser descoberto. Mas o banheiro fedorento e sem chave, no fundo do corredor, o quarto encardido, por onde parecia terem passado milhares de pessoas diferentes, cada uma deixando seu tipo especial de sujeira, nenhuma se dando ao trabalho de fazer a limpeza, as pilhas instáveis das revistas *Vogue* e *Harper's Bazaar*, e os grandes jarros de vidro, em forma de tigela, de gosto duvidoso, espalhados pelo quarto, cheios de pedaços de barbantes, lápis e pontas de cigarros e frutas podres — era demais! Bob era decorador de vitrines, *freelancer*; ultimamente só trabalhava para lojas de antigüidades da Terceira Avenida, e uma delas lhe dera os jarros de vidro fosco como pagamento. Tom ficara chocado com a aparência sórdida do lugar, chocado ao pensar que podia conhecer alguém que vivia assim, embora soubesse que seria por pouco tempo. E agora, ali estava Greenleaf. Sempre aparecia alguma coisa. Era essa a filosofia de

Tom.

Antes de subir os degraus na frente da casa, parou, olhando para os lados cuidadosamente. Nada. Apenas uma velha passeando com o cachorro e um homem cambaleante dobrando a esquina da Terceira Avenida. Se havia uma coisa que odiava era essa sensação de estar sendo seguido, por *qualquer* pessoa. E ultimamente vivia com ela. Subiu os degraus correndo.

Pouco importava agora a sordidez, pensou ao entrar no quarto. Assim que conseguisse o passaporte, estaria navegando para a Europa, talvez numa cabine de primeira classe. Com garçons para servi-lo a um toque de campainha. Vestindo-se para jantar, entrando no salão de refeições, conversando com as pessoas à sua mesa como um cavalheiro! Podia congratular-se consigo mesmo nessa noite! Comportara-se impecavelmente. Greenleaf de modo algum poderia pensar que Tom provocara o convite para a viagem. Ao contrário. Não desapontaria Greenleaf. Faria o máximo possível para convencer Dickie. Greenleaf era um sujeito tão decente, que para ele todo mundo de repente se tornava decente também. Quase esquecera que ainda existia gente assim.

Tirou o paletó lentamente e afrouxou a gravata, observando cada movimento como se fosse de outra pessoa. Era impressionante como até a sua postura estava mais ereta, como era diferente a expressão do seu rosto! Um dos poucos momentos na sua vida em que se sentia satisfeito consigo mesmo. Enfiou a mão na bagunça do armário de Bob,. afastando os cabides para a direita e para a esquerda, fazendo lugar para pendurar o paletó. Em seguida foi ao banheiro. O chuveiro, velho e enferrujado, lançou o primeiro jato de água na cortina, e o segundo, errático e em espiral, mal deu para molhar o

seu corpo, mas era melhor do que sentar-se na banheira imunda.

Na manhã seguinte, quando acordou, Bob não estava no quarto; com um rápido olhar para a cama ao lado, Tom assegurou-se de que ele não dormira em casa. Saltou da cama, foi até o fogão a gás de uma só boca e pôs o café no fogo. Ainda bem que Bob não estava em casa. Não queria contar-lhe sobre a viagem. Tudo o que aquele vagabundo ordinário entenderia é que se tratava de uma viagem de graça. Provavelmente Ed Martin também pensaria assim, e Bert Visser, e todos os outros vagabundos que conhecia. Não contaria a nenhum deles e não queria ninguém no cais para se despedir. Começou a assobiar.

Fora convidado para jantar, nessa noite, no apartamento dos Greenleafs, na Park Avenue.

Quinze minutos mais tarde, banho tomado, barbeado, com terno e gravata listrada, que achou boa para a fotografia do passaporte, Tom andava de lá para cá no quarto, a xícara de café na mão, esperando o correio da manhã. Depois iria à Radio City tratar do passaporte. E à tarde? O que faria? Uma exposição de arte, talvez, para falar com os Greenleafs sobre o que tinha visto? Ou uma pesquisa sobre Burke-Greenleaf Watercraft Inc., para que Greenleaf soubesse que se interessava pelo seu trabalho?

O som da portinhola da caixa de correspondência chegou até ele, fracamente, pela janela aberta. Tom desceu. Esperou que o carteiro descesse as escadas e desaparecesse de vista, para apanhar, na abertura da caixa, onde o carteiro a deixara, a carta endereçada a George McAlpin. Abriu-a. Havia um cheque de 119,54 dólares, a ser pago ao coletor do imposto de renda. Boa e velha Sra. Edith W. Superaugh! Pagou sem uma queixa, sem precisar de um telefonema

de reclamação. Era um bom sinal. Voltou para o quarto e rasgou o envelope, jogando-o no saco de lixo.

Colocou o cheque em um envelope de papel pardo, no bolso de um paletó que estava no armário. Tinha agora um total de 1.863,14 dólares, calculou. Pena que não pudesse receber os cheques. Pena que algum idiota não tivesse pago em dinheiro ou com cheque em nome de George McAlpin. Até o momento isso ainda não tinha acontecido. Tom possuía um cartão de identidade de mensageiro de banco, encontrado em algum lugar, com data antiga que podia ser alterada, mas temia não poder receber os cheques, nem mesmo com uma carta de autorização falsa, fosse qual fosse a quantia. Portanto, na realidade tudo não passava de uma piada de mau gosto. Um esporte limpo e honesto. Não estava roubando dinheiro de ninguém. Antes de ir para a Europa, pensou, destruiria os cheques.

Tinha mais sete nomes na lista. Deveria tentar mais um, nesses dez dias que faltavam para a viagem? Na noite anterior, ao voltar para casa, depois do encontro com Greenleaf, vinha pensando que se a Sra. Superaugh e Carlos de Sevilla pagassem, daria a brincadeira por encerrada. Carlos de Sevilla não tinha pago ainda — precisava de um telefonema que realmente o assustasse, pensou Tom —; com a Sra. Superaugh, no entanto, fora tão fácil que se via tentado a experimentar mais um.

Apanhou a caixa creme de papel de cartas na mala dentro do armário. Havia ainda algumas folhas de papel e, embaixo delas, formulários que tirara do Departamento de Imposto de Renda quando trabalhava no almoxarifado. No fundo estava a lista de nomes — cuidadosamente escolhidos; pessoas que moravam no Bronx ou em Brooklyn e que não queriam comparecer ao escritório

de Nova York, artistas e escritores, *freelancers* que não descontavam imposto na fonte, que ganhavam entre sete e doze mil dólares por ano. Dentro dessa margem, pensava Tom, as pessoas raramente contratavam um profissional para calcular seus impostos, mas ganhavam o bastante para serem acusadas de terem cometido um erro de dois ou três mil dólares no cálculo do mesmo. William J. Slatterer, jornalista; Phillip Robillard, músico; Frieda Hoehn, ilustradora; Joseph G. Gennari, fotógrafo; Frederick Reddington, artista; Francis Karnegis — Tom tinha um bom palpite com Reddington. Era desenhista de quadrinhos. Provavelmente nunca sabia a quantas andava.

Escolheu dois formulários intitulados AVISO DE ERRO DE CÁLCULO, colocou um carbono entre as duas folhas e começou a copiar rapidamente os dados anotados sob o nome de Reddington na sua lista. Renda: \$ 11.250. Isenções: 1. Deduções: \$ 600. Créditos: nenhum. Pagamentos: nenhum. Juros: (hesitou um momento) \$2,16. Saldo devido: \$233,76. Apanhou em seguida uma folha com o carimbo do Departamento de Imposto de Renda, com o endereço da Avenida Lexington, riscou com um traço forte de sua caneta o endereço e escreveu a máquina, embaixo:

*Caro Senhor:*

*Devido ao acúmulo de trabalho no nosso escritório da Avenida Lexington, sua resposta deve ser enviada para:*

*Departamento de Retificação*

*a/c George McAlpin*

*187 E Rua 51*

*Nova York 22, Nova York.*

*Muito obrigado*

*Ralph F. Fisher*

*Dir. Dept. Ret.*

Rabiscou uma assinatura ilegível. Guardou os outros formulários na mala, para o caso de Bob chegar de repente, e apanhou o telefone. Decidiu sondar Reddington primeiro. Consultou a telefonista de informações e discou. Reddington estava em casa. Toro explicou a situação rapidamente e mostrou-se surpreendido por ele ainda não ter recebido o aviso do Departamento de Retificação.

— Deve ter sido mandado há dias — disse Tom. — Com certeza vai recebê-lo amanhã. Temos andado muito ocupados aqui.

— Mas eu *paguei* o imposto — disse a voz do outro lado, alarmada. — Tudo estava...

— Essas coisas acontecem, o senhor sabe, quando a renda provém de trabalho ocasional, sem desconto na fonte. Examinamos a sua declaração cuidadosamente, Sr. Reddington. Não há nenhuma dúvida. E não gostaríamos de cobrar nos escritórios em que trabalha, ou no do seu agente, ou seja lá onde for. — Deu uma risadinha. Um riso amistoso e íntimo geralmente fazia maravilhas. — Mas teremos de agir assim, se não pagar dentro de quarenta e oito horas. Sinto muito que o aviso não tenha chegado antes. Como já disse, temos andado bastante...

— Há alguém com quem eu possa falar se for até aí? — perguntou Reddington, ansioso. — É um bocado de dinheiro!

— Bem, é claro. — Nesse ponto a voz de Tom sempre ficava mais amistosa ainda. Parecia um velho excêntrico, passado dos sessenta anos, que se mostraria um monumento de paciência se ele viesse ao escritório, mas que não abriria mão de nem um centavo, não importa quais fossem as explicações do Sr. Reddington. George McAlpin representava o Departamento de Impostos dos Estados Unidos da América, sim senhor. — É claro que pode falar *comigo* — disse Tom com voz arrastada —, mas não há absolutamente nenhuma dúvida a respeito, Sr. Reddington. Tento apenas poupar o seu tempo. Pode vir, se quiser, mas tenho todos os seus dados aqui em minhas mãos, nesse momento.

Silêncio. Reddington não perguntaria nada sobre os dados, porque provavelmente não saberia o que perguntar. Mas, se quisesse mesmo saber do que se tratava, Tom faria uma confusão, falando da renda líquida *versus* renda acumulada, saldo devido *versus* computação, juros a seis por cento ao ano, acumulados desde a data do vencimento do imposto até o pagamento, sobre qualquer saldo que represente o imposto calculado na declaração original — discurso que fazia em voz lenta, sem interrupção, como o avanço de um tanque de guerra. Até agora ninguém insistira em ir ouvir pessoalmente essa lenga-lenga. Reddington também estava cedendo, Tom percebia pelo silêncio no outro lado da linha.

— Está bem — Reddington parecia próximo a um colapso. — Vou ler o aviso, quando chegar amanhã.

— Muito bem, Sr. Reddington. — E Tom desligou. Ficou sentado por um momento, rindo, com as mãos unidas entre os joelhos.

Então, deu um salto, guardou a máquina de Bob, penteou os cabelos castanhos em frente ao espelho e saiu para a Rádio City.

### 3

— Alô-ô, Tom, meu rapaz. — A voz de Greenleaf prometia bons *martinis*, um jantar impecável e uma cama para a noite, caso se sentisse muito cansado mais tarde.

— Emily, este é Tom Ripley!

— Estou feliz por conhecê-lo! — exclamou ela carinhosamente.

— Como vai, Sra. Greenleaf?

Ela era exatamente como Tom esperava — loura, alta e elegante, tratando-o com formalidade suficiente para manter a cerimônia, mas com a mesma boa vontade ingênua para com todos demonstrada pelo marido. Greenleaf conduziu-o à sala de estar. Sim, já estivera ali antes, com Dickie.

— O Sr. Ripley trabalha com seguros — disse Greenleaf; Tom pensou que ele já devia ter bebido um pouco, ou então estava muito nervoso, pois tinha certeza de ter descrito com detalhes a agência de publicidade onde trabalhava, na noite anterior.

— Não é um trabalho muito interessante — disse Tom modestamente à Sra. Greenleaf.

Uma empregada entrou na sala trazendo em uma bandeja *martinis* e canapés.

— Ripley já esteve aqui antes — explicou Greenleaf. — Com Richard.

— Oh, é mesmo? Não creio que o tenha conhecido nessa época. — Ela sorriu: — É de Nova York?

— Não, de Boston — respondeu Tom. E isso era verdade.

Meia hora mais tarde — no momento exato, pensou Tom, pois os Greenleafs não paravam de insistir para que tomasse outro e mais outro martini — passaram à sala de jantar, ao lado da de estar, onde a mesa estava posta para três pessoas, com velas, enormes guardanapos azul-escuros e uma galantina de galinha. Antes, porém, foram servidos uns aipos no molho *remoulade*. Tom gostava muito desse prato, coisa que não esqueceu de informar aos donos da casa.

— Richard também gosta! — exclamou a Sra. Greenleaf. — Sempre gostou do modo como nossa cozinheira o prepara. É uma pena que não possa levar um pouco para ele.

— Posso colocar junto com as meias — observou Tom sorrindo. A Sra. Greenleaf riu. Um pouco antes ela dissera que queria mandar para Richard alguns pares de meias pretas de lã, compradas na Brooks Brothers, do tipo que ele costumava usar.

A conversa era tediosa, o jantar esplêndido. Respondendo a uma pergunta da Sra. Greenleaf, Tom explicou, que trabalhava para uma firma de publicidade chamada Rothenberg, Fleming e Bartes. Quando de novo se referiu a ela, disse propositadamente Reddington, Fleming e Parker. Greenleaf pareceu não notar a diferença. Tom mencionou o nome da firma pela segunda vez quando ele e Greenleaf se achavam sozinhos na sala de estar, depois do jantar.

— Estudou em Boston? — quis saber Greenleaf.

— Não, senhor. Estive em Princeton por algum tempo, depois fui morar com outra tia, em Denver, e estudei lá. — Tom parou, esperando que Greenleaf lhe perguntasse alguma coisa sobre

Princeton, mas ele não perguntou. Tom poderia ter falado sobre o sistema do ensino de história, as restrições do campus, a atmosfera dos bailes nos fins de semana, as tendências políticas dos estudantes, qualquer coisa desse gênero. No último verão fizera amizade com um calouro de Princeton que só falava sobre a universidade. Tom o encorajara a contar detalhes, considerando que a informação poderia ser útil algum dia. Disse aos Greenleafs que fora criado por tia Dottie, em Boston. Ela o levara para Denver quando tinha dezesseis anos e, na verdade, fizera apenas o ginásio nessa cidade. Um rapaz que alugava um quarto em casa de tia Bea, em Denver, Don Mizel, estava na Universidade de Colorado. Tom sentia-se como se tivesse estudado lá também.

— Especializou-se em alguma coisa? — perguntou Greenleaf.

— Bem, contabilidade e composição inglesa — respondeu Tom com um sorriso, sabendo que matérias tão áridas não inspiravam a continuação do assunto.

A Sra. Greenleaf voltou, trazendo um álbum de fotografias; Tom sentou-se ao seu lado no sofá, enquanto ela virava as páginas. Richard dando os primeiros passos, Richard numa horrível fotografia colorida de página inteira, vestindo e posando todo de azul, os cachos louros emoldurando o rosto. O álbum só começou a ficar interessante quando Richard afinal chegou aos dezesseis anos, mais ou menos, magro, pernas compridas, cabelos crespos. Pelo que Tom podia ver, ele quase não mudara dos dezesseis aos vinte e dois ou três anos, quando terminavam as fotografias; Tom admirou-se ao notar que o sorriso radiante e ingênuo ainda era o mesmo. Não conseguia deixar de pensar que Richard não era muito inteligente, ou então que gostava de ser fotografado e achava que ficava melhor com

a boca escancarada de orelha a orelha, coisa que realmente não era prova de grande inteligência.

— Ainda não tive tempo de colar estas — disse a Sra. Greenleaf, estendendo-lhe algumas fotografias soltas.

— São todas da Europa.

Eram mais interessantes. Dickie num lugar que parecia um café, em Paris; Dickie na praia. Em algumas delas aparecia sério, a testa franzida.

— A propósito, esta é em Mongibello — disse a Sra. Greenleaf, indicando uma fotografia de Dickie puxando um barco a remo para a praia. Ao fundo viam-se rochedos e uma coroa de casas brancas ao longo da praia.

— E esta é a moça, a única outra pessoa americana que mora lá.

— Marge Sherwood — explicou Greenleaf. Achava-se do outro lado da mesa, inclinado para a frente, acompanhando com atenção o desfile de fotografias.

A moça estava na praia, de maio, os braços em volta dos joelhos; parecia simples e saudável, o cabelo louro curto e despenteado — o tipo da boa moça. Havia também uma boa fotografia de Richard, de *short*, sentado no parapeito de um terraço. Sorria, mas já não era o mesmo sorriso, Tom notou. Parecia mais seguro de si nas fotografias tiradas na Europa.

Tom percebeu que a Sra. Greenleaf fitava o tapete à sua frente e lembrou-se de um momento à mesa quando ela dissera: "Queria nunca ter ouvido falar na Europa!" e Greenleaf lançara um olhar ansioso para a mulher, voltando-se em seguida para Tom com um sorriso, como se esse tipo de desabafo fosse comum. Agora percebia

lágrimas nos olhos dela. Greenleaf levantou-se, dirigindo-se para a esposa.

— Sra. Greenleaf — disse Tom suavemente —, quero que saiba que vou fazer tudo para convencer Richard a voltar.

— Deus o abençoe, Deus o abençoe. — Colocou a mão levemente sobre a de Tom.

— Emily, não acha que é hora de ir se deitar? — perguntou Greenleaf, inclinando-se para ela.

Tom levantou-se quando ela deixou a sala.

— Espero que venha nos visitar de novo, antes de partir, Tom. Desde que Richard foi embora, raramente i temos gente jovem em casa. Sinto falta dos amigos dele — disse a Sra. Greenleaf.

— Terei o maior prazer em voltar - respondeu Tom.

Greenleaf saiu da sala com a mulher. Tom ficou de pé, os braços ao longo do corpo, a cabeça erguida. Via sua imagem em um grande espelho numa das paredes; outra vez o jovem ereto e respeitável. Desviou os olhos rapidamente. Estava fazendo a coisa certa. Comportando-se corretamente. Contudo, tivera uma sensação de culpa ao dizer à Sra. Greenleaf, *vou fazer tudo para convencer Richard a voltar...* Bem, queria dizer exatamente isso. Não estava tentando enganar ninguém.

Começou a suar e procurou acalmar-se. Por que se preocupar? Sentira-se tão bem essa noite! O que falara sobre a tia Dottie...

Endireitou o corpo, olhando para a porta. Estava fechada. Aquele fora o único momento, nessa noite, em que se sentira pouco à

vontade, com um sentimento de irrealidade, como se mentisse, embora tivesse sido praticamente a única coisa verdadeira em sua conversa: *Meus pais morreram quando eu era muito pequeno. Fui criado por uma tia, em Boston.*

Greenleaf entrou na sala. Sua figura parecia pulsar e crescer cada vez mais. Tom piscou os olhos, subitamente aterrorizado, uma vontade de atacar o homem antes que este o fizesse.

— Que tal um conhaque? — perguntou Greenleaf, abrindo um painel ao lado da lareira.

É como se fosse um filme, pensou Tom. Daqui a pouco, Greenleaf, ou a voz de outra pessoa qualquer, vai dizer *Corta!* Então ele poderia relaxar outra vez e estaria no Raoul's, com o gim-tônica a sua frente. Não, estaria no Green Cage.

— Chega para você? — perguntou Greenleaf. — Não tome, se não está com vontade.

Tom assentiu vagamente e Greenleaf olhou-o intrigado por um momento. Depois serviu as duas doses de conhaque.

Um medo gelado percorria as veias de Tom. Pensava no incidente no *drugstore*, na semana anterior, embora fosse coisa do passado e na verdade não estivesse com medo, não agora, pensou. Havia um *drugstore* na Segunda Avenida cujo número Tom costumava dar às pessoas que insistiam em telefonar mais tarde sobre o imposto de renda. Dizia-lhes que era o telefone do Departamento de Retificação, onde podia ser encontrado das três e meia às quatro, nas quartas e sextas. Nesses dias e nesse horário ficava perto do telefone do *drugstore*, esperando o chamado. Na segunda vez que ficou parado ali, o gerente o olhou com suspeita; Tom explicou que esperava um

telefonema da namorada. Na última sexta-feira, assim que atendeu ao telefone, ouviu uma voz de homem:

— Sabe do que estamos falando, não sabe? Descobrimos onde você mora, se quiser que vamos à sua casa... Temos o material para você, se você tiver o nosso pronto. — Era uma voz insistente, embora evasiva; Tom, pensando que se tratava de uma armadilha, não respondeu. O homem continuou:

— Escute, estamos indo para aí agora. Para a sua casa.

As pernas de Tom pareciam feitas de geléia quando saiu da cabina telefônica, e então viu que o gerente o observava com olhos arregalados e expressão de pânico. Compreendeu o significado do telefonema: o homem vendia drogas e pensava que Tom era um detetive da polícia à procura de provas contra ele. Começou a rir e saiu para a rua rindo às gargalhadas, cambaleando, pois suas pernas ainda estavam fracas.

— Pensando na Europa? — perguntou Greenleaf. Tom aceitou o copo que ele lhe oferecia:

— Sim, estava — respondeu.

— Bem, espero que aproveite a viagem, Tom, e que consiga convencer Richard. A propósito, Emily gostou muito de você. Ela me disse. Não foi preciso perguntar — Greenleaf girou o copo de conhaque entre as mãos: — Minha mulher tem leucemia, Tom.

— Oh, e muito grave, não é?

— Sim, talvez não viva mais um ano.

— Sinto muito — disse Tom. Greenleaf tirou um papel do bolso:

— Tenho uma lista dos navios. Acho que a rota de Cherbourg é

mais rápida e também mais interessante. Chegando, você toma um trem para Paris e daí outro que atravessa os Alpes, para Roma e Nápoles.

— Parece ótimo. — Na verdade, começava a se entusiasmar.

— De Nápoles, tem de tomar um ônibus até a cidadezinha de Richard. Vou escrever para ele, sem dizer que você é meu emissário, naturalmente — ajuntou, sorrindo. — Vou informar apenas que nos encontramos. Provavelmente Richard hospedará você em sua casa, mas se por qualquer motivo não for possível, há hotéis na cidade. Espero que vocês dois se dêem bem. Agora, quanto ao dinheiro — Greenleaf sorriu, paternalmente —, pretendo lhe dar seiscentos dólares em cheques de viagem, além da passagem de ida e volta. Está bem assim? Os seiscentos dólares devem bastar por uns dois meses; se precisar mais é só telegrafar, meu caro. Você não me parece do tipo que joga dinheiro fora.

— Acho que é mais do que o suficiente, senhor.

Greenleaf se mostrava cada vez mais alegre e sentimental sob o efeito do conhaque, e Tom cada vez mais calado e amargo. Queria sair do apartamento. Contudo, queria também ir à Europa e que Greenleaf gostasse dele. Esses momentos no sofá foram mais dolorosos do que os do bar, na noite anterior, quando se sentira chateado, pois dessa vez sua chateação não passou para a outra fase. Levantou-se várias vezes, com a bebida na mão, caminhando até a lareira e de volta ao sofá; olhando no espelho, viu que tinha os cantos da boca caídos.

Greenleaf falava com entusiasmo sobre uma viagem que ele e Richard haviam feito a Paris, quando o filho tinha dez anos: não era

nada interessante. Se acontecesse alguma coisa, se a polícia estivesse na sua pista, nesses últimos dez dias em Nova York, pensava Tom, Greenleaf o protegeria. Com a desculpa de que alugara seu apartamento às pressas para outra pessoa, ou algo parecido, ficaria escondido na casa de Greenleaf. Tom sentia-se mal, quase fisicamente doente.

— Sr. Greenleaf, acho que preciso ir.

— Agora? Mas eu queria lhe mostrar... Bem, não tem importância, fica para a próxima vez.

Tom sabia que devia ter perguntado "mostrar o quê?" e olhar com paciência, fosse lá o que fosse, mas não conseguiu.

— Quero que visite os estaleiros, naturalmente! — disse Greenleaf, animado. — Quando acha que pode ir? Só na hora do seu almoço, suponho. Assim, você poderá contar a Richard como está a indústria.

— Sim. Posso ir na hora do almoço.

— Telefone então. Tem aí no cartão o meu telefone particular. Se me avisar com antecedência de meia hora, posso mandar apanhá-lo no escritório. E comeremos um sanduíche enquanto visitamos o estaleiro. Meu motorista o levará de volta.

— Eu telefono — disse Tom. Sentia que desmaiaria se ficasse mais um minuto no vestíbulo fracamente iluminado, mas Greenleaf ria satisfeito, perguntando se lera um certo livro de Henry James.

— Sinto muito, não li, senhor, não esse.

— Bem, não tem importância — Greenleaf continuava a sorrir.

Apertaram as mãos, um longo e sufocante abraço de Greenleaf, e

a visita estava enfim terminada. Contudo, a expressão dolorosa e assustada ainda se estampava em seu rosto quando caminhou para o elevador; uma vez dentro dele, encostou-se a um canto, exausto, sabendo que assim que chegasse ao térreo sairia às pressas e correria até em casa.

## 4

A atmosfera da cidade tornava-se estranha à medida que os dias passavam. Era como se tivessem tirado algo de Nova York — a realidade ou a importância — e a cidade oferecesse um espetáculo só para Tom, um espetáculo colossal, com ônibus, táxis, pessoas apressadas nas ruas, programas de televisão em todos os bares da Terceira Avenida, marquises de cinemas iluminadas em pleno dia, e efeitos sonoros de milhares de buzinas e vozes humanas falando sem dizer nada. Era como se, no sábado, quando o navio deixasse o cais, a cidade fosse sofrer um colapso, desmoronando-se com um *puf*, como cenários de papelão caindo no palco.

Ou talvez ele estivesse com medo. Detestava o mar. Nunca viajara sobre a água, exceto de Nova York a Nova Orleans e de Nova Orleans a Nova York, só que trabalhando num cargueiro de bananas, a maior parte do tempo nos porões, quase sem perceber que estava sobre a água. Nas poucas vezes em que subira ao convés, a vista da água o apavorara, depois se sentira mal, a partir de então permanecera nos porões do barco onde, ao contrário de todo mundo, se sentia bem. Seus pais tinham morrido afogados no porto de Boston; Tom pensava que esse devia ser o motivo, pois, desde que se conhecia por gente, sempre tivera medo da água, e não sabia nadar. Sentia um vazio na boca do estômago só de pensar que em menos de uma semana' estaria no navio, no oceano com quilômetros de profundidade, e que provavelmente teria de ver o mar, já que nos navios de passageiros as pessoas passam a maior parte do tempo no

convés. E, pensava, era de muito mau gosto ficar enjoado. Nunca tivera enjôo de mar, mas nesses últimos dias chegava a senti-lo em terra, só de pensar na viagem a Cherbourg.

Dissera a Bob Delane que pretendia se mudar dentro de uma semana, sem contar para onde ia. Bob, na verdade, não parecia interessado. Viam-se muito pouco no quarto da Rua 51. Tom fora à casa de Marc Preminger na Rua 45 Leste — ainda tinha as chaves —, para apanhar algumas coisas que deixara lá, numa hora em que Marc não devia estar em casa. Mas ele chegara com o novo companheiro, Joel, um homenzinho magro e insignificante que trabalhava numa editora, e Marc encenara seu teatro de "por favor fique à vontade", em atenção a Joel. Se este não se achasse presente, Tom tinha certeza de que ele teria esbravejado, usando uma linguagem que nem um marinheiro português se atreveria a usar. Marc (seu nome, por incrível que pareça, era Marcellus) era um sujeito feio e atarracado, com renda própria e mania de ajudar jovens em dificuldades financeiras temporárias, acolhendo-os em sua casa de dois andares, e brincando de Deus, dizendo-lhes o que podiam e o que não podiam fazer dentro de casa, além de dar conselhos — quase sempre idiotas — sobre a vida particular e o emprego dos protegidos. Tom morara ali durante três meses, e Marc passara na Flórida a metade desse tempo. Portanto, a casa fora toda sua. Quando voltou, Marc fez um escândalo por causa de uns copos quebrados — e Tom, perdendo a paciência, para variar, respondeu à altura. Como resultado, Marc, além de expulsá-lo, exigiu sessenta e três dólares como pagamento pelos copos quebrados. Velho sovina! Era como uma solteirona, pensava Tom, encarregada de uma escola feminina. Tom se arrependia de ter conhecido Marc Preminger, e quanto antes

conseguisse esquecer aqueles olhos estúpidos de porco, o queixo pesado, as mãos horríveis, cheias de anéis de péssimo gosto (movendo-se no ar, dando ordens a torto e a direito a todo mundo), mais feliz seria.

A única pessoa amiga a quem achou que devia contar sobre a viagem foi Cleo. Procurou-a na quinta-feira, antes de embarcar. Cleo Dobelle era esguia, de cabelos pretos, e tinha entre vinte e trinta anos, Tom nunca chegara a saber. Morava com os pais em Gracie Square e pintava um pouco — na verdade, muito pouco, pequenas peças de marfim, do tamanho de um selo postal, pinturas feitas com o auxílio de uma lente de aumento e que com ela tinham de ser vistas.

— Mas pense só na conveniência de carregar todo o meu trabalho numa caixa de charutos! Os outros pintores precisam de salas e salas para os seus quadros! — costumava dizer Cleo.

Tinha uma suíte separada, nos fundos do apartamento dos pais, com quarto, sala, banheiro e cozinha. A luz solar não chegava até os cômodos porque a área para a qual a sala se abria era cheia de árvores que impediam a claridade. Cleo estava sempre com a luz acesa, lâmpadas fracas que emprestavam ao ambiente uma atmosfera noturna a qualquer hora do dia. A não ser na noite em que a conheceu, Tom sempre via Cleo com calças de veludo justas, de várias cores, e blusas listradas. Tinham-se dado bem desde o primeiro encontro, e Cleo o convidara para jantar no seu apartamento na noite seguinte. A partir de então, sempre o convidava; aparentemente nenhum dos dois pensava na possibilidade de Tom convidá-la para sair, jantar, ir ao teatro, ou fazer as coisas que um homem geralmente faz com uma moça. Não

esperava que ele lhe oferecesse flores, bombons ou livros quando vinha à casa dela para coquetéis e jantares, embora às vezes Tom trouxesse alguns presentes, já que Cleo parecia tão satisfeita com eles. Era a única pessoa a quem podia contar sobre a viagem à Europa e suas razões.

Cleo ficou entusiasmada, como Tom previra. Os lábios vermelhos entreabriram-se no rosto longo e pálido, e ela levou as mãos à cintura, exclamando:

— *Tom-mie!* Que maravilha! Parece algo de Shakespeare, ou qualquer coisa assim!

Era exatamente o que Tom pensava. Exatamente o que precisava ouvir.

Cleo agitou-se à volta dele o resto da noite, perguntando se tinha isto ou aquilo, lenços de papel e comprimidos para resfriado, meias de lã, pois na Europa começava a chover no outono, e se fora vacinado. Tom garantiu que estava bem equipado.

— Só não quero que vá se despedir de mim, Cleo. Não quero ninguém na minha partida.

— É claro que não! — disse ela, compreendendo perfeitamente. — Oh, Tommie, acho fantástico! Vai me escrever, contando tudo o que estiver acontecendo com Dickie? É a única pessoa que conheço que vai à Europa por um determinado motivo.

Tom contou da visita aos estaleiros de Greenleaf em Long Island, quilômetros e quilômetros de máquinas fabricando peças brilhantes de metal, polindo e esmaltando madeira, as docas secas com esqueletos de barcos de todos os tamanhos, e impressionou-a com os termos usados por Greenleaf — bordo, amuradas, sobrequilhas,

javres. Descreveu o segundo jantar no apartamento dos Greenleafs, quando o pai de Richard lhe presenteou um relógio de pulso. Mostrou-o a Cleo, não uma jóia caríssima, mas muito bom e exatamente o modelo que Tom teria escolhido — mostrador branco simples com os algarismos romanos em preto. De ouro e pulseira de crocodilo.

— Isso porque, por acaso, lhe disse que não tinha relógio — explicou. — Greenleaf realmente me adotou como filho. — E Cleo era também a única pessoa a quem podia dizer isso.

Ela suspirou:

— Homens! Como vocês têm sorte. Nada de parecido aconteceria a uma mulher. Os homens são tão livres!

Tom sorriu. Sempre lhe parecera o contrário.

— Será que as costeletas de carneiro estão queimando?

Cleo levantou-se de um salto com um gritinho.

Depois do jantar ela lhe mostrou cinco ou seis dos seus últimos trabalhos, uns dois retratos românticos de um rapaz que ambos conheciam muito bem, com a camisa branca aberta ao peito, e três paisagens imaginárias de uma terra selvagem, inspiradas nas árvores da sua área de serviço. Tom achou o pêlo dos pequenos macacos impressionantemente bem pintados. Cleo usava vários pincéis com um fio apenas, que iam desde os ásperos aos ultrafinos. Tomaram quase duas garrafas de *médoc* da adega do pai dela, e Tom ficou tão sonolento que poderia ter dormido ali mesmo onde estava, deitado no tapete de pele de urso, em frente da lareira, onde muitas vezes tinham dormido, lado a lado. Outra qualidade maravilhosa de Cleo era não esperar que ele tentasse alguma coisa. E Tom jamais tentara.

Às quinze para a meia-noite ele se levantou para sair.

— Não vou ver mais você, vou? — perguntou Cleo com tristeza, já na porta.

— Oh, devo estar de volta em seis semanas — respondeu Tom, embora não acreditasse nisso. Subitamente inclinou-se, plantando um beijo firme e fraternal no rosto dela. — Vou sentir falta de você, Cleo.

Ela apertou-lhe o ombro, tocando-o fisicamente pela primeira vez.

— Vou sentir saudades — disse ela.

No dia seguinte, Tom foi comprar os doze pares de meias pretas de lã, na Brooks Brothers — a encomenda da Sra. Greenleaf —, além de um roupão de banho para Dickie. Ela não especificara a cor do roupão. Deixara a escolha a cargo dele. Tom escolheu um de toalha marrom com cinto e lapelas azul-marinho. Não era o mais bonito da loja, mas sabia que era exatamente o que Richard teria escolhido, e estava certo de que ele ia gostar. Mandou pôr na conta dos Greenleafs. Viu uma camisa esporte de linho com botões de madeira, e pensou que seria fácil comprá-la e pôr também na conta, mas não o fez. Comprou-a com seu próprio dinheiro.

## 5

A manhã da viagem, esperada com tanto entusiasmo e excitação, começou de modo desagradável. Tom acompanhou o camareiro de bordo até a sua cabine, congratulando-se por ter sido bastante incisivo ao dizer a Bob Delaney que não queria ninguém no cais; acabava de entrar, quando ouviu uma gritaria de gelar o sangue.

— Onde está o champanhe, Tom? Estamos esperando!

— Homem, esta cabine é horrível! Por que não exige coisa melhor?

— Tommie, quer me levar com você? — A pergunta foi feita pela namorada de Ed Martin, que Tom não suportava. Não gostava nem de olhar para ela.

Ali estavam todos, a maioria dos amigos nojentos de Bob, esparramados pela cama, no chão, em todo canto. Bob descobrira a viagem, mas Tom nunca pensou que fosse capaz disso. Controlou-se para não dizer secamente: "Não tem champanhe nenhum". Tentou cumprimentar a todos, tentou sorrir, embora estivesse a ponto de chorar como uma criança. Lançou um olhar longo e reprovador a Bob, mas este, já "alto" com alguma coisa, não lhe deu a mínima atenção. Na verdade, poucas coisas o irritavam, e esta era uma delas: surpresas ruidosas, a escória, as criaturas vulgares, os vagabundos, que pensava ter deixado para sempre quando subiu a rampa do navio, emporcalhando o lugar onde passaria os próximos cinco dias!

Tom aproximou-se de Paul Hubbard, a única pessoa respeitável

ali, e sentou-se ao seu lado, no pequeno sofá embutido.

— Alô, Paul — disse com calma. — Sinto muito tudo isso.

— Oh — disse Paul com desprezo. — Quanto tempo vai demorar? Ei, Tom, está doente?

Era horrível. A coisa continuava, as risadas e o barulho, as meninas experimentando a cama e inspecionando o banheiro. Graças a Deus os Greenleafs não tinham vindo! Greenleaf fora a Nova Orleans a negócios e a mãe de Dickie, quando Tom telefonou de manhã para se despedir, disse que não estava passando bem e não se sentia disposta para ir ao navio.

Afinal, Bob, ou algum outro, produziu uma garrafa de uísque e todos começaram a beber, usando os dois copos do banheiro. Em seguida chegou o camareiro com copos numa bandeja. Tom recusou-se a beber. Suava tanto que tirou o paletó para que não ficasse manchado. Bob aproximou-se e enfiou um copo em sua mão. Não estava brincando, Tom percebeu, e sabia por quê — aceitara a hospitalidade de Bob por um mês, agora podia pelo menos fazer boa cara. Mas Tom não podia. Era como se o seu rosto fosse de granito.

— Não consigo entrar aqui, Tommie — disse a moça que estava decidida a caber em algum lugar para ir com ele. Enfiara-se meio de lado em um armário estreito.

— Só queria ver a cara do Tom se o flagrassem com uma moça na cabine! — disse Ed Martin, rindo.

Tom olhou-o com cara de poucos amigos.

— Vamos sair e tomar um pouco de ar — disse para Paul, em voz baixa.

Faziam tanto barulho que nem notaram a saída dos dois. Tom e

Paul ficaram perto da amurada da popa. Era um dia sem sol, e a cidade, à direita, já parecia uma terra cinzenta e distante vista do meio do oceano — exceto pela presença daqueles filhos da mãe na cabine.

— Por onde tem andado? — perguntou Paul. — Ed me telefonou dizendo que você ia viajar. Há semanas eu não via você.

Paul era uma das pessoas que pensavam que ele trabalhava para a Associated Press. Inventou uma boa história sobre uma missão no exterior. Talvez no Oriente Médio. Fez com que parecesse uma missão secreta.

— Ando trabalhando um bocado à noite também, por isso não tem me visto. Foi muito gentil em ter vindo se despedir.

— Não tinha nenhuma aula esta manhã — Paul tirou o cachimbo da boca e sorriu. — Se tivesse, não seria por isso que deixaria de vir. A desculpa clássica de sempre!

Tom sorriu. Paul ensinava música numa escola feminina, em Nova York, para viver; nas horas de folga era compositor. Tom não se lembrava de como conhecera Paul. Recordava-se apenas de ter ido ao seu apartamento em Riverside Drive, com outras pessoas, para um ajantarado de domingo, e que Paul tinha tocado uma de suas composições ao piano. Tom gostara imensamente da música.

— Posso lhe oferecer um drinque? Vamos ver se a gente encontra um bar — propôs Tom.

Nesse momento, porém, um comissário de bordo apareceu batendo num gongo e gritando:

— Visitantes para a terra, por favor! Todos os visitantes para a terra!

— Isso é comigo — disse Paul.

Apertaram-se as mãos, bateram no ombro um do outro, prometeram escrever cartões postais. E Paul se foi.

A turma de Bob ficaria até o último momento, pensou Tom; provavelmente teriam de sair à força. Voltou-se rapidamente e subiu correndo as escadas. Lá em cima viu-se à frente de uma placa pendurada numa corrente que dizia SEGUNDA CLASSE SOMENTE; pulou a corrente e chegou ao convés. Com certeza ninguém se importava que um passageiro de primeira passasse para a segunda. Não agüentaria ver outra vez a turma de Bob. Pagara meio mês de aluguel adiantado a Bob e dera como presente de despedida uma boa camisa e uma gravata. O que mais queria ele?

O navio começava a se mover quando Tom desceu para a cabine. Entrou cautelosamente. Vazia. A coberta azul da cama estava outra vez arrumada e esticada. Os cinzeiros limpos. Nem parecia que eles tinham estado ali. Tom relaxou e sorriu. Aquilo é que era serviço! A velha tradição da linha Cunard, marinheiros britânicos e tudo o mais! Viu um grande cesto de frutas no chão ao lado da cama. Ansioso, apanhou o pequeno envelope. O cartão dizia:

*Bon voyage e Deus o abençoe, Tom. Todos os nossos  
melhores votos acompanham você.*

*Emily e Herbert Greenleaf*

O cesto tinha uma alça comprida e estava embrulhado em papel celofane — maçãs, peras, uvas, dois pacotes de doces, além de várias garrafas de bebida. Tom jamais recebera um cesto de *bon voyage*.

Para ele era apenas algo que via nas vitrines dos floristas, a preços fantásticos e ridículos. Agora estava com os olhos marejados de lágrimas. Escondendo o rosto nas mãos, começou a soluçar.

## 6

Sentia-se tranqüilo, benevolente, mas não sociável. Queria tempo para pensar, e não estava interessado em conhecer nenhuma das pessoas do navio, nenhuma, embora, ao encontrar os companheiros de mesa, os cumprimentasse afavelmente com um sorriso. Começou a desempenhar um papel: o de um jovem sério, com uma missão importante. Mostrava-se delicado, discreto e preocupado.

Num capricho momentâneo, comprou um boné na butique do navio. Um boné discreto, cinza-azulado, de lã inglesa macia. Podia baixar a aba, cobrindo quase todo o rosto quando cochilava ou fingia cochilar no convés, deitado na espreguiçadeira. O boné é o mais versátil dos chapéus, pensava, e admirava-se de nunca antes ter pensado em comprar um. Podia parecer um cavalheiro rural, um ladrão, um inglês, um francês, um simples americano excêntrico, dependendo do modo como o usava. Divertia-se com essa brincadeira, em frente ao espelho da cabine. Sempre achara seu rosto insignificante, o mais insignificante do mundo, facilmente esquecível, com uma expressão de docilidade, que não compreendia, e um constante ar de medo do qual não conseguia se livrar. O rosto de um verdadeiro conformista, pensava. O boné, porém, mudava tudo. Dava-lhe o ar de quem vive no campo, Greenwich ou Connecticut. Agora era como um jovem com renda própria, recém-saído de Princeton, talvez. Comprou um cachimbo para combinar com o boné.

Começava vida nova. Adeus a toda a ralé com a qual se associara e

à qual permitira que se associasse a ele nos últimos três anos em Nova York. Sentia-se como imaginava que devia sentir-se o imigrante que deixa tudo — amigos, parentes e os erros do passado — para viver na América. Uma nova folha em branco no livro da vida! Fosse lá o que fosse que viesse a acontecer com Dickie, Tom se sairia bem, e Greenleaf, reconhecendo isso, o respeitaria. Quando acabasse o dinheiro de Greenleaf, talvez não voltasse para a América. Podia arranjar um emprego interessante num hotel, por exemplo, onde precisassem de alguém inteligente e com personalidade que falasse inglês. Ou podia ser representante de uma firma da Europa, viajando pelo mundo todo. Ou talvez aparecesse alguém à procura de um jovem exatamente como ele, capaz de dirigir um automóvel, manejar bem os números, distrair a avó velhinha ou acompanhar a filha às festas. Era versátil, e o mundo era imenso! Prometeu a si mesmo que conservaria o emprego que arranjasse. Paciência e perseverança! Para cima e para a frente!

— Tem aí *The Ambassador*, de Henry James? — perguntou Tom ao encarregado da biblioteca da primeira, classe. Não encontrara o livro na prateleira.

— Sinto muito, não o temos, senhor.

Ficou desapontado. Era o livro sobre o qual Greenleaf perguntara. Sentia que precisava ler. Foi à biblioteca da segunda classe. Encontrou o romance na estante; quando, porém, o apresentou ao encarregado e deu o número da sua cabine, este respondeu que sentia muito, mas os passageiros da primeira não podiam retirar livros da biblioteca da segunda classe. Tom pensara nessa possibilidade. Devolveu documente o livro à prateleira, embora sabendo que teria sido fácil, até fácil demais, escondê-lo sob o paletó.

De manhã dava várias voltas no convés, devagar, de modo que os passageiros que faziam o exercício matinal passavam por ele, bufando, duas ou três vezes antes que acabasse sua primeira volta. Sentava-se então na sua espreguiçadeira no convés, pensando no seu destino. Depois do almoço, ficava na cabine bebendo, aproveitando a privacidade e o conforto, sem fazer absolutamente nada. Às vezes sentava-se na sala de leitura e escrevia cartas no papel do navio, para Marc Preminger, Cleo, os Greenleafs. As cartas para os Greenleafs começavam com uma saudação e agradecimento pelo cesto de *bon voyage* e as instalações confortáveis, e por brincadeira adicionava um parágrafo pós-datado, imaginário, onde contava como tinha encontrado Dickie, que estava morando com ele em Mongibello, os progressos lentos mas constantes na tarefa de convencê-lo a voltar para casa, os banhos de mar, as pescarias, a vida boêmia dos cafés; deixando-se levar pelo entusiasmo, escrevia oito ou dez folhas, sabendo que jamais mandaria essas cartas; escrevia que Dickie não estava interessado em Marge, romanticamente falando (fazia uma completa análise do caráter de Marge), e que portanto não era por isso que não tinha voltado, embora a Sra. Greenleaf pensasse o contrário, etc. etc, até a mesa ficar coberta com as folhas escritas e soar o primeiro chamado para o jantar.

Certa tarde, escreveu um bilhete delicado para tia Dottie:

*Querida titia (nunca a chamava assim, nem em cartas nem pessoalmente).*

*Como vê pelo papel de carta, estou em alto mar. Um negócio inesperado, que não posso explicar agora. Tive de partir subitamente, portanto não pude ir a Boston,*

*coisa que lamento, pois só voltarei daqui a meses, talvez anos.*

*Queria que soubesse, para não se preocupar e não mandar mais os cheques. Muito obrigado. Muito obrigado pelo último que mandou, há um mês, mais ou menos. Creio que não enviou nenhum outro depois desse. Estou bem e extremamente feliz.*

*Amor Tom*

*Não era necessário desejar-lhe saúde. Ela era forte como um touro. Ajuntou:*

*P. S. Não tenho idéia de qual vai ser meu endereço, portanto não posso lhe mandar nenhum.*

Isso o fazia sentir-se melhor, pois o libertava definitivamente dela. Nem precisava dizer onde estava. Assim, acabariam as cartas indisfarçavelmente inquisitivas, as veladas comparações com o seu pai, os cheques ridículos, com quantias estranhas como 6,48 dólares, como se fossem o troco de algum pagamento ou o produto da devolução de algum artigo à loja, atirado para ele com desprezo, como uma migalha. Considerando a renda da tia Dottie, os cheques eram um insulto. Ela insistia em dizer que gastara mais para criá-lo do que o pai dele deixara, o que talvez fosse verdade, mas precisava ficar jogando isso a toda hora na sua cara? Uma pessoa com sentimento de humanidade acaso atira isso todos os dias na cara de uma criança? Muitas tias, e até mesmo estranhos, criavam crianças

sem receber nada, e sentiam-se felizes com isso.

Depois da carta para tia Dottie, levantou-se e andou pelo convés, como se precisasse se desintoxicar. Sempre que lhe escrevia ficava irritado. Sentia-se ofendido por ter de tratá-la com cortesia. Porém, até agora sempre a informara de onde se achava, porque sempre precisara dos cheques miseráveis. Escrevera mais de uma dezena de cartas para tia Dottie, comunicando suas mudanças de endereço. Agora, porém, não precisava mais do dinheiro E pretendia proclamar sua independência para sempre.

De repente lembrou-se daquele dia de verão, quando tinha mais ou menos doze anos e fazia uma viagem através do país com tia Dottie e uma amiga dela, e ficaram presos em um engarrafamento. Era um dia quente de verão e tia Dottie mandou Tom com a garrafa térmica apanhar água gelada no posto de gasolina, e nesse momento o engarrafamento se desfez. Lembrava-se de correr entre os enormes carros que andavam ainda devagar, quase alcançando a porta do carro de tia Dottie, mas nunca chegando lá, porque ela procurava andar o mais depressa possível, não esperando por ele, enquanto gritava, enfiando a cabeça pela janela do carro: "Ande, ande, seu lesma!" Quando afinal alcançou o carro e entrou, as lágrimas de frustração e raiva escorrendo pelo rosto, ela disse alegremente para a amiga:

— Mancas! É um maricás perfeito. Igualzinho ao pai!

Era realmente de admirar que Tom tivesse se saído tão bem, criado desse jeito. E o que fazia tia Dottie pensar que seu pai era um maricás? Podia citar algum fato? Tinha citado algum, alguma vez? Não.

Deitado no convés, moralmente fortalecido pelo ambiente luxuoso, fisicamente revigorado pela ótima comida, tentou analisar objetivamente o seu passado. Os últimos quatro anos tinham sido na verdade desperdiçados, era obrigado a concordar. Uma série de empregos casuais, longos e perigosos intervalos sem ganhar nada, conseqüentemente desmoralizado por não ter dinheiro, associando-se, além disso, a pessoas tolas e estúpidas, só para não ficar sozinho, ou porque podiam lhe oferecer alguma coisa por algum tempo, como Marc Preminger. Não era o tipo de vida do qual pudesse se orgulhar, considerando que chegara a Nova York com aspirações tão altas. Queria ser ator, embora aos vinte e um anos não fizesse a mínima idéia das dificuldades, do aprendizado necessário, ou do talento exigido. Pensava ter talento, e estava certo de que bastaria mostrar a um produtor um dos seus atos originais de um personagem só — a Sra. Roosevelt escrevendo o "Meu Dia" depois de uma visita à casa das mães solteiras, por exemplo —; as três primeiras recusas, porém, tinham destruído toda a sua coragem e esperança. Sem dinheiro nenhum, aceitou o emprego no cargueiro de bananas, que pelo menos o levava para fora de Nova York. Temia que tia Dottie mandasse a polícia procurá-lo em Nova York, embora não tivesse feito nada de mal em Boston; apenas fugira para conquistar seu lugar no mundo, como milhares de jovens antes dele.

Pensava agora que seu maior erro fora não se fixar nos empregos que arranjava, como o da contabilidade da loja, que poderia ter algum futuro, se não tivesse se impacientado com a extrema lentidão no sistema de promoção dos funcionários. Bem, até certo ponto, tia Dottie era culpada dessa falta de perseverança, por não lhe ter dado crédito, quando era pequeno, nas vezes em que fazia coisas de que

gostava — como a entrega de jornais, quando tinha treze anos. Ganhara uma medalha de prata do jornal, por "Cortesia, Bom Serviço e Confiança". Lembrando-se agora de como era naquele tempo, parecia ver outra pessoa, um garotinho magro, infeliz, lamuriendo, com um eterno resfriado, o nariz sempre escorrendo, que a duras penas conseguira ganhar a medalha por cortesia, serviço e confiança. Tia Dottie odiava-o quando se resfriava: pegava o lenço e quase lhe arrancava o nariz com ele.

A lembrança fez Tom se contorcer na cadeira, mas com elegância, ajeitando o vinco das calças.

Vinham-lhe à mente agora as promessas que fizera, desde os oito anos, de fugir de tia Dottie, e as cenas violentas que imaginava então — tia Dottie tentando impedir que saísse, e ele dando-lhe socos, derrubando-a, estrangulando-a e, finalmente, arrancando o broche que ela usava no vestido, enfiando-o violentamente na garganta dela um milhão de vezes. Aos dezessete anos fugiu de casa e o trouxeram de volta; aos vinte, repetiu a façanha, dessa vez com sucesso. Além disso, era estarrecedor e patético pensar o quanto fora ingênuo, o pouco que sabia sobre o funcionamento do mundo, como se o fato de ter passado todos aqueles anos odiando tanto tia Dottie não lhe tivesse dado tempo para crescer e aprender. Lembrava-se de como se sentira ao ser despedido do emprego no armazém, no seu primeiro mês de Nova York. Trabalhou menos de duas semanas, porque não era bastante, forte para carregar caixotes de laranja durante oito horas por dia; mas se esforçou ao máximo para conservar o emprego, e quando afinal o despediram, foi enorme a sua revolta contra a injustiça. Decidiu então que o mundo era uma selva e que era preciso ser um animal forte como os gorilas que trabalhavam no armazém

para não morrer de fome. Lembrava que, logo depois disso, roubou um pão de uma loja de frios, e o levou para casa; enquanto o devorava, pensava que o mundo lhe devia um pão, e muito mais.

— Sr. Ripley? — Uma das inglesas que se sentara ao lado dele na hora do chá estava inclinada à sua frente. — Estávamos pensando se gostaria de uma partida de *bridge* conosco, na sala de jogos? Vamos começar daqui a quinze minutos, mais ou menos.

Tom sentou-se na cadeira delicadamente.

— Muito obrigado, mas prefiro ficar aqui fora. Além disso, não sou muito bom no *bridge*.

— Oh, também não somos! Está bem, fica para outra vez. — Ela sorriu e se afastou.

Tom voltou a se deitar na espreguiçadeira, puxou a aba do boné sobre os olhos e cruzou as mãos sobre a barriga. Sabia que sua atitude distante era motivo de comentários entre os passageiros. Não dançara com nenhuma das moças tolas que ficavam olhando para ele e dando risadinhas esperançosas, nos bailes depois do jantar. Imaginava o que diziam os passageiros: É americano! Acho que sim, mas não se comporta como americano, não acha? A maioria deles é tão barulhenta. Ele é terrivelmente sério, não é? Não deve ter mais de vinte e três anos. Provavelmente tem algum problema muito sério. Sim, ele tinha. O presente e o futuro de Tom Ripley.

## 7

Paris foi apenas uma visão rápida através das janelas da estação: a fachada iluminada de um café, com o complemento obrigatório do toldo manchado pela umidade, as mesas na calçada, as jardineiras, como um cartaz de agência de turismo. E na estação, uma série de longas plataformas que percorreu acompanhando os carregadores pequenos e entrançados, vestidos de azul, e finalmente o trem leito que o levaria direto a Roma. Voltaria a Paris, um dia, pensou. Agora, estava ansioso para chegar a Mongibello.

Na manhã seguinte, acordou na Itália. I ma coisa bastante agradável aconteceu. Tom olhava a paisagem pela janela, quando ouviu alguns italianos, no corredor, dizerem algo sobre "Pisa". Uma cidade passava lá fora, do outro lado do trem. Tom foi ao corredor para vê-la, automaticamente procurando a torre inclinada, embora - cm ter certeza de que se tratava de Pisa, e se podia ser vista dali — mas lá estava ela! Uma coluna branca e grossa, destacando-se entre as casas baixas e pintadas de branco da cidade, e inclinada! Inclinada num ângulo que parecia impossível! Sempre pensou que as descrições sobre a inclinação da torre de Pisa eram exageradas. Para ele isso era um bom sinal, sinal de que a Itália ia ser tudo aquilo que esperava, e que tudo ia correr bem entre ele e Dickie.

Chegou a Nápoles no fim da tarde e o ônibus para Mongibello só saía às onze da manhã seguinte. Um garoto de mais ou menos dezesseis anos, com uma camisa suja e botas do exército americano, agarrou-se a ele na estação, enquanto Tom trocava algum dinheiro,

oferecendo-lhe Deus sabe o quê, talvez mulheres, talvez drogas; apesar dos seus protestos, o menino entrou no táxi com ele e deu o endereço ao motorista, falando o tempo todo, com um dedo erguido, como para garantir que ia arranjar tudo da melhor maneira, era só esperar para ver. Tom desistiu de se livrar dele e encostou-se a um canto do banco traseiro do táxi, aborrecido, os braços cruzados sobre o peito. Afinal, o táxi parou na porta de um grande hotel de frente para a baía. Tom teria se intimidado com a aparência do hotel se Greenleaf não estivesse pagando a conta.

— Santa Lúcia! — disse o menino, apontando para o mar.

Tom fez um gesto de assentimento. Aparentemente, afinal de contas, o garoto não era mal intencionado. Tom pagou a corrida e deu-lhe uma nota de cem liras, que segundo seus cálculos correspondia a mais ou menos dezesseis centavos americanos, quantia mais do que adequada para uma gorjeta na Itália, de acordo com um artigo da revista que lera a bordo; quando o menino pareceu insultado, deu-lhe mais cem liras, e quando ele continuou a parecer insultado, sacudiu a mão para ele e entrou no hotel, acompanhando os carregadores que já tinham apanhado a bagagem.

Naquela noite, Tom jantou num restaurante em frente à baía, chamado Zi Teresa, recomendado pelo gerente do hotel, que falava inglês. Fez o pedido com grande dificuldade e viu-se à frente de um prato de polvos em miniatura, de um púrpura violento, parecendo cozidos na tinta usada para escrever o cardápio. Experimentou a ponta de um tentáculo; tinha a consistência repugnante de uma cartilagem. O segundo prato foi outro engano: várias espécies de peixe frito. O terceiro — que pensou ser uma sobremesa —, dois pequenos peixes avermelhados. Ah, Nápoles! Mas a comida não

importava. Sentia-se calmo e tranqüilo sob o efeito do vinho. À sua esquerda, ao longe, a lua crescente pairava sobre o vulto escarpado do Vesúvio. Tom observou-o calmamente como se já o tivesse visto milhares de vezes. Logo adiante, além do Vesúvio, a cidadezinha de Richard.

Tomou o ônibus às onze da manhã. A estrada acompanhava a praia, passando por pequenas cidades onde o ônibus fazia paradas breves — Torre dei Greco, Torre Anunciata, Castellamare, Sorrento. Tom ouvia com atenção os nomes que o condutor anunciava. A partir de Sorrento, a estrada se transformava em um caminho estreito, cortado na encosta dos rochedos que Tom vira nas fotografias, na casa dos Greenleafs. Aqui e ali passavam por pequenas vilas à beira-mar, casas brancas que pareciam migalhas de pão, pontinhos minúsculos, que eram as cabeças das pessoas nadando perto da praia. Tom viu uma pedra enorme no meio da estrada, provavelmente rolada do penhasco. O motorista desviou calmamente.

— Mongibello!

Tom ergueu-se de um salto e tirou a valise do porta-malas sobre a poltrona. A outra mala, que estava na capota do ônibus, foi tirada pelo motorista. O ônibus prosseguiu viagem e Tom ficou sozinho na beira da estrada, as malas no chão ao seu lado. Havia casas lá em cima, na encosta da montanha, e casas lá embaixo, as silhuetas dos telhados recortando-se sobre o fundo azul do mar. Sem tirar os olhos das malas, Tom foi até uma pequena casa, do outro lado da estrada, onde estava escrito POSTA, e perguntou ao homem sentado próximo à janela onde era a casa de Richard Greenleaf. Sem pensar falou em inglês, mas o homem aparentemente entendeu, pois veio até a porta

e apontou para a estrada, dando explicações detalhadas de como chegar lá, em italiano.

— Sempre sinistra, sinistra!

Tom agradeceu e perguntou se podia deixar as malas no Correio por algum tempo; o homem compreendeu também e ajudou-o a carregá-las para dentro.

Teve de perguntar a mais duas pessoas onde ficava a casa de Richard Greenleaf, e todos pareciam saber. A terceira pessoa, finalmente, mostrou-lhe a casa — grande, de dois andares, um portão de ferro que dava para a estrada e uma varanda projetando-se sobre o rochedo. Tom tocou a campainha de metal ao lado do portão. Uma italiana saiu da casa, limpando as mãos no avental.

— O Sr. Greenleaf? — Tom perguntou.

A mulher deu-lhe uma resposta longa e sorridente, em italiano, e apontou para o mar. "*Giu*", parecia repetir, "*giu*".

Tom fez com a cabeça um sinal de que entendeu.

— Grazie.

Devia ir até a praia, assim como estava, ou vestir uma roupa de banho para parecer mais casual? Ou esperar até a hora dos drinques? Ou, quem sabe, tentar um telefonema primeiro? Não trazia calção de banho, e naturalmente ia precisar de um. Entrou em uma das pequenas lojas próximas do Correio, com camisas e calções de banho expostos na vitrine; depois de experimentar vários que não lhe serviam, ou pelo menos não serviam como calções de banho, comprou uma coisa preta e amarela, pouco maior do que a calça de um biquíni. Embrulhou a roupa com que viajara na capa de chuva e saiu da loja descalço. Voltou para dentro com um pulo. As pedras da

rua queimavam como carvão em brasa.

— Sapatos? Sandálias? — perguntou ao homem da loja.

Não. O homem não vendia sandálias.

Tom calçou de novo os sapatos e atravessou a rua em direção ao Correio, com intenção de guardar a roupa na mala, mas o Correio estava fechado. Ouvira falar nisso. Na Europa, muitas lojas fecham do meio-dia às quatro. Voltou e seguiu por um caminho de pedra, que supunha levasse à praia. Desceu uns doze degraus de pedra e foi dar em outro caminho de pedra também, passou por lojas, casas, desceu mais degraus e finalmente chegou a uma calçada larga e plana, pouco acima do nível da praia, onde havia dois cafés e um restaurante com mesas do lado de fora. Alguns meninos italianos, bronzeados de sol, sentados nos bancos de madeira, na beira da calçada, examinaram Tom com atenção quando passou por eles. Sentia-se ridículo de calção de banho, os grandes sapatos marrons e a pele de uma brancura fantasmagórica.

Não fora à praia no último verão. Detestava praia. Uma passarela de madeira ia até a metade da areia; Tom sabia que esta devia estar quente como o diabo, pois todo mundo estava deitado sobre toalhas ou outras coisas. Ainda assim, tirou os sapatos e ficou por alguns momentos de pé na passarela, sobre a madeira quente, examinando com calma os grupos mais próximos. Ninguém se parecia com Richard; o vapor úmido que se elevava da areia escaldante o impedia de distinguir os que estavam mais longe. Pôs um pé na areia e tirou-o depressa. Respirou fundo, correu pela passarela de madeira, atravessou o que restava da areia e mergulhou os pés na água rasa e misericordiosa. Começou a andar.

Tom o viu de longe — sem dúvida era Dickie, embora estivesse queimado e o cabelo parecesse mais claro do que se lembrava. Estava com Marge.

— Dickie Greenleaf? — perguntou, sorrindo.

Dickie ergueu os olhos:

— Sim...

— Sou Tom Ripley. Nos conhecemos nos Estados Unidos, anos atrás. Lembra-se?

Dickie não se lembrava.

— Acho que seu pai lhe escreveu a meu respeito.

— Oh, sim. — Dickie bateu com a mão na testa, como se penitenciando por ter esquecido. Ficou de pé.

— É Tom o quê?

— Ripley.

— Esta é Marge Sherwood. Marge, Tom Ripley.

— Como vai? — disse Tom.

— Como vai?

— Vai se demorar aqui? — perguntou Dickie.

— Não sei ainda. Acabo de chegar. Vou dar uma olhada por aí.

Dickie o examinava e não havia aprovação nos seus olhos. Os braços cruzados, os pés queimados e finos plantados firmemente na areia cujo calor parecia não incomodá-lo. Tom enfiara os sapatos de novo.

— Pretende alugar uma casa? — perguntou Dickie.

— Não sei — respondeu, indeciso, como se estivesse realmente

pensando no assunto.

— A época é boa para alugar, se pretende passar o inverno — informou a moça. — Os turistas de verão já foram quase todos embora. Vai ser bom ter mais um americano por aqui no inverno.

Dickie não disse nada. Voltara a sentar-se na toalha ao lado da moça, e Tom percebeu que esperava que se despedisse e fosse embora. Ficou ali, consciente da sua palidez e sentindo-se tão nu como no dia em que nasceu. Odiava calções de banho. E o seu era muito indiscreto. Conseguiu tirar o maço de cigarros do bolso do paletó enrolado na capa e ofereceu a Dickie e à moça. Dickie aceitou, Tom acendeu-o com seu isqueiro.

— Não parece se lembrar de mim, de Nova York — observou Tom.

— Na verdade não me lembro. Onde nos conhecemos?

— Acho que... Não foi na casa de Buddy Lankenau? — Não tinha sido, mas Tom sabia que Dickie conhecia Buddy Lankenau, e Buddy era um sujeito respeitável.

— Oh — disse Dickie vagamente. — Espero que me desculpe, mas minha memória não funciona muito bem para lembranças da América atualmente.

— Não funciona mesmo — disse Marge, vindo em socorro de Tom.  
— Está cada vez pior. Quando chegou, Tom?

— Mais ou menos há uma hora. Deixei minhas malas no Correio — respondeu, rindo.

— Não quer se sentar? Olhe, tenho outra toalha. — Estendeu uma toalha branca, pequena, na areia.

Tom aceitou, agradecido.

— Vou dar uma caída para refrescar — disse Dickie, erguendo-se.

— Eu também! — exclamou Marge. — Vem, Tom? Tom acompanhou-os. Dickie e a moça foram bem para o fundo — ambos pareciam nadar muito bem — e Tom ficou na beirada, saindo da água muito antes deles. Quando voltaram, Dickie disse, aparentemente instigado pela moça:

— Vamos embora. Que tal ir até lá em casa e almoçar conosco?

— Ora, sim. Muito obrigado. — Tom ajudou-os a recolher as toalhas, os óculos escuros, os jornais italianos.

Tom pensou que nunca chegariam. Dickie e Marge iam na frente, subindo com facilidade, de dois em dois degraus, as escadas intermináveis. O sol deixara Tom irritado. Os músculos das pernas tremiam quando andava no plano. Seus ombros já estavam rosados; vestiu a camisa para protegê-los, mas sentia os raios ardentes do sol atravessando o cabelo. Estava tonto e nauseado.

— Está muito difícil? — perguntou Marge, nem um pouco ofegante. — Vai se acostumar, se ficar aqui. Tinha de ver este lugar durante a onda de calor, em julho.

Tom não tinha fôlego para responder.

Quinze minutos mais tarde tudo estava melhor. Depois de um chuveiro frio, sentou-se em uma confortável cadeira de vime, no terraço da casa de Dickie, com um *martini* na mão. Por sugestão de Marge vestiu o calção de banho novamente e a camisa. Enquanto estava no chuveiro, a mesa foi arrumada para três pessoas, e Marge estava agora na cozinha, falando italiano com a empregada. Tom perguntou a si mesmo se Marge também morava ali. A casa era bem grande. Tinha pouca mobília, uma mistura interessante de

antigüidades italianas e boêmia americana. Vira dois Picassos no *hall* de entrada.

Marge foi para o terraço com o *martini* na mão.

— Aquela é minha casa — apontou. — Está vendo? Aquela quadrada, branca, com o telhado em vermelho mais vivo do que as outras.

Não era possível distingui-las das outras, mas Tom fingiu que via:

— Está aqui há muito tempo?

— Um ano. Todo o último inverno, um senhor inverno. Chuva todos os dias, menos um, durante três meses inteiros!

— É mesmo?

— Hum, hum. — Marge tomou um gole de *martini* e olhou com ar satisfeito a pequena *villa*. Estava de maio cor de tomate, com uma camisa listrada por cima. Não era má, pensou Tom, tinha mesmo um corpo bonito, para quem gosta do tipo sólido. Tom não gostava.

— Me disseram que Dickie tem um barco.

— Sim, o *Pipi*, diminutivo de *Pipistrello*. Quer ver? Apontou outra coisa invisível lá embaixo, no pequeno ancoradouro que se avistava de um canto do terraço. Todos os barcos pareciam iguais, mas Marge disse que o de Dickie era maior que os outros e tinha dois mastros.

Dickie chegou à varanda e serviu-se de um *martini* da jarra que estava sobre a mesa. Vestia calça bege-clara, amarrotada, e uma camisa de linho da cor da sua pele.

— Sinto muito, não temos gelo. Não tenho geladeira. Tom sorriu:

— Trouxe um roupão de banho para você. Sua mãe disse que você pediu. E alguns pares de meia.

— Conhece minha mãe?

— Encontrei-me com seu pai, pouco antes de viajar, e convidou-me para jantar em sua casa.

— Ah. Como estava minha mãe?

— Naquela noite estava bem. Tenho a impressão de que se cansa facilmente.

Dickie assentiu com um movimento da cabeça.

— Recebi uma carta na semana passada dizendo que ela estava melhor. Pelo menos, não há nenhuma crise no momento, não é?

— Não. Creio que não. Acho que seu pai estava mais preocupado há algumas semanas. — Tom hesitou. — Estava também um pouco preocupado porque você não quer voltar para casa.

— Herbert está sempre preocupado com alguma coisa — disse Dickie.

Marge e a empregada vieram da cozinha trazendo uma travessa de espaguete fumegante, outra de salada e um prato com pão. Dickie e Marge começaram a comentar a reforma de um restaurante na praia. O proprietário aumentava o terraço para que os fregueses pudessem dançar. Discutiam o assunto com detalhes, lentamente, como habitantes de cidades pequenas interessados pelas mínimas alterações na vizinhança. Tom não podia participar da conversa.

Passou o tempo examinando os anéis de Dickie. Gostava dos dois: um com uma pedra grande e retangular, verde, montada em ouro, no terceiro dedo da mão direita, e no dedo mínimo da outra mão um anel de sinete, maior e mais elaborado do que o do pai. As mãos de Dickie eram longas e magras, um pouco parecidas com as suas,

pensou Tom. (

— A propósito, seu pai me levou para visitar os estaleiros de Burke-Greenleaf. Disse-me que fizeram várias alterações desde que você viajou. Fiquei impressionado.

— Suponho que lhe ofereceu um emprego também. Sempre à procura de jovens promissores... — Dickie girou o garfo algumas vezes e levou à boca uma porção de espaguete.

— Não, não ofereceu. — Tom pensou que o almoço estava transcorrendo pessimamente. Será que Greenleaf escrevera, contando a Dickie que Tom pretendia aconselhá-lo a voltar para casa? Ou Dickie estava mesmo de mau humor? Sem dúvida, mudara bastante desde a última vez em que o vira.

Dickie trouxe para a varanda uma máquina nova e brilhante de café-expresso, com cinqüenta centímetros de altura, e ligou-a à tomada. Em poucos minutos estavam prontas quatro xícaras de café, uma das quais Marge levou para a empregada na cozinha.

— Em que hotel está? — perguntou Marge. Tom sorriu.

— Não procurei ainda. Qual você recomenda?

— O Miramar é o melhor. É logo ali, antes do Giorgio. O outro é o Giorgio, mas...

— Dizem que o Giorgio tem *pulei* nas camas — interrompeu Dickie.

— Isso quer dizer pulgas. O Giorgio é barato, mas — disse Marge — o serviço é...

— Inexistente — completou Dickie.

— Está de ótimo humor hoje, hein Dickie? — disse Marge,

atirando um pedacinho de queijo gorgonzola nele.

— Nesse caso vou tentar o Miramar — disse Tom, levantando-se.  
— Preciso ir.

Nenhum dos dois insistiu para que ficasse. Dickie acompanhou-o até o portão. Marge ficou no terraço. Tom imaginou se estariam tendo um caso, um daqueles casos *faute de mieux*<sup>[1]</sup> que não são necessariamente óbvios por não serem muito ardentes. Marge estava apaixonada por Dickie, pensou Tom, mas ele era tão indiferente como se ela fosse uma velha empregada italiana.

— Gostaria de ver alguns dos seus quadros, qualquer dia — disse Tom.

— Ótimo. Bom, creio que nos veremos outra vez se ficar por aqui.  
— E Tom achou que ele acrescentou isso por se lembrar do roupão e das meias.

— O almoço estava muito bom. Até logo, Dickie.

— Até logo.

O portão de ferro fechou-se com ruído de metal.

## 8

Tom ficou no Miramar. Eram quatro horas quando apanhou as malas no Correio e apenas teve forças para pendurar seu melhor terno e atirar-se na cama. As vozes dos meninos italianos, sob as janelas, chegavam até ele distintas, como se conversassem ali dentro do quarto, e a risada indolente e aguda de um deles, espocando repentinamente entre as palavras cantantes, fazia Tom crisar-se e contorcer-se. Imaginava os meninos comentando a sua visita ao *Signor* Greenleaf e conjeturando sobre o que ia acontecer agora.

O que estava fazendo ali? Não tinha amigos e não falava a língua. E se ficasse doente? Quem tomaria conta dele?

Levantou-se, ciente de que ia vomitar, mas movia-se lentamente porque sabia quando isso ia acontecer e que tinha muito tempo para chegar ao banheiro. No banheiro, devolveu o almoço e, pelos seus cálculos, o peixe de Nápoles também. Voltou para a cama e dormiu imediatamente.

Quando acordou, zozzo e fraco, o sol ainda brilhava e eram cinco e meia no seu relógio novo. Foi até a janela e instintivamente procurou a casa de Dickie e o terraço que se projetava sobre as rochas, e viu-a, grande, destacando-se das outras cor-de-rosa e brancas, que se espalhavam na encosta à sua frente. Marge ainda estaria lá? Falariam a seu respeito? Ouviu uma risada, destacando-se do ruído da rua, tensa e ressonante, tão americana quanto uma frase inteira em inglês. Viu de relance Dickie e Marge passando entre as casas da estrada. Viraram uma esquina e Tom foi para a outra janela,

para ver melhor. Estavam numa passagem ao lado do hotel, bem debaixo da sua janela. Desceram uma viela, Dickie com a calça bege e a camisa marrom, Marge de saia e blusa. Ela deve ter passado em sua casa, pensou Tom. Ou então tinha roupas na casa de Dickie. Viu Dickie falar com um italiano, no pequeno ancoradouro de madeira, e dar-lhe dinheiro; o italiano levou um dedo à aba do boné e soltou a amarra do barco. Tom viu Dickie ajudar Marge a entrar no barco. A vela branca começou a subir. Atrás deles, à esquerda, o sol cor de laranja mergulhava no mar. Tom ouviu a risada de Marge e a voz de Dickie gritando alguma coisa em italiano para o homem no ancoradouro. Tom compreendeu que era um dia típico para os dois — uma *siesta* depois do almoço, provavelmente, e depois a velejada, ao pôr-do-sol. Em seguida, aperitivos em um dos cafés da praia. Estavam passando um dia perfeitamente igual aos outros, como se Tom não existisse. Por que Dickie ia querer voltar para os metrô e os táxis, os colarinhos engomados e um emprego das nove às cinco? Ou mesmo para um carro com motorista e férias na Flórida ou no Maine? Nada era tão bom quanto velejar com roupas velhas e não ter de dar satisfação a ninguém sobre o modo como passava o tempo, casa própria, e uma empregada que com certeza cuidava de tudo para ele. E dinheiro para viajar quando bem entendesse. Tom invejava-o com um sentimento violento de despeito e autopiedade.

Provavelmente o pai de Dickie escrevera, dizendo coisas que colocaram o filho contra ele, pensou Tom. O melhor teria sido conhecer Dickie por acaso, sentado em um dos cafés da praia! Na certa teria convencido Dickie a voltar para casa, afinal, se tudo tivesse começado assim, mas agora, daquele jeito, era inútil. Tom lamentou ter se mostrado tão confuso e sem graça. Nada do que

tomava a sério dava certo. Sabia disso há anos.

Deixaria passar alguns dias, pensou. De qualquer modo, o primeiro passo era fazer com que Dickie gostasse dele. Desejava isso mais do que qualquer outra coisa no mundo.

## 9

Tom esperou três dias. Então foi à praia, mais ou menos ao meio-dia, e encontrou Dickie sozinho, no mesmo lugar em que o vira da primeira vez, em frente aos rochedos cinzentos que se estendiam da terra até o mar.

— Bom-dia! — disse Tom. — Onde está Marge?

— Bom-dia. Provavelmente trabalhando até mais tarde. Logo estará aqui.

— Trabalhando?

— É escritora.

— Oh!

Dickie deu uma tragada no cigarro italiano pendurado no canto da boca.

— Onde andou? Pensei que tinha ido embora.

— Doente — disse Tom casualmente, jogando a toalha dobrada na areia, não muito perto de Dickie.

— Ah, o estômago, como todo mundo.

— Pairando entre a vida e o banheiro — disse Tom, sorrindo. — Mas estou bem agora. — Era verdade. Ficara tão fraco que nem saíra do hotel; arrastando-se pelo quarto, aproveitara os raios de sol que entravam pela janela para melhorar um pouco o tom da pele. E o resto do tempo passara estudando um livro de conversação em italiano, comprado no hotel.

Tom foi até a água, entrou com segurança até a cintura e parou, molhando os ombros. Abaixou-se, até a água chegar ao seu queixo, boiou um pouco e voltou para a areia.

— Posso convidar você para um drinque no hotel, antes de ir para casa? — perguntou Tom. — E Marge também, se ela vier. Quero lhe dar o roupão e as meias.

— Ah, é verdade. Muito obrigado. Sim, gostaria de um drinque. — Voltou a ler o jornal italiano.

Tom estendeu a toalha. Ouviu o relógio da cidade bater uma hora.

— Parece que Marge não vem — disse Dickie. — Acho que vou indo.

Tom levantou-se. Caminharam para o Miramar em silêncio, a não ser pelo convite de Tom para que Dickie almoçasse com ele e a recusa deste, alegando que a empregada já preparara o almoço. Foram ao quarto de Tom; Dickie experimentou o roupão e mediu as meias, encostando-as nos pés descalços. Tudo estava no tamanho certo e, como Tom esperava, Dickie gostou muito do roupão.

— E mais isto — disse Tom, apanhando um embrulho quadrado de uma das gavetas. — Sua mãe mandou algumas gotas para o nariz, também.

Dickie sorriu.

— Não preciso mais delas. Era só sinusite. Mas eu o aliviarei da encomenda.

Agora Dickie tinha tudo, tudo o que Tom podia lhe oferecer. Na certa ia recusar o convite para o drinque, Tom sabia. Acompanhou-o até a porta.

— Sabe, seu pai está muito preocupado porque não quer voltar para casa. Aconselhou-me a fazer um sermão, o que naturalmente não farei, mas ainda assim tenho de dizer alguma coisa a ele. Prometi escrever.

Dickie voltou-se, com a mão na maçaneta da porta.

— Não sei o que meu pai pensa que estou fazendo aqui, bebendo até cair morto, ou qualquer coisa assim. Provavelmente irei de avião até em casa no inverno, por alguns dias, mas não pretendo ficar. Sou mais feliz aqui. Se voltasse, meu pai ficaria atrás de mim para trabalhar na Burke-Greenleaf. Não teria nenhuma oportunidade de pintar. Acontece que é o que gosto de fazer e acho que o modo como vivo é assunto meu.

— Compreendo. Mas ele disse que não tentaria fazer você trabalhar na firma, se voltasse, a não ser que quisesse ir para o departamento de desenho, e disse que você gostaria disso.

— Bem, meu pai e eu já falamos sobre o assunto. De qualquer modo, obrigado. Tom, por trazer a mensagem e as roupas. Foi muito delicado da sua parte. — Dickie estendeu a mão.

Tom não podia apertar a mão de Dickie agora. Seria o sinal do fracasso. Fracasso no que dizia respeito a Greenleaf e fracasso com Dickie.

— Acho que devo contar mais uma coisa — disse, com um sorriso.  
— Seu pai me mandou aqui especialmente para pedir que voltasse para casa.

— O que quer dizer? — Dickie franziu a testa. — Pagou a viagem?

— Pagou. — Era sua única oportunidade. Dickie acharia divertido ou se afastaria; cairia na gargalhada ou sairia batendo a porta,

repugnado. Mas o sorriso estava chegando, os cantos da boca subindo, o sorriso de que Tom se lembrava.

— Pagou a viagem! Vejam só! Está ficando desesperado mesmo.  
— Dickie tornou a fechar a porta.

— Veio falar comigo em um bar, em Nova York — contou Tom. — Eu lhe disse que não era muito seu amigo, mas ele insistiu, alegando que poderia ajudar se viesse até aqui. Prometi que tentaria.

— Como foi que ele encontrou você?

— Os Schriters. Mal os conheço, mas é isso aí! Eu era seu amigo, e podia fazer muita coisa por você.

Os dois riram.

— Não quero que pense que tentei me aproveitar do seu pai — disse Tom. — Vou arranjar um emprego aqui na Europa logo e poderei pagar o que ele gastou, pelo menos a passagem, algum dia. Comprou-me passagem de ida e volta.

— Ora, não se incomode com isso! Vai para as despesas da firma Burke-Greenleaf. Posso até ver papai indo falar com você num bar! Que bar?

— Raoul's. Na verdade, ele me seguiu desde o Green Cage. — Tom observou Dickie para ver se demonstrava conhecer o Green Cage, um bar muito popular, mas a expressão dele não revelou nada.

Tomaram uma bebida no bar do hotel. Brindaram Herbert Richard Greenleaf.

— Só agora me lembrei que hoje é domingo — disse Dickie. — Marge deve ter ido à igreja. Venha almoçar conosco. Geralmente temos galinha aos domingos. Você sabe, o velho costume americano:

galinha aos domingos.

Dickie resolveu passar pela casa de Marge para ver se ela estava. Subiram alguns degraus que saíam da estrada principal, pela encosta de pedra, atravessaram parte de um jardim particular e subiram outro lance de escadas. A casa de Marge era térrea, mal conservada, um jardim não muito tratado, uns -dois baldes e uma mangueira de regar plantas atravancando o caminho que conduzia à porta de entrada, e o toque feminino: o maio cor de tomate e um sutiã pendurados na janela. Tom pôde ver uma mesa em desordem e uma máquina de escrever.

— Oi! — disse ela, abrindo a porta. — Alô, Tom! Onde tem andado, esse tempo todo?

Ofereceu um drinque, mas descobriu que só tinha uns dois dedos de gim na garrafa de Gilbey's.

— Não faz mal, vamos lá para casa — disse Dickie. Caminhou pelo cômodo, uma combinação de sala de estar e quarto de dormir, como se estivesse familiarizado com a casa. Inclinou-se sobre um vaso no qual crescia uma pequena planta, e tocou as folhas delicadamente com a ponta dos dedos.

— Tom tem uma coisa engraçada para contar — disse ele. — Conte a ela, Tom.

Tom suspirou fundo e começou. Narrou tudo com humor, e Marge riu como se não ouvisse uma história engraçada há séculos.

— Quando o vi entrar no Raoul's à minha procura, estava pronto para fugir pela janela dos fundos! — Sua língua funcionava quase que independente do cérebro, enquanto avaliava a impressão que causava em Dickie e Marge. Podia ver pelos seus rostos.

A subida até a casa de Dickie não pareceu tão penosa dessa vez. Um odor delicioso de galinha assada chegava até o terraço. Dickie preparou os *martinis*. Tom tomou um banho de chuveiro. Dickie fez o mesmo, e serviram-se de *martini*. Exatamente como na primeira vez, só que a atmosfera agora era outra.

Dickie sentou-se com as pernas sobre um dos braços da cadeira de vime.

— Conte mais — disse sorrindo. — O que é que você faz? Disse que talvez arranje um emprego aqui.

— Por quê? Tem um emprego para mim?

— Não, para falar a verdade não tenho.

— Bem, sei fazer muitas coisas: empregado de quarto, babá, contabilidade, tenho talento especial para números. Por mais bêbado que esteja, sempre vejo quando o garçom está me roubando na conta. Sei falsificar assinaturas, pilotar helicópteros, jogar dados, imitar quase qualquer pessoa, cozinhar, e fazer um espetáculo de um só personagem, numa casa noturna, quando o artista principal fica doente. Querem que continue? — Tom estava inclinado para a frente, contando suas aptidões nos dedos. Poderia ter continuado interminavelmente.

— Que tipo de espetáculo de um só personagem? — perguntou Dickie.

— Bem — Tom ergueu-se de um salto. — Isto, por exemplo. — Fez uma pose, uma das mãos na cintura, um pé para a frente. — Esta é Lady Assburden pela primeira vez no metrô de Nova York. Nunca esteve no de Londres, sua cidade, mas quer levar recordações de experiências novas nos Estados Unidos. — Tom fez toda a

pantomima, procurando uma moeda, verificando que não cabia na pequena abertura, comprando a ficha, hesitando sobre qual escada descer, assustando-se com o ruído dos trens e a demora da viagem, mais uma vez indecisa na escolha do caminho, na saída; nesse ponto, Marge apareceu no terraço e Dickie lhe explicou que era uma *lady* inglesa no metrô dos Estados Unidos; ela aparentemente não entendeu, perguntando:

— O quê?

Tom continuou a pantomima: entrou por uma porta que só podia ser a do banheiro dos homens, pela expressão de horror do seu rosto, e o susto se repetiu ante uma coisa e outra, até que finalmente a *lady* desmaiou. Tom caiu graciosamente no balanço da varanda.

— Maravilhoso! — gritou Dickie, batendo palmas. Marge não ria. Ficou ali, de pé, com cara de quem não entende. Nenhum dos dois se deu o trabalho de lhe explicar. Afinal de contas, pensou Tom, ela não parecia o tipo que entende essa espécie de humor.

Tom tomou um gole de *martini*, extremamente satisfeito consigo mesmo.

— Algum dia faço outro para você — disse a Marge, mais para que Dickie soubesse que tinha outros números no repertório.

— O almoço está pronto? — perguntou Dickie. — Estou morrendo de fome.

— Estou esperando que as malditas alcachofras fiquem no ponto. Você conhece o seu fogão. Mal consegue ferver água. — Sorriu para Tom: — Dickie é muito antiquado em algumas coisas, Tom, isto e, as coisas com as quais ele não tem de lidar. Só tem um velho fogão e se recusa a comprar um congelador, ou mesmo uma pequena geladeira.

— Uma das razões pelas quais saí da América — disse Dickie. — Essas coisas são supérfluas num país tão cheio de empregados. O que é que a Ermelinda ia fazer o resto do tempo se pudesse preparar uma refeição em meia hora? — Ergueu-se. — Venha, Tom, vou lhe mostrar alguns dos meus quadros.

Dickie levou-o à grande sala que Tom já vira ao passar para o chuveiro. Havia um grande sofá sob a janela e, no meio da sala, um cavalete.

— Este é o retrato de Marge. Ainda estou trabalhando nele — indicou o quadro no cavalete.

— Oh — disse Tom, interessado. Não era bom, na sua opinião, e provavelmente na opinião de qualquer pessoa. O entusiasmo selvagem do sorriso de Marge parecia um pouco forçado. A pele vermelha como a de um índio. Se Marge não fosse a única moça da vizinhança com cabelos louros, Tom não a teria reconhecido.

— E aqueles... uma porção de paisagens — disse Dickie, com um sorriso desdenhoso, embora naturalmente esperasse um elogio de Tom, pois era claro que se orgulhava do seu trabalho. As paisagens eram selvagens e violentas, monotonamente semelhantes. A combinação de terracota e azul elétrico aparecia em quase todas: telhados em terracota e montanhas e mares em azul elétrico brilhante. O mesmo azul dos olhos do retrato de Marge.

— Minha tentativa surrealista — Dickie disse, mostrando o quadro que apoiava contra os joelhos.

Tom teve uma sensação de vergonha, como se o trabalho fosse dele. Era Marge outra vez, sem dúvida, mas agora os cabelos longos pareciam serpentes e, pior, havia um horizonte em cada olho, com

uma paisagem em miniatura representando casas e montanhas de Mongibello num deles, e a praia no outro, cheia de pessoas vermelhas.

— Sim, gosto disso — disse Tom. O velho Greenleaf estava com a razão. Porém, era uma preocupação, supunha Tom, que talvez evitasse que Dickie se metesse em encrencas, algo para fazer, como acontecia com milhares de maus pintores em toda a América. Sentia apenas que Dickie se enquadrasse nessa categoria, pois desejava que ele fosse muito mais.

— Nunca vou impressionar o mundo com o meu trabalho — disse Dickie —, mas tenho um prazer imenso com ele.

— Sim — Tom queria esquecer tudo o que se relacionava com pintura, esquecer que Dickie pintava. — Posso ver o resto da casa?

— Naturalmente! Ainda não viu o salão, não é? Dickie abriu uma porta no *hall* que dava para uma sala grande com lareira, sofás, estantes de livros e três saídas — para o terraço, para o outro lado da casa, e para o jardim. Dickie disse que não usava a sala no verão porque a guardava para uma mudança de cenário durante o inverno. Era mais o refúgio de um amante de livros do que uma sala de estar, pensou Tom. Ficou surpreso. Imaginara Dickie como um jovem não muito inteligente, que provavelmente passava a maior parte do tempo se divertindo. Talvez estivesse errado. Mas não errava, nesse momento, ao pensar que Dickie se aborrecia e precisava de alguém que o distraísse.

— O que tem lá em cima? — perguntou Tom.

A parte de cima da casa não correspondia ao que esperava: o quarto de Dickie, num canto da casa, sobre o terraço, era nu, vazio —

uma cama, uma cômoda e uma cadeira de balanço que parecia perdida e alienada em todo aquele espaço, a cama estreita também, pouco mais larga do que uma cama comum de solteiro. Os outros três quartos não eram nem mobiliados, pelo menos não completamente. Um deles tinha apenas montes de lenha e uma pilha de pedaços de telas. Não havia sinal de Marge em nenhum lugar, muito menos no quarto de Dickie.

— Que tal ir a Nápoles comigo um dia desses? — perguntou Tom.  
— Não tive muito tempo para conhecer a cidade.

— Está bem — respondeu Dickie. — Marge e eu vamos sábado à tarde. Jantamos lá quase todos os sábados e tomamos um táxi ou uma *carrozza* para voltar. Venha conosco.

— Pensava em ir durante o dia, num dia de semana, para poder ver mais coisas — disse Tom, esperando evitar a presença de Marge no passeio. — Ou você pinta o dia inteiro?

— Não. Às segundas, quartas e sextas tem um ônibus ;o meio-dia. Acho que podemos ir amanhã, se quiser.

— Muito bem — respondeu Tom, embora ainda não estivesse certo se Marge iria também. — Marge é católica? — perguntou enquanto desciam as escadas.

— Por vingança! Converteu-se mais ou menos há seis meses, influenciada por um italiano pelo qual estava loucamente apaixonada. Como aquele homem falava! Ficou aqui alguns meses, descansando devido a um acidente de esqui. Marge se consola da perda de Eduardo praticando a religião dele.

— Tinha a impressão de que estava apaixonada por você.

— Por mim? Não seja bobo!

O almoço estava pronto quando chegaram ao terraço. Havia até biscoitos quentes com manteiga, feitos por Marge.

— Conhece Vic Simmons, em Nova York? — perguntou Tom a Dickie.

Vic tinha um salão muito conhecido onde reunia artistas, escritores e dançarinos; Dickie não o conhecia. Tom perguntou ainda sobre mais duas ou três pessoas, sem sucesso.

Tom esperava que Marge os deixasse depois do café, mas ela não o fez. Quando a moça saiu do terraço por um momento, ele disse:

— Posso convidá-lo para jantar comigo no hotel hoje à noite?

— Obrigado. A que horas?

— Sete e meia? Assim teremos tempo para um aperitivo. Afinal de contas, é o dinheiro do seu pai — acrescentou com um sorriso.

Dickie riu.

— Está bem, aperitivos e depois uma boa garrafa de vinho, Marge!  
— Ela acabava de chegar ao terraço. — Hoje à noite vamos jantar no Miramar, com os cumprimentos de Greenleaf *père!*

Então Marge ia também, e Tom não podia fazer nada a esse respeito. Afinal de contas, era o dinheiro do pai de Dickie.

O jantar foi agradável, mas a presença de Marge impediu que Tom falasse das coisas que queria conversar com Dickie, e não se sentia disposto a ser interessante na frente dela. Marge conhecia algumas pessoas do hotel; depois de algum tempo, apanhou a xícara de café, desculpou-se e foi sentar-se a outra mesa.

— Quanto tempo vai ficar aqui? — perguntou Dickie.

— Oh, pelo menos uma semana, creio — respondeu Tom.

— Porque... — O rosto de Dickie estava corado. O *chianti* o fazia ficar de bom humor — se vai demorar mais tempo, por que não fica lá em casa? É bobagem permanecer no hotel, a não ser que prefira.

— Muito obrigado — disse Tom.

— Tem uma cama no quarto de empregada, que não mostrei a você. A Ermelinda não dorme em casa. Estou certo de que podemos dar um jeito com os móveis que estão por lá, se quiser.

— Naturalmente que quero. A propósito, seu pai me deu seiscentos dólares para as despesas, e tenho ainda mais ou menos 500. Acho que nós dois podíamos nos divertir com esse dinheiro, que tal?

— Quinhentos dólares! — exclamou Dickie, como se nunca tivesse visto tanto dinheiro de uma só vez em toda a vida. — Podemos até arranjar um pequeno carro!

Tom não encorajou a idéia do carro. Não era o seu tipo de divertimento. Queria voar para Paris. Viu que Marge voltava à mesa.

Na manhã seguinte mudou-se para a casa de Dickie.

Dickie e Ermelinda levaram um armário e duas cadeiras para um dos quartos e Dickie pregou na parede vários mosaicos representando a Catedral de São Marcos. Tom ajudou Dickie a levar para cima a cama estreita de ferro do quarto de empregada. A mudança terminou antes do meio-dia, os dois alegres devido ao *frascati* que tinham tomado durante o trabalho.

— Ainda vamos a Nápoles? — perguntou Tom.

— Naturalmente. — Dickie consultou o relógio. — São só quinze para o meio-dia. Podemos tomar o ônibus.

Não levaram nada além dos paletós e o talão de cheques de viagem de Tom. O ônibus acabava de chegar quando alcançaram o Correio. Ficaram perto da porta, esperando que os passageiros descessem; Dickie entrou e deu de cara com um rapaz de cabelos ruivos e uma camisa esporte berrante, um americano.

— Dickie!

— Freddie! — gritou Dickie. — O que está fazendo aqui?

— Vim visitar você! E os Cecchis. Vou ficar na casa deles por alguns dias.

— *Ch'elegante!* Estou indo a Nápoles com um amigo. Tom? — Dickie chamou Tom e apresentou-o.

O nome do americano era Freddie Miles. Tom achou-o horrível. Detestava cabelo ruivo, especialmente esse tom de cenoura, a pele branca e as sardas. Freddie tinha olhos grandes, castanho-avermelhados, que pareciam soltos dentro da cabeça, como se fosse vesgo, ou talvez fosse do tipo de pessoa que nunca olha ninguém de frente. Além disso, era gordo demais. Tom afastou-se, esperando que Dickie terminasse a conversa. Estavam atrasando a partida do ônibus, notou Tom. Dickie e Freddie falavam sobre esquiar, combinando se encontrar em dezembro numa cidade cujo nome Tom nunca ouvira antes.

— Seremos mais ou menos uns quinze em Cortina — disse Freddie. — Uma festa de arromba, como no ano passado! Três semanas, se o dinheiro durar tanto!

— Se nós durarmos tanto! — disse Dickie. — Vejo você hoje à noite, Fred!

Tom subiu no ônibus depois de Dickie. Não havia lugar vago e

espremeram-se entre um homenzinho suado que cheirava mal e duas velhas camponesas que cheiravam pior ainda. Quando saíam da cidade, Dickie lembrou-se de que Marge ia à sua casa para o almoço, como de costume, pois haviam pensado que a viagem seria cancelada devido à mudança de Tom. Dickie gritou ao motorista para parar. O ônibus parou com um guinchar dos freios e um solavanco que jogou todos os que estavam de pé para a frente, e Dickie, enfiando a cabeça por uma das janelas gritou:

— Gino! Gino!

Um garoto que estava na estrada veio correndo para apanhar a nota de cem liras que Dickie lhe estendia. Disse-lhe alguma coisa em italiano, o garoto respondeu "*Súbito, signor*" e saiu correndo. Dickie agradeceu ao motorista, e o ônibus pôs-se mais uma vez em marcha.

— Mandei dizer a Marge que voltaremos à noite, provavelmente tarde — disse Dickie.

— Bom.

O ônibus deixou-os numa praça grande e cheia de gente, em Nápoles; foram imediatamente cercados por carrocinhas de uvas, figos, doces e melancias, além dos garotos que aos gritos ofereciam canetas e brinquedos mecânicos. O povo abriu caminho para Dickie.

— Sei de um bom lugar para almoçarmos — disse Dickie. — Uma verdadeira *pizzeria* napolitana. Gosta de *pizza*?

— Gosto.

A *pizzeria* ficava numa rua estreita e muito íngreme para automóveis. A cortina de contas na porta, a jarra de vinho em cada uma das seis mesas, era o tipo de lugar em que se pode sentar durante horas bebendo vinho, sem ser incomodado. Ficaram ali até

as cinco horas, quando Dickie disse que deviam ir à Galleria. Desculpou-se por não levar Tom ao museu de arte, que possuía Da Vincis e El Grecos originais; poderiam visitá-lo de outra vez. Dickie passou quase toda a tarde falando de Freddie Miles, e Tom achava o assunto tão pouco interessante quanto o rosto de Freddie. Freddie era filho do dono de uma cadeia de hotéis, um americano que era também escritor de peças teatrais — pelo menos pretendia ser, imaginou Tom, porque escrevera apenas duas peças e nenhuma delas chegara à Broadway. Freddie tinha uma casa em Cagnes-sur-Mer, e Dickie se hospedara lá durante algumas semanas antes de ir para a Itália.

— É disso que eu gosto — disse Dickie entusiasmado, ao chegarem à Galleria. — Sentar a uma mesa e ver o povo passar. Enriquece o nosso modo de encarar a vida. Os anglo-saxões cometem um grande erro não observando o povo, sentados a uma mesa na calçada.

Tom assentiu. Já ouvira isso antes. Estava ainda à espera de que Dickie dissesse algo profundo e original. Ele era bonito. Não era um tipo comum, o rosto longo de traços perfeitos, olhos vivos e inteligentes, o porte altivo, não importa o que vestisse. Usava sandálias velhas e calças amarrotadas, mas parecia ser o dono da Galleria, conversando em italiano com o garçom quando este trouxe os cafés-expressos.

— *Ciao!* — disse a um rapaz italiano que passava.

— *Ciao, Dickie!*

— Fie desconta os cheques de Marge aos sábados — explicou Dickie.

Um italiano bem vestido cumprimentou-o e sentou-se à mesa.

Tom ouvia a conversa em italiano, apanhando uma ou outra palavra. Começava a se sentir cansado.

— Quer ir a Roma? — Dickie perguntou subitamente.

— Naturalmente — disse Tom. — Agora? — Ficou de pé, enfiando a mão no bolso para pagar as notinhas que o garçom deixara sob as xícaras de café.

O italiano tinha um cadilque cinzento equipado com persianas, buzina de quatro tons e um rádio a todo volume, que ele e Dickie procuravam suplantar elevando a voz. Levaram mais ou menos duas horas para chegar aos arredores de Roma. Tom ficou atento quando entraram na Via Appia especialmente para que ele a conhecesse, conforme disse o italiano, pois Tom não estivera em Roma antes. Em certos lugares da Via o carro dava uns solavancos. Eram os trechos não-pavimentados, conservando o piso original para que o povo visse como eram as antigas estradas romanas, contou o italiano. Ao crepúsculo, os campos que ladeavam a estrada eram como planícies desoladas, um antigo cemitério, pensou Tom, apenas com, algumas tumbas e restos de outras ainda de pé. O italiano deixou-os em uma rua de Roma e despediu-se abruptamente.

— Está com pressa — disse Dickie. — Vai visitar a namorada e tem de sair antes que o marido dela chegue às onze horas. Lá está o teatro de revistas que eu estava procurando. Venha.

Compraram entradas para o espetáculo. Faltava ainda uma hora para começar e foram à Via Veneto, sentaram-se a uma mesa na calçada e pediram sanduíches americanos. Dickie não conhecia ninguém em Roma, Tom observou, pelo menos nenhum dos passantes, e os dois ficaram a contemplar as centenas de italianos e

americanos que passavam pela calçada. Tom entendeu muito pouco do espetáculo de revista, embora tenha se esforçado ao máximo. Dickie propôs que saíssem antes do fim. Apanharam uma *carrozza* e rodaram pela cidade, passando por fonte após fonte, pelo Fórum e pelo Coliseu. A lua apareceu. Tom estava com um pouco de sono; a sonolência, combinada com o entusiasmo por se achar em Roma pela primeira vez, fazia-o sentir-se disposto e de bom humor. Estavam ambos sentados na *carrozza*, com um dos pés apoiado no joelho, e Tom tinha a impressão de olhar num espelho, ao ver Dickie à sua frente na mesma posição. Tinham a mesma altura e mais ou menos o mesmo peso. Dickie talvez fosse um pouco mais pesado e usavam o mesmo tamanho de roupão de banho, meias e provavelmente camisas.

Dickie chegou a dizer:

— Obrigado, Sr. Greenleaf — quando Tom pagou o homem da *carroza*. Tom teve uma sensação estranha.

À uma da manhã estavam mais alegres ainda, depois de uma garrafa e meia de vinho ao jantar. Caminharam, o braço de um sobre o ombro do outro, cantando, e ao virarem uma esquina deram um encontrão numa moça, derrubando-a. Ajudaram-na a se levantar, pedindo desculpas, e ofereceram-se para levá-la até sua casa. Ela recusou, eles insistiram, um de cada lado. Precisava apanhar um bonde, explicou a moça. Dickie não quis ouvir falar disso. Chamou um táxi. Dickie e Tom sentaram-se, comportados, nos bancos sobressalentes, os braços cruzados, como um par de escudeiros, e Dickie conversou com a moça, fazendo-a rir. Tom entendia quase tudo o que Dickie falava. Ajudaram a moça a descer numa rua estreita que lembrava Nápoles e ela disse "*Grazie tante*", apertou as

mãos dos dois, desaparecendo por uma porta completamente escura.

— Ouviu o que ela disse? — perguntou Dickie. — Que somos os americanos mais gentis que já conheceu!

— Sabe o que a maioria dos americanos comuns teria feito numa situação dessas? Teriam violentado a moça! — disse Tom.

— E agora, onde estamos? — perguntou Dickie, girando o corpo numa volta completa.

Nenhum dos dois fazia a mínima idéia de onde se encontravam. Andaram vários quarteirões sem encontrar uma indicação ou um nome de rua que fosse familiar. Urinaram contra uma parede e continuaram a andar a esmo.

— Quando amanhecer, veremos onde estamos — disse Dickie alegremente. Consultou o relógio. — Só duas horas mais.

— Bom.

— Valeu a pena levar uma boa moça para casa, não acha? — perguntou Dickie, cambaleando um pouco.

— Claro que sim. Gosto de moças — respondeu Tom. — Mas ainda bem que Marge não está aqui. Não teríamos levado a moça até em casa se ela estivesse conosco.

— Oh, não sei — disse Dickie, pensativo, olhando para os pés que se moviam em passos incertos. — Marge não é...

— Só queria dizer que, se estivesse aqui, estaríamos procurando um hotel para passar a noite. Provavelmente estaríamos no maldito hotel. Não estaríamos conhecendo metade de Roma!

— Tem razão! — Dickie passou um braço pelo ombro de Tom.

Dickie sacudiu o ombro de Tom com força. Tom tentou se livrar

do braço e segurar a mão do outro.

— Dickie-e! — Tom abriu os olhos e deu de cara com um policial.

Tom sentou-se. Estava num parque. Era de madrugada. Dickie, sentado na relva ao seu lado, falava calmamente com o policial em italiano. Tom procurou seu talão de cheques. Ainda estava no bolso.

— *Passaporti!* — voltou o policial ao ataque, e mais uma vez Dickie começou a explicar calmamente.

Tom sabia exatamente o que Dickie dizia. Que eram americanos e não estavam com os passaportes porque tinham saído para um pequeno passeio para ver as estrelas. Tom sentiu vontade de rir. Ficou de pé, cambaleante, e limpou a poeira da roupa. Dickie ergueu-se também, e começaram a caminhar, embora o policial continuasse a gritar com eles. Dickie respondeu em italiano, num tom de voz delicado, explicando mais alguma coisa. Pelo menos ele não os seguia.

— Nossa aparência não é das melhores — disse Dickie.

Tom concordou. Havia um rasgão no joelho da sua calça. Provavelmente tinha caído. As roupas dos dois estavam amarrotadas e manchadas de relva, sujas de poeira e suor, e agora tremiam de frio. Entraram no primeiro boteco que apareceu e tomaram café com leite e pães doces, e depois várias doses de diversos tipos de conhaque italiano de gosto horrível, mas que os aqueceram. Então, começaram a rir. Ainda estavam bêbados.

Às onze horas estavam em Nápoles, a tempo de apanhar o ônibus para Mongibello. Era maravilhoso pensar em voltar a Roma bem vestidos para ir a todos os museus, e era maravilhoso pensar em deitar-se na praia, em Mongibello, nessa mesma tarde, aquecendo-se

ao sol. Mas não foram à praia. Tomaram banho de chuveiro na casa de Dickie e, cada um na sua cama, dormiram até Marge acordá-los mais ou menos às quatro horas. Marge estava aborrecida porque Dickie não telegrafara, avisando que passariam a noite em Roma.

— Não que me importe onde você passa a noite, mas pensei que estivessem em Nápoles, e lá qualquer coisa pode acontecer.

— Oh... — disse Dickie com voz arrastada, olhando para Tom. Preparava *bloody marys* para os três.

Tom conservou a boca fechada, como que guardando um segredo. Não contaria a Marge o que tinham feito. Que imaginasse o que bem entendesse. Dickie deixara mais do que claro que tinham se divertido muito. Tom notou que ela observava Dickie, reprovando a ressaca, a barba por fazer e a bebida que tomava agora. Havia alguma coisa nos olhos de Marge, quando ficava séria, que a fazia parecer sensata e mais velha, apesar das roupas ingênuas que usava, do cabelo solto e do jeito de boa bandeirante. Agora, parecia a mãe ou a irmã mais velha dos dois — com a antiga aversão feminina pelas brincadeiras destrutivas dos meninos e dos homens. Ora, ora! Ou estaria com ciúmes? Aparentemente, sabia que Dickie se tornara mais íntimo dele em vinte e quatro horas, só porque Tom era outro homem, do que jamais seria com ela, amando-a ou não — e ele não a amava. Contudo, depois de alguns minutos, ela se descontraíu e a censura desapareceu dos seus olhos. Dickie deixou os dois no terraço. Tom perguntou-lhe sobre o livro que estava escrevendo. Era sobre Mongibello, explicou Marge, com fotografias que ela mesma tirara. Contou que era de Ohio e mostrou uma fotografia da casa de sua família, que estava na sua bolsa. Era uma casa muito simples, mas era o seu lar, disse Marge, sorrindo. Ouvindo-a, Tom divertia-se,

pensando que sua dicção, pronúncia e escolha de palavras eram abomináveis. Tentou ser agradável ao máximo com ela. Achava que podia se dar esse luxo. Acompanhou-a até o portão e despediram-se amistosamente, mas nenhum dos dois disse nada sobre se encontrarem mais tarde ou no dia seguinte. Não havia dúvida: Marge estava um pouco zangada com Dickie.

## 10

Durante três ou quatro dias viram Marge só na praia, e ela mostrava-se fria com os dois. Sorria e falava tanto quanto antes, talvez mais, só que se notava uma certa cerimônia, que criava a atmosfera de frieza. Tom notou que Dickie estava preocupado, embora não o bastante para procurar se entender com Marge a sós, aparentemente, pois não estivera a sós com ela desde que Tom se mudara para sua casa. Tom, ao contrário, estivera com Dickie o tempo todo.

Finalmente, para provar que compreendia a situação, Tom disse a Dickie que Marge estava agindo de modo estranho.

— Oh, ela tem suas venetas — respondeu Dickie. — Talvez esteja trabalhando muito. Não gosta de ver gente quando está inspirada para o trabalho.

O relacionamento Dickie-Marge, evidentemente, era apenas o que ele imaginara a princípio, pensava Tom, Marge gostava muito mais de Dickie do que ele dela.

Tom, pelo menos, divertia Dickie. Tinha inúmeras histórias engraçadas para contar sobre as pessoas que conhecia em Nova York, algumas verdadeiras, outras inventadas. Velejavam todos os dias no barco de Dickie. Não falaram sobre a partida de Tom. Sem dúvida, Dickie gostava da companhia. Tom procurava não perturbar quando Dickie pintava, e mostrava-se sempre pronto a deixar o que fazia para acompanhar Dickie a um passeio ou no barco, ou simplesmente sentar e conversar. Dickie parecia satisfeito com o fato de Tom levar

a sério o estudo de italiano. Passava umas duas horas por dia com a gramática e os livros de conversação.

Tom escreveu a Greenleaf dizendo que agora morava com Dickie, por alguns dias, e que este falara em pegar um avião para os Estados Unidos, para passar algum tempo, e que provavelmente Tom seria então capaz de convencê-lo a se demorar mais por lá. A carta soava muito melhor do que a primeira, onde dizia estar num hotel em Mongibello. Contou também que, quando o dinheiro acabasse, pretendia arranjar um emprego, talvez num dos hotéis da vila, observação casual que servia a dois propósitos: lembrar a Greenleaf que o dinheiro podia acabar e que era um jovem disposto a dar duro para ganhar a vida. Tom queria que Dickie tivesse a mesma impressão; deu-lhe portanto a carta para ler, antes de colocá-la no correio.

Passou-se mais uma semana de tempo maravilhoso, dias preguiçosos e perfeitos, nos quais o maior esforço físico que Tom fazia era subir os degraus de pedra quando voltavam da praia, todas as tardes, e o maior trabalho mental consistia em conversar em italiano com Fausto, o rapaz de vinte e três anos que Dickie encontrara na vila e contratara para dar aulas de italiano a Tom três vezes por semana.

Certo dia foram a Capri no barco a vela. Capri não podia ser avistada de Mongibello. Tom estava excitado com o passeio, mas Dickie, num dos seus maus dias, recusava-se a mostrar entusiasmo por qualquer coisa. Discutiu com o encarregado do ancoradouro onde guardava o *Pipistrello*. Não quis caminhar pelas maravilhosas vielas que saíam da praça em todas as direções. Sentaram-se à mesa de um café e beberam umas duas doses de Fernet-Bianca, e Dickie

quis voltar antes que escurecesse, embora Tom se dispusesse a pagar o hotel para os dois, se Dickie concordasse em passar a noite ali. Tom supunha que provavelmente voltariam a Capri; portanto era como se não existisse esse dia, e tentou esquecê-lo.

Uma carta de Greenleaf, que devia ter cruzado com a de Tom, reiterava os argumentos para convencer Dickie de que devia voltar para casa, desejava sucesso a Tom e pedia uma resposta imediata sobre os resultados da sua missão. Mais uma vez, Tom respondeu obedientemente. A carta de Greenleaf era tão chocantemente comercial — como se verificasse o embarque de peças para sua indústria, pensou Tom — que achou fácil responder no mesmo tom. Estava um pouco bêbado quando redigiu a resposta, pois escrevia logo depois do almoço, e eles sempre ficavam um pouco "altos" depois do almoço, uma deliciosa sensação que podia ser eliminada com duas xícaras de café-expresso e uma pequena caminhada, ou prolongada com mais vinho, tomado devagar no correr da tarde. Tom divertiu-se ao injetar uma leve esperança na carta. Escreveu imitando o estilo de Greenleaf:

*... se não estou enganado, Richard começa a vacilar sobre sua decisão de passar outro inverno aqui. Como lhe prometi, vou fazer o possível para dissuadi-lo de passar outro inverno aqui, e com o tempo — talvez até o Natal — conseguir fazê-lo ficar definitivamente nos Estados Unidos, quando voltar.*

Tom sorriu ao escrever isso, pois ele e Dickie já falavam em um

cruzeiro pelas ilhas gregas no inverno, e Dickie desistira de tomar um avião para casa, ainda que por poucos dias, a não ser que a mãe estivesse muito doente nessa época. Falavam também em passar os meses de janeiro e fevereiro, os piores, em Mongibello, em Maiorca. E Tom estava certo de que Marge não iria com eles. Os dois sempre excluíaM Marge quando faziam seus planos de viagem, embora Dickie tivesse cometido o erro de contar a ela que fariam um cruzeiro qualquer no inverno. Dickie era incrivelmente franco em tantas coisas! E agora, embora Tom soubesse que ele ainda estava decidido a fazer o cruzeiro, Dickie parecia mais atencioso para com Marge, só porque compreendia que ela ia se sentir muito só em Mongibello, e que era maldade deles não a convidarem. Dickie e Tom tentaram compensar isso, dizendo que viajariam do modo mais barato e pior possível pela Grécia, em barcos de transporte de gado, dormindo com camponeses no convés, e tudo o mais, coisa nada confortável para uma moça. Marge ainda parecia tristonha, e Dickie, como para consolá-la, convidava-a freqüentemente para almoçar e jantar em sua casa. Às vezes, quando andavam pela praia, Dickie segurava a mão de Marge, mas nem sempre ela permitia que a retivesse por muito tempo. Retirava a mão depois de alguns instantes, como se — pensava Tom — estivesse morta de vontade de que Dickie a segurasse.

Quando a chamaram para ir com eles a Herculano, recusou.

— Acho que vou ficar em casa. Divirtam-se vocês dois — disse, tentando sorrir despreocupada.

— Bem, se ela não quer, não quer — disse Tom para Dickie, entrando em casa diplomaticamente, para que os dois pudessem resolver a sós na varanda.

Tom sentou-se no largo parapeito da janela do estúdio de Dickie e olhou para o mar, os braços queimados de sol cruzados sobre o peito. Gostava de olhar o Mediterrâneo azul e imaginar a si e a Dickie navegando para onde bem entendessem. Tânger, Sofia, Cairo, Sebastopol... Quando o dinheiro acabasse, Tom pensava, Dickie provavelmente já estaria gostando tanto dele e tão acostumado à sua companhia que naturalmente continuariam a morar juntos. Os dois podiam muito bem viver com a renda de quinhentos dólares que Dickie recebia por mês. Podia perceber a voz de Dickie, no terraço, com um leve tom de súplica, e as respostas monossilábicas de Marge. Então ouviu o portão se fechando. Marge fora embora. Viera para almoçar com eles. Tom saltou rapidamente do parapeito da janela e foi para o terraço.

— Ficou zangada com alguma coisa? — perguntou.

— Não. Está se sentindo abandonada, creio.

— Mas temos tentado incluí-la nos nossos programas.

— Não é só isso — Dickie caminhava de lá para cá, lentamente. — Disse agora que não quer nem ir a Cortina comigo.

— Ora, talvez mude de idéia sobre Cortina antes de dezembro.

— Duvido muito — replicou Dickie.

Tom pensou que era porque ele também ia a Cortina. Dickie convidara-o na semana anterior. Quando voltaram da viagem a Roma, Freddie Miles já tinha ido embora. Teve de ir a Londres, de repente, Marge contou. Mas Dickie disse que escreveria a Freddie comunicando que levaria um amigo.

— Quer que eu vá embora, Dickie? — perguntou Tom, certo de que ele não queria. — Acho que estou me intrometendo entre você e

Marge.

— Claro que não! Se intrometendo em quê?

— Bem, é a opinião dela.

— Não. O caso é que eu devo algumas coisas a ela. E não tenho sido muito delicado com ela ultimamente. *Nós* não temos.

Tom sabia o que ele queria dizer. Dickie e Marge haviam feito companhia um ao outro durante o longo inverno, quando eram os únicos americanos na cidade, e ele não devia ignorá-la agora só porque tinha a companhia de outra pessoa.

— E se eu falar com ela sobre Cortina? — sugeriu Tom.

— Aí é que ela não vai mesmo — respondeu Dickie asperamente. E foi para dentro de casa.

Tom ouviu-o dizer a Ermelinda que não servisse o almoço, pois ainda não queria comer. Embora falasse italiano, Tom compreendeu que Dickie dissera *eu* ainda não estou com vontade de comer, com o tom de dono da casa. Dickie voltou ao terraço; protegia o isqueiro com a mão, tentando acender o cigarro. O isqueiro de prata de Dickie era muito bonito, mas não funcionava à menor brisa. Afinal, Tom tirou o seu, de chama enorme, tão feio e eficiente quanto uma peça de equipamento militar, e acendeu o cigarro de Dickie. Conteve-se para não propor que tomassem alguma coisa: não era sua casa, embora tivesse comprado três garrafas de Gilbey's que estavam na cozinha.

— São mais de duas horas — disse Tom. — Quer andar um pouco e passar pelo Correio? — Às vezes Luigi abria o Correio às duas e meia, às vezes às quatro, nunca se sabia.

Desceram a encosta em silêncio. Tom imaginava o que Marge

teria dito a seu respeito. O sentimento de culpa, como um peso incômodo, fazia com que o suor brotasse da sua testa ;uma sensação amorfa, mas muito forte, de culpa, como se Marge tivesse contado a Dickie que Tom roubara alguma coisa ou fizera algo vergonhoso. Dickie não agia assim só porque Marge se mostrava fria e distante, pensava Tom. Dickie caminhava com seu passo descontraído, descendo a colina, os joelhos ossudos lançando-se para a frente, um passo que Tom inconscientemente adotara. Só que agora o queixo de Dickie estava encostado no peito e as mãos enfiadas nos bolsos do *short*. Quebrou o silêncio apenas para cumprimentar Luigi e agradecer a entrega da correspondência. Não havia nada para Tom. A única carta de Dickie era de um banco de Nápoles, um pequeno formulário no qual Tom pôde ver escrito a máquina: \$500,00. Dickie pôs o papel no bolso descuidadamente e jogou o envelope dentro de um balde de lixo. A comunicação de que o dinheiro de Dickie chegara, pensou Tom. Dickie dissera que era enviado para um banco de Nápoles. Continuaram a descer a colina, e Tom pensou que iam andar pela estrada principal até onde esta fazia uma curva, no rochedo, no outro lado da cidade, como já haviam feito antes; Dickie, porém, parou ao chegar nos degraus que levavam à casa de Marge.

— Acho que vou subir para ver Marge — disse. — Não vou demorar, mas não precisa ficar esperando.

— Está bem — disse Tom, sentindo-se subitamente desapontado. Ficou olhando enquanto Dickie subia alguns degraus cortados no muro de pedra, voltou-se rapidamente e caminhou para casa.

Na metade da subida, parou, pensando em ir ao Giorgio tomar alguma coisa (mas os *martinis* do Giorgio eram horríveis); teve então um impulso de ir à casa de Marge e, sob o pretexto de lhe pedir

desculpas, desabafar sua raiva, surpreendendo-os e aborrecendo-os. Sentiu de repente que Dickie estava abraçando Marge, ou pelo menos tocando-a, naquele exato minuto, e teve vontade de vê-los, odiando ao mesmo tempo essa idéia. Voltou, caminhando na direção da casa de Marge. Abriu o portão e fechou-o cuidadosamente, embora a casa ficasse tão afastada que não era possível ouvir; subiu os degraus de dois em dois, diminuindo o passo no último lance da escada. Diria: "Olhe aqui, Marge, sinto muito se *eu* provoquei essa tensão toda. Convidamos você para ir conosco hoje, e queríamos que fosse. *Eu* queria que você fosse".

Tom parou ao avistar a janela da casa: Dickie abraçava a cintura de Marge. Dickie a beijava, beijos rápidos e seguidos, no rosto, sorrindo para ela. Achavam-se apenas a uns três metros de Tom, na sala bem mais escura do que onde ele estava, em pleno sol; teve de fazer um esforço para ver. Agora, o rosto de Marge se erguia para o de Dickie, como se ela estivesse em êxtase, e o que repugnava Tom era a certeza de que Dickie não desejava nada daquilo, que só usava esse meio vulgar e óbvio para conservar a amizade dela. O que mais o repugnava era o volume das nádegas dela, sob a saia rodada, sob o braço de Dickie. E Dickie! Tom realmente não podia acreditar que Dickie estivesse fazendo aquilo!

Voltou-se e desceu os degraus correndo, com vontade de gritar. Bateu o portão, ao sair. Correu até em casa e chegou ofegante, apoiando-se no parapeito, depois de entrar. Sentou-se no sofá, no estúdio de Dickie, por alguns momentos, a mente confusa e chocada. Aquele beijo...

Não parecia um primeiro beijo. Caminhou até o cavalete no meio da sala, conscientemente evitando olhar para a pintura horrível que

se achava apoiada nele, apanhou a massa usada para apagar, que estava na palheta, atirou-a violentamente pela janela, e viu-a fazer um arco e desaparecer na direção do mar. Apanhou mais apagadores da mesa de Dickie, canetas, espátulas, carvão, tocos de pastel, e atirou-os nos cantos da sala ou pela janela. Tinha a sensação estranha de que seu cérebro permanecia calmo e racional, enquanto o corpo estava fora de controle. Correu para o terraço, pensando em subir no parapeito e dar uns passos de dança ou ficar de cabeça para baixo, mas o imenso vazio do outro lado o fez desistir da idéia.

Passou para o quarto de Dickie e ficou andando de lá para cá por alguns momentos, as mãos enfiadas nos bolsos. Imaginava quando Dickie voltaria. Ou será que demoraria a tarde toda com Marge, dormindo com ela? Abriu a porta do armário de Dickie violentamente e olhou dentro. Descobriu um terno cinzento recém-passado, com aparência de novo, que nunca vira Dickie usar. Tirou suas bermudas e vestiu a calça de flanela cinza. Calçou um par de sapatos de Dickie. Em seguida, abriu a última gaveta da cômoda e apanhou uma camisa limpa listrada de branco e azul.

Escolheu uma gravata de seda azul-escura e deu o nó com cuidado. O terno servia muito bem. Mudou o repartido do cabelo um pouco mais para o lado, do mesmo modo que Dickie.

— Marge, precisa compreender que eu não *amo* você — disse Tom para o espelho, imitando a voz de Dickie. a elevação do tom nas palavras mais enfáticas, o pequeno ruído na garganta no fim das frases, que podia ser agradável ou não, íntimo ou frio, conforme o estado de espírito de Dickie.

— Marge, pare com isso! — Tom voltou-se rapidamente, estendendo a mão no ar, como se agarrasse a garganta da moça.

Sacudiu-a, torceu-a, enquanto ela caía, caía, até deixá-la inanimada no chão. Ele ofegava. Passou a mão pela testa, do mesmo modo que Dickie, procurou um lenço e, não achando, tirou um da gaveta de cima da cômoda e voltou para o espelho. Até os lábios entreabertos pareciam os de Dickie quando ficava sem fôlego depois de nadar, um pouco repuxados sobre os dentes.

— Sabe por que tive de fazer isso — disse, ainda ofegante, dirigindo-se a Marge, embora continuasse olhando para a própria imagem no espelho. — Você estava interferindo entre Tom e eu... Não, não é isso! Mas existe uma ligação entre nós dois!

Voltou-se, ergueu a perna para não pisar no corpo imaginário e foi sorrateiramente até a janela. Para além da curva da estrada, avistava vagamente os degraus que levavam à casa de Marge. Dickie não se achava na escada ou em qualquer parte da estrada. Talvez estivessem na cama, juntos, pensou Tom com um aperto mais forte na garganta, uma sensação de repulsa. Imaginou a intimidade dos dois como desajeitada, inexperiente e insatisfatória para Dickie e perfeita para Marge. Ela gostaria, mesmo que Dickie a torturasse! Foi apressadamente até o armário, outra vez, e apanhou um chapéu da prateleira superior. Era um chapéu tirolês verde com uma larga fita verde e vermelha. Colocou-o meio de lado na cabeça. Surpreendeu-se com a semelhança: era igualzinho a Dickie, com a cabeça assim coberta. Na verdade, só o cabelo escuro era diferente. Quanto ao resto, o nariz — pelo menos a forma dele —, o queixo estreito, as sobrancelhas, se as conservasse assim retas...

— O que é que você está fazendo?

Tom girou o corpo rapidamente. Dickie estava na porta. Tom compreendeu que ele devia estar no portão quando olhou pela janela.

— Oh, só me distraíndo — disse Tom com a voz profunda que usava sempre que ficava embaraçado. — Sinto muito, Dickie.

A boca de Dickie abriu-se um pouco e tornou a se fechar, como se a raiva tornasse as palavras espessas demais para serem pronunciadas. Entrou no quarto.

— Dickie, sinto muito se isso...

A batida violenta da porta o interrompeu. Dickie começou a desabotoar a camisa, a testa franzida, como se Tom não estivesse presente, pois aquele era o seu quarto — o que Tom estava fazendo ali? Tom ficou petrificado de medo.

— Gostaria que tirasse as minhas roupas — disse Dickie.

Tom começou a se despir, os dedos trêmulos de mortificação, chocado, porque até aquele momento Dickie sempre oferecera suas roupas. Agora, nunca mais faria isso.

Dickie olhou para os pés de Tom:

— Sapatos também? Você está louco?

— Não. — Tom tentou controlar-se enquanto pendurava o terno no cabide; então perguntou: — Fez as pazes com Marge?

— Marge e eu estamos muito bem — Dickie respondeu secamente, excluindo Tom da convivência dos dois. — Quero dizer outra coisa, e quero que fique bem claro — falou, olhando para Tom. — Eu não sou bicha. Não sei o que você pensa a esse respeito.

— Bicha? — Tom sorriu amarelo. — Nunca pensei que você fosse bicha.

Dickie começou a dizer mais alguma coisa, mas não continuou. Endireitou o corpo, as costelas aparecendo no peito queimado:

— Bem, Marge pensa que você é.

— Por quê? — Tom sentiu o sangue desaparecer do seu rosto. Tirou o segundo pé do sapato lentamente e guardou o par no armário. — Por que ela ia pensar uma coisa dessas? O que foi que eu fiz? — Sentia como se fosse desmaiar. Ninguém nunca lhe dissera isso assim diretamente, não daquele modo.

— É o seu jeito — Dickie respondeu em tom de resmungo e saiu do quarto.

Tom vestiu apressadamente as bermudas. Ficara meio escondido de Dickie atrás da porta do armário, embora estivesse de cuecas. Pensava: só porque Dickie gostava dele, Marge fizera essa acusação suja. E Dickie não tivera coragem de enfrentá-la e negar tudo!

Desceu e encontrou Dickie preparando uma batida no bar do terraço.

— Dickie, quero que tudo fique claro — começou Tom. — Também não sou bicha, e não quero que ninguém pense isso de mim.

— Está bem — resmungou Dickie.

O tom o fez lembrar das respostas de Dickie quando lhe perguntara se conhecia esta ou aquela pessoa em Nova York. É verdade que algumas dessas pessoas eram homossexuais, e muitas vezes pensara que Dickie negara conhecê-las deliberadamente, quando na verdade as conhecia bastante. Muito bem! Quem estava criando caso, afinal? Dickie, naturalmente. Tom hesitou, enquanto sua mente se debatia num emaranhado de coisas que poderia dizer, coisas amargas, palavras conciliadoras, de agradecimento, ou de hostilidade. Lembrou-se de certo grupo de pessoas que conhecera em Nova York, que acabara por abandonar e que agora se arrependia de

ter conhecido. Aquelas pessoas o aceitavam só porque as divertia, mas *ele* nunca tivera nada a ver com elas! Quando lhe fizeram propostas, Tom as rejeitara — lembrava-se de como tentara conquistar as boas graças delas, mais tarde, trazendo gelo para suas bebidas, desviando-se do seu caminho para deixá-las em casa, de táxi, pois temia que passassem a não gostar dele. Fora um idiota! Lembrava-se também do momento de suprema humilhação em que Vic Simmons falara: "*Oh, pelo amor de Deus, Tommie, cale essa boca*" quando Tom repetia para um grupo a frase que já dissera três ou quatro vezes na presença de Vic: "Não consigo me decidir se gosto de homens ou de mulheres, portanto estou pensando em desistir dos *dois*". Tom costumava mentir que fazia análise, já que todo mundo fazia, e inventava histórias engraçadíssimas sobre as sessões com o analista, para divertir as pessoas nas festas, e a frase sobre desistir de homens e de mulheres sempre provocava boas risadas, especialmente por causa do modo como ele a dizia, até Vic mandar que ele calasse a boca, pelo amor de Deus, e depois disso Tom nunca mais a repetiu, deixando também de mencionar o analista. Na realidade, pensava, havia muita verdade nessa frase. Comparado com a maioria das pessoas, Tom tinha a mente mais pura que se podia imaginar. Essa era a ironia de sua situação com Dickie.

— Sinto como se estivesse... — começou Tom, mas Dickie virou para o lado com uma expressão amarga e levou sua bebida para o outro canto do terraço. Tom seguiu-o, um pouco temeroso, sem saber se Dickie ia botá-lo para fora, simplesmente voltar-se e mandar que saísse da sua casa, que fosse para o inferno. Tom perguntou em voz baixa:

— Está apaixonado por Marge, Dickie?

— Não, mas tenho pena dela. Preocupo-me com ela. Tem sido muito boa para mim. Passamos bons momentos juntos. Você parece não compreender isso.

— Compreendo. Foi o que pensei, desde o princípio, sobre vocês dois, um sentimento platônico, da sua parte, e talvez paixão da parte dela.

— Ela está apaixonada. Sabe, devemos fazer o impossível para não magoar as pessoas que nos amam.

— Naturalmente. — Hesitou outra vez, tentando escolher bem as palavras. Ainda estava trêmulo e apreensivo, embora Dickie não se mostrasse mais zangado com ele. Não ia expulsá-lo da casa. Tom disse num tom de voz mais seguro:

— Imagino que, se estivessem em Nova York, você não a veria com tanta freqüência, talvez nunca mesmo, mas neste lugar tão solitário...

— Tem toda a razão. Nunca dormi com ela e não pretendo dormir, mas quero preservar nossa amizade.

— Bem, e eu fiz alguma coisa para evitar isso? Já disse, Dickie, prefiro ir embora a provocar o fim de sua amizade com Marge.

Dickie olhou-o rapidamente:

— Não, você não fez nada especificamente, mas é óbvio que não lhe agrada a presença dela. Todas as vezes que diz alguma coisa simpática para Marge, pode-se ver que você está fazendo um esforço.

— Sinto muito — disse Tom arrependido. Sentia não ter se esforçado mais, arrependia-se por ter feito um mau trabalho quando podia se sair muito melhor.

— Bom, não se fala mais nisso. Marge e eu estamos bem — disse Dickie em tom de desafio. Voltou-se, olhando o mar.

Tom foi à cozinha para fazer um pouco de café instantâneo. Não queria usar a máquina de expresso, pois Dickie não gostava que ninguém se utilizasse dela a não ser ele próprio. Levaria o café para o quarto e estudaria um pouco de italiano, antes que Fausto chegasse, pensou. Não era o momento de fazer as pazes. Dickie tinha seu orgulho. Na certa ficaria calado o resto da tarde, e pelas cinco horas, depois de ter pintado um pouco, se mostraria como sempre, como se o episódio das roupas não tivesse acontecido. De uma coisa Tom estava certo: Dickie se sentia satisfeito com a sua presença. Estava cansado de morar sozinho, cansado de Marge também. Tom tinha ainda trezentos dólares do dinheiro que Greenleaf lhe dera; ele e Dickie usariam esse dinheiro numa viagem a Paris. Sem Marge. Dickie se admirara ao saber que Tom só vira Paris rapidamente através das janelas do trem e da estação.

Enquanto esperava a água ferver, Tom separou a comida para o almoço. Colocou alguns potes de alimentos dentro de vasilhas com água para evitar as formigas. Havia também a manteiga fresca, os dois ovos, o embrulho com quatro rosquinhas que Ermelinda comprara para o café da manhã do dia seguinte. Compravam pequenas quantidades de comida, todos os dias, porque não tinham geladeira. Dickie queria adquirir um refrigerador com o dinheiro do pai. Já falara nisso algumas vezes. Tom esperava que ele mudasse de idéia, pois isso diminuiria o dinheiro para a viagem, e Dickie tinha um orçamento certo para os quinhentos dólares que recebia por mês. De certa forma, Dickie era muito prudente com as despesas, embora no porto e nos bares da vila desse gorjetas enormes a torto e a

direito, e notas de quinhentas liras para qualquer mendigo que se aproximasse dele.

Às cinco horas Dickie estava normal outra vez. Fizera um bom trabalho durante toda a tarde, pensava Tom, porque o ouvira assobiando no estúdio. Dickie foi ao terraço onde Tom lia a gramática de italiano, e ensinou-lhe a pronúncia de algumas palavras.

— Não pronunciam sempre *voglier* com muita clareza — disse Dickie. — Eles dizem: *Io vó presentare mia amica Marge, per esempio.* — Dickie agitou as longas mãos no ar. Sempre fazia gestos com as mãos quando falava italiano, gestos graciosos, como se regesse uma orquestra num *legato*. — É melhor você ouvir mais quando o Fausto fala do que ler a sua gramática. Aprendi italiano ouvindo o povo falar nas ruas. — Dickie sorriu e desceu para o jardim. Fausto chegava ao portão.

Tom ouviu atentamente a risonha troca de palavras em italiano entre os dois, tentando compreender o que diziam.

Fausto chegou ao terraço rindo, deixou-se cair numa cadeira e apoiou os pés descalços no parapeito. Ora sorria, ora franzia a testa, e sua expressão podia mudar de um momento para o outro. Dickie dissera que era uma das poucas pessoas da vila que não falava um dos dialetos do sul. Fausto morava em Milão e passava alguns meses com uma tia em Mongibello. Vinha invariável e pontualmente três vezes por semana, entre cinco e cinco e meia; sentavam-se no terraço, tomando vinho e café, e conversavam durante uma hora. Tom tentava memorizar tudo o que Fausto lhe dizia sobre os rochedos, a água, política (Fausto era comunista, filiado ao partido, e costumava mostrar sua carteira de membro aos americanos porque

se divertia com o espanto deles), sobre a frenética e animalesca vida sexual dos habitantes da vila. Algumas vezes, Fausto tinha dificuldade em pensar num assunto para a conversa; ficava então olhando para Tom e ria. Tom fazia grandes progressos. Italiano era uma das coisas que gostava de estudar com perseverança. Queria falar tão bem quanto Dickie, e pensava que conseguiria isso com mais um mês de estudo, se continuasse a se aplicar.

## 11

Tom atravessou o terraço com passos rápidos e entrou no estúdio de Dickie.

— Quer ir para Paris dentro de um caixão? — perguntou.

— O *quê*? — Dickie ergueu os olhos do quadro que pintava.

— Andei falando com um italiano no café do Giorgio. Sairíamos de Trieste dentro de caixões de defunto, no carro bagageiro, acompanhados por alguns franceses, e ganharíamos cem mil liras cada um. Acho que é contrabando de droga.

— Droga em caixões de defunto? Não é um truque muito velho?

— Falamos em italiano, por isso não compreendi tudo, mas ele disse que serão três caixões, e talvez o terceiro leve um defunto de verdade, e colocarão a droga no defunto. De qualquer modo, faremos a viagem e ganharemos experiência. — Retirou dos bolsos os maços de cigarro Lucky Strike que comprara de um vendedor ambulante para Dickie. — O que acha?

— Acho que é uma idéia maravilhosa. Para Paris num caixão!

Dickie sorria divertido, como se fingisse acreditar na história, sem a mínima intenção de levá-la a sério.

— Estou falando sério — disse Tom. — Ele está mesmo à procura de dois homens dispostos a fazer a viagem. Oficialmente os caixões contêm os corpos de franceses mortos na Indochina. Os franceses que o acompanham são supostos parentes de um deles, ou talvez dos três. — Não fora isso exatamente o que o homem lhe dissera, mas

algo parecido. E duzentas mil libras correspondiam a mais de trezentos dólares, afinal de contas, mais do que o suficiente para uma fuga a Paris. Dickie ainda resistia à idéia de ir a Paris.

Dickie olhou-o atentamente, pôs no cinzeiro o Nazionale que estava fumando e abriu um dos maços de Lucky Strike.

— Tem certeza de que o homem com quem falou não estava drogado?

— Você anda tão cauteloso ultimamente! —, disse Tom, rindo. — Onde está a sua disposição? Parece que nem acredita em mim! Venha e eu lhe mostro o homem. Está lá à minha espera. Chama-se Carlo.

Dickie não se moveu.

— Uma pessoa com uma oferta dessas não explica todos os detalhes. Conseguiram um par de valentões para viajar de Trieste a Paris, talvez, mas isso não faz muito sentido para mim.

— Quer vir e falar com ele? Se não acredita em mim, pelo menos vá ver o homem.

— Certo — Dickie ergueu-se rapidamente. — Por cem mil libras sou até capaz de fazer o que querem. — Fechou o livro de poemas que estava sobre o sofá do estúdio, antes de seguir Tom. Marge tinha muitos livros de poesia e ultimamente Dickie os devorava.

O homem ainda estava sentado à mesa no café. Tom sorriu e cumprimentou com a cabeça.

— Alô, Carlo — disse Tom. — *Posso sedermi?*

— *Si, si* — respondeu o homem, mostrando as cadeiras ao lado da sua.

— Esse é meu amigo — disse Tom em italiano, falando devagar. — Ele quer saber se o trabalho da viagem por trem é certo. — Tom observou Carlo enquanto este estudava Dickie, e admirou-se de o olhar do homem não trair nada além de um interesse delicado, embora, num segundo, parecesse avaliar a expressão desconfiada do sorriso de Dickie, o tom da pele do rapaz, que só podia ter sido adquirido após meses ao sol, as roupas italianas bem usadas e os anéis americanos.

Um sorriso assomou lentamente nos lábios pálidos e grossos e olhou para Tom.

— *Allora?* — perguntou Tom, impaciente.

O homem apanhou o copo de *martini* doce e bebeu.

— O trabalho é certo, mas não creio que seu amigo seja o homem de que precisamos.

Tom olhou para Dickie que observava o outro atentamente, com o mesmo sorriso neutro que de repente lhe pareceu de desprezo.

— Bem, pelo menos é verdade, você vê! — disse para Dickie.

— Hum — fez Dickie, sem tirar os olhos do homem, como se este fosse um tipo de animal interessante que podia matar quando quisesse.

Dickie podia ter falado em italiano com o homem. Mas não disse uma palavra. Três semanas antes, pensava Tom, Dickie teria aceito a oferta. Será que precisava ficar ali parecendo um delator ou um detetive da polícia esperando reforços para prender o homem?

— Bem — disse Tom, afinal —, você acredita em mim, não acredita?

Dickie olhou rapidamente para ele:

— Sobre o trabalho? Como você quer que eu saiba? Tom olhou para o italiano com expressão de expectativa.

O homem ergueu os ombros.

— Não vale a pena discutir, não acha? — disse este.

— Não — respondeu Tom. Uma fúria louca e desgovernada ferveu-lhe o sangue e sentiu-se tremer. Estava furioso com Dickie. Este olhava as unhas sujas do homem, o colarinho enegrecido, o rosto feio e queimado de sol, recém-barbeado mas não lavado, de modo que onde houvera barba a pele era mais clara do que no resto. Mas os olhos do italiano estavam calmos e amistosos, o olhar mais firme do que o de Dickie. Tom sentiu-se sufocado. Sabia que não era capaz de se expressar em italiano. Queria falar com Dickie e com o homem ao mesmo tempo.

— *Niente, grazie, Berto* — disse Dickie calmamente ao garçom que se aproximara da mesa perguntando o que iam tomar. Dickie olhou para Tom:

— Está pronto para ir embora?

Tom ergueu-se tão rapidamente que derrubou a cadeira. Apanhou-a do chão, inclinou a cabeça despedindo-se do italiano. Sentiu que devia uma desculpa ao homem, mas não conseguia abrir a boca nem mesmo para dizer até logo. O italiano também inclinou a cabeça e sorriu. Tom seguiu Dickie para fora do bar.

Quando saíram, Tom disse:

— Só queria que visse que era verdade, pelo menos. Espero que esteja convencido.

— Certo, é verdade — respondeu Dickie com um sorriso. — O que há com você?

— O que há com *você*? — perguntou de volta Tom.

— O homem é um vigarista. É isso que quer que eu admita? Está bem!

— Tinha de agir com toda essa maldita superioridade? Ele fez alguma coisa contra você?

— Queria que me ajoelhasse na frente dele? Já vi vigaristas antes. Essa *villa* está cheia deles. — Dickie franziu as sobrancelhas louras. — Que diabo está acontecendo com você? Quer aceitar essa proposta maluca? Pois então aceite!

— Nem que quisesse não podia agora. Não depois do jeito que você se portou.

Dickie parou no meio da estrada, olhando para ele. Falavam tão alto que algumas pessoas se viravam para os dois, observando-os.

— Podia ser divertido — disse Tom —, mas não do jeito como você interpretou as coisas. Há um mês, quando fomos a Roma, você teria achado a aventura engraçada.

— Oh, não — disse Dickie, sacudindo a cabeça. — Duvido muito.

A frustração e a incapacidade de se expressar eram uma agonia para Tom. E o fato de serem observados. Fez um esforço para continuar andando, a princípio com passos tensos e curtos, até ter certeza de que Dickie o seguia. O rosto de Dickie mostrava ainda o espanto e a suspeita, e Tom sabia que ele estava intrigado com a sua reação. Queria explicar, queria chegar até o íntimo de Dickie para que este compreendesse, e tudo voltasse a ser como antes. Um mês antes Dickie tinha os mesmos pontos de vista dele.

— Foi o modo como você agiu — disse Tom. — Não precisava fazer aquilo. O homem não lhe fez nenhum mal.

— Ele parecia um vigarista sujo! — retrucou Dickie. — Pelo amor de Deus, volte para lá se gostou tanto dele. Não é obrigado a fazer só o que eu faço!

Tom parou. Teve um impulso de voltar, não necessariamente para o italiano, mas um impulso de deixar Dickie. Os ombros doloridos relaxaram-se e começou a respirar rapidamente pela boca. Queria pelo menos dizer "Está bem, Dickie" para fazer as pazes, para Dickie esquecer o incidente. Mas não conseguia falar. Olhou os olhos azuis de Dickie, a testa ainda franzida, as sobrancelhas queimadas de sol, quase brancas, e o olhar brilhante e vazio, nada mais do que dois pedaços de geléia azul com um ponto preto, sem sentido, sem relação alguma com Tom. Dizem que se pode ver a alma através dos olhos, o amor, que os olhos são as verdadeiras janelas da alma, mas nos olhos de Dickie, Tom via apenas o que teria visto se olhasse para a dura superfície de um espelho. Sentiu um aperto doloroso no coração e cobriu o rosto com as mãos. Era como se tivessem subitamente roubado Dickie dele. Não eram amigos. Não se conheciam. Compreendeu a terrível verdade, o que sempre fora verdade em relação a todas as pessoas que conhecera no passado e às que viesse a conhecer no futuro: cada uma estaria assim parada à sua frente e ele saberia que não as conhecia, e o pior é que sempre haveria a ilusão passageira de conhecê-las e de que combinavam perfeitamente e eram iguais. Por um momento o choque dessa verdade pareceu-lhe insuportável. Sentia-se a ponto de ter um acesso qualquer e cair ao chão. Era demais: a estranheza de tudo que o rodeava, a língua, seu fracasso, e o fato de que Dickie o odiava. Estava imerso em um

mundo estranho e hostil. Sentiu que Dickie procurava tirar suas mãos do rosto.

— O que há com você? — perguntou Dickie. — Aquele sujeito lhe deu alguma injeção?

— Não.

— Tem certeza? Pôs alguma coisa na sua bebida?

— Não. — Os primeiros pingos de chuva caíram sobre sua cabeça. O ruído do trovão. Hostilidade dos céus, também. — Quero morrer — disse Tom com voz fraca.

Dickie puxou-o pelo braço. Tom tropeçou no degrau de uma porta. Estavam em um pequeno bar em frente ao Correio. Tom ouviu Dickie pedindo conhaque, especificando que queria conhaque italiano, naturalmente porque Tom não merecia o francês. Tomou a bebida adocicada, com gosto de remédio. Tomou três doses, como se fosse uma poção mágica que podia trazer sua mente para aquilo que geralmente chamava de realidade: o cheiro do cigarro Nazionale na mão de Dickie, a aspereza da madeira da mesa do bar sob sua mão, o fato de que sentia um aperto no estômago, como se alguém comprimisse sua barriga, a antecipação vivida da longa subida até a casa, a leve dor que sentia nas pernas, por causa do esforço.

— Estou bem — disse com voz fraca. — Não sei o que aconteceu. Talvez o calor tenha me atacado por um minuto. — Riu. Esta era a realidade, rir de tudo o que acontecera, fazendo com que parecesse uma tolice algo mais importante do que tudo o que acontecera desde que conhecera Dickie, talvez a coisa mais importante que já acontecera na sua vida.

Dickie não falou nada, apenas pôs o cigarro na boca e, apanhando

algumas notas de cem liras da sua carteira preta de crocodilo, colocou-as sobre o balcão do bar. Tom sentiu-se ofendido com esse silêncio, ferido como uma criança que esteve doente, que talvez tenha dado trabalho, mas que espera pelo menos uma palavra amiga quando a doença acaba. Dickie, porém, continuava indiferente. Comprara o conhaque com a mesma frieza com que o faria para um estranho que estivesse passando mal e sem dinheiro. Tom pensou de repente, *Dickie não quer que eu vá a Cortina*. Não era a primeira vez que pensava isso. Agora, Marge ia a Cortina. Ela e Dickie tinham comprado uma garrafa térmica de tamanho gigante para levar a Cortina, na última vez que tinham ido a Nápoles. Não lhe tinham perguntado se gostava da garrafa, ou qualquer coisa assim. Estavam simplesmente, aos poucos e com a maior calma, deixando-o de fora de todos os preparativos. Tom sentia que, na verdade, Dickie esperava que ele fosse embora antes da viagem a Cortina. Há umas duas semanas Dickie dissera que lhe mostraria algumas pistas de esqui para principiantes, marcadas num mapa de Cortina. Certa noite, depois disso, Dickie consultara o mapa, mas não dissera nada para Tom.

— Está pronto? — perguntou Dickie.

Tom seguiu-o para fora do bar, como um cão.

— Se acha que pode ir sozinho para casa, vou dar um pulo na casa de Marge — disse Dickie quando chegaram à estrada.

— Estou ótimo — respondeu Tom.

— Bom. — E então, já caminhando, voltou a cabeça e disse: — Quer apanhar a correspondência? Posso me esquecer, quando voltar.

Tom fez que sim com a cabeça. Foi ao Correio. Havia duas cartas.

Uma para Tom, do pai de Dickie. Outra para Dickie, de alguém que Tom não conhecia, de Nova York. Parou na porta do Correio e abriu a carta de Greenleaf, desdobrando respeitosamente a folha datilografada. Era o papel com o timbre verde claro de Burke-Greenleaf Watercraft, Inc., com a marca da companhia ao centro, um timão de barco.

*10 de novembro de 19...*

*Meu caro Tom*

*Uma vez que você está com Dickie há mais de um mês e ele não se mostra mais decidido a voltar para casa do que se mostrava antes da sua chegada, só posso concluir que você não teve sucesso. Compreendendo que, com a melhor das intenções, você escreveu dizendo que ele estava pensando em voltar, mas francamente não vejo o menor sinal disso na carta que Dickie me escreveu do dia 26 de outubro. Na verdade, parece mais do que nunca decidido a ficar onde está.*

*Quero que saiba que eu e minha mulher apreciamos realmente os esforços que fez para nos ajudar e para ajudar Dickie. Não precisa mais considerar-se obrigado a mim de modo nenhum. Espero que não tenha se prejudicado com essa viagem de um mês e que tenha tido algum prazer com a mesma, apesar do fracasso em alcançar o objetivo.*

*Minha mulher e eu agradecemos e o cumprimentamos.*

*Sinceramente*

*H. R. Greenleaf.*

Era o golpe final. Com o tom indiferente — mais frio do que o estilo comercial, porque o despedia e adicionava uma nota de agradecimento cortês nesse gesto — Greenleaf simplesmente o eliminava. "Espero que não tenha se prejudicado com essa viagem..." Não era uma ironia? Greenleaf nem mesmo dizia que teria prazer em vê-lo quando voltasse à América.

Tom subiu a colina com movimentos automáticos. Imaginava Dickie na casa de Marge agora, contando a história de Carlo no bar e seu comportamento estranho na estrada. Tom sabia que Marge ia dizer: "Por que não se *livra* dele, Dickie?" Devia voltar e explicar aos dois, obrigá-los a ouvi-lo? Virou-se, observando a fachada inescrutável da casa de Marge na colina, as janelas escuras e vazias. Sua jaqueta de brim estava molhada de chuva. Ergueu a gola. Então subiu rapidamente na direção da casa de Dickie. Pelo menos, pensou com orgulho, não tentara tirar mais dinheiro de Greenleaf, como poderia ter feito. Poderia ter feito, inclusive com a cooperação de Dickie, se lhe tivesse proposto isso quando ele estava de bom humor. Outra pessoa qualquer teria aproveitado a oportunidade, pensou, mas ele não o fizera, e isto valia *alguma coisa*.

Ficou de pé no canto do terraço, olhando para a linha vaga do horizonte, pensando em nada, apenas com uma sensação longínqua de estar perdido e só. Marge e Dickie pareciam dissolvidos na distância e o que porventura estivessem falando agora não era importante. Estava sozinho. Essa era a única coisa importante. Uma

sensação de medo percorreu-lhe a espinha.

Voltou-se ao ouvir o ruído do portão que se abria. Dickie caminhava para a casa, sorrindo; Tom, contudo, teve a impressão de que era um sorriso forçado, apenas de cortesia.

— O que está fazendo aí parado na chuva? — perguntou Dickie, abaixando-se para passar pela porta do *hall*.

— É refrescante — respondeu Tom amavelmente. — Aqui está uma carta para você. — Entregou-a e enfiou a de Greenleaf no bolso.

Tom pendurou a jaqueta no armário do *hall*. Quando Dickie terminou de ler a carta — que o fez rir alto — Tom disse:

— Acha que Marge gostaria de ir a Paris conosco? Dickie ergueu os olhos, surpreso:

— Acho que sim.

— Bem, convide-a então — sugeriu Tom alegremente.

— Não sei se devo ir a Paris — observou Dickie. — Gostaria de ir a algum lugar diferente, por alguns dias, mas não Paris... — Acendeu um cigarro. — Preferia ir a San Remo ou Gênova. É uma cidade e tanto.

— Mas Paris... Não se pode comparar Gênova com Paris, não é?

— Não, é claro que não, mas é muito mais perto.

— Então, *quando* vamos a Paris?

— Não sei. Qualquer dia. Paris ainda estará no mesmo lugar.

Tom escutou o eco das palavras, procurando o significado. Há dois dias Dickie recebera uma carta do pai. Lera algumas frases em voz alta, depois achara graça em alguma coisa, mas não lera a carta toda, como fazia antes.

Tom não tinha dúvida de que Greenleaf dissera que estava cheio de Tom Ripley, e provavelmente desconfiava que ele usava seu dinheiro para se divertir. Um mês atrás Dickie teria rido dessa suspeita, mas agora, pensou Tom, agora não.

— Achei que podíamos fazer a viagem a Paris enquanto ainda tenho algum dinheiro — insistiu Tom.

— Vá você, Tom. Não estou com vontade agora. Tenho de preservar minhas forças para Cortina.

— Bem... Acho que podemos ir a San Remo, então — disse Tom, tentando ser amável, embora estivesse a ponto de chorar.

— Está bem.

Tom saiu rapidamente, em direção à cozinha. O refrigerador, grande e branco, pareceu saltar do canto, para cima dele. Queria uma bebida com gelo. Mas agora não tinha vontade nem de tocar naquela coisa. Passara um dia inteiro em Nápoles, com Dickie e Marge escolhendo um refrigerador, examinando as bandejas de gelo, contando os diversos dispositivos, até não poder distinguir entre um e outro, mas Dickie e Marge estavam entusiasmados, como dois recém-casados. Tinham passado mais algumas horas num café discutindo os respectivos méritos de todos os refrigeradores vistos, antes de resolverem qual deles queriam. E agora Marge aparecia na casa de Dickie mais do que antes, porque guardava sua comida no refrigerador e volta e meia vinha apanhar gelo. Tom compreendeu por que odiava tanto o refrigerador. Significava que Dickie estava mais do que nunca instalado. Não só punha um fim nos planos do cruzeiro pelas ilhas gregas, como queria dizer que Dickie provavelmente jamais se mudaria para Paris ou Roma, como haviam

planejado durante as primeiras semanas. Não com um refrigerador que gozava da distinção de ser um entre apenas quatro ou cinco existentes na vila, com seis bandejas de gelo e tantas prateleiras na porta, que mais parecia um supermercado ambulante toda vez que era aberto.

Tom preparou uma bebida sem gelo. Estava com as mãos trêmulas. Ainda ontem Dickie perguntara: "Vai passar o Natal em casa?" casualmente, no meio da conversa, quando sabia muito bem que Tom não pretendia fazer isso. Não tinha lar e Dickie sabia disso também. Contara tudo sobre tia Dottie e sobre Boston. A pergunta fora apenas uma insinuação, na verdade. Marge fizera milhares de planos para o Natal. Tinha uma lata de pudim inglês de ameixas, que estava guardando, e ia conseguir um peru com um *contadino*. Tom podia imaginar como ela lambuzaria tudo com sua sentimentalidade piegas. Uma árvore de Natal, naturalmente, talvez feita de papelão. "*Silent Night*". *Eggnog*. Presentes horrorosos para Dickie. Marge sabia fazer tricô. Levava sempre as meias de Dickie para cerzir. E assim os dois, suave e delicadamente, o deixariam fora de suas vidas. Cada palavra amiga que lhe dissessem seria o resultado de um esforço enorme. Tom não agüentava pensar nisso. Muito bem, ia embora. Faria qualquer coisa para não ter de suportar o Natal na companhia dos dois.

## 12

Marge disse que não iria a San Remo com eles. Estava numa fase de "inspiração". Trabalhava de forma intermitente, sempre entusiasmada, embora Tom achasse que estava "atolada", como ela mesma dizia, setenta e cinco por cento do tempo, uma condição que Marge sempre anunciava com um risinho satisfeito. O livro deve ser uma droga, pensava Tom. Conhecia alguns escritores. Ninguém escreve um livro com o dedo mínimo, deitado na praia a metade do dia, imaginando o que se vai comer no jantar. Mas ficou satisfeito com esse período de "inspiração", justamente quando Dickie e ele queriam ir a San Remo.

— Ficaria muito grata se você tentasse encontrar aquela água de colônia, Dickie — disse ela. — Você sabe, a Stradivari, que não encontrei em Nápoles. Provavelmente vai encontrar em San Remo, lá tem muitas lojas de artigos franceses.

Tom imaginou os dois perdendo um dia inteiro à procura da água de colônia em San Remo, tal como tinham passado horas em Nápoles num sábado.

Levaram apenas uma valise de Dickie para ambos, pois pretendiam ficar fora só três noites e quatro dias. Dickie estava um pouco mais animado, mas Tom não conseguia afastar a sensação de que era a última viagem que fariam juntos a qualquer lugar. Para Tom, a delicadeza bem-humorada de Dickie durante a viagem de trem era como a de uma anfitriã que procura à última hora disfarçar o ódio que sente por seu convidado. Nunca em sua vida

Tom se sentira como um hóspede indesejado e aborrecido. No trem, Dickie falou sobre San Remo e a semana que passara lá com Freddie Miles ao chegar à Itália. Era um lugar pequeno, mas famoso e com comércio internacional, disse ele, e as pessoas iam da França para fazer compras lá. Ocorreu a Tom que Dickie tentava fazer com que se entusiasmasse por San Remo e resolvesse não voltar para Mongibello. Começou a sentir aversão por San Remo antes mesmo de chegarem.

Quando o trem entrava na estação, Dickie disse:

— A propósito, Tom, detesto dizer isto, e não sei se vai ficar ofendido, mas prefiro realmente ir a Cortina d'Ampezzo só com Marge. Acho que ela gostaria mais, e afinal de contas devo-lhe alguma coisa, pelo menos umas férias agradáveis. Você não parece muito entusiasmado com a idéia de esqui na neve.

Tom ficou rígido e gelado, mas tentou não mover nem um músculo. Pondo a culpa em Marge!

— Está bem — disse. — Naturalmente. — Nervoso, olhou para o mapa que tinha nas mãos, procurando desesperadamente algum lugar em San Remo aonde pudesse ir. Dickie já apanhava a valise do porta-malas.

— Não estamos muito longe de Nice, estamos? — perguntou Tom.

— Não.

— Ou de Cannes. Gostaria de conhecer Cannes, já que vim até aqui. Pelo menos Cannes é na França — ajuntou em tom de reprovação.

— Bem, acho que podemos. Trouxe seu passaporte? Sim, Tom estava com o passaporte. Tomaram um trem para Cannes e

chegaram mais ou menos às onze da noite.

Tom achou a cidade linda — a curva do porto estendia-se, com suas pequenas luzes, até as extremidades de um crescente longo e estreito, o passeio principal, muito elegante, embora de aparência tropical, paralelo à praia com as fileiras de palmeiras e de hotéis caros. França! Era mais calma do que a Itália e mais chique. Podia sentir isso, mesmo no escuro. Entraram em um hotel na rua paralela à avenida, o Gray Albion, bastante elegante mas não muito caro, disse Dickie, e Tom pensou que pagaria alegremente para hospedar-se no melhor hotel com frente para o mar. Deixaram a valise no hotel e foram ao bar do Carlton, que segundo Dickie era o mais em voga de Cannes. Como previra, não havia muita gente no bar porque nessa época do ano poucas pessoas vinham a Cannes. Tom propôs uma segunda dose de bebida, mas Dickie recusou.

Na manhã seguinte tomaram a primeira refeição em um café e depois passearam pela praia. Estavam com os trajes de banho por baixo da roupa. O dia estava frio, mas não demais para nadar. Tinham nadado em Mongibello em dias mais frios. A praia estava praticamente vazia — alguns pares isolados, um grupo de homens ocupados com algum jogo na areia. As ondas curvavam-se e vinham quebrar na areia com a violência do mar de inverno. Tom viu que o grupo de homens fazia acrobacias.

— Devem ser profissionais — disse. — Todos usam calções amarelos iguais.

Observou com interesse a formação da pirâmide humana, os pés apoiados nas cadeiras fortes, as mãos agarrando os antebraços. Podia ouvi-los gritar: "*Allez*" e "*Undeux!*"

— Olhe! — exclamou Tom. Lá vai o último! — Ficou imóvel, olhando o menor de todos, um garoto de mais ou menos dezessete anos, ser erguido para os ombros do homem do centro e acima dos outros três. O garoto ficou parado, os braços abertos como para receber os aplausos. — Bravo! — gritou Tom.

O rapaz sorriu para Tom antes de saltar, ágil como um tigre.

Tom olhou para Dickie. Este observava dois homens sentados na praia.

— "Dez mil eu vi de relance, balançando a cabeça numa dança ligeira" — Dickie citou mal-humorado.

Tom assustou-se, e então sentiu o golpe agudo da vergonha, a mesma vergonha de quando em Mongibello Dickie dissera: *Marge acha que você é*. Certo, pensou, os acrobatas são bichas. Talvez Cannes estivesse cheia delas. E daí? As mãos de Tom estavam fechadas nos bolsos da calça. Lembrou-se da provocação de tia Dottie: *Maricás! É um completo maricás. Igualzinho ao pai!* Deliberadamente Tom evitou olhar outra vez para os acrobatas, embora fossem muito mais interessantes do que o oceano.

— Vai entrar na água? — perguntou, desabotoando a camisa com gestos decididos. A água agora parecia muito fria.

— Acho que não — respondeu Dickie. — Por que não fica aqui olhando os acrobatas? Vou voltar. — Saiu andando antes que Tom pudesse responder.

Abotoou a camisa apressadamente, não perdendo Dickie de vista enquanto este caminhava em diagonal, afastando-se dos acrobatas, embora a próxima escada para a avenida estivesse duas vezes mais afastada que a que se achava perto deles. Maldito seja, pensou Tom.

Será que precisa agir com tanta superioridade e indiferença o tempo todo? Como se nunca tivesse visto uma bicha! Essa era a dificuldade com Dickie, sem dúvida. Por que não cedia, pelo menos uma vez? O que possuía que fosse tão importante perder? Algumas frases jocosas vieram-lhe à mente enquanto corria atrás de Dickie. Então, este voltou-se, olhando-o friamente, com expressão de repulsa, e a frase morreu nos lábios de Tom.

Voltaram para San Remo na mesma tarde, antes das três horas, para não pagar outra diária no hotel. Dickie resolveu que deviam sair às três horas, embora a conta tivesse sido paga por Tom, 3.430 francos, dez dólares e oito centavos, por mais uma noite. Foi Tom também quem comprou as passagens de trem para San Remo, embora Dickie estivesse cheio de francos. Trouxera sua mesada e a trocara toda por francos, calculando que sairia lucrando mais tarde ao trocar os francos por liras, devido a uma alta recente do franco.

Dickie não disse uma palavra durante a viagem. Fingindo estar com sono, cruzou os braços e fechou os olhos. Tom, sentado à sua frente, observava o rosto magro, arrogante e bonito, as mãos com o anel de pedra verde e o de sinete, de ouro. Passou pela mente de Tom a idéia de roubar o anel de pedra verde quando fosse embora. Seria fácil; Dickie costumava tirá-lo quando nadava. Às vezes tirava-o até para tomar banho de chuveiro. Faria isso no último dia, pensou. Olhou as pálpebras fechadas de Dickie. Um louco sentimento de ódio, afeição, impaciência e frustração começou a crescer dentro dele, perturbando sua respiração. Queria matar Dickie. Não era a primeira vez que pensava nisso. Antes, duas ou três vezes, fora um impulso provocado por raiva ou desapontamento, um impulso que desaparecia imediatamente, deixando-o envergonhado. Agora,

pensou em matá-lo durante um minuto inteiro, dois minutos, pois de todo jeito ia mesmo deixar Dickie, portanto por que se envergonhar? Fracassara com Dickie em todos os sentidos. Odiava Dickie porque, de qualquer forma que encarasse o que tinha acontecido, não era culpado do fracasso, não fizera nada errado. Fracassara por causa da teimosia desumana de Dickie. E de sua grosseria contundente! Oferecera-lhe amizade, camaradagem e respeito, tudo o que tinha para oferecer, e Dickie pagara com ingratidão, e agora hostilidade. Dickie o atirava para fora, para o frio. Se o matasse nessa viagem, pensou Tom, podia inventar um acidente. Podia... Teve de súbito uma idéia brilhante: podia se tornar Dickie Greenleaf. Era capaz de fazer tudo o que Dickie fazia. Voltaria a Mongibello, em primeiro lugar, para apanhar as coisas de Dickie, contar a Marge uma história qualquer, instalar-se num apartamento em Roma ou Paris, receber o cheque mensal de Dickie e falsificar a assinatura dele para descontá-lo. Podia tomar o lugar de Dickie. Teria Greenleaf, o pai, comendo da sua mão. O perigo desse plano, e mesmo a sua inevitável duração temporária, que Tom compreendia vagamente, aumentavam seu entusiasmo. Começou a planejar *como*.

A água. Dickie, porém, nadava muito bem. Os penhascos. Seria fácil empurrar Dickie de uma grande altura quando estivessem passeando, mas a idéia do outro agarrando-se nele e puxando-o para baixo fez com que ficasse tenso no banco, até as pernas doerem e as unhas fazerem marcas vermelhas nas mãos. Teria de tirar o outro anel também. Tingir seus cabelos de uma cor mais clara. Naturalmente; não ia morar onde todos conhecessem Dickie. Bastava parecer-se um pouco com ele para usar o seu passaporte. E ele parecia. Se...

Dickie abriu os olhos, encarando Tom diretamente, e este relaxou o corpo todo, encostou-se no canto do banco com a cabeça para trás e os olhos fechados, tão rapidamente como se estivesse desmaiado.

— Tom, você está bem? — perguntou Dickie, sacudindo o joelho de Tom.

— Sim, estou bem — Tom sorriu. Percebeu que Dickie recostava-se no banco com ar irritado, e sabia por quê; porque Dickie detestara ter dado atenção a ele, por menor que fosse. Tom sorriu para si mesmo, divertido com o reflexo rápido do desmaio fingido, o único meio de evitar que Dickie notasse a expressão estranha do seu rosto.

San Remo. Flores. A avenida principal ao longo da praia, lojas e turistas franceses, ingleses e italianos. Outro hotel com flores na sacada. Onde? Numa dessas pequenas ruas, à noite? A cidade estaria escura e silenciosa a uma hora da manhã, se conseguisse conservar Dickie acordado até lá. Na água? O tempo estava um pouco nublado, mas não frio. Tom procurava a solução. Seria fácil no quarto do hotel também, mas como se livraria do corpo? O corpo tinha de *desaparecer* completamente. Assim só restava a água, e a água era o elemento de Dickie. Havia barcos, barcos a remo, e pequenas lanchas a motor que podiam ser alugadas na praia. Em cada lancha, notou Tom, havia um peso redondo de cimento, atado a um cabo, para ancorar a embarcação.

— Que tal alugarmos um barco, Dickie? — perguntou Tom, tentando em vão não parecer muito entusiasmado, e Dickie olhou-o intrigado, pois Tom não demonstrara entusiasmo por coisa alguma desde que haviam chegado a San Remo.

Os barcos a motor eram azuis e brancos e verdes e brancos, uns

dez mais ou menos, enfileirados no embarcadouro de madeira, e o dono, um italiano, mostrava-se ávido por fregueses, pois a manhã estava nublada e fresca. Dickie olhou o Mediterrâneo enevoadado, mas sem o menor sinal de chuva. A névoa ia durar o dia todo e o sol não apareceria. Mais ou menos dez e meia da manhã — hora preguiçosa, com toda a longa manhã italiana pela frente.

— Está bem. Vamos alugar um por uma hora — disse Dickie, saltando para dentro de um dos barcos rapidamente, e pelo seu sorriso Tom podia ver que já fizera isso antes, que estava ansioso por reviver sentimentalmente outras manhãs, ou outra manhã, talvez com Freddie ou com Marge. O vidro de água de colônia de Marge fazia volume no bolso do blusão de veludo de Dickie. Tinham-no comprado há poucos minutos numa loja da avenida central, em tudo semelhante a uma loja americana.

O italiano puxou o cabo, pondo a funcionar o motor do barco, perguntando a Dickie se sabia manejá-lo, e ele respondeu que sabia. No fundo do barco um remo, um apenas, observou Tom. Dickie segurou o timão. Saíram em linha reta, afastando-se da cidade.

— Que frio! — gritou Dickie, sorrindo. Seu cabelo voava ao vento.

Tom olhou para a direita e para a esquerda. De um lado, um penhasco vertical, parecido com o de Mongibello, e do outro uma extensão de terra plana que parecia um floco de algodão, por entre a neblina que pairava sobre o mar. Não podia dizer, assim de repente, qual seria a melhor direção a tomar.

— Você sabe como parar em terra, por aqui? — gritou Tom sobre o barulho do motor.

— Não! — disse Dickie alegremente. Estava se divertindo.

— Esse negócio é difícil de dirigir?

— Nem um pouco! Quer experimentar?

Tom hesitou. Dickie ainda se dirigia em linha reta para o mar aberto.

— Não, obrigado. — Olhou para os lados outra vez. À esquerda passava um veleiro. — Aonde estamos indo? — gritou.

— Que importa? — sorriu Dickie.

— Certo. — Não importava mesmo.

Dickie virou rapidamente para a direita, um movimento tão brusco que os dois tiveram de se curvar e se inclinar para conservar o equilíbrio da embarcação. Um borrifo de água ergueu-se como uma parede à esquerda de Tom e desfez-se gradualmente deixando ver o horizonte. Navegavam sobre o mar imenso na direção do nada. Dickie tentava dar mais velocidade ao barco, sorrindo, os olhos felizes fitos no vazio.

— Um barco pequeno dá a impressão de muito mais velocidade!  
— gritou.

Tom assentiu com a cabeça, deixando que um sorriso compreensivo falasse por si. Na verdade, estava apavorado. Só Deus sabia a profundidade da água nesse lugar. Se acontecesse alguma coisa com o barco, de repente, não teriam nenhuma possibilidade de voltar à terra, pelo menos *ele* não teria. Por outro lado, ninguém podia ver o que faziam no barco. Dickie virava levemente para a direita, na direção da terra plana e cinzenta; podia atacar Dickie, saltar sobre ele, beijá-lo, ou atirá-lo pela borda, que ninguém notaria nada a essa distância. Tom estava suando, o corpo quente sob as roupas, a testa fria com o vento do mar. Sentia medo, mas não da

água, de Dickie. Sabia que ia fazer o que planejava, que não ia desistir agora, talvez não *pudesse* mais desistir, e tinha medo de fracassar.

— Quer apostar como salto na água? — gritou Tom, começando a desabotoar a jaqueta.

Dickie apenas sorriu, um sorriso largo, conservando os olhos fixos na distância à frente. Tom continuou a tirar a roupa, os sapatos e as meias. Como Dickie, estava de calção de banho.

— Eu entro se você entrar! — gritou Tom. — Você vai? — Queria que Dickie diminuísse a marcha.

— Se vou? Claro! — Dickie diminuiu a marcha subitamente. Largou o timão e tirou a jaqueta. O barco balançou, perdendo um pouco o equilíbrio. — Vamos — disse Dickie, indicando com um gesto de cabeça as calças que Tom ainda não tirara.

Tom olhou a terra. San Remo era apenas uma mancha imprecisa, branca e rosa. Apanhou o remo, como se apenas brincasse com ele, colocou-o entre os joelhos, e quando Dickie jogava no fundo do barco a calça que acabara de tirar, Tom ergueu o remo e baixou-o com força na cabeça de Dickie.

— Ei! — gritou este, escorregando do banco de madeira. As sobranceiras pálidas ergueram-se com surpresa estonteada.

Tom ficou de pé e, erguendo de novo o remo, deu outra pancada forte, toda a sua força liberada, como o estalo de um elástico esticado ao máximo.

— Pelo amor de Deus! — disse Dickie com voz incerta, arregalando os olhos ferozmente, depois as pupilas azuis velaram-se e ele perdeu os sentidos.

Tom deu outro golpe de esquerda, com o remo, no lado da cabeça

de Dickie. A borda da pá fez um corte largo que se encheu de sangue enquanto Tom observava. Dickie estava no fundo do barco, contorcido, movendo-se ainda. Soltou um rugido de protesto que assustou Tom pela força e sonoridade. Bateu mais três vezes, no pescoço, com golpes violentos, como se o remo fosse um machado e o pescoço de Dickie uma árvore. O barco balançou e borrifou água no pé de Tom, que se apoiava na amurada. O remo passou como uma faca na testa de Dickie, formando uma mancha larga de sangue. Por um momento, Tom teve uma sensação de cansaço, quando mais uma vez ergueu o remo, e as mãos de Dickie ainda escorregavam em sua direção no fundo do bote. As longas pernas de Dickie retesaram-se para atingir Tom. Usando o remo como uma baioneta, atingiu o lado do corpo de Dickie. Então, a forma prostrada relaxou, flácida e imóvel. Tom endireitou-se, tomando fôlego dolorosamente. Olhou à sua volta. Nenhum bote, nada, apenas a alguma distância um pequeno ponto branco navegava rapidamente para a praia.

Abaixou-se e tirou o anel verde de Dickie. Colocou-o no bolso. O outro estava mais apertado, mas saiu, ensangüentado. Examinou os bolsos da calça. Moedas francesas e italianas. Deixou-as onde estavam. Apanhou um chaveiro com três chaves. Em seguida, pegou a jaqueta de Dickie e tirou o pacote de água de colônia do bolso. Cigarros e o isqueiro de prata, um toco de lápis, a carteira de crocodilo e alguns cartões pequenos no bolso interno. Tom enfiou tudo no bolso da própria calça. Então apanhou o cabo enrolado no peso de cimento. A outra extremidade estava amarrada a um anel de metal na proa. Tentou soltar o nó. Era um nó infernal, molhado, impossível de ser desfeito, que devia estar ali há anos. Bateu no cabo com os punhos fechados. Precisava de uma faca.

Olhou para Dickie. Estaria morto? Abaixou-se na proa estreita do barco, observando o outro para ver se havia algum sinal de vida. Tinha medo de tocá-lo, de pôr a mão no peito ou no pulso dele. Voltou-se e puxou desesperadamente o cabo até perceber que apertava mais o nó.

O isqueiro. Procurou por ele no bolso da calça que estava no fundo do barco. Acendeu-o e segurou uma parte seca do cabo sobre a chama. O cabo tinha mais ou menos quatro centímetros de espessura. Ia demorar, o cabo queimava-se lentamente, e Tom aproveitou o tempo para olhar de novo à sua volta. Será que o italiano dos barcos podia vê-lo a essa distância? O cabo sólido e cinzento recusava-se a pegar fogo, apenas avermelhava-se e soltava um pouco de fumaça, partindo-se lentamente, fio por fio. Tom deu um puxão nele e o isqueiro apagou. Tornou a acendê-lo, continuando a puxar o cabo. Quando afinal este se partiu, enrolou-o com quatro voltas nos tornozelos nus de Dickie, antes de ter tempo de sentir medo, e fez um nó enorme e desajeitado, dando voltas e mais voltas no cabo para assegurar-se de que não se desfaria, pois não era muito bom em dar nós. Calculou que o cabo devia ter uns dez ou doze metros de comprimento. Começou a sentir-se mais calmo, eficiente e metódico. O bloco de cimento devia ter peso suficiente para conservar um corpo no fundo, pensou. O corpo podia mover-se um pouco, mas não viria à tona.

Atirou fora o peso. Fez um ruído ao bater na água e mergulhou no mar transparente, deixando atrás de si uma porção de bolhas, desapareceu, e afundou, afundou até o cabo esticar-se nos tornozelos de Dickie; Tom ergueu as pernas do morto, passando-as sobre a amurada, e começou a puxar o braço para passar a parte mais

pesada. A mão de Dickie, flácida, estava quente, estranha. Os ombros ficaram no fundo do barco; quando Tom puxou mais, o braço esticou-se como se fosse de borracha e o corpo não se moveu. Tom apoiou-se em um joelho e tentou erguê-lo sobre a amurada. O movimento sacudiu o barco. Tinha se esquecido da água. Era a única coisa que o assustava. Precisava jogá-lo por sobre a amurada da popa, que estava mais próxima da água. Puxou o corpo inanimado na direção da popa, levando o cabo por cima da amurada. Percebia pelo movimento do peso que este ainda não chegara ao fundo. Segurou a cabeça e os ombros de Dickie e começou a empurrá-lo para fora, aos poucos virando o corpo de barriga para baixo. A cabeça de Dickie estava dentro d'água, a cintura dobrada sobre a amurada, e agora as pernas, um peso morto, resistiram aos esforços de Tom, como antes os ombros; pareciam presas por um imã ao fundo do barco. Tom respirou fundo e ergueu o corpo. Dickie caiu na água, mas Tom perdeu o equilíbrio e caiu por sobre o timão. O motor, que estava em ponto morto, acelerou-se subitamente.

Tom precipitou-se para agarrar a alavanca de controle, mas o marco fez uma curva fechada ao mesmo tempo. Por um momento viu a água embaixo dele e estendeu a mão tentando prender-se à amurada, mas encontrou apenas água, o barco não se achava mais ali.

Estava dentro da água.

Respirou ofegante, contraindo o corpo num impulso para cima, tentando segurar o barco. Não conseguiu. A pequena embarcação rodava. Tom deu outro impulso, e então afundou e a água fechou-se sobre a sua cabeça com lentidão mortal, embora rápida demais para que conseguisse respirar antes; inalou assim uma grande quantidade

de água, antes de os olhos se afundarem. O barco estava mais longe, fá tinha visto essas voltas antes; não paravam a não ser que alguém desligasse o motor; agora, no vazio letal da água, sofria com antecedência as sensações da morte; afundou de novo, esperneando; o motor enlouquecido parecia mais distante, enquanto a água entrava nos seus ouvidos, eliminando todos os sons, exceto os sons desesperados que fazia dentro de si mesmo, respirando, esperneando, a pulsação angustiada do seu sangue. Veio à tona outra vez, lutando automaticamente para se aproximar do barco, porque era a única coisa sobre a água, embora rodando e fora do seu alcance. A proa afilada passou por ele duas, três, quatro vezes, enquanto retomava fôlego.

Gritou por socorro. Tudo o que conseguiu foi engolir água. Sua mão tocou o barco embaixo d'água; foi empurrado para o lado pela força animal da proa. Estendeu a mão desesperadamente para alcançar a popa, sem se importar com as lâminas das hélices. Seus dedos tocaram o leme. Abaixou-se, mas não em tempo. A quilha atingiu o alto de sua cabeça, passando por cima dele. Agora, a popa estava perto, tentou agarrá-la, os dedos escorregando pelo leme. Com a outra mão segurou a popa. Conservou um braço esticado, mantendo o corpo longe da hélice. Com uma força que nem ele próprio sabia possuir, lançou o corpo na direção de um dos cantos da popa e passou um braço pela amurada. Em seguida, estendeu a mão e segurou a alavanca.

O motor começou a diminuir a marcha.

Tom agarrou-se à amurada com as duas mãos, e não pensou em mais nada, aliviado, incrédulo, até começar a sentir um ardor na garganta, uma pontada no peito a cada respiração. Descansou por

dois ou dez minutos, não poderia dizer quanto, a mente vazia, concentrado apenas em recuperar as forças para subir de vez no barco; finalmente, com impulsos lentos, para cima e para baixo na água, projetou todo o peso do corpo e caiu de bruços no fundo do barco, os pés pendurados para fora da amurada. Descansou, sentindo a viscosidade do sangue de Dickie sob seus dedos, uma umidade misturada com a água que escorria do seu nariz e da sua boca. Começou a pensar, antes de conseguir se mover, que o barco estava cheio de sangue e não podia ser devolvido, e o motor... precisava levantar-se e ligá-lo; pensou também sobre que direção tomar.

Os anéis de Dickie. Apalpou os bolsos da jaqueta. Ainda estavam lá, é claro; afinal, o que poderia ter acontecido a eles? Teve um acesso de tosse, os olhos ficaram marejados de lágrimas ao tentar olhar para fora à procura de algum barco próximo ou vindo em sua direção. Esfregou os olhos. Nenhum barco, exceto a pequena lancha à distância, que continuava a fazer círculos amplos, completamente alheia à sua presença. Olhou para o fundo do barco. Poderia lavá-lo completamente? Sangue era o diabo para limpar, sempre ouvira dizer. Tinha pensado em devolver o barco e, se lhe perguntassem sobre o amigo, diria que o deixara em terra num lugar qualquer. Agora não podia mais fazer isso.

Moveu a alavanca com cuidado. O motor engrenou imediatamente, assustando-o. Tinha, porém, a impressão de que era humano e mais fácil de ser controlado do que o mar e, portanto, menos aterrador. Colocou o barco na direção da praia, obliquamente, para a parte norte de San Remo. Talvez encontrasse um lugar, alguma pequena baía deserta na costa onde pudesse levar o barco até

a terra e desembarcar. Mas, e se encontrassem o barco? O problema parecia imenso. Tentou pensar com lógica e frieza. Sua mente parecia bloqueada quanto ao modo de se desfazer do barco.

Agora avistava pinheiros, uma faixa de areia seca e aparentemente deserta, e o verde impreciso de um olival. Tom foi para a direita e para a esquerda, olhando do mar para ver se havia alguém em terra. Ninguém. Dirigiu-se para a praia rasa e pequena, manejando o acelerador quase com respeito, pois não tinha certeza se ia disparar ou não outra vez. Então sentiu o casco arranhando o fundo, na proa. Virou o leme para FECHAR e abaixou a pequena alavanca para desligar o motor. Saiu cautelosamente. A água tinha uns quinze centímetros de profundidade. Puxou o barco para a terra, o mais que pôde, e transportou as duas jaquetas, suas sandálias e a água de colônia de Marge para a praia. A pequena enseada — não mais de uns quatro metros de largura — dava-lhe sensação de segurança e privacidade. Não havia sinal de que outros pés humanos tivessem pisado aquela areia. Resolveu tentar pôr o barco a pique.

Começou a apanhar pedras, todas mais ou menos do tamanho de uma cabeça humana, porque era o máximo que agüentava carregar, e jogá-las no barco, uma a uma; por fim teve de usar pedras menores quando terminaram as grandes. Trabalhou sem parar, com medo de desmaiar de cansaço se relaxasse por um momento e de permanecer desacordado até que o encontrassem. Quando o barco ficou cheio de pedras até quase a borda, empurrou-o com um movimento de balanço, cada vez mais, até a água entrar pelos lados. Quando começou a afundar, empurrou-o para longe, acompanhando-o até a água chegar à sua cintura. O barco afundou, fora do alcance de suas mãos. Voltou pesadamente para a praia e deitou por um momento,

de braços, o rosto repousando na areia. Pôs-se a planejar sua volta ao hotel, a história que contaria, seus próximos movimentos: sair de San Remo antes da noite, regressar a Mongibello. E a história que contaria lá, também.

## 13

Ao cair da noite, exatamente na hora em que os italianos e todas as pessoas da cidade se reuniam em volta das mesas dos cafés, na calçada, depois de um banho, vestidos, olhando para todos e para tudo, ansiosos por qualquer divertimento que a cidade podia oferecer, Tom passou apenas de calção de banho, sandálias e a jaqueta de veludo de Dickie, carregando as calças manchadas de sangue e sua própria jaqueta sob o braço. Caminhava com ar lânguido e casual; embora exausto, conservava a cabeça erguida, pois estava certo de que centenas de pessoas o olhavam enquanto seguia pela calçada da avenida, o único caminho para o hotel. Na estrada, antes de chegar a San Remo, parará num bar e tomara cinco expressos, com açúcar e três doses de conhaque, para recobrar as forças. Agora, representava o papel do jovem desportista que passa a tarde dentro e fora da água por gosto, por ser bom nadador, insensível ao frio, e porque aprecia nadar até o anoitecer, mesmo num dia nada quente. Chegou ao hotel, apanhou a chave na portaria, subiu para o quarto e atirou-se na cama. Descansaria por uma hora, pensou, mas não queria dormir para não se atrasar. Descansou; quando percebeu que estava quase dormindo, ergueu-se, foi até a pia e molhou o rosto; apanhando uma toalha molhada, levou-a para a cama, conservando-a nas mãos para não dormir.

Afinal, levantou-se e começou a limpar a mancha de sangue numa das pernas da sua calça de veludo. Esfregou-a com sabão e uma escova de unhas, cansou-se e começou a fazer a mala. Arrumou as

roupas de Dickie exatamente como este costumava arrumar, a pasta e a escova de dentes na bolsinha esquerda da parte de trás da valise. Voltou então a esfregar a perna da calça. Sua jaqueta estava muito manchada de sangue e não podia mais ser usada; tinha de se desfazer dela, mas podia usar a de Dickie, que era da mesma cor, bege, e quase do mesmo tamanho. Tom fizera o conjunto no mesmo alfaiate de Dickie em Mongibello e copiara o feitio. Guardou sua jaqueta na mala. Em seguida, desceu e pediu a conta.

O homem da recepção perguntou onde estava o seu amigo; Tom respondeu que ia se encontrar com ele na estação. O empregado, amável e sorridente, desejou-lhe *buon viaggio*.

Parou num restaurante a duas quadras do hotel e obrigou-se a engolir um prato de minestrone para ganhar forças. Estava atento para ver se aparecia o italiano que guardava os barcos. O principal agora, pensava, era deixar San Remo nessa noite, tomar um táxi para a próxima cidade, se não houvesse trem ou ônibus.

Havia um trem para o sul às dez e vinte e quatro, informaram na estação. Um trem com leito. Acordar no dia seguinte em Roma, e tomar o trem para Nápoles. De repente, tudo parecia absurdamente simples e fácil; num impulso de autoconfiança, pensou em passar alguns dias em Paris.

— *Spetta un momento* — disse ao homem do guichê, pronto para destacar sua passagem. Deu uma volta ao redor da valise no chão, pensando em Paris. Passar uma noite lá. Só para conhecer. Talvez dois dias. Não tinha importância se contasse ou não a Marge. Decidiu abruptamente não ir a Paris. Não poderia descansar. Estava ansioso para chegar a Mongibello e tomar providências quanto aos pertences de Dickie.

Os lençóis brancos e esticados do leito do trem pareceram-lhe a coisa mais luxuosa que já vira. Acariciou-os com os dedos antes de apagar a luz. E os cobertores limpos, azuis meio acinzentados, a utilidade da pequena rede sobre sua cabeça — por um momento, Tom ficou imóvel, extasiado, pensando nos prazeres que o dinheiro de Dickie lhe proporcionaria, outras camas, mesas, mares, navios, valises, anos de liberdade, anos de prazer. Só então apagou a luz e adormeceu quase imediatamente, feliz, satisfeito e ultraconfiante, como nunca antes em toda a sua vida.

Em Nápoles, foi ao banheiro dos homens, na estação, retirou a escova de dentes e a de cabelos de Dickie da valise e enrolou-as na capa de chuva dele, com sua própria jaqueta e a calça suja de sangue. Atravessou a rua e colocou tudo num saco de lixo encostado a uma parede. Depois, tomou café com leite e um pão doce num café da praça onde paravam os ônibus; tomou o das onze para Mongibello.

Desceu do ônibus e deu de cara com Marge, que estava de roupa de banho, com a blusa solta que sempre usava para ir à praia.

— Onde está Dickie? — perguntou.

— Em Roma — Tom sorriu com facilidade, absolutamente preparado. — Vai ficar lá por alguns dias. Vim apanhar algumas coisas para ele.

— Está na casa de alguém?

— Não, num hotel. — Com outro sorriso, que era quase uma despedida, Tom começou a subir a colina com a valise. Um momento mais tarde, ouviu as sandálias de Marge atrás dele. Esperou. — Como estão as coisas no nosso lar doce lar? — perguntou.

— Oh, chatas como sempre — Marge sorriu. Não parecia à

vontade com ele. Mas acompanhou-o e entraram na casa — o portão estava aberto, Tom apanhou a grande chave da porta do terraço no lugar de costume, atrás de um tubo de madeira meio podre, cheio de terra e com uma planta semimorta, e foram para o terraço juntos. A mesa fora um pouco movida. Havia um livro sobre o balanço. Marge estivera na casa depois que partiram, pensou. A ausência de apenas três dias e três noites parecia-lhe um mês.

— Como vai o Skippy? — perguntou Tom, com ar satisfeito, abrindo o refrigerador e apanhando uma bandeja de gelo. Skippy era um vira-lata que Marge adquirira há alguns dias, um animal feio, branco e preto, que ela mimava e alimentava como uma solteirona afetuosa.

— Foi embora. Não esperava mesmo que ficasse.

— Oh!

— Está com cara de quem se divertiu — disse Marge, um pouco pensativa.

— Sim, nós nos divertimos. — Tom sorriu. — Quer que prepare uma bebida?

— Não, obrigada. Quanto tempo acha que Dickie vai demorar?

— Bem — Tom franziu a testa pensativo —, não sei ao certo. Diz que pretende ver muitas exposições de arte. Acho que está apenas aproveitando uma mudança de cenário. — Preparou uma dose generosa de gim com soda e casca de limão. — Talvez uma semana. A propósito! — Tom apanhou a valise e tirou dela a água de colônia. Retirara o papel de embrulho porque estava manchado de sangue. — Seu Stradivari. Compramos em San Remo.

— Oh, obrigada, muito obrigada — Marge apanhou o vidro,

sorrindo, e começou a abri-lo cuidadosamente, com expressão sonhadora.

Tom caminhou pelo terraço, tenso, sem dizer palavra, querendo que Marge se fosse.

— Bem — disse ela, afinal, indo até o terraço —, quanto tempo você vai ficar?

— Onde?

— Aqui.

— Só até amanhã. Volto para Roma. Provavelmente à tarde — disse, pois a correspondência do dia seguinte só chegaria depois das duas horas.

— Creio que não vou vê-lo outra vez, a não ser que vá à praia — disse Marge, tentando ser amável. — Se não nos virmos, divirta-se. E diga ao Dickie para mandar um cartão. Em que hotel ele está?

— Oh... É... Qual é mesmo o nome? Perto da Piazza di Spagna?

— O Inghilterra?

— É isso aí. Mas acho que ele disse para usar o American Express para correspondência. — Ela não tentaria telefonar para Dickie, pensou Tom. E no dia seguinte poderia estar no hotel para apanhar a carta, se ela escrevesse. — Provavelmente vou à praia amanhã de manhã.

— Certo. Obrigada pela colônia.

— De nada.

Ela tomou o caminho estreito até o portão e saiu.

Tom apanhou a valise e subiu correndo para o quarto de Dickie. Abriu a gaveta superior da cômoda: cartas, dois caderninhos de

endereços, uns dois livros de notas, um chaveiro, chaves soltas e uma espécie de apólice de seguro. Abriu, uma a uma, as outras gavetas, deixando-as abertas. Camisas, *shorts*, suéteres dobrados e meias em desordem. Num canto do quarto, um monte de portfólios e velhos cadernos de desenho. Tinha muito que fazer. Tirou toda a roupa, correu para baixo nu, tomou um banho rápido e frio de chuveiro, depois vestiu a velha calça branca de Dickie que estava pendurada num prego no armário.

Começou pela gaveta de cima, por duas razões: as cartas recentes eram importantes, caso houvesse alguma coisa a ser resolvida imediatamente, e também, se Marge voltasse à tarde, não pareceria que estava fazendo desordem na casa. Mas, pensou, pelo menos podia começar a arrumar a grande mala de Dickie com suas melhores roupas.

À meia-noite, ainda andava pela casa. As malas de Dickie estavam arrumadas e agora ele fazia uma avaliação dos objetos, o que deixaria para Marge e calculando como dispor o resto. Marge podia ficar com o maldito refrigerador. Isso a agradaria. A arca entalhada, que Dickie usava para as roupas de cama e mesa, devia valer algumas centenas de dólares. Dickie dissera que era muito antiga, quatrocentos anos para ser exato, quando Tom lhe perguntara. *Cinquecento*. Pretendia falar com o Signor Pucci, auxiliar de gerente do Hotel Miramar, e pedir-lhe que fosse intermediário na venda da casa e dos móveis. E do barco também. Dickie dissera que Signor Pucci fazia serviços assim para os residentes da cidade.

Queria levar logo todos os objetos de Dickie para Roma. Contudo, em vista do que Marge poderia pensar se levasse muita coisa para tão pouco tempo, decidiu que mais tarde Dickie resolveria mudar-se

definitivamente para Roma.

Assim, foi ao Correio mais ou menos às três horas do dia seguinte, fingiu ter apanhado uma carta para Dickie, de um amigo da América, e nada para si mesmo, embora, enquanto caminhava devagar de volta à casa, imaginava estar lendo uma carta de Dickie. Podia ver as palavras exatas, as que citaria para Marge, se fosse preciso, e demonstraria surpresa com a mudança de planos de Dickie.

Assim que chegou em casa, começou a arrumar os melhores desenhos e roupas de cama na grande caixa de papelão conseguida com Aldo no armazém que ficava no meio da subida. Trabalhou calma e meticulosamente, esperando que Marge aparecesse a qualquer momento, mas ela só chegou depois das quatro.

— Ainda está aqui? — perguntou, entrando no quarto de Dickie.

— Sim. Recebi uma carta de Dickie hoje. Resolveu mudar-se para Roma. — Endireitou o corpo e sorriu como se estivesse surpreendido também. — Quer que eu leve tudo o que puder.

— *Mudar-se* para Roma? Por quanto tempo?

— Não sei. O resto do inverno, creio. — Tom continuou a ajeitar as telas.

— Não vai voltar antes do fim do inverno? — A voz de Marge parecia perdida num vazio.

— Não. Disse que achava melhor vender a casa. Mas não resolveu ainda.

— O que aconteceu? Tom ergueu os ombros.

— Aparentemente quer passar o inverno em Roma. Disse que vai escrever para você. Pensei que fosse receber a carta esta tarde,

também.

— Não.

Silêncio. Tom continuou seu trabalho. Ocorreu-lhe que ainda não pusera na mala suas próprias coisas. Nem entrara no seu quarto.

— Ele ainda pretende ir a Cortina, não é? — perguntou Marge.

— Não. Não vai. Disse que escreveria ao Freddie, cancelando. Mas isso não impede que você vá. — Tom observava-a. — A propósito, Dickie quer que você fique com o refrigerador. Provavelmente conseguirá arranjar alguém que o leve para sua casa.

O presente não surtiu o menor efeito no espanto de Marge. Tom sabia que ela estava imaginando se ele ia morar com Dickie, sem dúvida concluindo afirmativamente, pelo modo alegre de Tom. Sentiu que a pergunta chegava aos seus lábios — para Tom ela era transparente como uma criança — e então Marge perguntou:

— Vai ficar com Dickie em Roma?

— Talvez por algum tempo. Vou ajudá-lo a se instalar. Quero ir a Paris este mês; depois, talvez em meados de dezembro, volte para os Estados Unidos.

Marge parecia desapontada. Tom sabia que ela estava imaginando as longas semanas de solidão — mesmo que Dickie fizesse visitas periódicas a Mongibello para vê-la —, as manhãs de domingo vazias, os jantares solitários.

— O que ele pretende fazer no Natal? Acha que vai passar aqui ou em Roma?

Tom respondeu com uma leve irritação:

— Bem, acho que aqui não. Tenho a impressão de que Dickie quer

ficar só.

Ela pareceu chocada e magoada, e ficou em silêncio. Espere até receber a carta que ele escreveria de Roma, pensou Tom. Naturalmente, seria delicado, tão delicado quanto Dickie, mas não deixaria nenhuma dúvida de que este não queria mais vê-la.

Alguns minutos mais tarde, Marge levantou-se, despedindo-se com expressão abstrata. Tom pressentiu subitamente que ela ia telefonar para Dickie hoje. Ou talvez mesmo ir até lá. Mas, e se fosse? Dickie poderia ter mudado de hotel. E havia um número suficiente de hotéis em Roma para conservá-la ocupada durante dias. Quando não o encontrasse, por telefone ou pessoalmente, pensaria que ele fora para Paris ou para outra cidade qualquer com Tom Ripley.

Examinou os jornais de Roma à procura de alguma notícia de um barco afundado perto de San Remo. Provavelmente a manchete seria *Barca affondata vicino San Remo*. E comentariam sobre as manchas de sangue, se ainda estivessem no barco. Era o tipo de coisa que os jornais italianos gostavam de noticiar, na sua linguagem melodramática: "Giorgio di Stefani, jovem pescador de San Remo, ontem às três horas da tarde fez uma terrível descoberta a uma profundidade de dois metros. Um pequeno barco a motor, a parte de dentro coberta de horríveis manchas de sangue..." Mas não viu nada parecido no jornal. Nenhuma notícia também no dia anterior. Poderia levar meses até que o barco fosse encontrado, pensou. Podia até nunca ser encontrado. E se o achassem, como poderiam saber que Dickie Greenleaf e Tom Ripley tinham saído nele, juntos? Não disseram seus nomes ao italiano de San Remo. Este lhes dera apenas um pequeno papel cor de laranja que Tom guardara no bolso e destruía mais tarde.

Deixou Mongibello de táxi, mais ou menos às seis horas, depois de tomar um expresso no Giorgio, onde se despediu do dono do café, de Fausto e de alguns outros conhecidos dele e de Dickie. A todos contou a mesma história, que o Signor Greenleaf ia passar o inverno em Roma, e que mandava lembranças até tornar a vê-los. Disse-lhes que sem dúvida os visitaria dentro de pouco tempo.

Despachara as telas e as roupas de cama e mesa pelo American Express naquela tarde, e as caixas enviadas para Roma, com o baú de Dickie Greenleaf. Levou com ele, no táxi, suas duas malas e uma de Dickie. Já falara com o Signor Pucci, no Miramar, dizendo que possivelmente o Signor Greenleaf resolvesse vender a casa e os móveis, e poderia o Signor Pucci tratar da venda? Signor Pucci respondeu que teria muito prazer. Falou também com Pietro, o guarda do ancoradouro, pedindo-lhe que procurasse alguém para comprar o *Pipistrello*, porque talvez o Signor Greenleaf resolvesse vendê-lo nesse inverno. Disse que o Signor Greenleaf o venderia por quinhentas mil liras, menos de oitocentos dólares, o que era uma pechincha por um barco com dois beliches, e Pietro respondeu que poderia vendê-lo em mais ou menos duas semanas.

No trem para Roma começou a compor a carta para Marge e o fez tão minuciosamente que memorizou todas as palavras; quando chegou no Hotel Hassler, apanhou a máquina de escrever portátil de Dickie, trazida numa das malas, e escreveu.

*Roma*

*28 de novembro de 19...*

*Querida Marge*

*Resolvi alugar um apartamento em Roma durante o inverno, apenas porque desejo mudar de cenário e sair um pouco da velha Mongi. Sinto necessidade premente de ficar só comigo mesmo. Lamento que a decisão tenha sido tão súbita; nem me despedi de você, mas não estou longe, e espero vê-la uma vez ou outra. Não estava disposto a apanhar minhas coisas, por isso deixei esse trabalho para Tom.*

*Quanto, a nós, não pode fazer mal nenhum, talvez até melhore as coisas, se não nos virmos por algum tempo. Tive a impressão terrível de estar aborrecendo você, embora você não me aborreça nem um pouco; por favor, não pense que estou fugindo de alguma coisa. Ao contrário, Roma talvez me ponha em contado mais íntimo com a realidade. Mongi não conseguiu isso. Parte do meu descontentamento referia-se a você. Vir embora não resolve nada, é clara, mas talvez me ajude a descobrir o que realmente sinto a seu respeito. Por isso, prefiro não vê-la por algum tempo, querida, e espero que compreenda. Se não compreender... Bem, é isso aí, é um risco que tenho de correr. Talvez vá a Paris por duas semanas, com Tom, pois ele está louco para ir. A não ser que eu comece a pintar imediatamente. Conheci um pintor chamado Di Massimo cujo trabalho me agradou muito, um velho com muito dinheiro que parece satisfeito por ter-me como aluno, mediante pagamento razoável, Vou pintar com ele, no seu estúdio.*

*A cidade está maravilhosa, com as fontes funcionando durante a noite toda e as pessoas também, tudo muito diferente da velha Mongi. Você estava enganada quanto a Tom. Vai voltar logo para os Estados Unidos, não me importaria quando, embora de todo não seja um mau sujeito. De qualquer modo, ele nada tem a ver conosco,; espero que você compreenda isso.*

*Escreva-me a/c do American Express, Roma até saber onde vou ficar. Aviso quando arranjar um apartamento. Enquanto isso conserve acesos os fogos do lar, o refrigerador funcionando, e sua máquina de escrever também. Sinto muito quanto ao Natal, querida, mas acho que não devo vê-la tão cedo, e tem todo o direito de me odiar ou não por causa disso.*

*Todo o meu amor*

*Dickie*

Tom conservara o boné na cabeça desde que entrara no hotel e dera o passaporte de Dickie, na recepção, embora já tivesse notado que nos hotéis nunca olhavam a fotografia, limitavam-se a copiar o número do passaporte impresso na capa. Registrara-se com a assinatura apressada e elaborada de Dickie, o R e o G grandes e bem desenhados. Para colocar a carta na caixa do correio procurou uma drogaria a vários quarteirões do hotel, onde comprou alguns artigos de maquilagem. Divertiu-se com a moça que o atendeu, fazendo-a acreditar que eram para sua mulher, que perdera a bolsa com os

cosméticos e que repousava no hotel, indisposta por causa do desarranjo intestinal comum aos turistas...

Passou parte da noite treinando a assinatura de Dickie para os cheques. O dinheiro deveria chegar dos Estados Unidos em menos de dez dias.

## 14

No dia seguinte, mudou-se para o Hotel Europa, de preço módico, próximo da Via Veneto, pois o Hassler dava muito na vista, o tipo de hotel freqüentado por artistas de cinema, e onde Freddie Miles, ou pessoas como ele, amigos de Dickie, na certa se hospedavam quando em Roma.

Tom mantinha conversas imaginárias com Marge, Fausto e Freddie no seu quarto de hotel. Marge era quem tinha mais probabilidade de aparecer, pensou. Falava com ela como se fosse Dickie, quando as conversas eram por telefone, e como Tom, quando eram em pessoa. Ela podia, por exemplo, aparecer em Roma, encontrar o seu hotel e insistir em subir ao seu quarto, e Tom teria de tirar os anéis e despir a roupa de Dickie.

— Não sei — dizia com a voz de Tom. — Você sabe como ele é. Gosta de imaginar que está fugindo de tudo. Disse que eu podia usar seu quarto no hotel por alguns dias, porque o meu não tem aquecimento suficiente. Oh, voltará em dois dias talvez, ou mandará um cartão, dizendo que está tudo bem. Foi com Di Massimo a uma pequena cidade para ver umas pinturas sacras na igreja de lá.

(Mas você não sabe se foi para o norte ou para o sul?)

— Na verdade, não sei. Acho que para o sul. Mas de que nos adianta isso?

(Falta de sorte a minha não encontrá-lo, não é? Por que não disse ao menos aonde ia?)

— Sei, sei. Perguntei também. Procurei um mapa ou qualquer coisa que indicasse aonde ia. Chamou-me há três dias e disse que eu podia usar seu quarto se quisesse.

Era uma boa idéia voltar a ser Tom de vez em quando, pois podia chegar o momento de precisar mudar de personalidade numa questão de segundos, e era muito fácil esquecer o timbre exato da voz de Tom Ripley. Conversava com Marge até o som da sua voz lhe parecer o mesmo de antes.

Mas, na maior parte do tempo, ele era Dickie, falando em voz baixa com Freddie e Marge, e pelo telefone internacional com a Sra. Greenleaf e com Fausto, ou com um estranho, num jantar, conversando em inglês e em italiano, o rádio portátil de Dickie ligado para que algum empregado do hotel, passando pelo corredor e sabendo que o Signor Greenleaf estava sozinho, não o julgasse excêntrico. Às vezes, se gostava da música do rádio, dançava sozinho, mas dançava como Dickie o faria com uma moça. Vira Dickie no terraço do Giorgio dançando com Marge, e no Giardino degli Orangi, em Nápoles, com passos longos, apesar do corpo um pouco rígido — não exatamente o que se chama de dançar bem. Tom saboreava cada momento passado no quarto do hotel ou a passear nas ruas de Roma, fazendo turismo enquanto procurava um apartamento. Enquanto fosse Dickie Greenleaf era impossível sentir-se solitário ou aborrecido.

No American Express chamavam-no de Signor Greenleaf quando ia apanhar a correspondência. A primeira carta de Marge dizia:

*Dickie*

*Bem, foi uma surpresa. Gostaria de saber o que aconteceu com você tão subitamente em Roma ou em San Remo, seja lá onde for. Tom estava muito misterioso, a não ser ao informar que ficaria com você. Acredito que ele tenha intenção de voltar para os Estados Unidos. Arriscando-me a ser criticada por você, meu velho, devo dizer que eu não gosto desse sujeito. Segundo minha opinião e a de todo mundo, está usando você. Se quer fazer algumas mudanças para seu próprio bem, pelo amor de Deus, livre-se dele. Está certo, ele não é bicha. É apenas ninguém, o que é muito pior. Não é suficientemente normal para ter qualquer tipo de vida sexual, se entende o que quero dizer. Mas não estou interessada em Tom. Meu negócio é com você. Sim, posso agüentar algumas semanas sem você, meu querido, até mesmo o Natal, embora prefira não pensar no Natal. Prefiro não pensar em você e — como disse — deixar que os sentimentos venham ou não. Mas é impossível não pensar em você aqui, pois cada centímetro desta cidade está marcado com a sua presença, pelo menos para mim, e esta casa, todos os lugares têm alguma coisa de você, a sebe que plantamos, a cerca que começamos a consertar e nunca acabamos, os livros que pedi emprestado e nunca devolvi. E sua cadeira à mesa, isso é o pior.*

*Continuando com minha opinião que não foi pedida, não sei se Tom de fato pretende fazer algum mal a você, mas sei que é má influência. Você age como se se*

*sentisse vagamente envergonhado de estar com ele, quando está com ele, sabia disso? Já tentou analisar isso? Pensei que estivesse começando a compreender todas essas coisas, nas últimas semanas, mas agora vejo que está com ele outra vez; francamente, meu querido, não sei como interpretar isso. Se você realmente "não se incomoda quando" ele vai embora, então pelo amor de Deus, diga-lhe que vá agora! Jamais ajudará você ou qualquer outra pessoa em coisa alguma. Na verdade, é do interesse dele manter você confuso e influenciado, bem como o seu pai.*

*Muito obrigada pela colônia, querido. Vou guardá-la — pelo menos uma parte — para quando nos reencontrarmos. Ainda não mandei trazer o refrigerador para a minha casa. Naturalmente você pode mandar buscá-lo a qualquer hora.*

*Talvez Tom tenha contado que Skippy fugiu. Acha que devo capturar uma lagartixa e amarrar um cordão no seu pescoço? Tenho de fazer alguma coisa na parede da casa imediatamente, antes que o mofo a destrua e caia em cima de mim. Queria que você estivesse aqui, querido — é claro.*

*Muito amor e escreva*

*XX*

*Marge*

*a/c American Express Roma*

*12 de dezembro, 19...*

*Mamãe e papai queridos*

*Estou em Roma procurando um apartamento e ainda não encontrei exatamente o que quero. Os apartamentos aqui ou são muito grandes ou muito pequenos, e quando são grandes a gente tem de fechar todos os quartos, menos um, no inverno, para conseguir um aquecimento decente. Estou procurando um de tamanho médio e preço módico que eu possa aquecer sem gastar uma fortuna.*

*Desculpem por ter escrito tão pouco ultimamente.*

*Espero escrever mais, com a vida mais tranqüila que levo aqui. Precisava de uma mudança de Mongibello — como vocês já vêm dizendo há muito tempo —, portanto mudei-me com armas e bagagens e talvez venda a casa e o barco. Conheci um pintor maravilhoso chamado Di Massimo que está disposto a me dar aulas no seu estúdio. Vou trabalhar como um escravo por alguns meses e ver o que acontece. Uma espécie de período de prova. Sei que não lhe interessa, papai, mas como você sempre pergunta sobre como passo o meu tempo, é assim. Levarei uma vida calma e de estudos até o próximo verão.*

*A propósito, poderia me mandar os últimos catálogos de Burke-Greenleaf? Gostaria de saber o que você anda fazendo também, e há muito tempo que não*

*vejo nada da firma.*

*Mamãe, espero que não tenha feito muitos preparativos para o meu Natal. Não preciso de nada, realmente. Como vai a saúde? Tem saído bastante? Teatro, etc? Como vai o tio Edward agora? Mande lembranças minhas e escrevam-me contando as novidades.*

*Com amor*

*Dickie*

Tom releu a carta, decidiu que tinha vírgulas demais, tornou a passá-la a máquina, pacientemente, e assinou. Lera uma carta de Dickie para seus pais, que ficara na máquina, não terminada, e conhecia o estilo dele. Dickie nunca levava mais de dez minutos escrevendo uma carta. Se esta tinha alguma diferença, pensou Tom, era por ser mais pessoal e mais entusiasmada do que as outras. Leu pela segunda vez e ficou satisfeito. Tio Edward era um irmão da Sra. Greenleaf internado num hospital de Illinois, com câncer. Tom sabia disso por ter lido a última carta de Dickie para a mãe.

Alguns dias mais tarde, tomou um avião para Paris. Antes de sair de Roma, telefonou para o Hotel Inghilterra: nenhuma carta, nenhum telefonema para Richard Greenleaf. Desceu no Aeroporto de Orly às cinco da tarde. Seu passaporte foi carimbado depois de o inspetor olhar rapidamente para o seu rosto. O cabelo estava mais claro, com algumas ondas, tudo obra de água oxigenada e óleo; Tom olhou para o inspetor com a expressão tensa e sizuda da fotografia do passaporte de Dickie. Foi para o Hotel du Quai-Voltaire,

recomendado por uns americanos que conhecera num café em Roma; segundo a informação, era bem localizado e não muito cheio de americanos. Depois de se instalar, saiu para um passeio na noite fria e nublada de dezembro. Caminhava com a cabeça erguida e um sorriso. Amava a atmosfera da cidade, a atmosfera da qual sempre ouvira falar, ruas tortuosas, casas de fachadas cinzentas com clarabóias, o buzinar barulhento dos carros, e por toda a parte os mictórios públicos e as colunas com os cartazes coloridos anunciando espetáculos teatrais. Queria absorver lentamente essa atmosfera, talvez por alguns dias, antes de ir ao Louvre, à Torre Eiffel ou a qualquer outro lugar ou monumento célebre. Comprou o jornal *Figaro*, sentou-se a uma mesa do Café de Flore, e pediu *fine à l'eau*, pois Dickie dissera que essa era sua bebida favorita na França. Seu francês era limitado, mas ele sabia que o de Dickie também era. Embora algumas pessoas interessantes olhassem demoradamente para Tom através da fachada de vidro do café, ninguém veio falar com ele. Estava preparado para o caso de alguém erguer-se de uma das mesas do café e aproximar-se dizendo: "Dickie Greenleaf! É você mesmo?"

Fizera pouca coisa para mudar a aparência, mas sua expressão, pensava, agora era a de Dickie. A um estranho, o sorriso parecia perigosamente cativante, mais adequado para saudar um velho amigo ou uma amante. Era o melhor e mais típico sorriso de Dickie quando ficava de bom humor. E Tom estava de bom humor. Isso era Paris. Era *maravilhoso* sentar-se num café famoso e pensar em ser Dickie Greenleaf no dia seguinte, no outro e ainda no outro! As abotoaduras, as camisas de seda branca, até mesmo as roupas velhas — o cinto marrom bem usado, com a fivela de metal, o velho par de

sapatos de couro áspero, anunciado como feito para durar toda a vida, o suéter mostarda com os bolsos frouxos pelo uso, tudo era seu, e ele amava esses objetos. E a caneta-tinteiro, preta com as iniciais douradas. E a carteira de crocodilo, bem gasta, do Gucci. E bastante dinheiro para guardar nela.

Na tarde do dia seguinte foi convidado para uma festa na Avenida Kléber por um casal — uma francesa e um americano — com quem começara a conversar num grande café-restaurant do Bulevar Saint-Germain. Havia trinta ou quarenta pessoas, a maioria de meia-idade, todas de pé, muito formais, num enorme e gelado apartamento. Na Europa, Tom percebeu, o aquecimento inadequado era um sinal de *status* no inverno, como o *martini* sem gelo no verão. Mudara-se para um hotel mais caro em Roma para ter melhor aquecimento e, afinal, o hotel mais caro era muito mais frio. A casa onde ofereciam a festa era chique, de acordo com os padrões antigos, pensou. Tinham um mordomo e uma empregada, uma imensa mesa de *pâtés en croûte*, fatias de peru, *petits-fours* e muito champanhe, embora as cortinas e o estofamento dos móveis estivessem gastos e puídos pelo tempo; Tom vira também buracos de ratos ao sair do elevador. Pelo menos a metade das pessoas que lhe apresentaram era nobre, condes e condessas. Um americano informou que a moça e o rapaz que o convidaram iam se casar, e os pais dela não se mostravam muito entusiasmados com a idéia. Sentia-se uma certa tensão na grande sala; Tom esforçou-se para ser amável com todos, mesmo com os franceses de ar severo aos quais podia apenas dizer: "*Ces't très agréable, n'est-ce pas?*" Fez o melhor que pôde e, pelo menos, ganhou um sorriso da moça francesa que o convidara. Considerava-se um felizardo por se achar ali. Quantos americanos sozinhos em

Paris conseguem ser convidados para uma festa familiar depois de uma semana na cidade? Ao que ele sabia, os franceses não convidavam estranhos a suas casas com muita facilidade. Nenhum dos americanos presentes parecia conhecer o seu nome. Sentiu-se perfeitamente à vontade, como nunca se sentira em qualquer outra festa. Comportou-se como sempre tivera vontade de se comportar nesse tipo de reunião. Essa era a nova página em branco em sua vida, a página que imaginara na viagem de navio da América para a Europa. Era o verdadeiro aniquilamento do passado e de si mesmo, do Tom Ripley feito daquele passado, e também o seu renascimento como uma pessoa completamente nova. Uma francesa e duas americanas o convidaram para mais festas; Tom declinou, dando a mesma resposta às três:

— Obrigado, muito obrigado, mas deixo Paris amanhã.

Não lhe convinha fazer amizade com nenhuma daquelas pessoas. Uma delas podia conhecer algum amigo de Dickie, alguém que talvez comparecesse a uma daquelas festas.

Às onze e quinze da noite, quando se despediu, a anfitriã e os pais dela pareceram realmente sentir sua partida. Mas Tom queria estar em Notre-Dame à meia-noite. Era a véspera de Natal.

A mãe da moça perguntou seu nome, de novo.

— Monsieur Granelafe — disse a jovem. — Dickie Granelafe. Certo?

— Certo — concordou Tom, sorrindo.

Quando saía do elevador lembrou-se do grupo de Freddie Miles em Cortina. Dia dois de dezembro! Quase um mês. Pensara em escrever para Freddie avisando que não ia. Será que Marge fora?

Freddie devia ter achado muito estranho Dickie não tê-lo avisado, e Tom esperava que Marge lhe tivesse explicado alguma coisa. Precisava escrever para Freddie imediatamente. No caderno de Dickie havia um dos seus endereços, em Florença. Fora um deslize, embora nada sério, pensou Tom. Não podia deixar que coisas como essa acontecessem outra vez.

Saiu para a noite escura e caminhou na direção das luzes do Arco do Triunfo, branco e brilhante. Era estranho sentir-se tão só e ao mesmo tempo fazendo parte do grupo, como na festa. Tinha a mesma sensação agora, à margem da multidão que enchia a Praça da Notre-Dame. Era tanta gente que não seria possível entrar na catedral, mas os alto-falantes traziam a música até ele. Cânticos natalinos franceses, que Tom não conhecia. "Silent Night". Um cântico solene e outro animado, rápido. O coro das vozes masculinas. Os franceses, ao lado dele, tiravam os chapéus. Tom tirou o seu também. Ficou ali, alto, expressão severa, mas pronto a sorrir se alguém se dirigisse a ele. Era a mesma sensação do navio, apenas mais intensa, cheia de boa vontade, um cavalheiro de caráter impecável. Era Dickie, o bom e ingênuo Dickie, com um sorriso para todos e mil francos para quem pedisse. Um velho pediu-lhe dinheiro quando ele deixava a praça da catedral; deu-lhe uma nota de mil francos. O homem abriu-se num sorriso e cumprimentou Tom com o chapéu.

Tom estava com um pouco de fome e a idéia de ir para a cama sem comer não lhe desagradava. Passaria uma hora ou mais estudando italiano, pensou, e depois, cama. Lembrou-se, porém, de que resolvera engordar uns dois quilos, pois as roupas de Dickie ficavam um pouco largas nele, e o rosto de Dickie era um pouco mais

cheio. Portanto, parou num *bar-tabac* e pediu um sanduíche de presunto com pão fresco e um copo de leite quente, porque era o que o homem ao seu lado no balcão estava tomando. O leite quase não tinha sabor, puro e singelo, como Tom imaginava que deviam ser as hóstias recebidas na igreja.

Voltou de Paris sem pressa, parando uma noite em Lyon e outra em Aries, para ver os lugares onde Van Gogh tinha pintado. Conservou o estado de espírito alegre e tranqüilo, apesar do tempo atroz que fazia. Em Aries, a chuva trazida pelo mistral violento ensopou-o da cabeça aos pés quando tentava descobrir os pontos exatos onde Van Gogh trabalhara. Comprara um livro maravilhoso de reproduções do pintor em Paris, mas não podia andar com ele debaixo daquela chuva, e fez dezenas de viagens ao hotel para verificar a exatidão das cenas pintadas. Passou por Marselha, achou a cidade enfadonha, exceto pela Cannebière, e foi de trem para o leste, parando um dia em Saint-Tropez, Cannes, Nice, Monte Carlo, os lugares dos quais ouvira falar e pelos quais sentia uma espécie de afinidade, embora em dezembro estivessem cobertos pelas nuvens cinzentas do inverno, e quase vazios, sem a multidão alegre das outras épocas do ano, e isso, mesmo na véspera de Ano Novo, como em Menton. Imaginou essa multidão, homens e mulheres em trajes de noite descendo as largas escadarias do Cassino em Monte Carlo, ou pessoas com roupas de banho coloridas, claras e brilhantes como numa aquarela de Dufy, caminhando sob as palmeiras do Boulevar des Anglais, em Nice. Gente — americanos, ingleses, franceses, alemães, suecos, italianos. Romances, desapontamentos, brigas, reconciliações, assassinatos. A Cote d'Azur excitou-o como nenhum outro lugar até então. E era tão pequena, uma curva na costa do

Mediterrâneo com os nomes maravilhosos enfileirados como contas: Toulon, Fréjus, St.-Rafael, Cannes, Nice, Menton — e depois, San Remo.

Quando voltou a Roma, no dia 4 de janeiro, encontrou duas cartas de Marge. Ia entregar a casa no dia 1.º de março, informava. Ainda não terminara o primeiro esboço do livro, mas mandara três quartos do mesmo, com todas as fotografias, ao editor americano que se mostrara interessado no último verão. Dizia na carta:

*Quando vou ver você? Detesto ter de passar mais um verão na Europa depois de ter vencido outro inverno terrível, mas acho que vou para casa só no começo de março. Sim, estou com saudades de casa, afinal, saudades de verdade. Querido, seria maravilhoso se pudéssemos voltar no mesmo navio. Será que há uma possibilidade? Não, creio que não. Não vai voltar aos Estados Unidos, nem mesmo para uma curta visita, neste inverno?*

*Estou pensando em mandar minhas coisas (oito peças de bagagem, dois baús, três caixas com livros, e outras coisas!) por mar, de Nápoles, e ir até Roma; se você estiver disposto, podemos pelo menos viajar outra vez pela costa, rever Forte dei Marmi, Viareggio e os outros lugares de que gostamos — pelo menos para olhar. Não estou me importando com o tempo que, eu sei, deve estar horrível. Não pediria que me acompanhasse até Marselha, onde vou tomar o navio mas até Gênova??? O que acha?...*

A outra carta era mais reservada. Tom sabia porquê: há quase um mês não mandava nem um cartão postal. Marge dizia:

*Mudei de idéia sobre a Riviera. Talvez o tempo úmido, talvez o meu livro tenham me tirado a iniciativa. De qualquer modo, vou para Nápoles antes do que havia planejado, tomar o navio Constitution, no dia 28 de fevereiro. Imagine — de volta à América assim que subir a bordo. Comida americana, americanos, dólares para pagar as bebidas e as corridas de cavalo. Querido, sinto muito não poder ver você; como o seu silêncio parece indicar, você não quer me ver ainda. Mas não se preocupe. Pode se considerar livre de mim.*

*Naturalmente, espero vê-lo outra vez, nos Estados Unidos, ou outro lugar qualquer. Se tiver a inspiração de ir até Mongi antes do dia 28 de fevereiro, sabe muito bem que será bem-vindo.*

*Como sempre,*

*Marge*

*P. S. Nem sei se você ainda está em Roma.*

Tom podia ver as lágrimas de Marge ao redigir essa carta. Teve um impulso de mandar-lhe uma resposta delicada, dizendo que

acabava de chegar da Grécia e perguntando se recebera os cartões que enviara. Contudo, pensou, era mais seguro deixar que ela partisse sem saber ao certo onde ele estava. Não escreveu.

A única coisa que o preocupava, mas não muito, é verdade, era a possibilidade de Marge procurá-lo em Roma antes de ele se instalar no apartamento. Se procurasse nos hotéis, poderia encontrá-lo; no apartamento seria impossível. Os americanos ricos não precisam comunicar seu endereço à *questura*<sup>[2]</sup>, embora, segundo o estipulado pelo *permesso di soggiorno*<sup>[3]</sup>, todos devem registrar na polícia qualquer mudança de residência. Tom conversara com um americano que residia em Roma, em um apartamento, que lhe dissera para não se preocupar com a *questura*, e ela nunca se preocuparia com ele. Se Marge chegasse em Roma de surpresa, Tom tinha grande parte de suas próprias roupas no armário. A única coisa que mudara fisicamente era o cabelo, mas isso podia ser explicado como efeito do sol. Não estava realmente preocupado. A princípio, por brincadeira, usara um lápis de sobrancelha — as sobrancelhas de Dickie eram mais longas e voltadas para cima nas extremidades externas — e um toque de mástique na ponta do nariz para parecer mais longo e mais afilado; deixou, porém, de recorrer a esses disfarces por achá-los sem importância. O principal era manter o espírito e o temperamento da pessoa imitada e assumir as expressões faciais dela. O resto vinha naturalmente.

No dia 10 de janeiro, Tom escreveu a Marge, dizendo que estava de volta a Roma, depois de três semanas em Paris, sozinho; que Tom deixara Roma há um mês, informando que ia a Paris e daí para a América, embora não tivessem se encontrado em Paris; que ainda não achara um apartamento em Roma e comunicaria seu endereço

assim que o tivesse. Agradeceu calorosamente o presente de Natal; ela mandara o suéter branco com listras vermelhas em V, que estava tricotando e experimentando em Dickie desde outubro, e um livro de arte, de pinturas do Quattrocento, além de um conjunto para barba com as iniciais H. R. G. A encomenda só chegara no dia 6 de janeiro, e era a razão principal da carta de Tom: não queria que Marge pensasse que não o recebera, que Dickie desaparecera sem mais nem menos, e resolvesse procurá-lo. Perguntava se ela recebera o seu presente. Enviara-o de Paris, provavelmente chegaria atrasado. Desculpou-se. Escreveu:

*Estou pintando outra vez com Di Massimo e estou mais ou menos satisfeito. Sinto falta de você também, mas, se puder agüentar a experiência, prefiro não vê-la por mais algumas semanas (a não ser que vá para os Estados Unidos em fevereiro, o que ainda duvido!), quando talvez você já não esteja interessada em me ver. Lembranças a Giorgio e sua mulher, a Fausto, se ainda está por aí, e a Pietro no ancoradouro...*

Era uma carta no estilo de Dickie, meio desligada e tristonha, que podia ou não ser considerada calorosa, e que na realidade não dizia nada.

Tom encontrara um apartamento num prédio grande da Via Imperiale, perto do Portão Pinciano, e o alugara com contrato de um ano, embora não tivesse a intenção de passar muito tempo em Roma, especialmente no inverno. Queria apenas um lar, uma base, um

ponto de referência depois de anos sem pouso certo. E Roma era chique. Roma era parte da sua nova vida. Queria poder dizer em Majorca, Atenas ou Cairo, ou onde quer que se achasse: "Sim, moro em Roma. Mantenho um apartamento na cidade". "Manter" era a palavra usada quanto a apartamentos, entre a alta sociedade internacional. Mantinha-se um apartamento na Europa como quem mantém uma garagem na América. Queria também que o apartamento fosse elegante, embora pretendesse receber o mínimo possível de pessoas, e detestava a idéia de ter um telefone, mesmo um número que não constasse da lista; decidiu, porém, que era mais uma segurança do que uma ameaça, e mandou instalar um aparelho. O apartamento tinha uma sala de estar grande, quarto de dormir, uma espécie de sala íntima, cozinha e banheiro. Os móveis eram um pouco pretensiosos, mas combinavam com a vizinhança respeitável e a vida, também respeitável, que pretendia levar. O aluguel equivalia a cento e setenta e cinco dólares por mês, no inverno, inclusive o aquecimento, e cento e vinte e cinco no verão.

Marge respondeu com uma carta em que se mostrava extasiada com o recebimento da linda blusa de seda de Paris, um presente *inesperado* que servira muito bem. Contava que convidara Fausto e os Cecchis para o jantar de Natal e que o peru ficara divino, com molho de castanhas e miúdos, e pudim de ameixa, e mais isto e aquilo, tudo, menos *ele*. O que estava Dickie fazendo e no que pensava? Sentia-se mais feliz? Fausto iria visitá-lo ao passar por Roma a caminho de Milão, se Dickie mandasse o endereço por esses dias; do contrário, deixasse um recado no American Express, informando onde Fausto poderia encontrá-lo.

Tom supunha que o bom humor de Marge devia-se especialmente

ao fato de pensar que ele voltara para a América, via Paris. Com a carta de Marge veio uma do Signor Pucci, comunicando que vendera três peças de mobília por cento e cinquenta mil liras, em Nápoles, e que havia um possível comprador para o barco, um certo Anastasio Martino, de Mongibello, que prometia pagar a entrada em uma semana; que a casa provavelmente só seria vendida no verão, quando os americanos chegassem novamente. Tirando os quinze por cento da comissão do Signor Pucci, a venda dos móveis representava duzentos e dez dólares para Tom; celebrou o fato, indo nessa noite a um *nightclub* romano e jantando magnificamente em elegante solidão numa mesa para dois, iluminada por velas. Não se importava absolutamente em jantar e ir ao teatro sozinho. Dava-lhe oportunidade de se concentrar na tarefa de ser Dickie Greenleaf. Partia o pão exatamente como Dickie; levava o garfo à boca com a mão esquerda, tal como Dickie; olhava para as outras mesas e para as pessoas que dançavam numa atitude de transe benevolente e tão profundo, que o garçom precisava falar diversas vezes para chamar sua atenção. Algumas pessoas acenaram para ele de outra mesa, e Tom reconheceu um dos casais americanos que vira pela primeira vez na véspera de Natal em Paris. Cumprimentou-os discretamente. Lembrava-se até do nome: Souders. Não olhou mais para eles durante o resto do jantar; saíram, porém, antes dele e pararam em sua mesa.

— Sozinho? — perguntou o homem. Parecia levemente bêbado.

— Sim. Tenho um encontro anual comigo mesmo — respondeu Tom. — Comemoração de um aniversário.

O americano assentiu com a cabeça numa expressão vazia; Tom percebeu que ele tentava desesperadamente pensar em algo

inteligente para dizer, pouco à vontade como todos os americanos de cidade pequena ante a pose e a sobriedade cosmopolita, dinheiro e boas roupas, mesmo que estas últimas fossem usadas por outro americano.

— Disse que mora em Roma, não é? — perguntou a mulher. — Sabe, acho que esquecemos o seu nome, mas lembramos muito bem de você na véspera de Natal.

— Greenleaf — informou Tom. — Richard Greenleaf.

— Oh, sim! — disse ela, aliviada. — Tem um apartamento aqui? Estava pronta para memorizar o endereço.

— No momento estou num hotel, mas devo me mudar para o apartamento em breve, assim que a decoração termine. Estou no Eliseo. Por que não me telefonam?

— Seria um prazer. Vamos para Majorca dentro de três dias, ainda temos tempo!

— Adorei velos — disse Tom. — *Buona sera!*

Sozinho novamente, voltou às suas fantasias. Precisava abrir uma conta no banco em nome de Tom Ripley e de tempos em tempos depositar uns cem dólares. Dickie Greenleaf tinha depósitos em dois bancos, um em Nápoles e outro em Nova York, com mais ou menos cinco mil dólares em cada. Podia abrir a conta de Ripley com uns dois mil dólares e depositar as cento e cinquenta mil libras da venda dos móveis de Mongibello. Afinal de contas, tinha de se preocupar com duas pessoas.

## 15

Visitou o Capitolino e a Villa Borghese, explorou o Fórum minuciosamente e teve cinco aulas de italiano com um velho da vizinhança, em cuja janela havia uma placa anunciando as lições, e a quem Tom deu um nome falso. Depois de cinco aulas, achou que seu italiano estava à altura do de Dickie. Lembrava-se de cor de algumas frases ditas por Dickie e que agora sabia estarem erradas. Por exemplo: "*Ho paura che non ce arrivata, Giorgio*", dissera ele uma noite, no café de Giorgio quando esperavam por Marge. O certo era *sia arrivata*, no subjuntivo, depois do termo que significa medo. Dickie não usava o subjuntivo com a freqüência que a língua exige. Tom, cuidadosamente, não quis aprender o uso correto desse tempo.

Comprou veludo vermelho escuro para as cortinas da sala de estar, pois as que estavam no apartamento ofendiam o seu gosto. Quando perguntou à Signora Buffi, mulher do zelador do prédio, se conhecia uma costureira para fazer as cortinas, ela própria se ofereceu. Seu preço era duas mil liras, pouco mais de três dólares. Tom obrigou-a a aceitar cinco mil. Comprou outras coisas para enfeitar o apartamento, embora nunca convidasse ninguém — com exceção de um jovem americano, atraente mas não muito brilhante, que conhecera no Café Greco. O rapaz lhe perguntara o caminho para o Hotel Excelsior e como era na direção de sua casa, convidara o americano para um drinque. Sua intenção era apenas impressioná-lo por algum tempo e depois despedir-se definitivamente; foi o que fez, servindo um conhaque e mostrando-lhe o apartamento, enquanto

discorria sobre os prazeres da vida em Roma. O rapaz ia para Munique na manhã seguinte.

Tom evitava prudentemente os residentes americanos que, é claro, o convidariam para suas reuniões, esperando que também os convidasse, embora gostasse de conversar com italianos e americanos no Café Greco e nos restaurantes de estudantes na Via Margutta. Disse seu nome apenas para um pintor italiano, Carlino, que conheceu na taverna da Via Margutta. Disse-lhe também que estudava com um pintor chamado Di Massimo. Se a polícia, algum dia, investigasse as atividades de Dickie em Roma, talvez muito tempo depois de ele ter desaparecido e voltado a ser Tom Ripley, esse pintor italiano poderia dizer que Richard Greenleaf andara pintando em Roma, em janeiro. Carlino nunca ouvira falar em Di Massimo; Tom, porém, fez uma descrição tão precisa que sem dúvida Carlino jamais o esqueceria.

Sentia-se só, mas não solitário. Era como o que sentira em Paris na véspera de Natal, a sensação de que todos o observavam, como se tivesse o mundo por público, uma sensação que o obrigava a se manter sempre alerta, pois um erro agora seria catastrófico. No entanto, tinha certeza absoluta de que não cometeria nenhum erro. Isso conferia à sua vida uma pureza deliciosamente estranha, a mesma que sente um ator, pensava, ao desempenhar um papel importante, certo de que ninguém poderia representá-lo melhor do que ele. Era ele próprio e ao mesmo tempo não era. Sentia-se livre e sem culpa, apesar do controle obrigatório de cada movimento. Mas já não se cansava como no princípio, depois de horas seguidas de representação. Não tinha mais necessidade de relaxar quando ficava só. Agora, desde que se levantava de manhã e escovava os dentes, era

Dickie segurando a escova com o cotovelo erguido, Dickie girando a casca do ovo quente na colher para retirar a última parte de seu interior, Dickie invariavelmente recolocando no cabide a primeira gravata que apanhava e escolhendo outra. Pintara até um quadro no estilo de Dickie.

No fim de janeiro, calculou que Fausto já devia ter passado por Roma, embora as cartas de Marge não o tivessem mencionado mais. Ela escrevia, aos cuidados do American Express, uma vez por semana. Perguntava se Dickie precisava de meias ou de cachecol, pois dispunha de muito tempo para fazer tricô, além de trabalhar no livro. Sempre contava algum caso interessante e engraçado sobre alguém que os dois conheciam na cidade, para que Dickie não pensasse que estava desolada com sua ausência, embora evidentemente estivesse; tudo indicava que não voltaria aos Estados Unidos em fevereiro sem fazer um esforço desesperado para vê-lo, pensou Tom; daí o investimento que Marge fazia por meio de cartas longas, e meias, e cachecol, que, ele sabia, chegariam em breve, embora não tivesse respondido às cartas dela. Sentia-se enjoado com essas cartas. Detestava tocá-las; depois de lê-las às pressas, rasgava-as e jogava-as no lixo. Afinal, escreveu:

*Desisti da idéia de alugar um apartamento em Roma por enquanto. Di Massimo vai passar alguns meses na Sicília, e talvez eu vá com ele, e de lá para algum outro lugar. Meus planos são vagos, mas, têm a vantagem de ser livres e combinam com meu estado de espírito.*

*Não mande meias, Marge. Na verdade, não preciso*

*de nada. Desejo a você muita sorte com Mongibello.*

Comprou uma passagem para Majorca — de trem até Nápoles, o navio de Nápoles até Palma — para a noite de 31 de janeiro. Comprou duas malas no Gucci, uma grande e macia de antílope, a outra de lona bege com alças de couro marrom. As duas tinham as iniciais de Dickie. Jogou fora uma das suas que estava em pior estado, e a outra guardou no armário do apartamento, com suas próprias roupas, para o caso de uma emergência. Mas não esperava nenhuma emergência. O barco afundado em San Remo não fora encontrado. Procurava nos jornais, todos os dias, alguma notícia sobre ele.

Certa manhã, quando arrumava as malas, a campainha tocou. Pensou que devia ser um vendedor, ou um engano. Não colocara o nome ao lado da campainha e dissera ao zelador que não gostava de visitas inesperadas. A campainha tocou pela segunda vez; Tom ignorou-a, continuando a arrumar a mala tranqüilamente. Gostava de fazer isso e alongava o prazer, por um ou dois dias, acomodando as roupas de Dickie carinhosamente nas malas, vez por outra experimentando uma camisa ou um paletó na frente do espelho. Estava ali agora, abotoando uma camisa esporte de Dickie, azul e branca, com cavalos-marinheiros estampados, que nunca fora usada, quando bateram na porta.

Pensou que poderia ser Fausto, que era mesmo coisa dele procurá-lo por toda a cidade e fazer-lhe uma surpresa. Ora, isso é uma tolice, disse a si mesmo. Mas as mãos estavam cobertas de suor frio quando se dirigiu para a porta. Sentia como se fosse desmaiar, e o absurdo dessa idéia, além do perigo de cair e ser encontrado no

chão, fez com que abrisse a porta com as duas mãos, embora apenas uma fresta.

— Alô! — uma voz de americano disse na penumbra do corredor.

— Dickie? É Freddie!

Tom deu um passo atrás, conservando a porta aberta.

— Ele... Não quer entrar? Não está aqui no momento. Disse que voltaria um pouco mais tarde.

Freddie Miles entrou no quarto, olhando em volta. O rosto feio e sardento voltava-se para todos os lados. Como conseguira encontrar o apartamento? perguntava-se Tom. Retirou os anéis rapidamente, guardando-os no bolso. O outro olhava a sala.

— Está morando com ele? — perguntou Freddie com o olhar inexpressivo que o fazia parecer idiota e assustado.

— Oh, não. Só por algumas horas — respondeu Tom, calmamente tirando a camisa esporte. Estava com outra, por baixo. — Dickie saiu para almoçar. No Otello, acho. Deve estar de volta às três, o mais tardar. — Um dos Buffis devia ter deixado Freddie entrar, pensou, indicando-lhe o apartamento e dizendo que o Signor Greenleaf se achava em casa. Provavelmente Freddie dissera que era velho amigo de Dickie. Agora, precisava fazer com que Freddie saísse sem se encontrar com a Signora Buffi no andar térreo, pois ela sempre dizia, em voz cantada: *Buon giorno, Signor Greenleaf!*

— Conheci você em Mongibello, não foi? — perguntou Freddie. — Você é Tom? Pensei que vocês iam a Cortina.

— Não foi possível, mas obrigado pelo convite do mesmo jeito. Como foram as coisas em Cortina?

— Oh, muito bem. O que aconteceu com o Dickie?

— Não escreveu? Resolveu passar o inverno em Roma. Disse que tinha escrito para você.

— Nem uma palavra, a não ser que tenha escrito para, Florença. Mas eu estava em Salzburgo, e Dickie tinha meu endereço. — Freddie recostou-se, quase sentando-se na mesa de Tom, amarrotando a toalha de seda. Sorriu: — Marge me disse que ele se mudou para Roma, mas só tinha o American Express como referência. Por um feliz acaso encontrei o apartamento. Encontrei alguém no Greco, a noite passada, que sabia o endereço. Que idéia é essa de...

— Quem? — perguntou Tom. — Um americano?

— Não, um italiano. Um garoto — Freddie estava olhando para os sapatos de Tom. — Você usa sapatos iguais aos meus e aos de Dickie. São resistentes como ferro, não são? Comprei o meu em Londres, há oito anos.

Eram os sapatos de couro crespo de Dickie.

— Estes vieram da América. Posso lhe oferecer um drinque, ou prefere se encontrar com Dickie no Otello? Sabe onde é? Não adianta muito esperar, porque ele geralmente fica almoçando até as três. Vou sair logo também.

Freddie tinha ido até o quarto e parou, olhando as malas sobre a cama.

— Dickie vai viajar ou está chegando? — perguntou, voltando-se para Tom.

— Vai viajar. Marge não lhe contou? Vai à Sicília passar algum tempo.

— Quando?

— Amanhã. Ou hoje à noite, não tenho certeza.

— Escute, o que anda acontecendo com Dickie ultimamente? — perguntou Freddie, franzindo a testa. — Que negócio é esse de se isolar assim?

— Diz que trabalhou muito durante o inverno — respondeu Tom com ar indiferente. — Parece que quer privacidade, mas, pelo que sei, está muito bem com todo mundo, inclusive Marge.

Freddie sorriu outra vez, desabotoando o paletó esporte.

— Não vai ficar muito bem comigo se me deixar na mão mais algumas vezes. Tem certeza de que ele está bem com Marge? Pelo que me contou, tive a impressão de que brigaram. Pensei que por isso não tinham ido a Cortina. — Freddie olhava-o com ar de expectativa.

— Não que eu saiba. — Tom foi até o armário para apanhar seu casaco; assim Freddie entenderia que ia sair; lembrou-se, porém, em tempo que o paletó cinzento que combinava com sua calça podia ser reconhecido por Freddie. Apanhou um paletó dos seus e o seu sobretudo que estavam bem no canto do armário. Os ombros do sobretudo pareciam ter ficado no cabide há semanas, o que era verdade. Tom voltou-se e viu Freddie olhando fixamente para a pulseira de prata no seu pulso esquerdo. Era de Dickie. Tom nunca a vira no pulso de Dickie, encontrara-a na caixa com as abotoaduras. Freddie olhava como se já a tivesse visto antes. Tom vestiu o sobretudo com gestos casuais.

Agora, Freddie olhava-o com expressão diferente, um pouco surpreso: Tom sabia o que ele estava pensando. Ficou rígido, sentindo o perigo. Ainda não estava livre, disse a si mesmo. Ainda

não tinha saído de casa.

— Pronto para ir? — perguntou Tom.

— Você mora aqui, não é?

— Não! — protestou, sorrindo. O rosto feio e sardento voltava-se para ele, e os olhos o examinavam sob o tufo de cabelos vermelhos. Se pelo menos conseguisse passar sem ser visto pela Signora Buffi, pensou Tom. — Bem, então vamos.

— Pelo que vejo Dickie deu a você todas as suas jóias.

Tom não conseguiu pensar numa resposta, nem mesmo uma brincadeira.

— Oh, é apenas um empréstimo — respondeu com a voz mais profunda. — Dickie se cansa de usar as coisas, e me disse para ficar com ela por algum tempo. — Referia-se à pulseira, mas havia também o prendedor de gravata de prata, lembrou-se, com a letra G gravada. Tom comprara o prendedor. Sentia a animosidade crescente de Freddie Miles como um calor gerado pelo seu corpo e que o alcançava através do quarto. Freddie era o tipo do valentão capaz de dar uma surra na pessoa de que desconfiasse ser homossexual, especialmente em condições tão favoráveis como aquela. Tom teve medo dos olhos dele.

— Sim, estou pronto para ir — disse Freddie, mal-humorado, erguendo-se. Caminhou até a porta e voltou-se com um movimento brusco dos ombros largos. — É o Otello próximo ao Inghilterra?

— Sim, esse mesmo. Dickie falou que estaria lá a partir de uma hora.

Freddie fez um gesto de assentimento.

— Foi um prazer ver você de novo — disse num tom em que não havia prazer nenhum, e fechou a porta.

Tom amaldiçoou-o em voz baixa. Abriu a porta silenciosamente e ouviu o tap-tap-tap-tap rápido dos sapatos de Freddie descendo a escada. Queria ter certeza de que Freddie não se encontraria com nenhum dos Buffis. Ouviu-o dizer: *Buon giorno, signora*. Tom inclinou-se sobre a balaustrada. Podia ver parte da manga do casaco de Freddie, três andares abaixo. Falava em italiano com a *Signora Buffi*. A voz da mulher chegava mais clara.

— ... apenas o Signor Greenleaf — dizia. — Não, apenas um... *Signor Chi?...* *No, signor...* Acho que não saiu hoje, mas posso estar errada! — Ela riu.

Tom apertou o corrimão da escada como se fosse o pescoço de Freddie. Ouviu de novo os passos de Freddie, subindo as escadas correndo. Entrou no apartamento e fechou a porta. Podia continuar insistindo que não morava ali, que Dickie se achava no Otello, ou que não sabia de Dickie, mas Freddie não sossegaria enquanto não encontrasse o amigo. Ou talvez b arrastasse escada abaixo e perguntasse à *Signora Buffi* quem ele era.

Freddie bateu na porta. Girou a maçaneta. Estava trancada. Tom apanhou um pesado cinzeiro de vidro. Não conseguiu segurá-lo com firmeza, mas apenas por uma das extremidades. Tentou pensar por mais dois segundos: não havia outra saída? O que faria com o corpo? Não conseguia pensar. Essa era a única saída. Abriu a porta com a mão esquerda. A direita, com o cinzeiro, estava abaixada, atrás das costas.

Freddie entrou na sala.

— Escute, será que podia me dizer...

A borda curva do cinzeiro atingiu-o no meio da testa. Freddie ficou atordoado. Seus joelhos curvaram-se e caiu como um touro atingido entre os olhos por um martelo. Tom fechou a porta com o pé. Bateu com o cinzeiro na nuca de Freddie. Bateu outra vez, e ainda outra, com medo de que ele estivesse fingindo e tentasse segurar as pernas de Tom com um dos seus enormes braços e derrubá-lo.

Tom deu mais um golpe, na cabeça, e o sangue jorrou. Ficou furioso consigo mesmo. Correu ao banheiro, apanhou uma toalha e colocou-a sob a cabeça de Freddie. Examinou-lhe o pulso. Uma batida fraca que parecia diminuir ao contato dos seus dedos, como se a pressão deles a extinguisse. Num segundo não pôde mais ser sentida. Tom ficou imóvel, procurando ouvir algum som do outro lado da porta. Imaginava a Signora Buffi no corredor, com o sorriso hesitante que usava sempre que sabia estar interrompendo alguma coisa. Mas não ouvia nada. Quase não fizera barulho, nem com os golpes, nem Freddie ao cair. Olhou para a forma imensa no chão; sentiu aversão e desamparo ao mesmo tempo.

Era apenas meio-dia e quarenta, uma eternidade até a noite. Será que alguém esperava Freddie em algum lugar? Talvez num carro, na frente do prédio? Examinou os bolsos dele. Uma carteira. O passaporte americano no bolso superior do sobretudo. Moedas italianas e algumas outras. Um chaveiro. Duas chaves de automóvel, um círculo de metal onde estava escrito FIAT. Procurou a licença na carteira. Ali estava, com todas as informações: FIAT 1400 *nexo* — conversível — 1955. Podia procurar o carro nas proximidades do prédio. Examinou todos os bolsos, inclusive os do colete de búfalo, à procura de um cartão de estacionamento, mas não encontrou. Foi até

a janela da frente e quase sorriu, pois era muito simples: lá estava o conversível preto do outro lado da rua, quase na frente do prédio. Não tinha certeza, mas parecia não haver ninguém dentro do carro.

De repente, soube o que fazer. Começou a arrumar o quarto, trouxe para a sala as garrafas de gim e vermute e, pensando melhor, a de *pernod*, pois tinha cheiro mais forte. Colocou as garrafas na mesa de centro e preparou um *martini* num copo alto, com gelo, bebeu alguns goles para o copo parecer usado, derramou um pouco em outro copo, levou-o até Freddie, apertou os dedos inertes sobre o vidro e levou o copo de novo para a mesa. Examinou o ferimento. Parará de sangrar, ou estava quase parando, e o sangue não atravessara a toalha. Encostou Freddie na parede e derramou gim puro por sua garganta abaixo. Não desceu muito bem, a maior parte caindo na camisa; Tom, porém, não acreditava que a polícia italiana fizesse um exame para verificar o quanto Freddie bebera. Seus olhos fixaram-se por um momento no rosto flácido e desfigurado, sentiu uma contração doentia no estômago e voltou-se rapidamente. Não devia fazer isso outra vez. Sentiu um zumbido na cabeça, como se fosse desmaiar.

Só faltava isso, pensou, cambaleando até a janela. Desmaiar agora! Franzindo a testa, olhou o carro preto na rua e respirou fundo o ar puro. Não vou desmaiar, disse a si mesmo. Sabia exatamente o que fazer. O *pernod*, para dois, no último minuto. Mais dois copos, com impressões digitais, e *pernod*. E os cinzeiros cheios. Freddie fumava Chesterfield. E, depois, a Via Appia. Um daqueles lugares escuros atrás dos túmulos. Longos trechos da Via Appia não eram iluminados. A carteira de Freddie desaparecida. Motivo: roubo.

Tinha tempo de sobra, mas não parou enquanto a sala não ficou

como queria. Vários cigarros Chesterfield e Lucky Strike nos cinzeiros e um copo de *pernod* quebrado, alguns pedaços de vidro ainda no chão do banheiro. O mais curioso era que, enquanto arrumava esse cenário, imaginava o tempo que teria para limpar tudo de novo — digamos, entre nove da noite, quando o corpo fosse encontrado, e meia-noite, quando talvez a polícia decidisse fazer alguma investigação, pois alguém podia saber que Freddie visitaria Dickie Greenleaf naquele dia. E Tom tinha certeza de que ficaria tudo arrumado até às oito, provavelmente, pois, de acordo com a história que pretendia contar, Freddie saíra do seu apartamento às sete (o que, na verdade, teria acontecido se não tivesse sido morto) e Dickie Greenleaf era pessoa que gostava de ordem. No entanto, o motivo para o que fazia agora era que tudo isso dava substância à história que ia contar, e era essencial que ele próprio acreditasse no que dizia.

E na manhã seguinte partiria para Nápoles e Palma, às dez e trinta, a não ser que, por algum motivo, a polícia o impedisse. Se os jornais trouxessem a notícia do encontro do corpo e a polícia não o procurasse, a atitude mais decente seria apresentar-se voluntariamente e contar que Freddie estivera em sua casa durante a tarde, pensou Tom. Mas, subitamente, ocorreu-lhe que o médico legista podia descobrir a hora da morte de Freddie, mais ou menos ao meio-dia. E não podia levar o corpo para fora enquanto não anoitecesse. Não. Sua única esperança era que o encontrassem tão tarde que fosse impossível determinar a hora da morte. E precisava sair sem que *ninguém* o visse — mesmo que levasse Freddie com naturalidade, como quem ampara um amigo bêbado — porque, se tivesse de fazer alguma declaração, diria que Freddie saíra às quatro ou cinco da tarde.

Apavorava-o pensar nas cinco ou seis horas de espera até a noite; por alguns momentos achou que não ia agüentar. Aquela montanha no chão! E não quisera matar Freddie. Tudo era tão desnecessário! Freddie e suas suspeitas sujas, nojentas. Sentado na beirada da cadeira, Tom tremia e estalava as juntas dos dedos. Queria sair, caminhar um pouco, mas tinha medo de deixar o corpo ali. E então lembrou-se de que, se estavam bebendo e conversando, naturalmente fariam algum barulho. Ligou o rádio numa estação que tocava música de dança. Devia tomar pelo menos um drinque. Fazia parte da encenação. Preparou mais dois *martinis* com gelo. Não tinha vontade nenhuma de beber, mas bebeu.

A bebida intensificou seus pensamentos. Ficou ali, olhando o corpo pesado e longo de Freddie, com o sobretudo amarrotado embaixo dele, que Tom não tinha força para arrumar, mas cuja vista o incomodava, pensando em como fora triste, indigna, perigosa e desnecessária essa morte, brutalmente injusta para com Freddie. Não que fosse difícil odiar Freddie. Um cafajeste egoísta, zombando de um dos seus melhores amigos — pois Dickie era, sem dúvida, um dos seus melhores amigos — só por suspeitar que tivesse um desvio sexual. Tom riu da expressão "desvio sexual". Onde estava o sexo? Onde estava o desvio? Olhou para Freddie e disse em voz baixa e amarga:

— Freddie Miles, você foi uma vítima de sua mente suja.

## 16

Afinal, esperou até as oito horas, porque às sete era maior o movimento de pessoas entrando e saindo do prédio. Às dez para as oito, desceu ao térreo para verificar se a Signora Buffi se achava na entrada ou com a porta do apartamento aberta, e para certificar-se de que não havia ninguém no carro de Freddie. Jogou o sobretudo de Freddie no banco traseiro. Voltou ao apartamento, ajoelhou-se, colocou um dos braços de Freddie sobre o ombro, apertou os dentes e levantou-se. Cambaleou, ajeitando o peso mais para cima. Um pouco antes erguera o corpo para ver se o agüentava, e mal conseguira dar dois passos, pregado ao solo pelo peso. Agora, o peso era o mesmo, com a diferença de que teria de levá-lo para baixo. Deixou que os pés de Freddie se arrastassem no chão para aliviar o peso, fechou a porta com o cotovelo e começou a descer a escada. No meio do primeiro lance parou, ouvindo alguém sair do apartamento do segundo andar. Esperou que a pessoa saísse do prédio e recomeçou a descida lenta e penosa. Um chapéu de Dickie estava enterrado na cabeça de Freddie, escondendo o cabelo manchado de sangue. A mistura de gim e *pernod* que Tom bebera na última meia hora deixara-o suficientemente "alto" para movimentar-se com naturalidade e ao mesmo tempo enfrentar com coragem e ousadia, sem hesitação, qualquer imprevisto. Uma das possibilidades, a pior de todas, era cair sob o peso de Freddie antes de chegar ao carro. Jurara não parar na escada para descansar. Não parou. E ninguém saiu dos apartamentos, ninguém entrou no prédio. Durante as horas

de espera, imaginara tudo o que poderia acontecer — a Signora Buffi ou o marido saindo do apartamento exatamente quando chegava ao saguão, ou ele desmaiando e sendo encontrado na escada, estatelado, ao lado de Freddie. Ou então não conseguir erguer o cadáver, se o largasse para descansar. Imaginara tudo com tal intensidade, com tal pavor, que o fato de ter descido as escadas sem que nada acontecesse fazia-o sentir-se como que conduzido por uma proteção mágica, sem percalços, apesar do peso sobre seus ombros.

Olhou pelos vidros das duas portas. A rua parecia normal: um homem passava na calçada oposta, mas sempre havia alguém passando numa ou noutra calçada. Abriu a primeira porta com uma das mãos, empurrou-a para o lado com o pé, e arrastou o corpo. Entre as duas portas, passou Freddie para o outro lado, girando a própria cabeça sob o corpo inerte, e por um segundo sentiu orgulho de sua força, até sentir a dor insuportável no braço que agora estava livre. Não conseguia nem enlaçar o corpo de Freddie. Apertou os dentes com mais força e cambaleou, descendo os degraus para a rua. Bateu com o quadril no corrimão de pedra da escada.

Um homem que vinha em sua direção diminuiu o passo como se fosse parar, mas não parou.

Se alguém se aproximasse, pensou, daria uma baforada tão forte de *pernod* em seu nariz que nem seria preciso perguntar o que estava acontecendo. Malditos, malditos, malditos, disse a si mesmo, descendo o meio-fio com dificuldade. Transeuntes, inocentes transeuntes. Eram quatro agora. Apenas dois olharam para Tom, e assim mesmo rapidamente. Parou, esperando que um carro passasse. Em seguida, mais alguns passos rápidos, um impulso para cima, e enfiou a cabeça e os ombros de Freddie por uma das janelas

do carro, que estava aberta, o bastante para poder sustentar o peso com seu próprio corpo enquanto tomava fôlego. Olhou em volta, no espaço iluminado pela lâmpada do outro lado da rua, examinando também a sombra em frente do seu prédio.

Nesse momento, o filho mais novo dos Buffis saiu do prédio, correndo para a calçada, sem olhar para o lado de Tom. Um homem atravessou a rua, caminhou até mais ou menos um metro do carro e lançou um olhar breve e levemente surpreso para o corpo de Freddie que agora, pensou Tom, parecia quase natural, como se falasse com alguém dentro do carro; só que, na verdade, *não parecia* nada natural, e Tom sabia disso. Contudo, essa era uma das vantagens da Europa. Ninguém ajuda ninguém, ninguém interfere. Se fosse nos Estados Unidos...

— Posso ajudar? — perguntou uma voz de homem em italiano.

— Ah, não. *Grazie* — respondeu Tom com jeito de bêbado bem-humorado. — Sei onde ele mora — ajuntou em inglês, as palavras meio arrastadas.

O homem sorriu e continuou o seu caminho. Era alto e magro, usava um sobretudo leve, sem chapéu, de bigode. Tom esperava que não se lembrasse de tê-lo visto. Ou do carro.

Desencostou o corpo de Freddie da porta, abriu-a, levou Freddie para dentro, colocando-o no lado direito do banco. Tirou um par de luvas do bolso do sobretudo e calçou-as. Pôs a chave no contato. O carro pegou imediatamente. Estavam a caminho. Desceu a rua em direção à Via Veneto, passou pela Biblioteca Americana, a Piazza Venezia, o balcão usado por Mussolini para seus discursos, o enorme monumento a Vittorio Emmanuele e pelo Fórum. Passou pelo

Coliseu, o grande ponto turístico de Roma que Tom não apreciava. Era como se Freddie dormisse ao seu lado, como fazem algumas pessoas a quem queremos mostrar a cidade.

A Via Appia Antica estendia-se à sua frente, cinzenta e triste, com a iluminação suave e irregular. Fragmentos negros de velhos túmulos erguiam-se dos dois lados, silhuetas recortadas contra o céu ainda não completamente escuro. Havia mais sombra do que luz. E um único carro, vindo em sentido contrário. Poucos se aventuravam a transitar pela estrada sombria e mal calçada depois do escurecer, no mês de janeiro. Exceto talvez os namorados. O carro passou por ele. Tom começou a procurar um lugar para deixar o corpo. Freddie devia descansar atrás de uma bela tumba, pensou Tom. Encostou ao lado da estrada, perto das árvores, e apagou as luzes do carro. Esperou, perscrutando a estrada reta e vazia.

Freddie ainda estava mole como um boneco de borracha. E o tal de *rigor mortis*, de que tanto falavam? Arrastou o corpo, agora sem nenhum cuidado, deixando que o rosto raspasse no chão, para trás de uma árvore, e finalmente até um fragmento de laje, um arco de um metro e meio de altura, mais ou menos, provavelmente o túmulo de um patrício romano, pensou, e bom demais para aquele porco. Amaldiçoou a forma feia e pesada e deu-lhe um pontapé no queixo. Sentia-se cansado, exausto, a ponto de chorar, farto do corpo de Freddie Miles, e parecia que o momento de deixá-lo para sempre não chegava nunca. Havia ainda o maldito sobretudo! Regressou ao carro para apanhá-lo. Caminhando de volta, viu que o solo duro e seco não tinha marca nenhuma dos seus passos. Atirou o casaco ao lado do corpo e voltou-se rapidamente, as pernas dormentes e inseguras. Ligou o motor, fez a manobra e retornou a Roma.

Enquanto dirigia, limpava com a mão enluvada a parte externa da porta, o único lugar que tocara antes de calçar as luvas. Na rua que dava para o American Express, em frente à boate Florida, estacionou, saltou e deixou a chave no contato. Ficara com a carteira de Freddie, embora tivesse passado o dinheiro italiano para a sua e queimado uma nota de vinte francos suíços e alguns *shillings* austríacos. Tirou-a do bolso e, ao passar por um bueiro, inclinou-se, deixando-a cair pela grade.

Duas coisas estavam erradas, pensou, enquanto caminhava para casa. Os ladrões logicamente levariam o sobretudo porque era de boa qualidade, bem como o passaporte que se achava no bolso do paletó. Contudo, nem todos os ladrões agiam com lógica, especialmente os italianos. Assim como nenhum assassino agia com lógica. Lembrou-se da conversa com Freddie: "... *um italiano. Um garoto...*" Alguém o seguira, pensou, já que não contara a ninguém onde morava. Sentiu-se embaraçado. Talvez dois ou três garotos de entregas soubessem o endereço, mas não estariam no Café Greco. A sensação de vergonha fez com que se encolhesse dentro do sobretudo. Imaginava o garoto moreno, esbaforido, seguindo-o até em casa, olhando para cima a fim de verificar qual a janela que se iluminava logo após Tom ter entrado. Curvou os ombros para a frente e andou mais depressa, como se fugisse de um perseguidor doentio e apaixonado.

Na manhã seguinte, saiu antes das oito para comprar os jornais. Nada. Talvez demorassem alguns dias para encontrar o corpo. Provavelmente ninguém iria até a tumba anônima onde estava Freddie. Sentiu-se confiante e seguro, embora fisicamente péssimo. Sofria o pior tipo de ressaca, inquieto e preocupado, interrompendo tudo o que começava, a ponto de parar de escovar os dentes para verificar se o trem saía às dez e meia ou às dez e quarenta e cinco. Era mesmo às dez e meia.

Às nove achava-se pronto, vestido, o sobretudo e a capa sobre a cama. Avisara a Signora Buffi de que ficaria fora pelo menos três semanas, talvez mais. Ela agira como sempre, pensou Tom, e não dissera nada sobre o visitante americano da véspera. Tom queria perguntar algo, uma pergunta normal, que lhe indicasse o que a Signora Buffi pensava da conversa que tivera com Freddie, mas não conseguiu atinar com nada e resolveu deixar as coisas como estavam. Tudo estava bem, procurou convencer-se para se livrar da ressaca e da inquietação. Afinal, não tomara mais do que três *martinis* e três *pernod*s. Sabia que era auto-sugestão. Sentia ressaca porque fingira beber muito com Freddie. E agora, quando não precisava mais, continuava a representar incontrolavelmente.

O telefone tocou. Tom atendeu de mau humor:

— Pronto?

— Signor Greenleaf? — perguntaram.

— Si.

— Qui parla la estazione polizia numero ottantatre. Lei e un amico di un'americano chi se chiama Fred-derick Meeleys?

— Frederick Miles? *Si.*

A voz, tensa e rápida, informou que o corpo de Fred-derick Meeleys fora encontrado de manhã, na Via Appia Antica, e que o Signor Meeleys o visitara na véspera, correto?

— Sim, correto.

A que horas, exatamente?

— Do meio-dia até... talvez cinco ou seis da tarde, não estou certo.

— Poderia ter a gentileza de responder a algumas perguntas?... Não, não precisa se incomodar vindo à delegacia. O policial vai à sua casa. Onze horas, seria conveniente?

— Gostaria de ajudar no que for possível — respondeu com voz adequadamente excitada —, mas será que não pode vir agora? Tenho de sair às dez.

O homem deu um pequeno suspiro, dizendo que ia ser difícil mas fariam o possível. Se não chegassem antes das dez, era muito importante que os esperasse.

— *Va bene* — concordou, desligando.

Malditos! Perderia o trem e o navio. Tudo o que desejava era ir embora, deixar Roma e o apartamento. Começou a ensaiar o que diria à polícia. Era tão simples que chegava a ser aborrecido. A verdade absoluta. Tinham bebido, Freddie lhe contara sobre Cortina, conversaram bastante, e Freddie fora embora, talvez um pouco "alto", mas muito bem disposto. Não, não sabia aonde Freddie

pretendia ir. Talvez a um encontro, à noite.

Foi até o quarto e colocou no cavalete uma tela que começara a pintar alguns dias antes. As tintas da palheta ainda estavam úmidas, pois as deixara de molho numa bacia, na cozinha. Misturou um pouco mais de azul e branco e começou a retocar o céu cinza-azulado do quadro. A pintura mostrava o estilo de Dickie; os marrons-avermelhados vivos e os tons brilhantes de branco — os telhados e as paredes de Roma que via da sua janela. O céu era diferente, porque o céu de Roma no inverno era tão tristonho que nem mesmo Dickie usaria o azul em vez do cinza-azulado, pensou. Franziu as sobrancelhas, exatamente como Dickie quando pintava.

O telefone tocou outra vez.

— Maldito! — resmungou Tom. — Pronto?

— Pronto! Fausto! — disse a voz. — *Come sta?* — E a risada tão conhecida, jovial e cheia de vida.

— Oh!... Fausto! *Bene grazie! Excusa me* — respondeu Tom em italiano, com a voz alegre e desligada de Dickie. — Estava tentando pintar... Só tentando. — Sua intenção era imitar a entonação de Dickie logo depois de ter perdido um amigo como Freddie e, ao mesmo tempo, o tom de voz dele numa manhã de trabalho absorvente.

— Pode almoçar comigo? — perguntou Fausto. — Meu trem sai às quatro e quinze, para Milão.

Tom deu um gemido, exatamente como Dickie faria.

— Estou indo para Nápoles. Sim, imediatamente, dentro de vinte minutos.

Se conseguisse se livrar de Fausto agora, pensou, não precisaria

explicar que esperava a polícia. Talvez a notícia só aparecesse nos jornais da tarde.

— Mas estou aqui! Em Roma! Onde é sua casa? Estou na estação!  
— disse Fausto alegremente.

— Como conseguiu meu telefone?

— Ah, *allora*, liguei para informações. Disseram que seu nome não estava na lista, mas inventei uma longa história, dizendo que você ganhou uma rifa em Mongibello. Não sei se a telefonista acreditou, mas fiz a coisa toda parecer muito importante. Uma casa, uma vaca, um poço e um refrigerador! Tive de ligar mais três vezes, e afinal ela me deu o número. *Allora, Deekie*, onde você está?

— Isso não importa. Almoçaria com você se não precisasse tomar esse trem, mas...

— *Va bene*, ajudo a carregar suas malas! Diga onde está e apanho você de táxi!

— O tempo é tão pouco. Por que não nos encontramos na estação, em meia hora? É o trem das dez e meia para Nápoles.

— Certo!

— Como vai Marge?

— *Ah! Inamorata di te* — disse Fausto, rindo. — Vai se encontrar com ela em Nápoles?

— Acho que não. Vejo você daqui a pouco, Fausto. Preciso correr. *Arrivedercci*.

— *'rivedercci, Deekie! Addio!* — E desligou.

Quando lesse os jornais da tarde, Fausto compreenderia por que não tinha ido à estação; do contrário, pensaria que tinham se

desencontrado. Provavelmente, porém, leria os do meio-dia, pensou Tom, porque sem dúvida iam explorar a notícia — o assassinato de um americano na Via Appia. Depois da entrevista com a polícia tomaria o trem para Nápoles — depois das quatro, prevendo que Fausto pudesse se demorar na estação à sua espera — e ficaria lá até tomar o primeiro navio para Majorca.

Esperava que Fausto não conseguisse o endereço também e resolvesse aparecer antes das quatro, ou que chegasse quando a polícia se achasse no apartamento.

Atirou duas malas para baixo da cama e colocou a outra no armário, fechando a porta. Não queria que a polícia soubesse que sairia da cidade. Mas por que estava tão nervoso? Não tinham nenhuma pista, provavelmente. Talvez algum amigo de Freddie soubesse que ele ia visitar Dickie na véspera, e isso era tudo. Apanhou o pincel e mergulhou-o no solvente. Era preciso que os policiais percebessem que não estava descontrolado com a morte de Freddie a ponto de não conseguir pintar enquanto os esperava, embora estivesse vestido para sair, pois dissera que precisava ir a algum lugar às dez horas. Faria o papel de um amigo não muito íntimo de Freddie.

A Signora Buffi abriu a porta para os policiais às dez e meia. Tom viu-os do topo da escada. Não se detiveram para interrogar a zeladora e Tom voltou para o apartamento. O cheiro de solvente impregnava toda a sala.

Eram dois: o mais velho, com uniforme de oficial, e o outro, mais moço, com uniforme comum. O primeiro cumprimentou-o cortesmente, pedindo para ver seu passaporte. Comparou atentamente a fotografia com o rosto de Tom de um modo que

ninguém fizera até então, e Tom ficou na defensiva; o oficial, porém, não fez nenhum comentário. Devolveu-lhe o passaporte com uma curvatura e um sorriso. Era baixo, de meia-idade, igual a todos os italianos de meia-idade, sobrelhas grossas e grisalhas, e um bigode pequeno, também grisalho. Não parecia especialmente inteligente, nem estúpido.

— Como é que ele foi morto? — perguntou Tom.

— Golpes na cabeça e no pescoço com um instrumento pesado — respondeu o policial — e roubado. Acreditamos que estava bêbado. Estava bêbado quando saiu daqui ontem à tarde?

— Bem... um pouco. Nós dois bebemos. *Martini e pernod*.

O oficial anotou a informação no seu pequeno caderno, bem como o tempo que Tom informou que Freddie ficara no apartamento, do meio-dia às seis, mais ou menos.

O outro policial, de rosto bonito e inexpressivo, andava pelo apartamento com as mãos nas costas, e inclinou-se para examinar o quadro no cavalete, com ar despreocupado de quem visita um museu.

— Sabe para onde ele ia quando saiu daqui?

— Não, não sei.

— Mas achou que estava em condições de dirigir?

— Oh, sim. Não estava tão bêbado assim, do contrário eu teria ido com ele.

O oficial fez outra pergunta que Tom fingiu não entender. Ele repetiu-a, escolhendo outras palavras e trocando um sorriso com o outro policial. Queria saber que tipo de relacionamento tinha com

Freddie.

— Um amigo — disse Tom. — Não muito íntimo. Não o via e nem tinha notícias dele há uns dois meses. Fiquei muito perturbado ao saber de sua morte. — Procurou compensar o vocabulário deficiente com uma expressão ansiosa. Aparentemente conseguiu. Pensou que o interrogatório era apenas rotineiro e que em um ou dois minutos os homens se retirariam.

— A que horas exatamente ele foi morto? — perguntou.

O oficial ainda escrevia. Ergueu as sobrancelhas espessas.

— Evidentemente, logo depois que deixou sua casa, pois os médicos acham que devia estar morto pelo menos há doze horas, talvez mais.

— A que horas foi encontrado?

— Hoje de madrugada, por uns trabalhadores que passavam por ali.

— *Dio mio* — murmurou Tom.

— Não disse nada sobre ir à Via Appia?

— Não.

— O que o senhor fez ontem, depois que o Signor Meelays saiu?

— Fiquei aqui mesmo — fez um gesto com as duas mãos, indicando o apartamento, exatamente como Dickie faria. — Dormi um pouco e mais tarde, às oito ou oito e meia, saí para dar uma volta. — Um morador do prédio, cujo nome não sabia, vira-o chegar, mais ou menos às quinze para as nove, e tinham se cumprimentado.

— Foi passear sozinho?

— Sim.

— E o Signor Meelays saiu daqui sozinho? Não sabe se ia se encontrar com alguém?

— Não. Não disse nada a respeito — Tom imaginava se Freddie estava com amigos no hotel, ou onde quer que se hospedara. Esperava que a polícia não o confrontasse com amigos de Freddie, os quais provavelmente conheciam Dickie. Agora, seu nome — Richard Greenleaf — sairia nos jornais, pensou, bem como o endereço. Praguejou em voz baixa. O policial percebeu, mas, pensou, julgaria que se sentia revoltado com a triste sorte de Freddie.

— Então... — disse o oficial, fechando o caderninho.

— O senhor acha que foram... — Tom tentou lembrar-se da palavra italiana para assaltantes — rapazes violentos, não é? Tem alguma pista?

— Estamos examinando o carro, por causa das impressões digitais. Pode ter dado carona ao assassino. Encontramos o carro esta manhã, nas vizinhanças da Piazza di Spagna. Até a noite devemos ter alguma pista. Muito obrigado, Signor Greenleaf.

— *Di niente!* Se puder ajudar em mais alguma coisa...

O policial, já na porta, voltou-se.

— Nós o encontraremos aqui, nos próximos dias, se tivermos mais perguntas?

Tom hesitou.

— Estava planejando ir a Majorca, amanhã.

— Mas as perguntas podem ser sobre um ou outro suspeito — explicou o policial. — O senhor talvez possa nos informar sobre as relações dessas pessoas com o morto. — Fez um gesto largo com as

mãos.

— Está bem. Mas, na verdade, não conhecia o Signor Miles tão bem assim. Provavelmente tinha amigos mais chegados na cidade.

— Quem? — O oficial fechou a porta e retirou o caderninho do bolso.

— Não sei — respondeu Tom. — Sei apenas que devia ter alguns amigos aqui, pessoas que o conheciam melhor do que eu.

— Sinto muito. Esperamos poder entrar em contato com o senhor nos próximos dois dias — repetiu calmamente, como se fosse coisa resolvida e indiscutível, mesmo se tratando de um americano. — Sinto muito sobre os seus planos. Talvez ainda possa cancelá-los. Bom-dia, Signor Greenleaf.

— Bom-dia.

Depois que fecharam a porta, Tom ficou imóvel por alguns momentos. Pensou em ir para um hotel e avisar a polícia sobre essa mudança. Não queria que os amigos de Freddie ou os de Dickie o visitassem quando lessem o endereço nos jornais. Tentou avaliar seu procedimento, do ponto de vista da polícia. Não fizeram nenhuma pergunta que indicasse suspeita. E ele não demonstrara horror com a morte de Freddie, o que concordava com a afirmação de que não eram amigos íntimos. Não estava mau, exceto pelo fato de ter de ficar à disposição da polícia.

O telefone tocou, Tom não atendeu. Podia ser Fausto, da estação. Eram onze e quinze, o trem para Nápoles já devia ter saído. Quando o telefone parou de tocar, ligou para o Hotel Inghilterra, reservou um quarto e disse que chegaria dentro de meia hora. Ligou em seguida para a delegacia — lembrava-se do número, oitenta e três — e após

quase dez minutos de dificuldades, pois aparentemente ninguém sabia e nem queria saber quem era Richard Greenleaf, conseguiu deixar o recado de que o Signor Greenleaf podia ser encontrado no Albergo Inghilterra, se a polícia quisesse falar com ele.

Uma hora depois estava no hotel. As três malas, duas de Dickie e uma sua, o deixavam deprimido: preparava-se para coisa tão diferente. E agora aquilo!

Saiu ao meio-dia para comprar os jornais. Todos traziam a notícia: AMERICANO ASSASSINADO NA VIA APPIA ANTICA... CHOCANTE ASSASSINATO DE "RICISSIMO" AMERICANO FREDERICK MILES A NOITE PASSADA NA VIA APPIA... ASSASSINATO DE AMERICANO NA VIA APPIA AINDA SEM PISTAS... Tom leu todos, palavra por palavra. Não havia pistas, pelo menos até agora, nenhum sinal, impressões digitais ou suspeitos. Mas todos os jornais traziam o nome de Richard Greenleaf e davam seu endereço como lugar onde Freddie fora visto pela última vez. Nenhum insinuava que Herbert Richard Greenleaf estivesse sob suspeita. Diziam que aparentemente Miles bebera um pouco; os drinques eram enumerados, um a um, com a riqueza de detalhes típica do jornalismo italiano, e iam desde os americanos, uísque, conhaque, champanhe, até a *grappa*. Só não citavam gim e *pernod*.

Tom permaneceu no quarto do hotel na hora do almoço, andando de um lado para o outro, sentando-se e levantando-se, deprimido, encurralado. Telefonou para a agência de viagens em Roma e tentou cancelar a passagem para Palma. Disseram que devolveriam vinte e cinco por cento do preço pago. O próximo navio só saía dali a cinco dias.

Mais ou menos às duas horas, o telefone tocou com urgência.

— Alô — disse Tom, com a voz de Dickie, nervoso e irritado.

— Alô, Dickie. É Van Houston.

— Oh... — exclamou como se o reconhecesse, mas sem demonstrar muita surpresa ou calor.

— Como vai? Há quanto tempo, hein? — perguntou a voz do outro lado, rouca e tensa.

— É verdade. Onde você está?

— No Hassler. Examinei a bagagem de Freddie, com a polícia. Escute, preciso ver você. O que houve com Freddie ontem? Tentei encontrar seu endereço a noite toda, pois ele tinha ficado de voltar às seis horas. Mas não consegui. O que aconteceu ontem?

— Também queria saber! Freddie saiu da minha casa mais ou menos às seis horas. Tínhamos tomado alguns *martinis*, mas ele parecia em condições de dirigir, do contrário não o deixaria ir sozinho. Disse que o carro estava bem em frente. Não consigo imaginar o que aconteceu depois, a não ser que tenha dado carona a alguém e o tenham ameaçado com um revólver ou qualquer coisa assim.

— Mas não foi morto com um revólver. Concordo que alguém deve tê-lo obrigado a dirigir até lá, pois atravessou metade da cidade até a Via Appia, e o Hassler fica a poucos quarteirões do seu apartamento.

— Ele alguma vez "apagou" quando dirigia?

— Escute, Dickie, posso me encontrar com você? Estou livre agora, apenas não posso sair do hotel hoje.

— Eu também não.

— Ora, vamos. Deixe um recado dizendo aonde vai.

— Não posso, Van. A polícia deve chegar dentro de uma hora e esperam me encontrar. Por que não telefona mais tarde? Talvez à noite?

— Certo. A que horas?

— Mais ou menos às seis.

— Certo. Não desanime, Dickie.

— Você também.

— A gente se vê — disse Van com voz fraca. Tom desligou. No fim da conversa, Van parecia prestes a chorar.

— Pronto? — tentava agora falar com a telefonista do hotel. Deixou recado que não estava para ninguém, a não ser para a polícia, e que decididamente não deixassem ninguém subir ao quarto.

O telefone não tocou durante toda a tarde. Às oito horas, quando já escurecia, Tom desceu para comprar os jornais. Examinou o pequeno saguão de entrada e o bar do hotel que dava para o corredor principal, procurando alguém que pudesse ser Van. Estava preparado para qualquer coisa, até para ver Marge sentada à sua espera, mas não viu ninguém conhecido e ninguém que parecesse um agente de polícia. Comprou os jornais da noite e foi a um pequeno restaurante a alguns quarteirões do hotel. Nenhuma pista ainda. Ficou sabendo que Van Houston era um amigo de Freddie, de vinte e oito anos, que estava viajando com ele da Austrália para Roma, em férias, e que pretendiam passar alguns dias em Florença, onde os dois tinham casas. A polícia interrogara três jovens italianos, dois de dezoito e um de dezesseis anos, suspeitos de terem "perpetrado o ato horrível", mas foram logo postos em liberdade.

Sentiu-se aliviado ao ler que não se encontraram impressões digitais recentes ou que pudessem ser utilizadas, no "*belíssimo* FIAT 1400 conversível" de Miles.

Tom jantou *costellata di vitello*, comendo-as lentamente; tomou vinho, e continuou procurando em todas as colunas dos jornais alguma notícia de última hora sobre o caso. Nada sobre Miles. Na última página do último jornal leu, porém:

BARCA AFFONDATA CON MACCHIE DI SANGUE TROVATA  
NELL'ACQUA POCO FONDO VICINO SAN REMO

Leu rapidamente, mais aterrorizado do que quando carregara o corpo de Freddie escada abaixo ou quando a polícia o interrogara. Era como um pesadelo tornado realidade. O barco era descrito em detalhe e Tom viu de novo Dickie sentado na popa, Dickie sorrindo, o corpo de Dickie afundando, a esteira de bolhas. O jornal supunha — não afirmava — que as manchas talvez fossem de sangue. Nada sobre o que a polícia ou outra pessoa qualquer pretendia fazer a respeito. Mas, pensou Tom, sem dúvida a polícia ia fazer alguma coisa. O dono podia informar o dia exato em que o barco desaparecera. A polícia verificaria os hotéis. O homem talvez até se lembrasse dos dois americanos que alugaram o barco e que não tinham voltado. Se fossem verificados os registros dos hotéis, o nome de Richard Greenleaf seria como uma bandeira vermelha. E, nesse caso, naturalmente o desaparecido seria Tom Ripley. Tom Ripley, a possível vítima de assassinato naquele dia. A imaginação de Tom verificou todas as possibilidades: se procurassem o corpo de Dickie e o encontrassem, pensariam que era de Tom Ripley. E Dickie seria suspeito de assassinato. Logo, seria suspeito de ter matado Freddie também. Da noite para o dia, Dickie passaria a ser um "assassino

inveterado". Por outro lado, o dono do barco talvez não se lembrasse do dia em que um deles não voltara. Ou, mesmo que se lembrasse, talvez a polícia não verificasse os hotéis. Podia até nem se interessar pelo caso. Podia acontecer isto, podia acontecer aquilo, podia *não acontecer* nada.

Tom dobrou os jornais, pagou a conta e saiu.

No hotel, perguntou se havia algum recado.

— *Si, signor. Questo e questo e questo.* — O homem colocou-os sobre o balcão como quem mostra uma boa mão de pôquer.

Dois de Van. Um de Robert Gilbertson. (Não vira um Robert Gilbertson no caderninho de Dickie? Precisava verificar.) Um de Marge. Leu o recado escrito em italiano: *Signorina Sherwood* telefonou às 3 e 35 da tarde e vai telefonar outra vez. O chamado era de Mongibello.

Tom apanhou os papéis:

— Muito obrigado. — Não gostou dos olhares que o homem lhe deu. Os italianos eram tão acintosamente curiosos!

No quarto, sentou-se numa poltrona, o corpo curvado para a frente, fumando e pensando.. Tentava imaginar o que aconteceria se não fizesse absolutamente nada, e o que poderia provocar se fizesse alguma coisa. Provavelmente Marge iria a Roma. Sem dúvida conseguiria seu endereço com a polícia. Se viesse, Tom precisava vê-la e convencê-la de que Dickie estava fora da cidade, como fizera com Freddie. Se falhasse... Esfregou as mãos nervosamente. Não, não devia ver Marge. Era o mais certo. Não agora, com essa história do barco. Tudo iria por água abaixo se ela o visse agora. Seria o fim! Mas, se se mantivesse firme, nada aconteceria. Era apenas um

momento, pensou, uma pequena crise, o barco e o assassinato de Miles ainda não resolvido, dificultando as coisas. Mas nada, absolutamente nada lhe aconteceria se continuasse a fazer e a dizer as coisas certas. Depois, poderia continuar tranqüilamente. Grécia ou Índia. Ceilão. Um lugar distante onde nenhum velho amigo viria bater à sua porta. Que tolice pensar que podia permanecer em Roma! Era o mesmo que morar na Estação Central de Nova York ou colocar-se em exibição no Louvre!

Telefonou para a Stazione Termini e informou-se sobre o horário dos trens para Nápoles no dia seguinte. Havia cinco ou seis. Tomou nota das partidas. O navio para Majorca só sairia dentro de cinco dias. Ia esperar em Nápoles. Só precisava se livrar da polícia, e se não o procurassem até o dia seguinte, tudo estaria resolvido. Não podiam deter uma pessoa para sempre sem motivo, apenas para fazer perguntas ocasionais! Começou a se convencer de que estaria livre no dia seguinte, que isso era absolutamente lógico.

Apanhou o telefone e avisou que se a Srta. Marge telefonasse, ele atenderia. Se ela chamar, pensou, em dois minutos eu a convengo de que tudo está bem, que Dickie nada tem a ver com o assassinato de Miles, que se transferira para o hotel apenas para evitar os telefonemas de estranhos e ao mesmo tempo ficar à disposição da polícia se precisasse dele para identificar algum suspeito. Diria que tomaria um avião para a Grécia no dia seguinte e que, portanto, não adiantava vir a Roma. Na verdade, pensou, podia ir de avião de Roma a Palma. Nem pensara nisso antes.

Deitou-se cansado, sem tirar a roupa, pois tinha a sensação de que alguma coisa aconteceria naquela noite. Pensou em Marge. Imaginou-a nesse momento, sentada a uma das mesas do Giorgio, ou

tomando um longo Tom Collins no bar do Miramar, indecisa, sem saber se telefonava ou não outra vez para Dickie. Podia ver as sobrancelhas franzidas, o cabelo despenteado, tentando adivinhar o que estava acontecendo em Roma. Via-a sozinha, sem ninguém para conversar. Na sua imaginação, via Marge erguendo-se, indo até em casa e apanhando uma mala para tomar o ônibus no dia seguinte. E ele estava na estrada, em frente ao Correio, gritando para que ela não fosse, tentando parar o ônibus, mas inutilmente...

A cena dissolveu-se num redemoinho cinza-amarelado, a cor da areia de Mongibello. Tom viu então Dickie correndo para ele, com a roupa de veludo que usara em San Remo. Todo encharcado, a gravata gotejando. Inclinou-se e sacudiu Tom.

— Eu nadei! Tom, acorde! Eu estou bem! Eu nadei! Estou vivo! — Tom encolheu-se para evitar que as mãos de Dickie o tocassem. Ouviu de novo o riso feliz e profundo. — Tom! — A voz era mais sonora, *mais real* do que Tom podia imitar. Ergueu-se com esforço. Seu corpo estava lento e pesado, como se tentasse sair das profundezas do mar.

— Eu nadei! — gritou Dickie, e a voz ressoou nos ouvidos de Tom como se viesse através de um túnel.

Passeou os olhos pelo quarto, à procura de Dickie, na claridade amarela da lâmpada de mesa, no canto escuro do guarda-roupa. Os olhos arregalados, as pálpebras distendidas de terror. E embora soubesse que seu medo era absurdo, continuou a procurar Dickie, atrás das cortinas e no chão, ao lado da cama. Cambaleou pelo quarto e abriu uma janela. Depois a outra. Sentia-se narcotizado. *Alguém colocou alguma droga no meu vinho*, pensou subitamente. Ajoelhou-se ao lado da janela, respirando o ar frio, lutando contra a

sonolência, contra aquela coisa que ia tomar conta dele se não lutasse com todas as suas forças. Afinal, foi até o banheiro e molhou o rosto. O entorpecimento estava passando. Sabia que não fora drogado. Estava deixando que a imaginação o dominasse. Perdera o controle.

Endireitou o corpo e calmamente tirou a gravata. Com os gestos de Dickie tirou a roupa, tomou banho, vestiu o pijama e deitou-se. Tentou imaginar o que Dickie pensaria se estivesse no seu lugar. Em sua mãe. Na última carta ela mandara fotografias dela com o marido tomando café na sala de estar, uma cena de que Tom se lembrava de quando jantara com eles. A Sra. Greenleaf dizia que o marido tirara a fotografia apertando um botão. Tom começou a comportar-se mentalmente a próxima carta para eles. Estavam satisfeitos porque agora ele escrevia com maior frequência. Devia tranquilizá-los sobre o caso de Freddie, pois naturalmente conheciam Freddie. A Sra. Greenleaf perguntara sobre *ele* em uma de suas cartas. Contudo, enquanto pensava no que ia escrever, estava atento ao telefone e não conseguia se concentrar.

## 18

Seu primeiro pensamento, ao acordar, foi para Marge. Apanhou o telefone e perguntou se ela ligara durante a noite. Não. Teve a terrível premonição de que Marge estava viajando para Roma. Saltou da cama nervosamente, mas, enquanto fazia a barba e tomava banho, mudou de atitude. Por que se preocupar com Marge? Sempre conseguia manejá-la. Além disso, não podia chegar antes das cinco ou seis da tarde, pois o ônibus de Mongibello só saía ao meio-dia e naturalmente ela não tomaria um táxi até Nápoles.

Talvez ele pudesse sair de Roma esta manhã. Às dez telefonaria para a polícia para saber.

Pediu café com leite e pão, no quarto, e os jornais da manhã. Estranho, nada sobre Miles e nada sobre o barco de San Remo. Foi tomado por uma sensação de medo, a mesma que sentira na noite passada quando imaginou que Dickie estava no quarto. Atirou os jornais sobre uma cadeira.

O telefone tocou e Tom deu um salto para atendê-lo. Marge ou a polícia?

— Pronto?

— Pronto. Estão aqui dois *signori* da polícia à sua procura, *signor...*

— Muito bem. Quer pedir para subirem?

Um minuto mais tarde ouviu os passos no corredor atapetado. Era o mesmo oficial da véspera, acompanhado de outro jovem

policial.

— *Buon giorno* — disse o homem delicadamente, curvando-se.

— *Buon giorno* — cumprimentou Tom. — Descobriram alguma coisa?

— Não. — Havia uma interrogação na negativa. Sentou-se na cadeira que Tom lhe ofereceu e abriu a pasta de couro marrom. — Apareceu outra coisa. O senhor é amigo do americano Thomas Reepley também?

— Sim.

— Sabe onde ele está?

— Acho que voltou para os Estados Unidos há um mês.

O oficial consultou o papel que tinha nas mãos.

— Compreendo. Isso terá de ser verificado com o Departamento de Imigração dos Estados Unidos. O senhor vê, estamos tentando encontrar Thomas Reepley. Achamos que está morto.

— Morto? Por quê?

Os lábios do policial apertavam-se ao fim de cada frase, sob o bigode grisalho, dando a impressão de que sorria. Esse sorriso desnorteara Tom no dia anterior também.

— Esteve com ele numa viagem a San Remo, em novembro, não esteve?

Então, tinham verificado os hotéis!

— Sim.

— Onde o viu pela última vez? Em San Remo?

— Não. Eu o vi em Roma — lembrou-se de que Marge sabia que

tinha voltado para Roma pois dissera que ia ajudar Dickie a se instalar.

— Quando o viu pela última vez?

— Não sei se posso precisar a data. Há uns dois meses, creio. Acho que recebi um cartão dele de... de Gênova, dizendo que ia voltar para os Estados Unidos.

— O senhor acha?

— Sei que recebi — disse Tom. — Por que pensa que ele está morto?

O oficial olhou para os papéis, com ar de dúvida. Tom percebeu que o outro, encostado na cômoda com os braços cruzados, o observava com ar inexpressivo.

— Deu um passeio de barco com Thomas Reepley em San Remo?

— Um passeio de barco? Onde?

— Num pequeno barco. Na baía? — perguntou o homem em voz baixa, olhando fixamente para Tom.

— Acho que sim. Sim, eu me lembro. Por quê?

— Porque foi encontrado um pequeno barco com algumas manchas que podem ser de sangue. Foi perdido no dia 25 de novembro. Isto é, não voltou ao ancoradouro onde foi alugado. 25 de novembro foi o dia em que estive em San Remo com Tomas Reepley — os olhos do oficial o fitavam, imóveis.

A brandura do olhar ofendia Tom. Não era honesto, pensava. Fez um esforço tremendo para comportar-se como devia. Era como se estivesse fora do seu corpo, observando a cena. Corrigiu a postura, para parecer mais à vontade, e apoiou uma das mãos na grade dos

pés da cama.

— Mas não aconteceu nada naquele passeio. Nenhum acidente.

— Levaram o barco de volta?

— Naturalmente.

O policial continuava a observá-lo.

— Não conseguimos encontrar o nome do Signor Reepley no registro de nenhum hotel, depois do dia 25 de novembro.

— É mesmo? Há quanto tempo estão procurando?

— Não o bastante para ter verificado todas as pequenas cidades da Itália, mas verificamos nos hotéis maiores. Encontramos o seu nome no Hassler, registrado de 28 a 30 de novembro, e então...

— Tom não ficou comigo em Roma... o Signor Reepley. Ele foi a Mongibello, mais ou menos nessa época, e ficou lá uns dois dias.

— E onde se hospedou, quando voltou para Roma?

— Num pequeno hotel. Não me lembro o nome. Não o visitei.

— E o senhor, onde estava?

— Quando?

— Nos dias 26 e 27 de novembro. Isto é, logo depois de San Remo.

— Em Forte dei Marmi — respondeu Tom. — Parei lá na volta. Fiquei numa pensão.

— Qual?

Tom sacudiu a cabeça.

— Não me lembro o nome. Muito pequena. Afinal, pensou Marge podia, provar que Tom estivera em Mongibello, vivo, depois de San Remo. Assim, por que a polícia iria investigar a pensão em que

Dickie Greenleaf ficara nos dias 26 e 27 de novembro? Sentou-se na cama.

— Não entendo por que pensar que Tom Ripley está morto.

— Pensamos que *alguém* está morto — respondeu o oficial — em San Remo. Alguém foi morto naquele barco. Foi afundado para esconder as manchas de sangue.

Tom franziu a testa.

— Tem certeza de que eram manchas de sangue?

O oficial ergueu os ombros.

Tom fez o mesmo.

— Provavelmente umas duzentas pessoas alugaram barcos naquele dia, em San Remo.

— Não tantas. Umas trinta. É verdade, podia ser qualquer uma dessas trinta, ou qualquer dos quinze pares — ajuntou, com um sorriso. — Mas estamos começando a pensar que Thomas Reepley se encontra desaparecido. — Agora fitava um canto do quarto, como se pensasse em outra coisa, a julgar pela expressão do seu rosto. Ou estaria apenas aproveitando a comodidade do radiador próximo à sua cadeira?

Tom descruzou e tornou a cruzar as pernas com impaciência. Era óbvio o que passava pela cabeça do italiano: por duas vezes Dickie Greenleaf estivera na cena de um crime ou, pelo menos, muito perto. O desaparecido Thomas Reepley saíra para um passeio de barco, no dia 25 de novembro com Dickie Greenleaf. Logo... — Tom endireitou o corpo e franziu a testa.

— Está dizendo que não acredita quando informo que vi Tom

Ripley em Roma, mais ou menos no dia primeiro de dezembro?

— Oh, não. Não disse isso, de modo algum! — O oficial fez um gesto apaziguador. — Queria ouvir o que tinha a dizer sobre a sua... sua viagem com o Signor Reepley, depois de San Remo, porque não conseguimos encontrá-lo. — Sorriu outra vez, um sorriso largo e amistoso, mostrando os dentes grandes e amarelos.

Tom relaxou o corpo e ergueu os ombros, exasperado. Obviamente, a polícia italiana não queria acusar diretamente um cidadão americano de assassinato.

— Sinto muito não poder dizer onde ele está agora. Por que não tenta Paris? Ou Gênova? Tom sempre fica em pequenos hotéis, por uma questão de gosto.

— Tem aí o cartão que ele mandou de Gênova?

— Não, não tenho. — Passou a mão pelo cabelo, como Dickie fazia quando se irritava. Sentia-se melhor concentrando-se em ser Dickie Greenleaf, por alguns segundos, enquanto andava pelo quarto.

— Conhece algum amigo de Thomas Reepley?

Tom sacudiu a cabeça.

— Não. Eu nem o conheço muito bem, pelo menos não há muito tempo. Não sei se tem muitos amigos na Europa. Acho que disse que conhecia alguém em Faenza. Em Florença também. Mas não me lembro dos nomes. — Se o italiano pensasse que protegia os amigos de Tom de um interrogatório aborrecido, paciência.

— *Va bene*. Vamos verificar — disse o oficial. Guardou os papéis na pasta. Tinha feito várias anotações.

— Mais uma coisa — disse Tom, com a voz de Dickie, franca e

nervosa. — Quero saber quando posso sair da cidade. Pretendo ir à Sicília. Vou ficar no Hotel Parma, em Palermo. Será fácil me encontrar, se precisar.

— Palermo — disse o oficial. — *Ebbene*, sim, é possível. Posso usar o telefone?

Tom acendeu um cigarro italiano enquanto ouvia o oficial chamar o Capitano Aulicino e dizer impassivelmente que o Signor Greenleaf não sabia onde estava o Signor Reepley, que este devia ter voltado para os Estados Unidos ou podia estar em Florença ou Faenza, segundo o Sr. Greenleaf. Faenza, repetiu cuidadosamente, *vicino Bologna*. Quando a pessoa do outro lado da linha disse ter entendido, o oficial informou que o Signor Greenleaf queria ir a Palermo hoje. *Va bene*. — Voltou-se para Tom, sorrindo:

— Sim, pode ir para Palermo hoje.

— *Benone. Grazie*. — Acompanhou-os até a porta. — Se tiver notícias de Tom gostaria de saber — disse com simplicidade.

— Naturalmente! Nós o manteremos informado, signor. *Buon giorno*.

Sozinho, Tom começou a assobiar, enquanto tornava a colocar na mala as poucas peças de roupa que retirara. Orgulhava-se por ter sugerido a Sicília, em vez de Majorca, porque a primeira era na Itália, e naturalmente a polícia italiana preferia que permanecesse em seu território. Lembrou-se, então, de que o passaporte de Ripley não tinha nenhum visto de entrada na França depois de San Remo. Dissera a Marge que Tom pretendia ir a Paris, e de lá para os Estados Unidos. Se interrogassem Marge sobre a passagem de Tom por Mongibello, depois de San Remo, ela por certo diria que ele fora a

Paris. E se tivesse de voltar a ser Tom Ripley, o passaporte mostraria que não estivera na França depois da viagem a Cannes. Podia dizer que mudara de idéia, após falar com Dickie, tendo resolvido ficar na Itália. Isso não era importante.

Subitamente endireitou o corpo, parando de arrumar a mala. E se tudo não passasse de um truque? Estariam lhe dando corda, permitindo que fosse à Sicília aparentemente livre de suspeita? Aquele oficial era um bastardo astucioso. Dissera seu nome. Qual era mesmo? Ravini? Roverini? Bem, e qual era a vantagem em dar mais corda a Tom? Dissera à polícia aonde ia. Não pretendia fugir de coisa nenhuma. Tudo o que queria era sair de Roma. Estava desesperado para sair da cidade! Atirou as últimas peças de roupa na mala e fechou-a.

O telefone outra vez! Apanhou o aparelho, irritado.

— Pronto?

— Oh, Dickie! — uma voz ofegante.

Era Marge, e estava no hotel, podia adivinhar pelos sons que ouvia. Confuso, disse com a voz de Tom.

— Quem está falando?

— É Tom?

— Marge! Ora, alô! Onde está?

— Aqui embaixo, no hotel. Dickie está aí? Posso subir?

— Pode, daqui a cinco minutos — respondeu Tom, rindo. — Não estou vestido, ainda. — Em geral as pessoas falavam de uma cabine telefônica no saguão do hotel. Ninguém estaria ouvindo a conversa.

— Dickie está aí?

— No momento, não. Saiu há meia hora, mais ou menos, mas deve voltar logo. Sei onde ele está, se quiser ir encontrá-lo.

— Onde?

— Na delegacia de polícia número 83. Não, perdão, é 87.

— Está metido em alguma encrenca?

— Não. Só respondendo a algumas perguntas. Devia estar lá às dez horas. Quer o endereço? — Não devia ter começado a falar com a voz de Tom; podia ter fingido ser um empregado do hotel, um amigo de Dickie, qualquer pessoa, e dito que Dickie ia demorar.

Marge gemeu:

— Não, não. Eu espero.

— Aqui está! — disse Tom, como se acabasse de encontrar alguma coisa. — Via Peruggia, 21. Sabe onde fica? — Tom não sabia, mas indicava a direção oposta ao American Express, onde pretendia apanhar a correspondência antes de viajar.

— Não quero ir — disse Marge. — Vou subir e esperar com você, se não se incomoda.

— Bem, é... — Riu, a risada inconfundível de Tom, que Marge conhecia bem. — O caso é que estou esperando uma pessoa que deve chegar a qualquer momento. Negócios. Sobre um emprego. Acredite ou não, o velho "inacreditável" Ripley está tentando arranjar trabalho.

— Ah! — disse Marge, sem o mínimo interesse. — Bem, como vai Dickie? Por que ele precisa falar com a polícia?

— Só porque tomou uns drinques com Freddie naquele dia. Leu os jornais, não leu? Fizeram o caso muito mais importante do que é,

pela simples razão de que os idiotas não têm nenhuma pista.

— Há quanto tempo Dickie está morando aqui?

— Aqui? Oh, só dois dias. Eu estava no norte. Quando soube da morte de Freddie vim a Roma ver Dickie. Se não fosse a polícia, nunca o teria encontrado!

— Diz isso para mim! Fui à polícia em desespero de causa! Tenho andado tão preocupada, Tom. Ele podia ao menos ter telefonado para o Giorgio, ou outro lugar qualquer.

— Estou muito satisfeito por você estar aqui, Marge. Dickie vai ficar feliz. Está muito preocupado com o que você pode pensar dessas notícias todas dos jornais.

— É mesmo? — disse Marge, como quem não acredita, mas mesmo assim satisfeita.

— Por que não me espera no Ângelo? É o bar na rua em frente ao hotel, a que vai dar na Piazza di Spagna. Vou ver se posso dar uma fugida e tomar um drinque ou um café com você daqui a uns cinco minutos, certo?

— Certo. Mas tem um bar aqui no hotel.

— Não quero que meu futuro patrão me veja em um bar.

— Ah, está bem. Ângelo?

— É fácil de encontrar. Na rua em frente ao hotel. Até logo.

Voltou-se rapidamente para acabar de arrumar suas coisas. Na verdade estava pronto, exceto pelos casacos, ainda no armário. Apanhou o telefone, pediu para preparar sua conta e mandar apanhar a bagagem. Empilhou as malas cuidadosamente e desceu pelas escadas. Queria verificar se Marge ainda se achava no saguão à

espera dele, ou talvez dando outro telefonema. Era quase certo que não estava no hotel quando a polícia subira, pensou. Telefonara cinco minutos depois da saída dos policiais. Tom usava chapéu, para esconder os cabelos louros, uma capa de chuva, nova, e no rosto, a expressão tímida, quase assustada de Tom Ripley.

Ela não estava no saguão. Tom pagou a conta. O recepcionista deu-lhe outro recado: Van Houston estivera no hotel dez minutos atrás. O recado era do seu próprio punho:

"Esperei por você meia hora. Nunca sai para dar um passeio? Não me deixaram subir. Procure-me no Hassler."

Talvez Van e Marge tivessem se encontrado, se é que se conheciam, e estariam agora no Ângelo à espera de Dickie.

— Se perguntarem por mim, quer dizer que saí da cidade?

— Va bene, signor.

Tom entrou no táxi que o esperava.

— Por favor, pare no American Express — disse ao motorista.

O táxi não foi pela rua do Ângelo. Tom relaxou e congratulou-se. Especialmente por ter saído do apartamento, que o deixava nervoso, e ido para o hotel. No apartamento jamais se teria livrado de Marge. Se tentasse a mesma coisa, ela na certa teria insistido em subir para esperar por Dickie. A sorte estava do seu lado!

Havia correspondência para ele no American Express, três cartas, uma de Greenleaf.

— Como está hoje? — perguntou a jovem italiana que lhe entregou a correspondência.

Com certeza leu os jornais, pensou. Sorriu para o rosto ingênuo e

curioso. Chamava-se Maria.

— Muito bem, obrigado. E você?

Enquanto saía do prédio, ocorreu-lhe que nunca poderia usar o American Express para Tom Ripley. Dois ou três dos empregados da agência o conheciam de vista. Usava agora o American Express de Nápoles para Tom Ripley, embora não tivesse ido apanhar nenhuma correspondência, nem escrito para que enviassem suas cartas, porque não esperava nada importante para Tom Ripley, nem mesmo outra explosão de Greenleaf. Quando as coisas se acalmassem um pouco, iria ao American Express de Nápoles apanhar sua correspondência com o passaporte de Tom Ripley.

Não podia usar o American Express de Roma para Tom Ripley, mas tinha de conservar Tom Ripley com ele, seu passaporte e suas roupas para o caso de emergências, como o telefonema de Marge dessa manhã. Ela estivera muito perto de se achar no mesmo quarto que ele. Enquanto a inocência de Dickie Greenleaf ainda fosse discutível, na opinião da polícia, seria suicídio pensar em sair do país como Dickie, pois, se tivesse de mudar rapidamente para Tom Ripley, o passaporte deste mostraria que não saíra da Itália. Se quisesse deixar a Itália — para tirar Dickie Greenleaf completamente das mãos da polícia — teria de sair como Tom Ripley, e voltar como Tom Ripley, passando a ser Dickie novamente quando as investigações terminassem. Era uma possibilidade.

Parecia simples e seguro. Tudo o que tinha a fazer era esperar com paciência por alguns dias.

## 19

O barco aproximou-se do porto de Palermo vagarosa e cautelosamente, aprumando a proa branca com suavidade sobre as cascas de laranja, montes de palha e caixotes de frutas quebradas. Era exatamente como Tom se sentia chegando a Palermo. Passara dois dias em Nápoles e não lera nada interessante nos jornais sobre Miles ou sobre o barco de San Remo e, pelo menos que soubesse, a polícia não tentara se comunicar com ele. Mas talvez não quisessem se incomodar procurando-o em Nápoles e esperassem que chegasse a Palermo, no hotel.

Nenhum policial à sua espera nas docas. Tom procurou-os mas não viu nenhum. Comprou os jornais e tomou um táxi para o Hotel Palma. Nenhum policial no saguão do hotel. Era um saguão antigo, com grandes colunas de mármore e enormes vasos com palmeiras por toda parte. O recepcionista disse-lhe o número do quarto reservado e entregou a chave ao camareiro. Tom ficou tão aliviado que, enchendo-se de coragem, perguntou se havia algum recado para o Signor Richard Greenleaf. O recepcionista informou que não havia nada.

Então começou a se acalmar. Isso queria dizer que não havia nem mesmo uma mensagem de Marge. Na certa ela fora à polícia para saber o paradeiro de Dickie. Durante a viagem de navio, Tom imaginara as coisas mais horríveis: Marge chegando a Palermo de avião, antes dele; Marge deixando um recado no Hotel Palma, dizendo que chegaria no próximo navio. Tinha até mesmo procurado

por ela a bordo quando embarcou em Nápoles.

Agora começava a pensar que Marge afinal desistira de Dickie, depois do episódio de Roma. Talvez tivesse compreendido que Dickie fugia dela e queria ficar sozinho com Tom. Talvez a idéia tivesse afinal penetrado na sua cabeça dura. Sentado na banheira de água morna, Tom pensou em lhe escrever uma carta nesse sentido, enquanto passava a espuma perfumada pelos braços. Tom Ripley devia escrever a carta. Já era tempo. Diria que tentara agir com diplomacia durante todo esse tempo, que não quis explicar tudo por telefone, em Roma, mas que agora sentia que ela compreenderia. Ele e Dickie estavam muito felizes juntos — essa era a história. Tom começou a rir, divertido e satisfeito, incontrolavelmente; tampando o nariz, escorregou na banheira até afundar o rosto na água.

Querida Marge, escreveria, resolvi escrever porque acho que Dickie jamais o fará, embora eu tenha pedido a ele muitas vezes. Você é uma pessoa boa demais para ficar tanto tempo presa a essa situação...

Riu outra vez, e então controlou-se, concentrando-se deliberadamente no pequeno problema ainda não resolvido. Marge provavelmente dissera à polícia que falara com Tom Ripley no Hotel Inghilterra. Iam imaginar para onde ele teria ido. Talvez estivessem à sua procura, em Roma. Na certa seguiriam os passos de Dickie Greenleaf. Era um novo perigo — se, por exemplo, concluíssem agora que ele era Tom Ripley, pela descrição de Marge, e o revistassem, tirassem suas roupas e achassem os dois passaportes. Mas, o que dissera a respeito de riscos? Os riscos eram exatamente o que davam graça à coisa toda. Começou a cantar:

*Papa nun mole, Mama ne meno,  
Come faremo, far' la'amor'?*

Continuou cantando enquanto se enxugava. Era o barítono alto de Dickie, que Tom nunca ouvira mas tinha certeza de que Dickie aprovaria o tom.

Vestiu-se com um dos ternos de viagem, que não amarrotavam, e saiu para a noite de Palermo. Lá estava, do outro lado da praça, a grande catedral de influência normanda, conforme lera, construída pelo arcebispo inglês Walter-of-the Mill, como estava escrito no guia. E ao sul, Siracusa, cenário de uma grande batalha naval entre os latinos e os gregos. E a Orelha de Dionísio. E Taormina. E lá estava o Etna! Era uma ilha extensa, completamente nova para ele. Sicília! A Fortaleza de Giuliano! Colonizada pelos antigos gregos, invadida pelos normandos e sarracenos! Amanhã começaria seu turismo, mas esse momento era glorioso, pensou, parando para olhar as torres da imensa catedral à sua frente. Maravilhoso contemplar os arcos empoeirados da fachada e pensar em visitar o interior no dia seguinte, quase sentindo agora o cheiro adocicado de mofo, o cheiro das inumeráveis velas e todo o incenso queimados durante centenas de anos. Antecipação! Ocorreu-lhe que a antecipação era, para ele, mais excitante do que a experiência em si. Seria assim pelo resto de sua vida? Quando passava as noites sozinho, examinando e tocando as coisas que tinham pertencido a Dickie, simplesmente olhando os anéis nos próprios dedos, as gravatas de lã ou a carteira preta de crocodilo, o que sentia era experiência ou antecipação?

Para além da Sicília, a Grécia. Definitivamente queria conhecer a

Grécia. Queria conhecê-la como Dickie Greenleaf, com seu dinheiro, suas roupas, seu modo de tratar os estranhos. Mas será que não ia poder ver a Grécia como Dickie Greenleaf? As coisas aconteceriam, umas após as outras, para prejudicar seus planos — assassinio, suspeitas, *pessoas*? Não tivera intenção de matar, fora apenas uma necessidade. A idéia de ir à Grécia, caminhar na Acrópole como Tom Ripley, turista americano, não o atraía de modo nenhum. Preferia não ir. Seus olhos se encheram de lágrimas ao fitar o campanário da catedral; voltando-se, pôs-se a caminhar por uma outra rua.

Na manhã seguinte havia uma carta para ele, uma grossa carta de Marge. Tom apertou-a entre os dedos e sorriu. Era o que esperava, sem dúvida, do contrário não seria tão volumosa. Leu-a enquanto tomava café. Saboreou cada linha junto com os pãezinhos quentes e o café com canela. Era tudo o que esperava, e mais ainda.

*... Se você realmente não soube que estive no seu hotel, isso só pode significar que Tom não lhe contou, o que leva à mesma conclusão. É mais do que evidente, agora, que você está fugindo e não tem coragem de me encarar. Por que não admite que não pode viver sem o seu amiguinho? Só sinto, meu caro, que não tenha tido a coragem de me contar isso antes e diretamente. O que pensa que sou, uma pobre moça do interior que não sabe nada sobre essas coisas? Você é que está agindo como um caipira. De qualquer modo, espero que o fato de estar lhe contando o que não teve coragem de me contar alivie a sua consciência e permita que ande de cabeça erguida. Não há nada como ter orgulho de quem*

*se ama, não é mesmo? Não conversamos uma vez sobre isso?*

*O segundo ato importante do meu feriado romano foi contar à polícia que Tom Ripley está com você. Estavam loucos para encontrá-lo. (Gostaria de saber por quê. O que foi que ele fez agora?) Também informei à polícia, no meu melhor italiano, que você e Tom são inseparáveis e que não compreendia como puderam encontrar você e não encontrar Tom.*

*Troquei minha passagem e vou para os Estados Unidos no fim de março, após visitar brevemente Kate em Munique, depois do que, acredito, nossos caminhos jamais se cruzarão. Sem ressentimentos, Dickie, velho amigo. Apenas pensava que você fosse mais corajoso.*

*Obrigada por todas as maravilhosas recordações. São agora como algo conservado num museu, ou em âmbar, um pouco irrealis, como você deve ter se sentido sempre para comigo. Tudo de bom para o futuro.*

*Marge*

Arre! O espinho no fim da carta! Ah, garota antipática! Tom dobrou a carta colocando-a no bolso do casaco. Olhou para as duas portas do restaurante do hotel, procurando automaticamente algum policial. Se a polícia pensasse que Dickie Greenleaf e Tom Ripley estavam viajando juntos, talvez já tivessem verificado os hotéis de Palermo à procura desse último, pensou. Mas não vira ninguém observando-o ou seguindo-o. Talvez tivessem desistido do caso do

barco, certos agora de que Tom estava vivo. Para que prosseguir? Talvez a suspeita contra Dickie sobre San Remo e o caso Miles já tivesse se dissipado também. Talvez.

Subiu para o quarto e começou a escrever uma carta para Greenleaf na máquina portátil de Dickie. Começou a explicar o caso Miles de modo sóbrio e lógico, pois Greenleaf devia estar alarmado com as notícias. Disse que a polícia terminara os interrogatórios e a única coisa que agora podiam pedir a ele era que identificasse algum provável suspeito, pois poderia ser um conhecido seu e de Freddie.

O telefone tocou enquanto escrevia. Uma voz de homem identificou-se como o tenente fulano de tal da polícia de Palermo.

— Estamos procurando Thomas Phelps Ripley. Está com o senhor, no seu hotel? — perguntou cortesmente.

— Não, não está — respondeu Tom.

— Sabe onde ele está?

— Acho que está em Roma. Eu o vi há uns três ou quatro dias em Roma.

— Não foi encontrado em Roma. Não sabe para onde poderia ter ido?

— Sinto muito, não tenho a mínima idéia — disse Tom.

— *Peccato* — disse o tenente com um suspiro desapontado. — *Grazie tante, signor.*

— *Di niente* — Tom desligou e voltou à carta.

As longas frases da prosa de Dickie vinham agora com mais fluência do que nunca. A carta era quase toda endereçada à mãe de Dickie, contando sobre suas roupas, sua saúde, que também era boa,

e perguntando se recebera o tríptico esmaltado comprado por ele numa loja de antigüidades, em Roma, há algumas semanas. Enquanto escrevia, pensava o que poderia fazer a respeito de Tom Ripley. As perguntas do tenente tinham sido muito delicadas e cheias de calor, mas não valia a pena arriscar. Não podia andar com o passaporte de Tom na mala, mesmo enrolado como estava em formulários antigos de imposto de renda de Dickie, para não chamar a atenção da alfândega. Precisava escondê-lo sob o forro da mala nova, por exemplo, onde não pudesse ser visto se a esvaziassem, e ao mesmo tempo à mão para um caso de emergência. Pois, algum dia, precisaria dele. Poderia chegar a época em que ser Dickie Greenleaf seria mais perigoso do que ser Tom Ripley.

Passou metade da manhã escrevendo a carta para os Greenleafs. Tinha a impressão de que Greenleaf estava ficando inquieto e impaciente com Dickie, não com a impaciência que Tom vira em Nova York, algo muito mais sério. Greenleaf achava que a mudança de Mongibello para Roma fora apenas mais um capricho sem sentido. Tom sabia. As tentativas de fazer com que sua pintura e os estudos em Roma parecessem atividades construtivas não haviam dado resultado. Greenleaf as ignorava, fazendo apenas uma observação: algo sobre sentir muito que Dickie ainda se torturasse com a mania de pintar, pois já devia ter compreendido que era necessário mais do que uma bela paisagem ou uma mudança de cenário para fazer um pintor. Greenleaf também não se deixara impressionar com o interesse do filho pelos catálogos da Burke-Greenleaf que mandara. Estava muito longe do resultado que Tom esperara: o de que por essa época teria Greenleaf comendo na sua mão; remediando a negligência e o pouco caso de Dickie pelos pais

no passado, além de poder pedir a Greenleaf algum dinheiro extra e conseguir que o mandasse. De modo nenhum podia pedir dinheiro a Greenleaf agora.

Cuide-se bem, mamãe (escreveu). Trate esses resfriados (ela escrevera que apanhara quatro resfriados nesse inverno, e passara o Natal na cama, usando o xale de lã cor-de-rosa que Dickie mandara com os outros presentes). Se estivesse usando um par das maravilhosas meias de lã que me mandou não teria apanhado nenhum resfriado. Não me resfriei nem uma vez nesse inverno, o que é algo para a gente se orgulhar no inverno europeu... Mamãe, posso lhe mandar alguma coisa daqui? Gosto de comprar coisas para você...

## 20

Cinco dias se passaram, calmos, solitários mas muito agradáveis; Tom andou por Palermo, parando aqui e ali, sentando-se uma hora ou duas em um café ou restaurante, lendo os guias de turismo e os jornais. Num dia escuro, tomou uma *carrozza* e foi até o Monte Pellegrino visitar a fantástica tumba de Santa Rosália, a santa padroeira de Palermo, representada por uma estátua famosa, da qual Tom vira fotografias em Roma, a santa em estado de êxtase, ao qual os psiquiatras dão outro nome. Tom achou o túmulo muito divertido. Não pôde deixar de rir ao ver a estátua: o corpo exuberante de mulher, deitado, as mãos como que tateando o ar, os olhos fixos, esgazeados, os lábios entreabertos. Tudo estava ali, menos o som arfante. Pensou em Marge. Visitou um palácio bizantino; a biblioteca de Palermo, com os quadros e os velhos manuscritos ressequidos, conservados em caixas de vidro, e estudou a disposição do porto, minuciosamente desenhado no guia. Fez o desenho de um quadro de Guido Reni, sem nenhuma razão especial, e decorou uma longa inscrição dos versos de Tasso num edifício público. Escreveu para Bob Delancey e para Cleo, em Nova York, uma longa carta para Cleo, descrevendo suas viagens, seus divertimentos e as inúmeras e interessantes pessoas que conhecera, mostrando o ardor convincente de Marco Polo ao descobrir a China.

Sentia-se só. Não era a mesma sensação de Paris, de estar só mas não solitário. Imaginara um novo círculo de amigos com os quais começaria uma vida nova, novas atitudes, novos padrões e novos

hábitos, muito melhores e mais definidos dos de até então. Agora, compreendia que isso não era possível. Teria de se conservar afastado das pessoas, para sempre. Podia adquirir novos padrões e novos hábitos, mas nunca o novo círculo de amigos — a não ser que fosse em Istambul ou no Ceilão, e de que adiantava travar amizade com pessoas nesses lugares? Estava só e o jogo que jogava era um passatempo solitário. Naturalmente, fazer amigos significava maior perigo. Se tinha de continuar a viver sozinho, tanto melhor, correria menos risco de ser descoberto. Tudo tinha seu lado bom; sentiu-se melhor por se lembrar disso.

Alterou seu comportamento, assumindo o jeito de um espectador da vida. Tratava as pessoas com cortesia sorridente, tanto os que pediam seu jornal emprestado como os empregados do hotel, e andava com a cabeça mais erguida e falava menos. Havia uma leve aura de tristeza a seu redor. Gostou dessa mudança. Imaginava que devia parecer um jovem que passou por um infeliz caso amoroso ou uma desgraça emocional qualquer e tentava se recuperar de modo civilizado, visitando os lugares mais belos do mundo.

Isso o fez lembrar-se de Capri. O tempo continuava frio e escuro, mas Capri era Itália. A visão rápida de Capri, com Dickie, aguçara seu apetite. Cristo, como Dickie estava chato *naquele* dia! Talvez fosse melhor esperar o verão, pensou, e conservar a polícia longe até lá. Porém, mais do que a Grécia e a Acrópole, queria uma estadia feliz em Capri, e ao diabo com a cultura por algum tempo! Lera sobre Capri no inverno — vento, chuva e solidão. Mas, de qualquer modo, Capri! Lá estava o Salto de Tibério e a Gruta Azul, a praça vazia, mas sempre a praça, sem uma pedra mudada. Talvez fosse naquele dia mesmo. Apressou o passo na direção do hotel. A falta de turistas não

prejudicara a Cote d'Azur. Talvez pudesse tomar um avião para Capri. Ouvira falar de um serviço de hidroaviões, de Nápoles para Capri. Se não estivesse funcionando em fevereiro, podia alugar o avião. Para que servia o dinheiro?

— *Buon giorno! Come sta?* — Cumprimentou o recepcionista com um sorriso.

— Uma carta para o senhor. *Urgentissimo* — disse o homem, sorrindo também.

Era do banco de Dickie. Dentro, outro envelope, de uma companhia administradora de bens de Nova York. Tom leu primeiro a carta do banco.

*Caro signor:*

*A Wendell Trust Company de Nova York chamou nossa atenção para o fato de haver uma dívida quanto à sua assinatura no recibo da remessa de quinhentos dólares do mês de janeiro. Apressamo-nos a comunicar-lhe para que possamos tomar as devidas providências.*

*Achamos necessário comunicar à polícia, mas esperamos sua confirmação da opinião do nosso inspetor de assinaturas e do inspetor de assinaturas da Wendell Trust Company de Nova York. Qualquer informação que possa nos dar será muito apreciada, e pedimos que se comunique conosco o mais cedo possível.*

*Respeitosamente*

*Emilio di Braganzi.*

*Secretario Generale della Banca di Napoli*

*P. S. No caso de a sua assinatura ser legítima, pedimos que ainda assim visite nossos escritórios em Nápoles o mais cedo possível para nos fornecer nova assinatura para nossos arquivos permanentes. Anexo, uma carta enviada a nossos cuidados pela Wendell Trust Company.*

Tom abriu a outra carta.

*5 de fevereiro, 19....*

*Caro Senhor Greenleaf*

*Nosso departamento de assinaturas informou-nos que, segundo a opinião desse departamento, sua assinatura de recebimento da remessa mensal regular n.º 8.747 é inválida. Acreditando que esse fato tenha escapado à sua atenção, por algum motivo, apressamo-nos a informá-lo, para que possa confirmar ter assinado o referido cheque ou confirmar nossa opinião de que a assinatura foi forjada. Informamos o Banco de Nápoles desse fato.*

*Anexo um cartão para sua assinatura permanente, o qual pedimos que nos envie depois de assinar.*

*Por favor, comunique-se conosco o mais breve*

*possível.*

*Sinceramente*

*Edward T. Cavanach*

*Secretário*

Tom passou a língua pelos lábios. Escreveria aos dois bancos dizendo que não dera por falta do dinheiro. Mas será que isso os impediria de prosseguir na investigação? Assinara três remessas de dinheiro, desde dezembro. Iriam agora verificar todas as suas assinaturas. Um especialista poderia dizer que as três últimas eram falsas?

Voltou ao quarto e sentou-se à máquina de escrever. Colocou uma folha de papel timbrado do hotel e ficou por um momento olhando para ela. Não iam parar aí, pensou. Se tinham uma equipe de especialistas examinando as assinaturas com lentes de aumento e coisas assim, provavelmente descobririam que as assinaturas eram forjadas. Mas eram falsificações perfeitas, ele tinha certeza. Lembrava-se de ter assinado o cheque de janeiro apressadamente, mas não fora mal feita, do contrário jamais a teria mandado. Teria comunicado ao banco que perdera o aviso de depósito, pedindo que mandassem outro. Muitas falsificações levavam meses para serem descobertas. Por que constataram esta em quatro semanas? Estariam investigando toda a sua vida, desde o assassinato de Freddie Miles e da descoberta do barco em San Remo? O Banco de Nápoles queria vê-lo pessoalmente. Talvez alguns dos seus funcionários conhecessem Dickie de vista. Uma sensação de pânico percorreu-lhe o corpo todo. Por um momento sentiu-se fraco e desamparado, fraco

demais para se mover. Via-se à frente de dezenas de policiais, italianos e americanos, perguntando onde estava Dickie Greenleaf, e ele incapaz de lhes mostrar Dickie ou lhes dizer que não tinham prova de sua existência. Imaginava a cena: ele, Tom, obrigado a assinar o nome de H. Richard Greenleaf sob as vistas de dezenas de especialistas em grafologia, e descontrolando-se, incapaz de escrever qualquer coisa. Ergueu as mãos, colocou-as sobre o teclado da máquina e forçou-se a escrever. Endereçou a carta à Wendell Trust Company de Nova York.

*12 de fevereiro, 19...*

*Caros Senhores:*

*Com referência à sua carta sobre minha remessa de dinheiro do mês de janeiro:*

*Assinei o cheque em questão e recebi o dinheiro. Se não tivesse recebido, naturalmente teria comunicado imediatamente.*

*Estou anexando o cartão com a minha assinatura para seus arquivos, conforme pedido.*

*Sinceramente*

*H. Richard Greenleaf*

Assinou o nome de Dickie diversas vezes nas costas do envelope da companhia antes de assinar a carta e o cartão. Escreveu então uma carta semelhante para o Banco de Nápoles, prometendo comparecer nos próximos dias para assinar novamente para os seus

arquivos. Escreveu *Urgentíssimo*, nos dois envelopes, desceu, comprou selos e colocou-os na caixa do correio.

Saiu para um passeio. Já não tinha mais vontade de ir a Capri. Eram quatro e quinze da tarde. Continuou a andar sem rumo. Afinal, parou em frente a uma loja de antigüidades e contemplou demoradamente um quadro a óleo de dois santos com barbas longas descendo uma colina escura, iluminados pela luz da lua. Entrou e comprou o quadro sem discutir o preço. Não estava nem emoldurado; Tom levou-o enrolado sob o braço.

*83 Stazione Polizia*

*Roma*

*14 de fev. 19...*

*Estimado Signor Greenleaf*

*Pedimos que venha imediatamente a Roma a fim de responder a algumas perguntas sobre Thomas Ripley. Sua presença será muito apreciada e ajudará muito em nossas investigações.*

*Se não comparecer dentro de uma semana teremos de tomar certas providências que serão inconvenientes para nós e para o senhor.*

*Respeitosamente, Cap. Enrico Farrara*

Então continuavam a procurar Tom. Mas podia também significar que alguma coisa acontecera com o caso Miles. Os italianos não intimavam um americano nesses termos. O último parágrafo era uma ameaça clara. E naturalmente já deviam saber do cheque falsificado também.

De pé no meio do quarto, ficou parado com a carta na mão, olhando em volta, o rosto vazio de expressão. Viu-se no espelho, os cantos da boca voltados para baixo, os olhos ansiosos, apavorados.

Parecia procurar transmitir os sentimentos de medo e choque por meio da postura e do rosto; por ser uma expressão involuntária e irreal, ficou duplamente assustado. Dobrou a carta, colocando-a no bolso; em seguida, tirou-a do bolso e rasgou-a.

Começou a arrumar as malas rapidamente, apanhando o robe e o pijama do banheiro, atirando os artigos de toalete na maleta de couro com as iniciais de Dickie, presente de Natal de Marge. Parou de repente. Precisava se desfazer das coisas de Dickie. De tudo. Aqui? Agora? Seria mais prudente jogá-las ao mar quando voltasse para Nápoles?

Suas perguntas não tinham resposta imediata; subitamente, porém, teve a noção exata do que fazer. Não chegaria nem perto de Roma. Podia ir diretamente para Milão ou Turim, talvez perto de Veneza, comprar um carro de segunda mão, já bastante rodado. Diria que viajara pela Itália nos últimos dois ou três meses. Não ouvira nada sobre o desaparecimento de Tom Ripley. Thomas Ripley.

Continuou a arrumar as malas. Era o fim de Dickie Greenleaf, sabia. Detestava tornar-se Tom Ripley outra vez, odiava a idéia de ser um João-ninguém, a idéia de adotar seus hábitos novamente e a sensação de que as pessoas o desprezavam, que ele as aborrecia, a não ser que representasse para elas como um palhaço, sentindo-se incompetente e incapaz de outra coisa que não fosse entreter os outros por alguns minutos. Odiava ter de voltar a si mesmo, como detestaria vestir roupas velhas, manchadas e sem passar, que nunca tinham sido boas, nem mesmo quando novas. Suas lágrimas caíam sobre a camisa listrada de azul e branco de Dickie que estava na mala, engomada e limpa, parecendo tão nova como quando a tirara da gaveta, em Mongibello. Mas tinha as iniciais de Dickie, em

vermelho, no bolso. Enquanto arrumava as roupas na mala, começou a pensar nas coisas que poderia aproveitar, que não tinham iniciais e que ninguém poderia identificar como pertencentes a Dickie. Marge, na certa, devia se lembrar de algumas, como a caderneta de couro azul, com poucos endereços, que provavelmente fora presente dela. Mas não pretendia ver Marge outra vez.

Pagou a conta no hotel, mas teve de esperar até o dia seguinte o navio para o continente. Reservou a passagem em nome de Greenleaf, pensando que era a última vez que o fazia. Ou talvez não fosse. Não conseguia livrar-se da idéia de que essa crise ia passar. Era bem possível. Portanto, não fazia sentido ficar desanimado, nem mesmo como Tom Ripley. Tom Ripley, na verdade, jamais desanimara, apesar da aparência de vencido. Afinal, esses últimos meses haviam lhe ensinado muitas coisas. Se quisesse ser alegre, melancólico, ansioso, pensativo ou cortês, bastava *representar* esses sentimentos em cada gesto seu.

Ao acordar, na sua última manhã em Palermo, Tom teve um pensamento animador: podia deixar todas as coisas de Dickie no American Express, em Veneza, sob outro nome, e recuperá-las mais tarde, se quisesse ou precisasse, ou até mesmo nunca mais. Sentiu-se melhor, sabendo que as boas camisas de Dickie, a caixa de jóias com as abotoaduras e a pulseira e o relógio ficariam guardados em algum lugar, e não no fundo do Mar Tirreno ou em alguma lata de lixo na Sicília.

Depois de raspar as iniciais de Dickie nas duas malas, enviou-as, fechadas a chave, de Nápoles para o American Express de Veneza, junto com os dois quadros que começara em Palermo, em nome de Robert S. Fanshaw, para serem guardados até que o dono os

reclamasse. Os únicos objetos comprometedores que conservou foram os anéis de Dickie, guardando-os no fundo de uma feia caixa de couro pertencente a Tom Ripley, a qual ele conservara durante anos, trazendo-a sempre consigo, e onde enfurnava a sua coleção de abotoaduras, prendedores de colarinho, botões, umas duas canetas-tinteiro e um carretel de linha branca com uma agulha.

Tomou um trem em Nápoles, que passava por Roma, Florença, Bolonha e Verona, onde desembarcou, pegando um ônibus para Trento, a uns sessenta quilômetros. Não queria comprar um carro numa cidade como Verona porque a polícia podia ver o seu nome no requerimento de licença. Em Trento, adquiriu um Lancia creme por mais ou menos o equivalente a oitocentos dólares, em nome de Tom Ripley, conforme dizia o passaporte. Registrou-se em um hotel com esse nome, enquanto esperava as vinte e quatro horas para a licença do carro. Já estava ali há seis horas e nada acontecera. Temia que até mesmo nesse pequeno hotel reconhecessem o seu nome, ou no departamento de licenciamento de automóveis; contudo, ao meio-dia do dia seguinte o carro estava emplacado e nada acontecera. Os jornais também não traziam nada sobre a procura de Tom Ripley, o caso Miles ou o barco de San Remo. Sentia-se estranho, seguro e feliz, como se nada disso fosse real. Começou também a sentir-se feliz mesmo como Tom Ripley, com um certo prazer na sua nova personalidade, exagerando a reserva com os estranhos, o sentimento de inferioridade revelado em cada movimento, em cada olhar ansioso e oblíquo. Afinal de contas, quem poderia imaginar que um tipo assim era capaz de matar? E o único crime do qual poderia ser suspeito era o de Dickie em San Remo, e a polícia aparentemente não ia muito bem nesse caso. Ser Tom Ripley tinha uma compensação,

pelo menos: libertava sua consciência da culpa do assassinato estúpido e desnecessário de Freddie Miles.

Queria ir diretamente a Veneza, mas achou melhor passar a noite fazendo exatamente o que pretendia dizer à polícia que fizera durante os últimos meses: dormindo no carro, numa estrada de pouco movimento. Passou a noite no banco traseiro do Lancia, encolhido e miserável, nos arredores de Brescia. Arrastou-se para o banco da frente, de madrugada, com uma dor tão violenta no pescoço que quase não podia virar a cabeça para dirigir; isso, porém, também tornava mais autêntica a representação, pensou, e faria com que contasse a história de modo mais convincente. Comprou um guia do norte da Itália, anotou i várias datas nele, dobrou a ponta de algumas páginas, pisou na capa e rasgou a lombada de modo que o livro se abrisse sempre na cidade de Pisa.

Passou a noite seguinte em Veneza. Infantilmente, evitara Veneza, em suas viagens, com medo de ser decepcionado pela cidade. Pensava que só as pessoas sentimentais e os turistas americanos se encantavam com Veneza, e que não passava de uma cidade para casais em lua-de-mel, que gostavam da inconveniência de não poder ir a lugar nenhum sem tomar uma gôndola que andava a três quilômetros por hora. Achou Veneza muito maior do que imaginara, cheia de italianos iguais aos italianos de qualquer outra parte da Itália. Descobriu que era possível perambular por toda a cidade, pelas ruas estreitas e as pontes, sem precisar de uma gôndola, e que os canais maiores tinham um serviço de lanchas tão rápidas e eficientes quanto um metrô, e que os canais não cheiravam mal. Havia um grande número de hotéis, do Gritti e Danieli, que conhecia de nome, até aos pequenos hotéis de segunda categoria e pensões em

vielas escondidas, tão afastadas do movimento, tão longe do mundo da polícia e dos turistas americanos que Tom podia se imaginar morando em um deles durante meses sem ser notado por ninguém. Escolheu um hotel chamado Constanza, perto da Ponte Rialto, exatamente o meio-termo entre os hotéis luxuosos e famosos e as pequenas acomodações das vielas anônimas. Era limpo, barato e próximo aos pontos de interesse turístico. Exatamente o hotel para Tom Ripley.

Passou algumas horas no quarto, tirando lentamente da mala suas roupas velhas e familiares, e olhando sonhadoramente pela janela para a noite que descia sobre o Canale Grande. Imaginava a conversa que teria com a polícia dentro em breve... "Ora, não tenho a mínima idéia. Estive com ele em Roma. Se não acreditam podem confirmar com a Srta. Marjorie Sherwood... Naturalmente que sou Tom Ripley! (Daria uma risada.) Não posso compreender essa comoção toda! San Remo? Sim, eu me lembro. Voltamos ao ancoradouro depois de uma hora... Sim, voltei a Roma depois de Mongibello, mas fiquei apenas uns dois dias. Tenho viajado pelo norte da Itália... Sinto muito, não tenho nenhuma idéia de onde ele possa estar, mas eu o vi há umas três semanas..." Afastou-se da janela, sorrindo, trocou de camisa e gravata, e saiu à procura de um restaurante agradável para jantar. Um bom restaurante, pensou. Tom Ripley podia se dar ao luxo de alguma coisa cara, pelo menos uma vez. Sua carteira estava tão cheia de notas de dez e vinte mil liras que nem dobrava. Descontara o equivalente a mil dólares em cheques de viagem no nome de Dickie, antes de sair de Palermo.

Comprou dois jornais da noite, colocou-os sob o braço e começou a andar. Atravessou uma pequena ponte com arcos, uma rua longa

com menos de dois metros de largura, cheia de lojas de artigos de couro e de camisas, passou por vitrines onde colares e anéis pareciam surgir do interior de caixas de jóias iguais às que Tom imaginava, cheias de tesouros, nos contos de fadas. Agradou-o o fato de não haver carros em Veneza. Tornava-a mais humana. As ruas eram como veias, pensou, e o povo era o sangue circulando por toda parte. Entrou em outra rua e atravessou o quadrado da Praça de São Marco pela segunda vez. Pombos em todo lugar, voando, à luz das lojas — mesmo à noite os pombos andavam ao lado das pessoas, como turistas em sua própria cidade! As mesas e cadeiras dos cafés espalhavam-se pela galeria e pela praça, e as pessoas e os pombos procuravam passagens estreitas entre elas para continuar o passeio. Dos quatro cantos da praça, alto-falantes a todo volume tocavam em desarmonia. Tom tentou imaginar Veneza no verão, à luz do sol, a praça cheia de pessoas jogando punhados de grãos para o ar, para os pombos que revoavam para apanhá-los. Entrou em outra pequena rua que parecia um túnel. Estava cheia de restaurantes. Escolheu um de aparência respeitável com toalhas brancas nas mesas e paredes de madeira marrom, o tipo de restaurante que, segundo sua experiência, se especializava em comida e não em turistas. Sentou-se a uma mesa e abriu um dos jornais.

Lá estava, um pequeno item na segunda página:

## POLICIA PROCURA AMERICANO DESAPARECIDO

Dickie Greenleaf, amigo do americano assassinado Freddie Miles, desaparecido após estada na Sicília

Inclinou-se sobre o jornal para ler com atenção; tinha consciência de um certo sentimento de contrariedade, porque, de certo modo, parecia uma coisa tola, uma bobagem da polícia ser tão estúpida e ineficiente, e besteira do jornal gastar espaço publicando a notícia. O texto dizia que H. Richard ("Dickie") Greenlaf, amigo íntimo do falecido Frederick Miles, o americano assassinado há três semanas em Roma, desaparecera depois de presumivelmente ter tomado um navio de Palermo para Nápoles. A polícia siciliana e a de Roma tinham sido alertadas e realizavam uma busca *vigilantissima*. O parágrafo final dizia que Greenleaf fora intimado pela polícia de Roma a responder certas questões sobre o desaparecimento de Thomas Ripley, também amigo íntimo de Greenleaf. Ripley se achava desaparecido há mais ou menos três semanas, concluía o jornal.

Tom largou o jornal, inconscientemente demonstrando com tanta perfeição a surpresa de alguém que lê nos jornais a notícia do próprio "desaparecimento" que nem notou o garçom ao seu lado enquanto este não colocou o cardápio em sua mão. Era a hora, pensou, de ir diretamente à polícia e se identificar. Se não tivessem nada contra ele — e o que podiam ter contra Tom Ripley? — não verificariam quando comprara o carro. A notícia do jornal era um alívio, pois significava que a polícia não encontrara seu nome no departamento de licenças de automóveis em Trento.

Jantou devagar, saboreando a comida, pediu um expresso e fumou alguns cigarros enquanto examinava o guia do norte da Itália. Seus pensamentos tomavam outro rumo. Por exemplo, por que teria lido uma notícia tão pequena no jornal? E estava só em um dos jornais. Não, não devia se apresentar antes de ver duas ou três

notícias semelhantes, ou uma maior, que naturalmente chamaria sua atenção. Provavelmente logo publicariam uma manchete mais visível; quando, depois de alguns dias, Dickie Greenleaf não tivesse aparecido, começariam a suspeitar de que estava se escondendo por haver matado Freddie Miles e Tom Ripley. Marge provavelmente informara que falara com Tom Ripley há duas semanas em Roma, mas a polícia ainda não o vira. Folheou o guia, percorrendo distraidamente as descrições e estatísticas, enquanto meditava no assunto.

Pensou em Marge, que devia estar fechando a casa de Mongibello e voltando para os Estados Unidos. Veria a notícia do desaparecimento de Dickie e poria a culpa nele, Tom tinha certeza. Escreveria ao pai de Dickie, dizendo que Tom Ripley era uma influência nefasta, no mínimo. Talvez Greenleaf resolvesse ir à Europa.

Era uma pena que não pudesse aparecer como Tom Ripley para terminar com os comentários e, depois, como Dickie Greenleaf, são e salvo, esclarecendo mais esse mistério!

Seria Tom por mais algum tempo, pensou. Podia curvar-se um pouco mais, ficar mais tímido do que nunca, até mesmo usar óculos de aros grossos e conservar a expressão triste e desanimada, tão diferente da atitude constantemente tensa de Dickie. Pois alguns dos policiais que o vissem agora podiam ser os mesmos que o tinham interrogado como Dickie Greenleaf. Qual era o nome do oficial em Roma? Rovassini? Resolveu tingir o cabelo outra vez para que ficasse mais escuro do que o natural.

Procurou nos jornais, pela terceira vez, por alguma notícia do caso Miles. Nada.



Na manhã seguinte havia uma longa reportagem no jornal mais importante, citando apenas em um pequeno parágrafo o desaparecimento de Thomas Ripley, mas afirmando com convicção que Richard Greenleaf estava se "expondo à suspeita de participação" no assassinato de Miles e que devia ser considerado como "fugindo ao problema", a não ser que se apresentasse imediatamente para se livrar da suspeita. O jornal mencionava também os cheques com assinatura falsa. Dizia que o último contato com Dickie Greenleaf fora sua carta ao Banco de Nápoles declarando que não houvera falsificação nenhuma de sua assinatura. Mas a maioria dos especialistas dizia que os cheques do Signor Greenleaf, de janeiro e fevereiro, tinham assinaturas falsas, o que condizia com a opinião do banco americano, que enviara cópias fotostáticas das assinaturas a Nápoles. O jornal terminava, perguntando com certa ironia: "É possível cometer uma falsificação contra si mesmo? Ou estará o rico americano protegendo um dos seus amigos?"

Para o inferno com eles, pensou Tom. A letra de Dickie variava bastante. Verificara isso ao comparar uma apólice de seguros que encontrara entre os papéis de Dickie com o que este escrevera em Mongibello na frente de Tom. Quando tivessem investigado tudo o que Dickie assinara nesses três meses, então veríamos as suas conclusões! Aparentemente não haviam notado que a assinatura em suas cartas de Palermo era falsa também.

O que realmente o interessava era saber se a polícia encontrara

alguma prova que incriminasse Dickie no caso de Freddie Miles. Na verdade, isso não o interessava pessoalmente. Comprou o *Oggi* e o *Época* numa banca na Praça de São Marco. Eram semanários do tipo tablóide, ilustrados, que noticiavam tudo, desde assassinatos até greves, qualquer coisa espetacular que acontecesse em qualquer lugar. Não traziam nada sobre o desaparecimento de Dickie Greenleaf. Talvez na próxima semana, pensou. Mas não teriam nenhuma fotografia. Marge tirara fotografias de Dickie em Mongibello, mas nenhuma de Tom.

No seu passeio pela cidade, nessa manhã, comprou um par de óculos de aros grossos em uma loja que vendia brinquedos e objetos para pregar peças nos amigos. As lentes eram de vidro sem grau. Visitou a Catedral de São Marcos, olhando para tudo sem ver nada, mas não por causa dos óculos. Pensava que devia se identificar imediatamente. Qualquer que fosse o desenrolar dos acontecimentos, quanto mais esperasse, pior seria para ele. Quando saiu da catedral, perguntou a um policial onde ficava a delegacia mais próxima. Perguntou tristemente. Estava triste. Não sentia medo, mas sentia que se identificar como Thomas Phelps Ripley ia ser uma das coisas mais tristes da sua vida.

— *Você é Thomas Reepley?* — perguntou o capitão da polícia, sem demonstrar interesse, como se Tom fosse um cão perdido e afinal encontrado. — Posso ver seu passaporte?

Tom entregou-lhe o passaporte.

— Não sei do que se trata, mas quando vi nos jornais a notícia de que estou desaparecido... — Era tudo tão maçante, exatamente como previra. Policiais à sua volta, rostos inexpressivos, olhando-o fixamente. — O que acontece agora? — perguntou Tom ao oficial.

— Preciso telefonar para Roma — respondeu o homem calmamente, apanhando o telefone.

Houve alguns minutos de demora para conseguir linha para Roma, e então, com voz impessoal, o capitão informou a alguém em Roma que o americano Thomas Reepley se achava em Veneza. Mais conversa sem importância e o oficial disse para Tom:

— Gostariam que fosse a Roma. Pode ir hoje?

Tom franziu a testa.

— Não pretendia ir a Roma.

— Direi a eles — a voz do oficial era calma. Voltou ao telefone.

Tentava fazer com que a polícia de Roma viesse a Veneza. O fato de ser cidadão americano ainda lhe garantia certos privilégios, pensou Tom.

— Em que hotel está? — perguntou o oficial.

— No Constanza.

Transmitiu a informação a Roma. Desligou e informou delicadamente a Tom que um representante da polícia de Roma estaria em Veneza naquela noite, depois das oito, para falar com ele.

— Obrigado — disse Tom, e voltou as costas para a figura insignificante do oficial que anotava alguma coisa em um papel. Fora uma cena muito aborrecida.

Passou o resto do dia no quarto, pensando, lendo e fazendo outras alterações na sua aparência. Era possível que mandassem o mesmo homem com que falara em Roma, o tenente Rovassini, ou qualquer coisa assim. Escureceu um pouco as sobrancelhas com lápis. Passou a tarde toda com o terno marrom de *tweed* e até arrancou um botão

do paletó. Dickie era bastante exigente a respeito de ordem; Tom Ripley, portanto, seria bastante descuidado. Não almoçou, não por falta de apetite, mas porque queria perder alguns dos quilos adquiridos para representar Dickie Greenleaf. Faria o possível para ficar mais magro do que o verdadeiro Tom Ripley. O peso declarado no seu passaporte era de 70,800 kg e o de Dickie era 75,200 kg, embora tivessem a mesma altura, 1,90 e 1,91 m.

Às oito e meia o telefone tocou; a telefonista do hotel anunciou o Tenente Roverini.

— Quer mandá-lo subir, por favor? — disse Tom. Tom apanhou a cadeira na qual pretendia se sentar e colocou-a um pouco mais distante da luz. O ambiente dava a impressão de que ele estivera lendo e matando o tempo nas últimas horas — a lâmpada de pé e a pequena lâmpada de cabeceira estavam acesas, a cama levemente amarrotada, alguns livros abertos, virados para baixo, e até mesmo uma carta começada, na pequena escrivaninha, para a tia Dottie.

O tenente bateu na porta.

Tom abriu-a com gestos lentos:

— Buona sera.

— *Buona sera. Tenente Roverini della Polizia Romana.* — O rosto sorridente e comum do policial não demonstrava surpresa nem suspeita. Atrás dele estava outro jovem oficial silencioso — não, outro não, o mesmo que acompanhara o Tenente Roverini, na primeira vez, em Roma. O tenente sentou-se na cadeira que Tom lhe ofereceu, na parte mais iluminada.

— É amigo do Signor Richard Greenleaf? — perguntou.

— Sim — respondeu Tom, sentando-se na poltrona em atitude

relaxada.

— Quando e onde o viu pela última vez?

— Rapidamente em Roma, pouco antes de ele ir para a Sicília.

— Teve notícias dele na Sicília? — O tenente anotava as respostas no caderninho que tirara da pasta.

— Não, não tive notícias dele.

— Ah, ah — disse o tenente. Olhava mais para os papéis que tinha na mão do que para Tom. Afinal, ergueu os olhos com uma expressão amistosa e interessada: — Quando esteve em Roma não sabia que a polícia o procurara?

— Não, não sabia. Não compreendo por que dizem que estou desaparecido. — Arrumou os óculos, olhando o homem com atenção.

— Explicarei mais tarde. O Signor Greenleaf não lhe disse em Roma que a polícia queria vê-lo?

— Não.

— Estranho — observou calmamente, fazendo outra anotação. — O Signor Greenleaf sabia que queríamos falar com o senhor. O Signor Greenleaf não é lá muito cooperativo... — Sorriu para Tom.

Tom conservou a expressão séria e atenta.

— Signor Reepley, onde tem estado desde o fim de novembro?

— Viajando. A maior parte do tempo no norte da Itália — Tom falava italiano desajeitadamente, com um erro aqui e ali, e com um ritmo bem diferente do de Dickie.

— Onde? — O tenente aprontou-se para anotar, outra vez.

— Milão, Turim, Faenza... Pisa...

— Verificamos nos hotéis de Milão e Faenza, por exemplo. Hospedou-se todo o tempo em casa de amigos?

— Não, eu... dormi quase sempre no carro. — Era óbvio que não tinha muito dinheiro, pensou Tom, e também que era o tipo de jovem que prefere viajar com um guia e um volume de Silone ou Dante do que ficar em hotéis de luxo. — Sinto muito não ter renovado meu *permesso di soggiorno* — disse Tom, com ar arrependido. — Não sabia que era algo tão sério. — Mas sabia que os turistas na Itália raramente se davam ao trabalho de renovar o *soggiorno*, e ficavam muito mais tempo do que haviam declarado ao entrar no país.

— *Permesso di soggiorno* — corrigiu o tenente com delicadeza, em tom quase paternal.

— Grazie.

— Posso ver o seu passaporte?

Tom retirou-o do bolso interno do paletó. O tenente estudou a fotografia com atenção, enquanto Tom assumia o ar ansioso, com os lábios entreabertos, da fotografia do passaporte. Estava sem óculos na fotografia, mas o cabelo era repartido do mesmo modo e a gravata com o mesmo nó triangular meio frouxo. O tenente olhou para os vistos que ocupavam parcialmente as duas primeiras páginas.

— Está na Itália desde o dia 2 de outubro, exceto por uma rápida viagem à França com o Signor Greenleaf?

— Sim.

O tenente sorriu, um amável sorriso italiano, e inclinou-se para a frente:

— *Ebbene*, isso resolve um assunto importante, o mistério do

barco de San Remo.

Tom franziu a testa:

— Que mistério é esse?

— Foi encontrado um barco afundado com algumas manchas que talvez fossem de sangue. Naturalmente, como pensávamos que o senhor estava desaparecido, desde a sua viagem a San Remo... — Ergueu as mãos e riu. — Pensamos que convinha perguntar ao Signor Greenleaf o que tinha acontecido com o senhor. E foi o que fizemos. O barco desapareceu no mesmo dia em que os dois estiveram em San Remo! — Riu outra vez.

Tom fingiu não compreender qual era a graça.

— Mas o Signor Greenleaf não lhe disse que eu fui a Mongibello depois de San Remo? Fiz alguns... — pareceu procurar a palavra certa — alguns trabalhos para ele.

— *Benone!* — exclamou o Tenente Roverini, sorrindo. Desabotoou o sobretudo confortavelmente e passou um dedo pelo bigode cheio e áspero. — Conhecia também Fred-derick Meelays?

Tom deu um suspiro involuntário, pois aparentemente o caso do barco estava encerrado.

— Não. Só o vi uma vez saindo do ônibus em Mongibello. Nunca mais o vi.

— Ah! Ah! — disse o tenente, anotando a resposta. Ficou calado por um minuto, como se não tivesse mais nada para perguntar, e então sorriu:

— Ah, Mongibello! Uma linda cidade, não é? Minha mulher é de Mongibello.

— Ah, é mesmo? — disse Tom delicadamente.

— *Si*. Minha mulher e eu passamos lá nossa lua-de-mel.

— Uma cidade muito bonita — disse Tom. — *Grazie*. — Aceitou o cigarro Nazionale que o tenente lhe oferecia. Sentiu que este talvez fosse um delicado interlúdio à moda italiana, um descanso entre os assaltos da luta. Naturalmente iam falar sobre a vida particular de Dickie, os cheques falsificados e todo o resto. Tom disse sério, no seu italiano hesitante:

— Li nos jornais que a polícia acredita que o Signor Greenleaf será considerado culpado do assassinato de Freddie Miles se não se apresentar. Pensam mesmo que seja culpado?

— Ah, não, não — protestou o tenente. — Mas é necessário que ele se apresente pessoalmente! Por que está se escondendo de nós?

— Não sei. Como o senhor disse... não é lá muito cooperativo — comentou Tom solenemente. — Não cooperou também em Roma, não me dizendo que a polícia queria falar comigo. Mas, por outro lado, não posso acreditar que tenha assassinado Freddie Miles.

— *Mas...* veja bem, um homem disse, em Roma, que viu dois homens perto do carro do Signor Mee-lays, na calçada defronte ao apartamento do Signor Greenleaf, e que estavam bêbados, ou... — fez uma pausa para efeito, olhando para Tom — talvez um deles estivesse morto, porque o outro o segurava, apoiando-o contra o carro! Naturalmente não podemos dizer se o homem que parecia morto era o Signor Mee-lays ou o Signor Greenleaf — continuou — mas se conseguirmos encontrar o Signor Greenleaf, poderemos pelo menos perguntar se estava tão bêbado que o Sr. Mee-lays precisou segurá-lo. — Riu — É um caso muito sério.

— Sim, vejo que é.

— Não tem idéia nenhuma de onde o Signor Greenleaf possa estar nesse momento?

— Não. Nenhuma.

O tenente ficou pensativo.

— Sabe se o Signor Greenleaf e o Signor Mee-lays tiveram alguma discussão?

— Não, mas...

— Mas?

Tom continuou falando lentamente, fazendo a coisa certa:

— Sei que Dickie não foi esquivar a convite de Freddie Miles. Lembro-me de ter estranhado o fato. Mas ele não me disse por quê.

— Sei a respeito desse programa. Em Cortina d'Ampezzo. Tem certeza de que não há nenhuma mulher envolvida nisso?

O senso de humor de Tom começava a acordar, mas fingiu que pensava seriamente na pergunta.

— Não, creio que não.

— E quanto à moça, Marjorie Sherwood?

— Creio que é *possível* — disse Tom —, mas não acredito. Talvez eu não seja a pessoa certa para falar sobre a vida pessoal do Signor Greenleaf.

— O Signor Greenleaf nunca lhe falava sobre seus romances? — perguntou o tenente com espanto latino.

Podia enganá-los indefinidamente, pensou Tom. Marge confirmaria o que dissesse, bastando para isso a emoção com que

responderia a perguntas sobre Dickie, e a polícia italiana jamais chegaria ao fundo do envolvimento emocional do Signor Greenleaf. O próprio Tom não conseguira isso.

— Não — disse Tom. — Não posso dizer que Dickie tenha me falado de sua vida pessoal mais íntima. Sei que gosta muito de Marjorie. Ela também conhecia Freddie Miles.

— Conhecia bem?

— Bom... — Tom fez uma expressão de quem sabe que não é obrigado a dizer mais nada.

O tenente inclinou-se mais para a frente.

— Uma vez que morou algum tempo com o Signor Greenleaf em Mongibello, é possível que esteja em posição de nos falar sobre as amizades dele em geral! É muito importante para nós.

— Por que não fala com a Signorina Sherwood? — sugeriu Tom.

— Falamos com ela em Roma, antes de o Signor Greenleaf desaparecer. Já providenciei para encontrá-la de novo em Gênova, quando embarcar para os Estados Unidos. Ela está em Munique agora.

Tom esperou, em silêncio. O tenente devia pensar que ia dizer alguma coisa mais. Tom sentia-se perfeitamente à vontade agora. Tudo corria como ele imaginara nos seus momentos mais otimistas. A polícia não tinha nada contra ele, não era suspeito de nada. Sentiu-se inocente e forte, tão livre de culpa quanto sua velha mala da qual retirara cuidadosamente o decalque *Deponimento* do depósito de bagagem de Palermo. Disse, com o modo ansioso e cauteloso típico de Ripley:

— Lembro-me que em Mongibello disse que *não* iria a Cortina, e

depois mudou de idéia. Mas não sei por quê. Se isso significa alguma coisa...

— Mas ela não foi a Cortina.

— Não, mas só porque o Signor Greenleaf também não foi, creio. Pelo menos, acho que a Signorina Sherwood gosta tanto dele que não iria a um passeio sozinha, depois de ter combinado ir com ele.

— Acha que os dois discutiram, o Signor Mee-lays e o Signor Greenleaf, por causa da Signorina Sherwood?

— Não posso dizer. É possível. Sei que o Signor Miles gostava muito dela, também.

— Ah. Ah. — O tenente franziu a testa, tentando compreender. Ergueu os olhos para o jovem policial, que evidentemente estava ouvindo, embora não contribuísse em nada com seu rosto inexpressivo.

O que Tom dissera fazia pensar em Dickie como um namorado ofendido, não deixando Marge ir a Cortina se divertir um pouco só porque ela gostava muito de Freddie. A idéia de qualquer pessoa, especialmente Marge, gostar mais daquele animal vesgo do que de Dickie fez com que sorrisse. Transformou o sorriso numa expressão de quem não compreende:

— Acha mesmo que Dickie está fugindo de alguma coisa, ou que é acidental esse desaparecimento?

— Oh, não. Isso é demais. Primeiro o caso dos cheques. Talvez tenha lido nos jornais.

— Não compreendo bem o que houve com os cheques.

O tenente explicou. Sabia as datas dos cheques e o número de

peessoas que acreditavam que a assinatura era falsa. Explicou que o Signor Greenleaf negara qualquer irregularidade.

— Mas, quando o banco pede a sua presença para discutir uma falsificação contra ele mesmo, e a polícia de Roma deseja vê-lo para ajudar a esclarecer o assassinato do amigo, ele desaparece... — O tenente sacudiu as duas mãos no ar. — Só pode significar que está fugindo de nós.

— Não acha que alguém o tenha assassinado? — perguntou Tom em voz baixa.

O tenente ergueu os ombros, conservando-os quase encostados às orelhas por um quarto de minuto.

— Não, acho que não. Os fatos não indicam isso. Não exatamente. *Ebbene...* Verificamos, por meio do rádio, todos os barcos de todos os tamanhos que deixaram a Itália com passageiros. Ou tomou um navio pequeno, talvez um pescueiro, ou está se escondendo na Itália. Ou em qualquer lugar da Europa, naturalmente, pois não anotamos os nomes das pessoas que saem do país, e o Signor Greenleaf teve muito tempo para isso. De qualquer modo, está se escondendo. De qualquer modo, age como se fosse culpado. *Alguma coisa* está errada.

Tom olhou o homem com ar grave.

— Viu alguma vez o Signor Greenleaf assinar aqueles avisos de remessa de dinheiro, em janeiro ou fevereiro?

— Eu o vi assinar uma delas — disse Tom — mas acho que foi a de dezembro. Eu não estava com ele em janeiro ou fevereiro. Suspeita seriamente de que ele possa ter assassinado o Signor Miles? — perguntou com ar incrédulo.

— Ele não tem álibi — respondeu o oficial. — Diz que foi dar um passeio depois que o Signor Mee-lays saiu, mas ninguém o viu. — Apontou um dedo para Tom, subitamente. — E... soubemos, pelo amigo do Signor Mee-lays, o Signor Van Houston, que o Signor Mee-lays teve muita dificuldade para encontrar o Signor Greenleaf em Roma, como se o Signor Greenleaf estivesse se escondendo dele. O Signor Greenleaf devia estar zangado com o Signor Mee-lays, embora, segundo o Signor Van Houston, o Signor Mee-lays não estivesse zangado com o Signor Greenleaf!

— Compreendo — disse Tom.

— *Ecco* — disse o tenente, de modo conclusivo. Olhava para as mãos de Tom.

Pelo menos foi o que Tom imaginou. Usava seu próprio anel outra vez, mas será que o tenente notara alguma semelhança? Estendeu a mão ostensivamente para apagar o cigarro no cinzeiro.

— *Ebbene* — disse o tenente, erguendo-se. — Muito obrigado pela ajuda, Signor Reepley. É uma das poucas pessoas que nos pode dar alguma informação sobre a vida pessoal do Signor Greenleaf. Em Mongibello, as pessoas que o conheciam são estranhamente silenciosas. Um traço tipicamente italiano, infelizmente! Sabe, têm medo da polícia. — Deu uma risada divertida. — Espero que seja mais fácil encontrá-lo da próxima vez que tivermos alguma pergunta a fazer. Fique nas cidades mais tempo, e menos no campo. A não ser, naturalmente, que goste do nosso interior.

— Gosto! — disse Tom com entusiasmo. — Na minha opinião, a Itália é o mais belo país da Europa. Mas, se quiser, posso me manter em contato com o senhor, em Roma, para que saiba sempre onde

estou. Estou tão interessado quanto o senhor em encontrar o meu amigo. — Disse com naturalidade, como se na sua inocência já tivesse esquecido que Dickie podia ser um assassino.

O tenente deu-lhe um cartão com seu nome e o endereço da delegacia em Roma. Curvou-se:

— Grazie tante, Signor Reepley. Buona sera!

— *Buona sera* — disse Tom.

O jovem policial cumprimentou-o, Tom respondeu com um movimento de cabeça e fechou a porta.

Sentia-se capaz de voar... como um pássaro, para fora da janela, com os braços abertos! Os idiotas! Tão próximos da verdade sem descobri-la! Nem imaginavam que Dickie Greenleaf fugia das perguntas sobre a falsificação porque não era Dickie Greenleaf! A única coisa de que tinham suspeitado brilhantemente era que Dickie Greenleaf assassinara Freddie Miles. Mas Dickie Greenleaf estava morto, morto, mais morto do que uma pedra, e ele, Tom Ripley, estava salvo! Apanhou o telefone.

— Quer ligar para o Grand Hotel, por favor? — disse, com a pronúncia italiana de Tom. — *Il ristorante, per piacere.* Quer reservar uma mesa para as nove e meia, por favor? Obrigado. O nome é Ripley. R-i-p-l-e-y.

Hoje à noite ia jantar. E ver o luar no Grande Canal. E olhar as gôndolas passando suavemente com casais em lua-de-mel, os gondoleiros com suas silhuetas recortadas na água iluminada pela lua. Sentia-se faminto de repente. Pediria algo suculento e caro, a especialidade do Grand Hotel, fosse lá o que fosse, peito de faisão ou *petto di pollo*, e talvez *cannelloni*, para começar, com o molho

cremoso sobre a massa delicada, e um bom *valpolicella* para tomar lentamente enquanto pensasse no seu futuro e planejasse aonde iria agora.

Enquanto trocava de roupa teve uma idéia brilhante: devia trazer consigo um envelope, no qual escreveria que não devia ser aberto antes de alguns meses. Dentro dele, um testamento de Dickie doando a Tom todos os seus bens e todo o seu dinheiro. Sim, era uma bela idéia.

Veneza

28 de fevereiro, 19...

*Caro Senhor Greenleaf:*

*Pensei que, devido às circunstâncias, não levaria a mal que eu lhe escrevesse, transmitindo toda a informação que tenho sobre Richard, uma vez que aparentemente fui o último a vê-lo.*

*Estive com ele em Roma, mais ou menos no dia 2 de fevereiro, no Hotel Inghilterra. Como sabe, isso foi dois ou três dias após a morte de Freddie Miles. Dickie estava preocupado e nervoso. Disse que ia para Palermo, assim que a polícia terminasse o interrogatório sobre a morte de Freddie, e parecia ansioso para sair da cidade, o que era compreensível, mas preciso dizer que senti nele uma depressão que me impressionou muito mais do que o nervosismo. Era como se estivesse se preparando para algum ato violento... talvez contra si mesmo. Sabia também que ele não queria mais ver sua amiga Marjorie Sherwood, e me disse que tentaria evitá-la se ela fosse vê-lo em Roma por causa do caso Miles. Tentei convencê-lo a ver Marge, mas não sei se o fez. Marge tem um efeito muito*

*calmante... talvez o senhor saiba.*

*O que estou tentando dizer é que acho que Richard deve ter cometido suicídio. Até agora não o encontraram. Espero sinceramente que o encontrem antes de essa carta chegar às suas mãos. Não preciso dizer, naturalmente, que estou certo de que Richard não teve nada a ver com a morte de Freddie, direta ou indiretamente, mas creio que o choque e os interrogatórios perturbaram um pouco o seu equilíbrio. É uma notícia muito deprimente, reconheço e sinto muito. Talvez seja completamente inútil e Dickie esteja (o que também é compreensível, devido ao seu temperamento) simplesmente fugindo até que essas coisas desagradáveis se resolvam. Mas, à medida que o tempo passa, sinto-me mais perturbado. Julguei do meu dever lhe dizer essas coisas, apenas para que saiba...*

*Munique*

*3 de março, 19...*

*Querido Tom:*

*Obrigada pela sua carta. Foi muito gentil de sua parte. Escrevi para a polícia, em resposta, e um policial esteve aqui. Não vou passar por Veneza, mas obrigada pelo convite. Vou para Roma depois de amanhã para me encontrar com o pai de Dickie, que chega de avião.*

*Sim, concordo que foi uma boa idéia você ter escrito para ele.*

*Estou abatida com tudo isso, e apanhei um tipo de, febre ondulante, ou talvez o que os alemães chamam de Foehn, complicado com algum vírus. Não pude sair da cama durante quatro dias, do contrário teria ido a Roma. Portanto, perdoe essa carta desordenada e talvez idiota, que é uma pobre resposta à sua, tão delicada. Mas queria que soubesse que não concordo com a idéia de que Dickie possa ter cometido suicídio. Ele não é o tipo, embora saiba tudo o que vai dizer sobre o fato de que os suicidas nunca agem como se fossem se suicidar, etc. Não, qualquer outra coisa, menos isso, para Dickie. Talvez tenha sido assassinado em alguma rua escura de Nápoles, ou mesmo de Roma, pois quem sabe se foi ou não para Roma depois da Sicília? Imagino também que tenha sido tão omissivo com suas obrigações que resolveu se esconder agora. Acho que é isso o que Dickie está fazendo.*

*Fico satisfeita por você achar que a falsificação nos cheques não passou de um engano. Também penso assim. Dickie mudou tanto desde novembro que sua letra pode ter mudado também. Vamos esperar que quando receber essa carta alguma coisa boa já tenha acontecido. O Sr. Greenleaf me telegrafou para que o encontre em Roma, portanto preciso guardar minhas energias para a viagem.*

*É bom saber o seu endereço, afinal. Muito obrigada*

*outra vez pela carta, pelo conselho e pelo convite.*

*Tudo de bom*

*Marge*

*P. S. Não lhe contei a boa notícia. Um editor está interessado em Mongibello! Disse que quer ver o livro todo antes de me contratar, mas parece promissor! Agora, só falta eu acabar essa maldita coisa!*

*M.*

Ela resolvera fazer as pazes com ele, pensava Tom. Provavelmente também modificara suas declarações à polícia sobre ele.

O desaparecimento de Dickie provocava muita excitação na imprensa italiana. Marge, ou outra pessoa qualquer, fornecera fotografias aos jornais. No *Época* havia retratos de Dickie velejando em Mongibello, Dickie no *Oggi*, sentado na praia em Mongibello e no terraço do Giorgio, e uma fotografia de Dickie e Marge — "namorada dos dois, do *sparito* Dickie e do *assassinato* Freddie" — sorrindo abraçados; havia também um retrato muito formal do pai de Dickie, Herbert Richard Greenleaf pai. Tom conseguira o endereço de Marge em Munique num dos jornais. O *Oggi* há duas semanas publicava uma história da vida de Dickie, descrevendo seus anos de colégio como "anos rebeldes" e com minúcia sua vida social nos Estados Unidos e sua fuga para a Europa por causa de sua arte, tudo com tal exagero que ele parecia uma combinação com Errol Flynn e Paul Gauguin. Os semanários ilustrados sempre traziam os últimos registros policiais, que eram quase nulos, recheados com as teorias

que os repórteres inventavam. Uma das teorias favoritas era de que fugira com outra moça — a moça que assinara os seus cheques — e se divertia incógnito no Taiti ou na América do Sul, talvez no México. A polícia ainda vasculhava Roma e Nápoles, e Paris também. E isso era tudo. Nenhuma pista sobre o assassinato de Freddie Miles, e nada sobre o fato de Dickie Greenleaf ter sido visto carregando Freddie Miles, ou vice-versa, em frente à casa de Dickie. Tom imaginou por que estariam escondendo isso dos jornais. Provavelmente porque não podiam falar nisso sem se arriscarem a um processo por difamação da parte de Dickie. Tom ficou satisfeito ao se ver descrito como "um amigo leal" do desaparecido Dickie Greenleaf, que informara tudo o que sabia sobre o caráter e os hábitos de Dickie, e que, como todo mundo, estava abismado com o desaparecimento. "Signor Ripley, um dos ricos americanos em visita à Itália", dizia o *Oggi*, "está agora morando em um *palazzo* na Praça São Marcos, em Veneza." Foi o que mais agradou a Tom. Recortou a frase para guardar.

Não pensara em sua casa como um "palácio", mas naturalmente era o que os italianos chamam de *palazzo*, uma casa de dois andares, uma construção formal de mais de dois séculos, com a entrada principal dando para o Grande Canal e à qual só se chegava de gôndola, com largos degraus de pedra que desciam até a água e portões de ferro que se abriam com uma chave de quase dezesseis centímetros, além das portas atrás do portão, que também tinham uma chave enorme. Tom usava a "porta dos fundos", menos formal, e que dava para Viale San Spiridione, a não ser quando queria impressionar seus convidados, trazendo-os de gôndola. A porta dos fundos, com quatro metros de altura, como o muro que separava a

casa da rua, levava a um jardim um pouco maltratado mas ainda verde, com duas oliveiras e um pequeno chafariz, uma estátua, de aparência antiga, de um menino nu carregando uma bacia rasa. Era o jardim típico de um palácio veneziano, um tanto gasto e descuidado, precisando de uma restauração que jamais seria feita, mas extremamente belo porque nascera belo há mais de duzentos anos. O interior da casa era o que se considerava o ideal para um homem solteiro civilizado em Veneza. No andar térreo, um piso de mármore quadriculado de branco e preto, que ia do *hall* de entrada até as salas, e na parte de cima, piso de mármore branco e rosa, móveis que não pareciam móveis e sim a encarnação da música do Cinquecento, executada em oboés, flautas e violas de gambá. Tinha empregados, Ana e Hugo, jovem casal de italianos que trabalhara para um americano em Veneza e que, portanto, conheciam a diferença entre um *bloody mary* e um *creme de mente frappé*, lustravam as portas entalhadas dos armários, as cômodas e as cadeiras com tanta perfeição que a madeira parecia viva, com um brilho que refletia a luz e o movimento de quem passava por eles. A única peça quase moderna era o banheiro. No quarto de Tom havia uma cama imensa, mais larga do que comprida. Tom decorara as paredes com uma série de quadros panorâmicos de Nápoles, de 1540 a mais ou menos 1880, que encontrara numa loja de antigüidades. Durante uma semana inteira dedicara-se exclusivamente à decoração da casa. Havia uma segurança no seu gosto, agora, que não sentira em Roma e que o apartamento de lá não demonstrava. Sentia-se mais seguro de si em todos os sentidos.

Essa autoconfiança o levou até a escrever para a tia Dottie, uma carta calma, afetuosa e indulgente, um tom que jamais pensara em

usar, ou de que nunca talvez fora capaz. Perguntou sobre a sua saúde de ferro, sobre seu pequeno círculo de amigos cafajestes de Boston, e explicou por que gostava da Europa e por que pretendia viver ali por algum tempo; explicou de modo tão eloqüente que copiou o trecho da carta e guardou-o na escrivadinha. Escreveu essa carta certa manhã, depois do café, no quarto, vestido com um novo robe de seda mandado fazer em Veneza, olhando uma vez ou outra pela janela para o Grande Canal e a Torre do Relógio da Praça São Marcos, do outro lado da água. Ao terminar a carta, fez mais café e, usando a máquina de Dickie, escreveu o testamento que legava a Tom Ripley todos os bens e as rendas de Dickie, assinando Herbert Richard Greenleaf Jr. Tom pensou que era melhor não colocar uma testemunha, pois os bancos, ou o Sr. Greenleaf, podiam exigir que a identificasse, embora tivesse pensado em inventar um nome italiano, alguém que Dickie chamara ao seu apartamento em Roma só para isso. Tinha de se arriscar com um testamento sem testemunhas, pensou; contudo, a máquina de escrever de Dickie precisava tanto de um conserto que os defeitos eram tão fáceis de reconhecer quanto uma escrita manual, e ele ouvira dizer que testamentos hológrafos não precisavam de testemunhas. Mas a assinatura estava perfeita, fina e rabiscada, a mesma do passaporte de Dickie. Treinou durante uma hora antes de assinar o testamento, descansou as mãos, assinou um pedaço de papel, em seguida o testamento, em rápida sucessão. E desafiava qualquer pessoa a provar que não era a assinatura de Dickie. Tom colocou um envelope na máquina e endereçou-o A Quem Possa Interessar, com uma ressalva para que não fosse aberto antes do mês de junho desse ano. Guardou-o na bolsa lateral da sua mala, como se estivesse ali há algum tempo e ele não tivesse se

preocupado em tirá-lo quando se instalou na casa. Então, apanhou a máquina Hermes com a caixa, levou-a para baixo, e jogou-a numa pequena entrada do canal, muito estreita para dar passagem a um barco, que ia desde a frente da casa até o muro do jardim. Estava satisfeito por se livrar da máquina, embora não houvesse pensado nisso até agora. Talvez inconscientemente soubesse que ainda ia usá-la para escrever o testamento ou algo importante, e por isso a conservara.

Tom acompanhou os casos Greenleaf e Miles nos jornais italianos e na edição de Paris do *Herald Tribune*, com a preocupação natural de um amigo de ambos. No fim de março, os jornais sugeriam que Dickie devia estar morto, assassinado pelo mesmo homem, ou homens que tinham falsificado a sua assinatura. Um jornal de Roma dizia que um especialista de Nápoles afirmava que a assinatura das cartas enviadas ao Banco de Nápoles também era falsa. Outros, porém, não concordavam. Um policial, não Roverini, achava que o culpado ou culpados deviam ser "íntimos" do Signor Greenleaf, que haviam tido acesso à carta do banco e a audácia de respondê-la. "O mistério", afirmava o oficial, "não se resume em saber quem é o falsificador, mas como teve acesso à carta, pois o porteiro do hotel lembra-se de ter entregue pessoalmente a mesma ao Signor Greenleaf. O empregado do hotel lembra-se também de que o Signor Greenleaf estava sempre só em Palermo..."

Mais teorias muito próximas da verdade, mas sem chegar a ela. Contudo, Tom ficou abalado por alguns minutos, depois da leitura. Faltava apenas mais um passo para que decifrassem o mistério, e esse passo poderia ser dado amanhã ou depois. Ou será que, na verdade, sabiam a resposta e tentavam fazer com que ele baixasse as

defesas? O Tenente Roverini enviava-lhe recados pessoais de vez em quando, informando-o das investigações sobre Dickie. Estariam se preparando para o golpe final, lançando sobre ele toda a evidência que possuíam?

Começou a sentir que era seguido, especialmente quando caminhava pela rua longa e estreita que levava à sua casa. A Viale San Spiridione era apenas uma pequena abertura entre as paredes verticais de casas, sem nenhuma loja, mal-iluminada — só havia fachadas e fachadas e as portas altas e aferrolhadas das casas italianas, os portões no mesmo plano que os muros. Nenhum lugar para fugir se fosse atacado, nenhum portal onde se esconder. Tom não tinha idéia de quem poderia querer atacá-lo. Não a polícia, necessariamente. Tinha medo das coisas anônimas e amorfas que povoavam seu cérebro como fúrias. Passava por San Spiridione descontraído só depois de apaziguar seus temores com uma bebida. Então, caminhava arrogante e assobiando.

Devido a um pequeno incidente quando procurava casa, podia escolher agora entre inúmeros convites para festas, embora nas duas primeiras semanas só tivesse aceito dois. Um corretor, carregando três chaves imensas, o levava para ver uma casa na Paróquia de San Stefano. Contudo, não só a casa estava ocupada, como os donos davam uma festa exatamente nesse dia. A anfitriã insistiu em que Tom e o corretor tomassem alguma coisa para compensar a inconveniência, pois ela se esquecera de avisar que desistira de alugar a casa. Tom aceitou, sempre reservado e cortês, e foi apresentado a todos os presentes que, segundo imaginou, eram os estrangeiros que passavam o inverno em Veneza e estavam ávidos por sangue novo no grupo, a julgar pelo entusiasmo com que o

receberam, oferecendo-se para ajudá-lo a encontrar uma casa. Reconheceram seu nome, naturalmente, e o fato de ser amigo de Dickie Greenleaf deu-lhe uma importância social que o surpreendeu. Era óbvio que iam convidá-lo para todas as reuniões e interrogá-lo até saberem os mínimos detalhes: seria uma distração para a monotonia de suas vidas. Tom, desempenhando o seu papel, foi amável mas reservado. Um jovem sensível, desacostumado à publicidade vulgar, cujo principal sentimento sobre o caso Dickie era de ansiedade quanto à sorte do amigo.

Quando saiu da primeira festa, levava o endereço de três casas para alugar (uma delas a que alugou) e convites para duas outras reuniões. Compareceu primeiro à casa da Condessa Roberta (Titi) delia Latta-Cacciaguerra. Mas não estava com disposição para festas. Parecia entrever as pessoas através de uma névoa e a comunicação era lenta e difícil. Muitas vezes pedia que repetissem o que haviam dito. Aborrecia-se tremendamente. Mas, pensava, podia utilizar essa gente toda para *praticar*. As perguntas ingênuas que lhe faziam ("Dickie bebia muito?" "Mas ele *estava* apaixonado por Marge, não estava?" "Onde pensa que ele foi *na realidade*?") eram um bom treino para as questões mais específicas que Greenleaf faria se algum dia se encontrassem. Dez dias depois da carta de Marge, Tom começou a ficar inquieto, pois Greenleaf não escrevera nem telefonara para ele de Roma. Em certos momentos de terror, imaginava que a polícia dissera a Greenleaf que estavam fazendo um jogo com Tom Ripley, aconselhando-o a não se comunicar com ele.

Todos os dias procurava ansiosamente na caixa de correspondência uma carta de Marge ou de Greenleaf. Sua casa estava pronta para a chegada deles. As respostas às suas perguntas,

prontas na sua cabeça. Era como esperar interminavelmente pelo começo de um espetáculo, pela subida da cortina. Ou talvez Greenleaf estivesse tão sentido (para não mencionar a possibilidade de suspeitar dele) que preferia ignorar Tom completamente. E talvez Marge ajudasse Greenleaf nisso. De qualquer modo, não podia viajar enquanto *alguma coisa* não acontecesse. Tom queria viajar: a famosa viagem à Grécia. Comprara um guia da Grécia e já marcara o itinerário das ilhas.

Enfim, na manhã do dia 4 de abril Marge telefonou. Estava em Veneza, na estação.

— Vou aí apanhar você — disse Tom alegremente. — O Sr. Greenleaf está com você?

— Não, ele ficou em Roma. Vim sozinha. Não precisa me apanhar, tenho só uma valise.

— Nada disso! — exclamou Tom, ansioso por fazer alguma coisa. — Nunca vai achar minha casa sozinha.

— Vou sim. É perto della Salute, não é? Tomo o *motoscafo* para São Marcos, depois pego a gôndola para atravessar o canal.

Sim, ela estava certa.

— Bem, se você insiste. — Ocorreu-lhe que era melhor dar uma olhada pela casa para ver se tudo estava em ordem. — Já almoçou?

— Não.

— Bom! Vamos almoçar juntos. Tome cuidado no *motoscafo*!

Desligaram. Andou lenta e calmamente pela casa, pelos dois grandes quartos de cima, as escadas e a sala de estar. Nada, em lugar nenhum, que pertencesse a Dickie. Esperava que a casa não

parecesse muito luxuosa. Apanhou uma cigarreira de prata, comprada dois dias antes, com suas iniciais, de cima da mesa da sala e guardou-a em uma gaveta.

Ana estava na cozinha preparando o almoço.

— Ana, tenho uma convidada para o almoço — disse. — Uma amiga minha.

O rosto de Ana iluminou-se com um sorriso, ante a perspectiva de mais uma pessoa.

— Uma moça americana?

— Sim. Uma velha amiga. Quando o almoço estiver pronto, você e Hugo podem descansar o resto da tarde. Nós nos servimos.

— *Va bene* — disse Ana.

Os dois empregados chegavam às dez da manhã e saíam às duas. Tom não queria que ficassem por perto enquanto conversava com Marge. Entendiam um pouco de inglês, não o bastante para acompanhar uma conversa; sabia, porém, que estariam com os ouvidos atentos se ele e Marge falassem sobre Dickie, e isso o irritava.

Preparou alguns *martinis* e arrumou os copos e um prato com canapés em uma bandeja na sala de estar. Quando ouviu a batida, foi abrir a porta.

— Marge! Que bom ver você! Entre! — Apanhou a valise da mão dela.

— Como vai, Tom? Nossa! Tudo isso é seu? — Olhou em volta e para cima, para o teto ornamentado.

— Aluguei. Por uma ninharia — disse Tom modestamente. —

Venha tomar alguma coisa. Conte-me as novidades. Conversou com a polícia de Roma? — Levou o casaco e a capa de chuva transparente para uma cadeira.

— Sim, e com o Sr. Greenleaf. Ele está muito preocupado, naturalmente. — Ela sentou-se no sofá.

Tom ficou na cadeira, de frente para ela.

— Já encontraram alguma coisa? Um dos oficiais da polícia me mantém informado, mas nunca me conta nada realmente importante.

— Bem, descobriram que Dickie descontou mais de mil dólares em cheques de viagem antes de deixar Palermo. Um pouco antes, portanto, deve ter ido a algum lugar com todo esse dinheiro, como a Grécia ou a África. Não acredito que se suicidasse depois de retirar mil dólares.

— É verdade — concordou Tom. — Isso parece promissor. Não li nada a respeito, nos jornais.

— Acho que não publicaram.

— Não. Só uma porção de bobagens sobre o que Dickie costumava comer no café da manhã em Mongibello — disse Tom, servindo o *martini*.

— Não é horrível? Agora está um pouco melhor, mas quando o Sr. Greenleaf chegou, os jornais estavam a toda. Oh, obrigada. — Aceitou o *martini*.

— Como está ele?

Marge balançou a cabeça:

— Tenho tanta pena dele. Continua dizendo que a polícia

americana faria um serviço muito melhor; além disso, não fala nada de italiano, o que piora as coisas.

— O que está fazendo em Roma?

— Esperando. O que mais se pode fazer? Adiei outra vez minha viagem. Fui a Mongibello com o Sr. Greenleaf e interroguei todo mundo, mais para satisfazê-lo, naturalmente, mas ninguém sabe de nada. Dickie não esteve em Mongibello desde novembro.

— Não. — Tom tomou um gole de *martini*, pensativamente. Marge se mostrava otimista, podia perceber. Tinha ainda a vivacidade enérgica que o fazia pensar numa bandeirante típica, a impressão que dava de ocupar muito espaço, como se estivesse sempre a ponto de derrubar alguma coisa ao menor movimento, saúde de ferro e uma vaga aura de desordem. Subitamente sentiu que ela o irritava demais, mas continuou representando, ergueu-se, deu-lhe uma pancadinha no ombro e um beijo rápido e afetuoso no rosto.

— Talvez ele esteja a essa hora em Tânger ou outro lugar qualquer, levando uma vida de príncipe e esperando que toda essa encrenca passe.

— Bem, seria muita falta de consideração da parte dele! — disse Marge, rindo.

— Não tive intenção de alarmar ninguém quando falei sobre a depressão de Dickie. Achei que tinha o dever de informar o Sr. Greenleaf.

— Compreendo. Acho que fez bem em nos dizer. Apenas não acredito que seja verdade. — Sorriu, o riso largo e com tanto otimismo nos olhos brilhantes que para Tom parecia uma louca.

Começou a fazer perguntas sensatas e práticas sobre a opinião da polícia romana, sobre as pistas de que dispunham (nada digno de nota) e o que ela sabia sobre o caso Miles. Nada de novo também, mas Marge sabia que os dois, Dickie e Freddie, foram vistos em frente ao apartamento, mais ou menos às oito da noite. Achava que a história era exagerada.

— Talvez Freddie estivesse bêbado, ou talvez Dickie apenas estivesse com o braço em volta do corpo dele. Como seria possível ver no escuro? Não vão me dizer que Dickie matou Freddie!

— Eles têm alguma pista concreta que indique isso?

— Claro que não!

— Então por que os idiotas não trabalham para descobrir quem o matou? E também onde Dickie está?

— *Ecco!* — disse Marge enfática. — De qualquer modo, estão certos agora de que Dickie pelo menos viajou de Palermo a Nápoles. Um camareiro lembra-se de ter carregado sua bagagem da cabine do navio para as docas de Nápoles.

— É mesmo? — disse Tom. Também se lembrava do camareiro, um cretino desajeitado que deixara cair sua mala de lona ao tentar carregá-la embaixo do braço. — Freddie não foi morto horas depois de sair da casa de Dickie? — perguntou Tom subitamente.

— Não. Os médicos legistas não podem dizer com exatidão. E parece que Dickie não tinha um álibi, pois estava sozinho. Um pouco mais de azar para ele.

— Mas, *na verdade*, não acreditam que Dickie o tenha matado, não é?

— Não dizem isso. Apenas está no ar. Naturalmente não podem

tirar conclusões apressadas a torto e a direito sobre um cidadão americano, mas, como não têm outros suspeitos, e Dickie desapareceu... Além disso, a zeladora do prédio de Dickie em Roma disse que Freddie foi perguntar a ela quem estava morando no apartamento de Dickie, ou algo parecido. Ela disse que Freddie parecia zangado, como se tivesse discutido com alguém. Que ele perguntou se Dickie morava sozinho.

Tom franziu a testa:

— Por que seria?

— Não faço a menor idéia. Freddie não falava italiano muito bem, e talvez ela o tenha entendido mal. De qualquer modo, o fato de Freddie estar zangado não é bom para Dickie.

Tom ergueu as sobrancelhas:

— Eu diria que não era bom para Freddie. Talvez Dickie não estivesse zangado. — Estava perfeitamente calmo, pois Marge parecia não desconfiar de nada. — Eu não me importaria com isso, a não ser que apareça algum fato concreto. Para mim não significa nada. — Tornou a encher o copo de Marge. — Falando na África, já investigaram em Tânger? Dickie costumava falar em ir a Tânger.

— Acho que enviaram avisos para todas as polícias. Na minha opinião, deviam trazer a polícia francesa para o caso. Os franceses são muito bons nessas coisas. Mas, naturalmente, é impossível. *Isto é a Itália* — disse ela, com o primeiro tremor nervoso na voz.

— Vamos almoçar aqui? — perguntou Tom. — A empregada ainda está trabalhando a essa hora e acho que devemos aproveitar isso. — Acabou de falar no momento em que Ana entrava na sala anunciando que o almoço estava pronto.

— Maravilha! — disse Marge. — Está mesmo chovendo um pouco.

— *Pronto la colazione*, signor — disse Ana, com um sorriso, olhando para Marge.

Tom percebeu que Ana a tinha reconhecido das fotografias dos jornais.

— Você e Hugo podem ir agora, se quiserem, Ana. Obrigado.

Ana voltou para a cozinha. Havia uma porta para uso dos empregados, que dava para uma pequena rua ao lado da casa. Mas Tom ouviu-a mexendo na máquina de café, demorando-se na esperança de ver mais uma vez a moça do jornal.

— E Hugo? — disse Marge. — Dois empregados, nem mais nem menos?

— Oh, em geral trabalham aos casais, por aqui. Você pode não acreditar, mas pago cinqüenta dólares por mês de aluguel, sem contar o aquecimento.

— Não acredito! É quase a mesma coisa que em Mongibello!

— É verdade. O preço do aquecimento é alto, é claro, mas só aqueço o meu quarto.

— Está bem confortável aqui.

— Oh, liguei um aquecedor só para você — disse Tom sorrindo.

— O que aconteceu? Uma de suas tias morreu e lhe deixou uma fortuna? — perguntou Marge, ainda fingindo admiração.

— Não. Apenas tomei uma decisão. Vou aproveitar o que tenho, enquanto durar. Eu lhe disse que aquele emprego em Roma deu em nada, e ali estava na Europa com dois mil dólares, portanto resolvi aproveitar e depois voltar para casa, quebrado, e começar tudo de

novo. — Tom escrevera a Marge que o emprego era de vendedor de aparelhos de audição para toda a Europa, para uma companhia americana, e que não tivera coragem nem de experimentar. Além disso, o homem que o entrevistara achou que Tom não tinha jeito para isso. Na carta dizia também que o homem aparecera um minuto depois de ele ter falado com ela no telefone, por isso não fora ao encontro no Ângelo, em Roma.

— Dois mil dólares não vão durar muito...

Ela tentava descobrir se Dickie lhe dera algum dinheiro, ele sabia.

— Vai durar até o fim do verão — disse Tom despreocupadamente. — De qualquer modo, acho que mereço. Passei a maior parte do inverno como um cigano, viajando pela Itália, praticamente sem gastar nada, e estou farto disso.

— Onde *esteve* nesse inverno?

— Bem, não com Tom, quero dizer, não com Dickie — disse rindo, embaraçado com o descuido. — Sei que você pensou que estivéssemos juntos. Estive tanto com Dickie quanto você.

— Ora, deixe disso — falou Marge com voz arrastada. Parecia sentir o efeito da bebida.

Tom preparou mais duas ou três doses de *martini*.

— Exceto pela viagem a Cannes e os dois dias em Roma, em fevereiro, não vi Dickie. — Não era bem verdade, pois lhe escrevera, dizendo que "Tom passou alguns dias" em Roma, com Dickie, depois de Cannes; agora, porém, face a face com Marge, tinha vergonha que ela soubesse, ou que pensasse que passara tanto tempo com Dickie, e que os dois fossem culpados daquilo de que ela acusara Dickie em sua carta. Mordeu a língua ao servir os *martinis*, odiando-se por sua

covardia.

Durante o almoço — Tom lamentou que o prato principal fosse rosbife frio, fabulosamente caro no mercado italiano — Marge dedicou-se a um interrogatório mais detalhado do que qualquer oficial de polícia faria, sobre o estado de espírito de Dickie quando estava em Roma. Tom teve de descrever os dez dias que passara com ele, depois de Cannes, e tudo o mais, desde o pintor Di Massimo com quem Dickie trabalhara, até o apetite dele e a hora em que se levantava todos os dias.

— O que você acha que ele sentia por *mim*? Diga honestamente. Posso agüentar.

— Acho que estava preocupado com você — respondeu Tom ansiosamente. — Acho... Bem, era uma dessas situações bastante comuns, um homem apavorado com a idéia do casamento, para começar...

— Mas nunca lhe pedi para se casar comigo! — protestou Marge.

— Eu sei, mas... — Tom obrigou-se a continuar, embora o assunto trouxesse um gosto amargo à sua boca. — Digamos que Dickie não conseguiu enfrentar a responsabilidade de sua afeição por ele. Acho que queria um relacionamento mais casual com você. — Isso dizia tudo e não dizia nada.

Marge olhou-o com aquele olhar ausente e perdido que Tom conhecia; depois, como que se reanimando bravamente, falou:

— Bom, são águas passadas. O que me interessa agora é saber o que aconteceu com Dickie.

Sua fúria pela possibilidade de Tom ter estado com Dickie durante todo o inverno passara também, ele pensou, principalmente

porque naquela ocasião Marge não queria realmente acreditar, e agora já não era importante acreditar ou não. Tom perguntou cautelosamente:

— Ele não escreveu para você, de Palermo? Marge sacudiu a cabeça.

— Não. Por quê?

— Queria saber sua opinião sobre o estado de espírito dele nessa época. Escreveu para ele?

Ela hesitou:

— Sim, na verdade escrevi.

— Que tipo de carta? Pergunto porque uma carta pouco amistosa poderia causar um efeito negativo em Dickie.

— Oh! É difícil dizer o tipo de carta. Amiga, creio. Disse-lhe que ia voltar para os Estados Unidos. — Fitou-o com os olhos arregalados.

Tom divertiu-se ao observar o rosto de Marge, gostou de vê-la constrangida com uma mentira. Falava da carta suja na qual contava ter dito à polícia que ele e Dickie andavam sempre juntos.

— Acho que não tem importância, então — disse Tom suave e gentilmente, recostando-se na cadeira.

Permaneceram em silêncio por algum tempo; em seguida, Tom perguntou sobre o livro, quem era o editor e o quanto faltava para ela terminar. Marge respondeu com entusiasmo. Tom pensou que, se Dickie voltasse para ela e o livro fosse publicado no próximo inverno, Marge provavelmente explodiria de felicidade, com um estridente "pop", e esse seria o fim dela.

— Acha que devo procurar o Sr. Greenleaf também? — perguntou

Tom. — Teria muito prazer em ir a Roma... — Só que na verdade não teria tanto prazer assim, lembrou-se, pois havia gente demais em Roma que o vira como Dickie Greenleaf. — Ou será que ele gostaria de vir a Veneza? Poderia ficar aqui em casa. Onde está hospedado em Roma?

— Com uns amigos americanos que têm um apartamento enorme. Chamam-se Northup e moram na Via Quattro Novembre. Acho que seria interessante se você o visitasse. Vou anotar o endereço.

— É uma boa idéia. Ele não gosta de mim, não é? Marge sorriu brevemente:

— Bem, francamente, não. Acho que é injusto da parte dele. Provavelmente acha que você se aproveitou do dinheiro de Dickie.

— Bem, eu não me aproveitei. Sinto muito que a idéia de convencer Dickie a voltar não tenha dado certo, mas já expliquei isso. Escrevi uma carta ultradelicada sobre Dickie quando soube que estava desaparecido. Isso não ajudou?

— Acho que sim, mas... Oh, sinto muito, Tom! Nessa toalha tão bonita! — Marge derramara o *martini*. Passou o guardanapo desajeitadamente sobre a toalha de crochê.

Tom foi à cozinha e voltou correndo com um pano seco.

— Não foi nada — disse, vendo a madeira da mesa esbranquiçar-se apesar dos seus esforços. Não se importava com a toalha e sim com a mesa.

— Sinto muito — continuou a se desculpar Marge.

Tom odiava-a. Subitamente lembrou-se do sutiã pendurado na janela de sua casa em Mongibello. E hoje à noite, sua roupa de baixo estaria pendurada nas suas belas cadeiras, se a convidasse para ficar.

A idéia pareceu lhe repelente. Sorriu para ela, afetadamente, do outro lado da mesa.

— Espero que me dê a honra de aceitar uma cama para a noite. Não a minha — acrescentou rindo — mas tenho dois quartos lá em cima e é bem-vinda a um deles.

— Muito obrigada. Está bem, aceito — sorriu feliz.

Tom instalou Marge no seu próprio quarto. A cama do outro quarto era apenas um grande diva, não tão confortável quanto a sua, de casal. Marge fechou a porta para descansar depois do almoço. Tom andou pela casa impaciente, pensando se havia algo no quarto que devia ter retirado. O passaporte de Dickie estava sob o forro da mala, no armário. Não se lembrava de mais nada. Mas os olhos de uma mulher, pensou, são perspicazes, mesmo se tratando de Marge. Talvez ela bisbilhotasse o quarto inteiro. Finalmente, depois que ela dormiu, foi até o quarto e retirou a mala do armário. A tábua do assoalho estalou e Marge abriu os olhos sonolentos.

— Só queria apanhar uma coisa aqui — murmurou Tom. — Desculpe. — E continuou na ponta dos pés, em direção à porta. Ela provavelmente nem ia se lembrar, pensou, pois não acordara completamente.

Mais tarde, mostrou a casa a Marge, a estante com livros encadernados em couro no quarto ao lado do seu; livros que disse terem vindo com a casa, embora os houvesse comprado em Roma, Palermo e Veneza. Lembrou-se de que em Roma já possuía uns dez e que o policial que acompanhava Roverini se inclinara junto à estante, aparentemente estudando os títulos. Mas não era motivo para se preocupar, pensou, mesmo que aquele policial viesse de novo visitá-

lo. Mostrou a Marge a entrada da casa com a escada de pedra. A maré estava baixa e quatro degraus fora da água, os dois mais baixos cobertos de musgo. Era um musgo escorregadio, que pendia dos lados dos degraus como cabelo verde e desgrenhado. Para Tom a aparência da pedra coberta de musgo era repelente; Marge, porém, achou-a romântica. Abaixou-se, olhando a água profunda do canal. Tom teve desejo de empurrá-la.

— Podemos tomar uma gôndola e entrar por aqui hoje à noite? — ela perguntou.

— Oh, claro. — Iam jantar fora e Tom temia a longa noite italiana, pois só comeriam às dez e depois Marge com certeza ia querer sentar na Praça São Marcos, tomando café-expresso até as duas da manhã.

Tom olhou para o céu nublado, sem sol, de Veneza, observando uma gaivota que descia suavemente para pousar nos degraus de outra casa do canal. Tentava decidir a qual dos seus novos amigos de Veneza telefonaria, perguntando se podia ir com Marge tomar alguma coisa mais ou menos às cinco horas. Resolveu-se pelo inglês Peter Smith-Kingsley. Peter tinha um cão afegão, um piano e um bar muito bem equipado. Sim, pensou Tom, Peter era a melhor escolha, porque nunca deixava os convidados irem embora. Podiam ficar lá até a hora do jantar.

## 24

Tom telefonou para Greenleaf da casa de Smith-Kingsley, mais ou menos às sete horas. Greenleaf parecia mais amigável do que Tom esperava, dolorosamente ávido pelas pequenas migalhas de informação que lhe deu sobre Dickie. Peter, Marge e os Franchettis — dois atraentes irmãos de Trieste que Tom conhecera recentemente — estavam na sala ao lado e podiam ouvir quase tudo o que dizia; portanto, Tom representou muito melhor do que se estivesse sozinho.

— Disse a Marge tudo o que sei; assim, ela poderá completar, se me esqueci de alguma coisa. Sinto não poder contribuir com algo realmente importante para ajudar a polícia.

— Oh, essa polícia! — disse Greenleaf de mau humor. — Começo a pensar que Richard está morto. Não sei por que, mas os italianos não querem admitir essa possibilidade. Agem como amadores, ou velhas brincando de detetive.

Tom ficou chocado com a aparente frieza de Greenleaf sobre a possibilidade de Dickie estar morto.

— O senhor pensa que Dickie se matou, Sr. Greenleaf? — perguntou calmamente.

Greenleaf suspirou:

— Não sei. Acho que é possível, sim. Nunca achei meu filho muito estável, Tom.

— Infelizmente concordo com o senhor — disse Tom. — Quer falar

com Marge? Está na sala ao lado.

— Não, não, obrigado. Quando ela volta?

— Acho que volta para Roma amanhã, foi o que me disse. Se o senhor puder vir a Veneza, para um descanso, será muito bem-vindo em minha casa.

Greenleaf declinou o convite. Não era preciso exagerar, Tom compreendeu. Era como se estivesse procurando encrenca, provocando problemas contra a própria vontade. Greenleaf agradeceu o telefonema e disse boa-noite amavelmente.

Tom foi para a outra sala.

— Nada de novo de Roma — disse, desanimado, para o grupo.

— Oh! — Peter parecia desapontado.

— Está aqui, pelo telefonema, Peter — disse Tom, colocando doze mil liras sobre o piano. — Muito obrigado.

— Tenho uma idéia — começou a dizer Pietro Franchetti, no seu inglês da Inglaterra. — Dickie Greenleaf trocou de passaporte com um pescador napolitano, ou talvez um vendedor ambulante de cigarros, de Roma, para poder levar a vida sossegada que deseja. Acontece que o atual dono do passaporte de Dickie não é um falsificador tão bom quanto pensava e teve de desaparecer rapidamente. A polícia devia procurar por um homem que não tenha a própria *carta d'indendità*, descobrir quem ele é e então procurar pelo homem que tem o nome do outro, que no fim seria Dickie Greenleaf!

Todos riram, Tom mais alto do que os outros.

— O problema com a sua idéia — disse Tom — é que muita gente

que conhecia Dickie o viu em janeiro e fevereiro...

— *Quem?* — interrompeu Pietro, com a irritante beligerância típica da conversa italiana, duas vezes mais irritante em inglês.

— Bem, eu, por exemplo. Além disso, o que eu estava dizendo é que as assinaturas falsas datam agora de dezembro, segundo a opinião do banco.

— Não deixa de ser uma idéia — chilreou Marge, sentindo-se muito bem com seu terceiro drinque, recostando-se na grande *chaise-longue* de Peter. — Uma idéia bem no estilo de Dickie. Provavelmente ele fez isso logo depois de Palermo, quando, por cima de tudo, apareceu o problema das assinaturas. Não acredito nem um pouco na falsificação. Acho que Dickie mudou tanto que sua letra se alterou também.

— Também acho — disse Tom. — Nem todos no banco pensam que são falsificadas. Na América as opiniões se dividem e em Nápoles é a mesma coisa. O Banco de Nápoles jamais teria notado a diferença se o da América não tivesse chamado a atenção.

— O que será que os jornais trazem hoje? — perguntou Peter entusiasmado, calçando um sapato tipo mocassim, que tirara talvez por lhe machucar os pés. — Querem que vá comprar os jornais da noite?

Mas um dos Franchettis ofereceu-se para ir e saiu rapidamente da sala. Lorenzo Franchetti estava com um colete rosa bordado, *all'inglese*, e um terno feito na Inglaterra, além de sapatos ingleses de sola grossa, e o irmão usava roupas quase iguais. Peter estava com roupas italianas da cabeça aos pés. Tom notara, nas festas e no teatro, que os homens que usavam roupas inglesas eram quase

sempre italianos, e vice-versa.

Chegaram mais algumas pessoas quando Lorenzo voltava com os jornais. Dois italianos e dois americanos. Os jornais foram distribuídos. Mais discussão, mais especulações idiotas, mais excitação sobre as notícias: a casa de Dickie, em Mongibello, fora vendida para um americano pelo dobro do preço originalmente pedido. O dinheiro ficaria em um banco de Nápoles até que Greenleaf o retirasse.

O mesmo jornal trazia o desenho de um homem ajoelhado, procurando alguma coisa sob a escrivaninha. A mulher perguntava: "Botão do colarinho?" E a resposta: "Não, estou procurando Dickie Greenleaf".

Tom ouvira dizer que os teatros de revista de Roma exploravam o assunto também.

Um dos americanos recém-chegados, Rudy alguma coisa, convidou Tom e Marge para um coquetel no seu hotel, no dia seguinte. Tom começou a recusar, mas Marge disse que ficaria encantada. Tom não esperava que ela ainda ficasse em Veneza no dia seguinte, porque durante o almoço falara em partir. A festa seria mortalmente aborrecida, pensou. Rudy era um homem barulhento e grosseiro, usava roupas espalhafatosas e se dizia comerciante de antigüidades. Tom conseguiu sair com Marge antes que ela aceitasse outros convites para um futuro mais distante...

Marge estava meio "alta", o que irritou Tom durante todo o jantar de cinco pratos, que parecia nunca mais ter fim; ele, porém, fez um esforço supremo e resignou-se, como uma rã desamparada contorcendo-se sob o efeito de uma agulha elétrica, pensou. E

quando ela deixava cair a bola, ele a apanhava e driblava por alguns momentos. Disse coisas como:

— Talvez Dickie tenha se encontrado na sua pintura, e, como Gauguin, refugiou-se numa ilha dos mares do sul.

A idiotice o deixava doente. Marge se lançou numa divagação sobre Dickie nas ilhas dos mares do sul, ilustrando seu palavrório com gestos preguiçosos das mãos. O pior ainda estava por vir, pensou Tom: o passeio de gôndola. Se ela deixasse uma das mãos pendurada na beira do barco, esperava que um tubarão a arrancasse. Pediu uma sobremesa para a qual não havia lugar no seu estômago, mas Marge comeu toda a dela.

Naturalmente, ela queria uma gôndola particular, não o serviço regular que transportava dez pessoas de uma vez da Praça São Marcos até os degraus de Santa Maria delia Salute. Era uma e meia da manhã. Tom estava com um gosto "marrom-escuro" na boca, de tantos expressos que tomara, seu coração palpitava como as asas de um pássaro, e não esperava conseguir dormir até de madrugada. Sentia-se exausto; reclinou-se no banco da gôndola com a mesma languidez de Marge, tomando cuidado para que seu quadril não tocasse o dela. Marge ainda estava excitada, e monologava sobre o pôr-do-sol em Veneza, que vira em outra ocasião. O balanço suave da gôndola e o movimento rítmico da vara do gondoleiro deixavam Tom meio enjoado. A extensão de água entre a Praça São Marcos e os degraus de sua casa parecia imensa, interminável.

Os degraus estavam cobertos pela água, exceto os dois últimos, e o musgo ondulava repugnantemente sobre eles. Tom pagou o gondoleiro mecanicamente e já se achava na porta quando percebeu

que não levava a chave. Olhou a frente da casa para ver se podia subir por algum lugar, mas não era possível alcançar o parapeito de uma das janelas. Antes que pudesse dizer alguma coisa, Marge começou a rir.

— Você não trouxe a chave! Que maravilha, presos nos degraus, rodeados de água e sem chave!

Tom tentou sorrir. Por que diabo ia se lembrar de trazer duas chaves enormes que pesavam tanto quanto dois revólveres? Voltou-se, chamando o gondoleiro.

— Ah! — disse o homem rindo, no meio do canal. — *Mi dispiace, signor! Deb'ritornare a San Marco! Ho um appuntamento!* — Continuou a impelir a gôndola na outra direção.

— Não temos chave! — gritou Tom em italiano.

— *Mi dispiace, signor!* — respondeu o gondoleiro. — *Mandarà altro gondoliere!*

Marge riu outra vez.

— Oh, um outro gondoleiro virá nos apanhar. Não é maravilhoso? — Ficou na ponta dos pés.

Não era uma noite bonita. Estava frio e uma chuva pegajosa e úmida começou a cair. Poderiam tomar a gôndola regular de volta, mas não via nenhuma. O único barco era um *motoscafo* que se aproximava do embarcadouro de São Marcos. Dificilmente o *motoscafo* iria apanhá-los; Tom tentou assim mesmo, gritando para chamar a atenção. O *motoscafo*, iluminado, e cheio de passageiros, continuou impassível em direção ao píer de madeira. Marge estava sentada no último degrau, os braços ao redor dos joelhos, sem fazer nada. Finalmente, um barco carregado, talvez um pescueiro,

diminuiu a marcha e alguém gritou, em italiano:

— Trancados na rua?

— Esquecemos a chave! — explicou Marge alegremente.

Mas não quis entrar no barco. Disse que esperaria enquanto Tom desse a volta para abrir a porta. Ele avisou que levaria uns quinze minutos ou mais, ajuntou que Marge podia apanhar um resfriado, e ela se deixou convencer. O italiano os levou ao ancoradouro mais próximo, nos degraus da Igreja de Santa Maria delia Salute. Não aceitou dinheiro, apenas o resto do maço de cigarros americanos de Tom. Não sabia por que, mas sentiu-se mais apavorado ao caminhar por San Spiridione com Marge do que quando sozinho. Marge, naturalmente, não se impressionou nem um pouco com a rua e falou o tempo todo.

## 25

Na manhã seguinte Tom foi acordado muito cedo pelas batidas na porta. Vestiu o robe e desceu. Era um telegrama, e correu para cima a fim de apanhar uma gorjeta para o entregador. Parou na sala de estar gelada e leu.

*MUDEI DE IDÉIA. GOSTARIA VER VCÊ.*

*CHEGO 11,45*

*H. GREENLEAF*

Tom estremeceu. Bem, esperava por isso, pensou. Não, na realidade, não esperava. A idéia o apavorava. Ou seria por causa da hora? Madrugada ainda. A sala de estar parecia cinzenta e horrível. A palavra "vcê" dava ao telegrama um toque arcaico e arrepiante. Geralmente os telegramas italianos tinham erros engraçados. E se tivessem posto R. ou D. em vez de H.? Qual seria sua reação?

Correu para cima e voltou para a cama quente, tentando dormir mais um pouco. Ficou imaginando se Marge viria ao seu quarto ou bateria na porta por ter ouvido o barulho lá embaixo, mas afinal decidiu que ela não escutara nada. Imaginou-se recebendo Greenleaf, apertando sua mão com firmeza, e tentava adivinhar as perguntas que ele faria; sua mente, porém, estava confusa e cansada, o que o deixava assustado. Estava com muito sono para inventar perguntas e respostas, e muito tenso para dormir. Queria fazer café e

acordar Marge para ter com quem conversar, mas não tinha coragem de entrar no quarto e ver a roupa íntima dela espalhada por todo canto, absolutamente *não podia*.

Afinal, foi Marge quem o acordou, dizendo que já preparara o café.

— Imagine só! — disse Tom com um sorriso largo. — Recebi um telegrama do Sr. Greenleaf de manhã. Ele chega ao meio-dia.

— É mesmo? Quando recebeu o telegrama?

— De manhã bem cedo. Se não foi um sonho! — Tom olhou em volta. — Aqui está.

Marge leu.

— Gostaria ver você — disse, rindo um pouco. — Bem, isso é bom. Vai fazer bem a ele, espero. Vai descer ou quer que lhe traga o café?

— Vou descer — respondeu, vestindo o robe. Marge já estava vestida, de calça comprida e suéter, a calça de veludo preto elegante e feita sob medida, pensou Tom, pois adaptava-se à figura rechonchuda tão bem quanto possível. Ficaram tomando café até Ana e Hugo chegarem às dez horas, com leite, pão e os jornais da manhã. Sentaram-se na sala de estar, tomando café com leite quente. Não havia nada nos jornais sobre Dickie ou Miles. Às vezes isso acontecia nos jornais da manhã; então, os da tarde traziam alguma notícia, mesmo que não tivessem nada de novo para publicar, apenas lembrando ao público que Dickie ainda estava desaparecido e que o assassinato de Miles era um mistério.

Marge e Tom foram à estação receber o Sr. Greenleaf. Chovia de novo e o vento era tão frio que a chuva parecia gelo nos seus rostos. Esperaram no abrigo da estação, vendo as pessoas que entravam

pelos portões; afinal, lá estava o Sr. Greenleaf, solene e pálido. Marge correu, beijou-o no rosto, e Greenleaf sorriu para ela.

— Alô, Tom! — disse calorosamente, estendendo a mão. — Como está?

— Muito bem. E o senhor?

Greenleaf trazia apenas uma pequena valise, mas um carregador a levava e acompanhou-os até o *motoscafo*, embora Tom dissesse que podia carregar a mala. Sugeriu que fossem diretamente para sua casa, mas Greenleaf queria primeiro se instalar num hotel. Insistiu.

— Assim que me registrar no hotel vou à sua casa. Pensei em tentar o Gritti. É perto de sua casa?

— Não muito, mas pode andar até a Praça São Marcos e tomar a gôndola para atravessar o canal. Acompanhamos o senhor, se vai só se registrar no hotel. Pensei que podíamos almoçar juntos, a não ser que queira conversar a sós com Marge. — Era de novo o discreto Ripley.

— Vim aqui especialmente para falar com você! — replicou Greenleaf.

— Alguma novidade? — perguntou Marge. Greenleaf sacudiu a cabeça. Lançava olhares nervosos

e distraídos através da janela do *motoscafo*, como se a forma estranha da cidade o obrigasse a olhar para ela, embora realmente não a estivesse vendo. Não respondera sobre o almoço. Tom cruzou os braços, procurou dar ao rosto uma expressão agradável e não falou mais. De qualquer modo, o motor do barco fazia muito barulho. Greenleaf e Marge conversavam descontraidamente sobre as pessoas que conheciam em Roma. Tom percebeu que se davam muito bem,

embora Marge tivesse dito que não se conheciam antes de ele chegar em Roma.

Almoçaram num modesto restaurante entre o Gritti e o Rialto, cuja especialidade era frutos do mar, sempre expostos ainda crus, no longo balcão. Um dos pratos era uma variedade das lulas avermelhadas de que Dickie gostava, Tom disse para Marge, indicando o prato com a cabeça:

— Pena que Dickie não esteja aqui para comer um desses.

Marge sorriu alegremente. Ficava sempre de bom humor na hora da refeição.

Greenleaf falou um pouco mais durante o almoço, mas seu rosto conservou-se inexpressivo, e ainda olhava para os lados, como se esperasse ver Dickie entrando no restaurante a qualquer momento. Não, a polícia não encontrara coisa nenhuma que pudesse ser considerada uma pista, disse ele; contratara um detetive particular americano para vir à Itália resolver o mistério.

A notícia fez com que Tom engolisse em seco. Sem dúvida ele também suspeitava, ou melhor, tinha a ilusão de que os detetives americanos eram melhores do que os italianos. Mas a futilidade evidente de tudo isso fez-se clara para ele e, ao que parecia, para Marge também, pois ela adotou uma expressão triste e vazia.

— Talvez seja uma boa idéia — disse Tom.

— Acha que a polícia italiana é eficiente? — perguntou Greenleaf.

— Bem, para dizer a verdade, acho — respondeu Tom. — Além da vantagem de falar italiano, podendo ir a qualquer lugar e interrogar todos os tipos de suspeitos. O homem que o senhor contratou fala italiano?

— Não sei — respondeu Greenleaf, um tanto embaraçado, como que reconhecendo que devia ter perguntado isso antes. — O nome dele é McCarron. Dizem que muito bom.

Provavelmente não fala italiano, pensou Tom.

— Quando vai chegar?

— Amanhã ou depois. Estarei em Roma amanhã para me encontrar com ele, se vier. — Greenleaf terminara o *vitello alla parmigiana*. Não comera muito.

— Tom tem uma casa maravilhosa! — disse Marge, atacando a torta de rum de sete camadas.

Tom substituiu o olhar reprovador por um sorriso.

O interrogatório, pensou, seria quando chegassem em casa, provavelmente quando se achasse a sós com Greenleaf. Sabia que Greenleaf queria falar com ele em particular, portanto propôs que tomassem o café no restaurante, antes que Marge sugerisse a sua casa. Marge gostava do café feito no seu bule de filtro. Ainda assim, ficou com eles na sala de estar durante meia hora, depois que chegaram à casa de Tom. Era incapaz de perceber as coisas, pensou ele. Finalmente, Tom franziu a testa para ela, de modo brincalhão, e olhou para a escada. Marge percebeu a insinuação, abriu a boca atrás da mão e anunciou que ia subir para descansar um pouco. Mostrava o estado de espírito de sempre, uma alegria a toda prova; durante o almoço falara com Greenleaf como se *naturalmente* Dickie não estivesse morto, e assim ele não devia, mas não devia mesmo se preocupar tanto, pois não era bom para a digestão. Como se ainda tivesse esperança de ser algum dia nora de Greenleaf.

Greenleaf levantou-se e começou a andar de um lado para o

outro, as mãos nos bolsos do paletó, como um executivo prestes a ditar uma carta para a estenógrafa. Não fizera comentário nenhum sobre o luxo da casa, parecia nem notar, pensou Tom.

— Bem, Tom — começou a dizer, com um suspiro —, é um fim estranho, não é?

— Fim?

— Bem, você morando na Europa agora e Richard...

— Ninguém sugeriu ainda a possibilidade de ter voltado para os Estados Unidos? — perguntou Tom amavelmente.

— Não. Isso não é possível. Nossas autoridades de imigração são muito organizadas. — Greenleaf continuou a andar, sem olhar para ele. — Qual a sua verdadeira opinião sobre onde ele pode estar?

— Bem, senhor, pode estar se escondendo na Itália... O que é fácil se não se hospedar em hotéis onde precise se registrar.

— Existem muitos hotéis na Itália onde não é preciso se registrar?

— Não. Não oficialmente. Mas qualquer pessoa que fale italiano tão bem quanto Dickie pode conseguir isso. Na verdade, se der dinheiro ao dono de alguma pequena estalagem do sul da Itália para ficar de boca fechada, estará seguro, mesmo que o homem saiba que se chama Richard Greenleaf.

— E é isso que você acha que Richard está fazendo? — Greenleaf olhou para ele subitamente e Tom viu a expressão de pena que notara no seu primeiro encontro.

— Não, eu... É possível. É tudo o que posso dizer. — Fez uma pausa. — Sinto muito dizer isso, Sr. Greenleaf, mas acho que é possível que Dickie esteja morto.

A expressão de Greenleaf não mudou.

— Por causa da depressão que você notou em Roma? O que exatamente ele disse a você?

— Era seu estado geral de espírito — Tom franziu a testa. — O caso Miles obviamente o chocou. Ele é o tipo de homem... Bem, ele detesta publicidade de qualquer tipo e qualquer espécie de violência. — Tom passou a língua pelos lábios. Sua agonia ao tentar se expressar era genuína. — Ele disse que se acontecesse mais alguma coisa, perderia o controle... ou não sabia o que faria. Além disso, pela primeira vez senti que não se mostrava interessado pela pintura. Talvez fosse apenas temporário, mas até então sempre pensei que Dickie teria a pintura como válvula de escape, fosse lá o que fosse que viesse a acontecer.

— Ele leva a sério a pintura, realmente?

— Sim, muito a sério — respondeu Tom com convicção.

Greenleaf ergueu os olhos para o teto, as mãos atrás das costas.

— É uma pena que não possamos encontrar Di Massimo. Provavelmente sabe alguma coisa. Se não me engano, Richard ia com ele para a Sicília.

— Eu não sabia disso — comentou Tom. Na certa Marge contara a Greenleaf.

— Di Massimo desapareceu também, se é que alguma vez existiu. Estou inclinado a pensar que Richard inventou-o para me convencer de que estava pintando a sério. A polícia não consegue encontrar um pintor chamado Di Massimo nas suas... suas listas de identificação, ou seja lá o que for.

— Eu nunca o vi — disse Tom. — Dickie falou sobre ele algumas

vezes. Nunca duvidei da sua identidade... ou da sua existência. — Riu rapidamente.

— O que foi que você disse antes sobre "se acontecesse mais alguma coisa"? O que é que tinha acontecido a Dickie?

— Bem, eu não sabia naquela época, em Roma, mas agora acho que sei o que ele quis dizer. Eles o interrogaram sobre o barco afundado em San Remo. Contaram ao senhor sobre isso?

— Não.

— Encontraram um barco em San Remo, afundado. Parece que desapareceu no dia ou numa data próxima à que Dickie e eu estivemos lá, e além disso nós fizemos um passeio num barco do mesmo tipo. As pequenas lanchas que alugam em San Remo. De qualquer modo, o barco foi afundado, e quando o encontraram havia manchas que julgaram ser de sangue. Descobriram o barco logo depois da morte de Miles, e na ocasião não conseguiram me encontrar, pois eu estava viajando pelo interior do país, e perguntaram a Dickie sobre onde eu me achava. Acho que por algum tempo Dickie pensou que era suspeito de ter me assassinado! — Tom riu.

— Meu Deus!

— Sei disso tudo porque um inspetor da polícia me interrogou sobre o barco em Veneza há algumas semanas. Disse que já tinha interrogado Dickie a respeito. O mais estranho é que eu não sabia que estava sendo procurado... Não com muito empenho, é verdade, mas, assim mesmo, procurado. Só vim a saber por intermédio de um jornal em Veneza. Fui à delegacia e me apresentei. — Tom ainda sorria. Resolvera há alguns dias contar toda essa história a Greenleaf,

caso se encontrassem, mesmo que ele já a tivesse ouvido. Era melhor do que deixar que a polícia o informasse, dizendo que Tom supostamente se achava em Roma com Dickie quando a polícia já procurava por ele. Além disso, combinava com o que contara sobre a depressão de Dickie na época.

— Não compreendo muito bem essa história toda — disse Greenleaf. Estava sentado no sofá, ouvindo atentamente.

— Não faz sentido agora, uma vez que Dickie e eu estamos vivos. Só mencionei o fato para provar que Dickie sabia que a polícia me procurava, pois tinham lhe perguntado sobre onde eu estava. Por ocasião de sua primeira entrevista com a polícia é provável que não soubesse exatamente onde eu estava, mas pelo menos sabia que não tinha saído do país. Porém, mesmo quando fui a Roma e estive com ele, não contou à polícia que me viu. Não estava disposto a cooperar, aparentemente. Sei disso porque, quando falei com Marge no telefone do hotel, Dickie estava sendo entrevistado pela polícia. Resolveu que deixaria a polícia me encontrar por seus próprios meios, sem lhes dizer nada.

Greenleaf sacudiu a cabeça, um gesto meio impaciente e paternal, como se pudesse acreditar facilmente nessa atitude de Dickie.

— Acho que foi na noite em que ele disse que, se acontecesse mais alguma coisa... Foi um pouco inconveniente para mim quando cheguei a Veneza. A polícia deve ter pensado que sou um idiota por não saber que estava sendo procurado, mas na verdade não sabia.

— Hum... — disse Greenleaf, sem interesse. Tom levantou-se para apanhar conhaque.

— Acho que não concordo com você quando diz que Richard

cometeu suicídio — disse Greenleaf.

— Marge também não. Apenas disse que é uma possibilidade. Não acho que seja a mais provável.

— Não? Então o que acha mais provável?

— Que esteja se escondendo. Aceita um conhaque, senhor? Imagino que a casa seja um pouco fria, comparando com as dos Estados Unidos.

— Sim, na verdade é — Greenleaf aceitou o copo.

— O senhor sabe, ele pode estar em outro país também. Pode ter ido para Grécia, França, qualquer outro lugar, quando voltou para Nápoles, pois só começaram a procurar alguns dias depois.

— Eu sei, eu sei — disse Greenleaf com ar cansado.

## 26

Tom esperava que Marge se esquecesse do convite para o coquetel do comerciante de arte no Danieli, mas não. Greenleaf foi para o hotel descansar, mais ou menos às quatro horas; assim que ele saiu, Marge falou do coquetel, que seria às cinco.

— Você quer mesmo ir? — perguntou Tom. — Não me lembro nem do nome do homem.

— Maloof, M-a-l-o-o-f. Gostaria de ir. Não precisamos ficar muito tempo.

Então estava decidido. O que Tom detestava era o espetáculo que proporcionavam, dois personagens principais do caso Greenleaf, em evidência como se fossem acrobatas iluminados pelos focos de luz de um circo. Tinha a impressão — ou a certeza — de que para Maloof eram apenas um par de nomes, hóspedes de honra de última hora, porque naturalmente Maloof devia ter dito a todo mundo que Marge Sherwood e Tom Ripley estariam na sua festa nessa noite. Era muito deselegante. E Marge não podia desculpar sua frivolidade apenas afirmando que não estava nem um pouco preocupada com o desaparecimento de Dickie. Para Tom parecia que Marge engolia os *martinis* porque eram de graça, como se não houvesse bastante na sua casa, ou como se não fosse pagar muitos mais para ela quando se encontrassem com Greenleaf para jantar.

Tom tomou um drinque lentamente e procurou ficar no outro lado da sala, bem longe de Marge. Sim, ele era um amigo de Dickie Greenleaf, dizia quando falavam no assunto, mas conhecia Marge

muito pouco.

— A Srta. Sherwood está hospedada em minha casa — disse, com um sorriso embaraçado.

— Onde está o Sr. Greenleaf? Que pena que não o trouxeram também — disse Maloof, que parecia um elefante, com um *manhattan* num copo de champanhe. Usava um terno xadrez berrante de *tweed* inglês, o tipo de padrão, pensava Tom, que os ingleses fabricam relutantemente para certos americanos como Rudy Maloof.

— Acho que o Sr. Greenleaf está descansando — disse Tom. — Vamos nos encontrar para jantar.

— Oh — disse Maloof. — Leu os jornais da noite? — Perguntou polidamente, com ar solene.

— Sim, li — respondeu Tom.

O Sr. Maloof assentiu com a cabeça, sem falar mais nada. Tom ficou imaginando que notícia incoseqüente Maloof teria citado se tivesse respondido que não lera os jornais. Estes diziam apenas que o Sr. Greenleaf chegara a Veneza e hospedara-se no Gritti Palace. Não mencionavam a chegada de nenhum detetive americano em Roma, nem o fato de que o estavam esperando, o que fazia Tom duvidar da história de Greenleaf. Era como uma história' contada por outra pessoa qualquer, ou como seus temores imaginários, sem nenhum fundamento real, que sempre o faziam se sentir embaraçado algum tempo depois, por tê-los julgado verdadeiros. Como, por exemplo, o temor de que Marge e Dickie estivessem tendo ou em vias de ter um caso em Mongibello. Ou a falsificação das assinaturas: o medo de que a descoberta pusesse tudo a perder, denunciando-o, se continuasse a

passar por Dickie Greenleaf. Na verdade, esse problema estava encerrado. As últimas notícias diziam que sete entre oito especialistas americanos não acreditavam que os cheques fossem falsos. Poderia ter assinado outro recibo do banco americano e continuado como Dickie Greenleaf para o resto da vida, se não tivesse se deixado dominar pelos temores imaginários. Cerrou os dentes com força. Uma parte do seu cérebro ouvia a voz de Maloof que, tentando parecer sério e inteligente, descrevia um passeio às Ilhas Murano e Burano feito naquela manhã. Com os dentes cerrados, a testa franzida, ouvia enquanto se concentrava nos seus próprios problemas. Talvez fosse melhor acreditar na história do detetive até prova em contrário, mas não deixaria que isso o perturbasse e muito menos mostraria contrariedade.

Respondeu distraído a uma pergunta de Maloof e este riu exageradamente, afastando-se. Tom acompanhou com os olhos as costas largas do homem, compreendendo que fora grosseiro, que estava sendo grosseiro e precisava se controlar, porque ser delicado, mesmo para essa coleção de comerciantes de antigüidades de segunda classe e compradores de bricabraque e cinzeiros — vira amostras da mercadoria sobre a cama, no quarto onde deixara o sobretudo —, fazia parte do comportamento de um cavalheiro. Essa gente, porém, o fazia se lembrar demais das pessoas de que se afastara em Nova York e por isso o irritavam, lhe davam vontade de sair correndo para longe.

Estava ali por causa de Marge, afinal, apenas por causa dela. *Ela* era a culpada. Tomou um gole de *martini*, olhou para o teto e pensou que dentro de alguns meses seus nervos e sua paciência seriam capazes de suportar até mesmo esse tipo de gente, se tivesse de estar

com eles outra vez. Melhorara muito, pelo menos desde que deixara Nova York, e pretendia continuar melhorando. Olhou para o teto e pensou em embarcar para a Grécia, pelo Adriático, saindo de Veneza e pelo Mar Jônio até Creta. Era o que pretendia fazer no verão. Junho. *Junho*. Palavra doce e macia, clara, preguiçosa e cheia de sol! Esse devaneio, porém, durou apenas alguns segundos. As vozes americanas altas e ásperas forçaram a entrada nos seus ouvidos outra vez e enfiaram-se como garras nos seus ombros e em suas costas. Moveu-se quase automaticamente para junto de Marge. Havia apenas duas outras mulheres na sala, as horríveis esposas de dois horríveis homens de negócios, e Tom tinha de admitir que Marge era a mais apresentável das três; sua voz, contudo, era muito pior, o mesmo tipo das outras, só que muito pior.

A sugestão para irem embora estava na ponta da sua língua. Como não era próprio que um homem tomasse essa iniciativa, apenas reuniu-se ao grupo onde estava Marge e sorriu. Alguém serviu-lhe outra dose de bebida. Marge falava sobre Mongibello, sobre o seu livro, e os três homens, de têmporas grisalhas, rostos envelhecidos, semicalvos, pareciam encantados.

Quando alguns minutos mais tarde Marge sugeriu que saíssem, tiveram dificuldade para se livrar de Maloof e seu bando, todos um pouco bêbados e insistindo em que fossem jantar juntos, inclusive o Sr. Greenleaf.

— Para isso é que serve Veneza, muito divertimento! — repetia idiotamente Maloof, aproveitando para abraçar Marge, apertando-a um pouco, enquanto tentava fazer com que ficassem, e Tom pensou que felizmente não comera ainda pois na certa teria vomitado.

— Qual é o telefone do Sr. Greenleaf? Vamos ligar para ele! —

Maloof dirigiu-se para o telefone.

— Acho melhor darmos o fora daqui! — disse Tom irritado no ouvido de Marge. Segurou o ombro dela com firmeza e eficiência e levou-a para a porta, os dois cumprimentando e sorrindo enquanto saíam.

— Qual é o *problema*? — perguntou Marge quando estavam no corredor.

— Nenhum problema. Apenas achei que a festa estava tomando outro rumo — disse Tom, tentando fazer com que tudo parecesse sem importância, sorrindo. Marge estava um pouco "alta", mas não o bastante para não perceber que alguma coisa acontecia com Tom. Ele suava. Sua testa estava molhada e ele a enxugou. — Gente como essa me deprime, falando de Dickie o tempo todo, e nem os conhecemos, e para dizer a verdade, não quero conhecê-los. Me deixam doente.

— Engraçado. Ninguém me falou sobre Dickie ou sequer mencionou seu nome. Achei muito melhor do que ontem na casa de Peter.

Tom ergueu a cabeça, enquanto andava sem dizer nada. Era gente de uma classe que ele desprezava, e por que diria isso a Marge, se ela pertencia a essa mesma classe?

Ligaram para Greenleaf. Era cedo ainda para o jantar; portanto, tomaram aperitivos em um café perto do Hotel Gritti. Tom tentou compensar sua explosão de mau humor na festa conversando amavelmente durante o jantar. Greenleaf, ao contrário, estava de bom humor, pois telefonara para sua mulher, que se achava bem disposta e mais animada. Seu médico experimentava um novo tipo de medicamento há dez dias, disse Greenleaf, e ela aparentemente

reagia melhor do que aos tratamentos anteriores.

Foi um jantar calmo. Tom contou uma piada de salão, não muito engraçada, e Marge riu ruidosamente. Greenleaf insistiu em pagar a conta e disse que voltaria ao hotel, porque não se sentia muito disposto a fazer mais nada. Como escolhera um prato de massa e não comera salada, Tom deduziu que devia estar com a doença dos turistas, pensando em sugerir um bom remédio que podia ser comprado em qualquer farmácia, mas Greenleaf não era exatamente o tipo de pessoa a que se diz uma coisa assim, mesmo a sós.

Greenleaf informou que voltaria para Roma no dia seguinte, e Tom prometeu ligar mais ou menos às nove para saber o horário do trem. Marge voltaria com Greenleaf e disse que qualquer trem estaria bem. Voltaram ao Gritti; Greenleaf com o rosto tenso do industrial típico, sob o chapéu de feltro, como um pedaço da Avenida Madison caminhando pelas ruas estreitas e sinuosas de Veneza, e despediram-se.

— Sinto muito não ter passado mais tempo com o senhor — disse Tom.

— Eu também, rapaz, eu também. Talvez em outra ocasião. — Greenleaf deu-lhe uma pancadinha no ombro.

Tom voltou para casa com Marge, caminhando nas nuvens. Tudo saíra muito bem, pensava. Marge conversava enquanto andavam, rindo divertida porque uma alça do seu sutiã se partira e precisava segurá-lo com a mão. Tom pensava na carta que recebera de Bob Delancey nessa tarde, a primeira notícia que tinha dele desde um cartão de muito tempo atrás, na qual Bob dizia que a polícia interrogara todo mundo em sua casa sobre uma fraude relacionada

com imposto de renda há alguns meses. Ao que parecia, o culpado usara o endereço de Bob e conseguira os cheques simplesmente apanhando as cartas deixadas na caixa de correspondência. O carteiro também fora interrogado, dizia Bob, e lembrava-se do nome de McAlpin nos envelopes. Aparentemente, Bob achava tudo muito engraçado. Descrevia a reação de algumas das pessoas do prédio ao serem interrogadas pela polícia. O mistério era quem apanhara as cartas endereçadas a George McAlpin. Tom sentiu-se tranqüilo. O caso do imposto de renda de vez em quando o inquietava vagamente, pois sabia que com o tempo haveria uma investigação. Estava satisfeito por não ter continuado. Não via como a polícia poderia fazer alguma conexão entre Tom Ripley e George McAlpin. Além disso, como observava Bob na carta, o indivíduo nem tentara descontar os cheques.

Sentou-se na sala de estar, relendo a carta de Bob. Marge subira para arrumar as malas e dormir. Estava cansado também, mas a expectativa da liberdade do dia seguinte, quando Marge e Greenleaf partissem, era tão agradável que não se importaria de ficar acordado a noite toda. Tirou os sapatos e deitou-se no sofá, a cabeça sobre uma almofada, e continuou a reler a carta de Bob. "A polícia pensa que é alguém de fora que vem ocasionalmente apanhar a correspondência aqui, porque nenhum dos idiotas do prédio tem pinta de criminoso..." Era estranho ler sobre as pessoas que conhecia em Nova York, Ed e Lorraine, a garota amalucada que tentara se esconder na sua cabine no dia em que embarcara em Nova York. Era estranho e nada atraente. Que vida insignificante levavam, arrastando-se pela cidade, entrando e saindo do metrô, bebendo num bar ordinário da Terceira Avenida, como única forma de

divertimento, vendo televisão, e mesmo que tivessem dinheiro para ir a um bar na Avenida Madison ou a um bom restaurante uma vez ou outra, como seria sem graça, comparado à pior *trattoria* de Veneza com os pratos de salada sobre a mesa, bandejas de queijos maravilhosos, e os garçons amáveis trazendo o melhor vinho do mundo! "Pode estar certo de que o invejo, aí em Veneza, morando num velho *palazzo!*", escrevia Bob. "Dá muitos passeios de gôndola? E as moças, que tal? Está adquirindo tanta cultura que não vai falar conosco quando voltar? E por falar nisso, até quando pretende ficar por aí?"

Para sempre, pensou Tom. Talvez nunca mais voltasse aos Estados Unidos. Não era tanto pela Europa, mas as noites que passara sozinho em Veneza e em Roma o encantavam. As noites que passara estudando os mapas ou deitado no sofá, lendo os guias de viagens. As noites em que examinava as suas roupas — as suas e as de Dickie —, sentindo os anéis de Dickie nas palmas das mãos, passando os dedos levemente sobre a mala de antílope que comprara no Gucci. Dera-lhe um polimento com um líquido inglês especial, não que ela precisasse, pois tratava-a com o maior cuidado, mas para proteger o couro. Adorava possuir coisas, não em grande quantidade, mas um número de objetos selecionados dos quais não queria se desfazer. Faziam com que a pessoa adquirisse auto-respeito. Não a ostentação, mas a boa qualidade, e o amor à qualidade. Suas posses o faziam lembrar que estava vivo e amar sua existência. Era simples. E não valia alguma coisa? Poucas pessoas sabiam reconhecer o que era realmente bom, mesmo as que dispunham de muito dinheiro. Na verdade, não era necessário muito dinheiro e sim uma certa segurança. Tom já perseguia esse objetivo quando fora morar com

Marc Preminger. Gostava das coisas de Marc, mas não eram suas, e na ocasião não lhe era possível comprar o que gostava, ganhando quarenta dólares por semana. Teria gasto os melhores anos de sua vida, mesmo que economizasse ao máximo, para comprar as coisas que queria. O dinheiro de Dickie apenas apressara sua caminhada. O dinheiro tornava-lhe possível agora ir à Grécia, colecionar cerâmica etrusca, se quisesse (lera recentemente um livro muito interessante escrito por um americano que morava em Roma), ser membro de sociedades artísticas e fazer donativos. Permitia-lhe, por exemplo, ler Malraux nessa noite, até a hora que quisesse, pois não precisava ir trabalhar de manhã. Comprara a obra de Malraux em dois volumes, *Psychologie de l'Art*, que lia agora com grande prazer, em francês, com a ajuda de um dicionário. Pensou em dormir um pouco e depois ler Malraux. Apesar do expresso que tomara, sentia-se sonolento e relaxado. A curva do sofá adaptava-se aos seus ombros como um par de braços, ou melhor do que isso. Resolveu passar a noite ali mesmo. Era mais confortável do que o divã onde dormira na noite passada. Dali a alguns minutos apanharia um cobertor lá em cima.

— Tom?

Abriu os olhos. Marge descia a escada, descalça. Tom sentou-se. Ela tinha nas mãos a caixa de couro marrom.

— Encontrei os anéis de Dickie aqui dentro — disse ela ofegante.

— Oh, ele me deu. Para guardar. — Tom ficou de pé.

— Quando?

— Em Roma, acho. — Deu um passo para trás, quase tropeçou num pé de sapato e abaixou-se para apanhá-lo, num esforço para parecer calmo.

— O que ele pretendia fazer? Por que deu os anéis a você?

Ela procurara linha para costurar a alça do sutiã, pensou Tom. Por que não guardara os anéis em outro lugar, no forro da mala por exemplo?

— Não sei, realmente. Um capricho, ou qualquer coisa assim. Sabe como ele é. Disse que se acontecesse alguma coisa queria que eu ficasse com os anéis.

Marge parecia intrigada:

— Para onde estava indo?

— Palermo, Sicília. — Segurava o pé de sapato com as duas mãos, pela ponta, pronto para usar o salto como arma. E o plano todo delineou-se em sua mente: golpeá-la com o sapato, arrastá-la pela porta da frente e atirá-la no canal. Diria que escorregara no musgo. E, como era boa nadadora, pensara que ela podia se conservar na tona.

Marge olhou demoradamente para a caixa.

— Então, ele ia *mesmo* se matar.

— Sim... se quer interpretar desse modo, os anéis... Faz realmente parecer que ia.

— Por que não falou nisso antes?

— Acho que esqueci completamente. Guardei-os para não perder e não me lembrei mais deles desde o dia em que Dickie os entregou.

— Ou ele se matou ou mudou de identidade... não é isso?

— Sim — disse Tom com expressão triste e voz firme.

— É melhor contar ao Sr. Greenleaf.

— Sim. Vou contar. Para ele e para a polícia.

— Isso praticamente *resolve* tudo — disse Marge. Tom torcia o sapato entre as mãos, como se fosse um par de luvas, mas conservando-o em posição, pois Marge olhava para ele de um modo estranho. Ela ainda estava, pensando. Estaria tentando enganá-lo? Será que agora sabia?

Marge disse ansiosamente:

— Não posso imaginar Dickie sem esses anéis. — E Tom percebeu que ela não adivinhara a resposta, que seu pensamento estava a quilômetros da verdade.

Relaxou o corpo, sentindo-se fraco, deixou-se cair no sofá e fingiu ocupar-se inteiramente com a tarefa de calçar os sapatos.

— Nem eu — disse, concordando automaticamente.

— Se não fosse tão tarde, telefonava para o Sr. Greenleaf agora. Provavelmente está deitado e não conseguiria dormir se lhe contasse, sei disso.

Tom tentava calçar o segundo pé de sapato. Até os dedos estavam sem força. Procurou desesperadamente alguma coisa sensata para dizer.

— Sinto muito não ter mencionado antes — disse com voz profunda. — Foi um desses...

— Sim, e agora é bobagem o Sr. Greenleaf contratar o detetive americano, não é? — Sua voz soava trêmula.

Tom olhou para ela. Marge estava quase chorando. Tom compreendeu que pela primeira vez ela admitia que Dickie podia estar morto, que provavelmente estava morto. Aproximou-se dela lentamente.

— Sinto muito, Marge, principalmente por não ter contado antes sobre os anéis. — Abraçou-a. Teve de fazê-lo porque ela se encostara nele. Sentiu o perfume. O Stradivari, sem dúvida. — Por isso também eu estava certo de que Dickie se matou, ou de que poderia ter se matado.

— Sim — disse ela com voz de choro.

Mas não estava chorando, apenas apoiava-se nele com a cabeça abaixada e rígida. Como alguém que acaba de ouvir a notícia de uma morte, pensou Tom. O que era exatamente o que acontecera.

— Que tal um conhaque? — perguntou ele com ternura.

— Não.

— Venha se sentar no sofá. — Conduziu-a lentamente.

Marge sentou-se e ele atravessou a sala para apanhar o conhaque, servindo duas doses. Quando se voltou, ela saíra. Teve tempo de ver a bainha do robe e os pés descalços no topo da escada.

Prefere ficar só, pensou Tom. Caminhou para a escada, pensando em levar o conhaque para ela, mas resolveu o contrário. Provavelmente sua dor estava além do consolo que o conhaque podia dar. Sabia o que Marge sentia. Levou os copos de volta com gestos solenes. Tinha intenção de devolver apenas uma dose à garrafa, mas devolveu as duas e colocou a garrafa entre as outras.

Deitou-se no sofá outra vez, esticou uma perna, o pé pendurado para fora, exausto demais até para tirar o sapato. Tão cansado como quando matara Freddie Miles, pensou de repente, ou depois de matar Dickie, em San Remo. Estivera tão perto! Lembrava-se agora da frieza do plano de abater Marge com o salto do sapato, não com muita força, para não ferir a pele, e arrastá-la pelo *hall* de entrada,

através da porta, com as luzes apagadas para não ser visto, e da história rapidamente inventada de que ela escorregara, e que, pensando que Marge poderia nadar de volta facilmente, não se atirara na água nem gritara por socorro. Bem no fundo de sua mente, até imaginara as palavras que trocaria com Greenleaf, este chocado e espantado e Tom aparentemente sentindo o mesmo, só aparentemente. Na verdade, estaria calmo e seguro de si, como depois de matar Freddie, porque sua história não podia ser negada. Como a história de San Remo. Eram boas porque as imaginava com tanta intensidade que acabava por acreditar nelas.

Por um momento ouviu sua voz dizendo: "... Fiquei ali nos degraus chamando por ela, pensando que apareceria em segundos, e que talvez só quisesse me pregar uma peça... Não podia *imaginar* que se machucara, ela estava tão bem disposta um momento antes, ali de pé nos degraus..." Ficou tenso. Era como um fonógrafo tocando dentro de sua cabeça, um espetáculo dramático representado na sua sala de estar e que ele não conseguia impedir. Via-se conversando com a polícia italiana e Greenleaf ao lado das portas enormes da entrada. Podia se ver a si mesmo claramente e ouvir sua própria voz ansiosa. E eles acreditavam.

Mas o que o aterrorizava não era o diálogo ou a certeza alucinatória de que matara Marge (sabia que não matara), mas a lembrança de ter ficado ali em frente dela com o sapato na mão, e imaginando tudo isso fria e metodicamente. E o fato de que fizera exatamente a mesma coisa duas vezes antes. E essas duas vezes eram *fatos*, não imaginação. Podia dizer que não quisera matá-los, mas os matara assim mesmo. Não queria ser um assassino. Algumas vezes conseguia esquecer completamente que matara. Mas em outras

ocasiões — como agora — não podia. Esquecera-se, por algum tempo, nessa noite, enquanto pensava sobre o significado das coisas possuídas e sobre o motivo de gostar da Europa.

Virou de lado, os pés sobre o sofá. Suava e tremia. O que estava acontecendo com ele? O que tinha acontecido? Será que, no dia seguinte, quando encontrasse Greenleaf, diria uma porção de bobagens sobre Marge ter caído no canal, enquanto gritava por socorro e se atirava na água à procura dela inutilmente? Com Marge ali ao lado dos dois, perderia a razão e se trairia como um doente maníaco?

Tinha de enfrentar Greenleaf com a história dos anéis no dia seguinte. Precisava repetir a história contada a Marge. Devia adicionar detalhes para parecer mais verdadeira. Começou a inventar. Sua mente voltou ao normal. Imaginava agora um quarto de hotel em Roma, Dickie e ele conversando, Dickie tirando os dois anéis e entregando-os a Tom. Dickie dizendo: "É melhor não contar isso a ninguém..."

Marge telefonou para Greenleaf às oito e meia, perguntando quando poderia ir ao hotel, como dissera a Tom que faria. Greenleaf deve ter notado que ela estava nervosa. Tom ouviu-a quando começou a contar a história dos anéis. Marge usou as mesmas palavras que ele usara — evidentemente acreditara —, mas Tom não podia ver a reação de Greenleaf. Temia que esse pequeno fato pusesse todo o quadro em foco e que, quando se encontrassem com Greenleaf, este estivesse acompanhado por um policial pronto a prender Tom Ripley. Essa possibilidade de certa forma anulava a vantagem de não estar presente enquanto Greenleaf tomava conhecimento do fato.

— O que foi que ele disse? — perguntou a Marge quando desligou.

Marge sentou-se, com ar cansado, em uma cadeira no outro lado da sala:

— Parece pensar como eu. Disse que acha que Dickie pretendia se matar.

Mas Greenleaf teria algum tempo para pensar no assunto antes de chegarem lá, pensou Tom.

— A que horas tem de estar no hotel? — perguntou.

— Eu disse nove e meia ou um pouco antes. Logo depois do café. O café já está servido. — Marge levantou-se e foi para a cozinha. Tá estava vestida com o mesmo conjunto de quando chegou em Veneza.

Tom ficou indeciso, sentado na beira do sofá, e afrouxou a

gravata. Dormira vestido no sofá e Marge o acordara há poucos minutos. Como conseguira dormir a noite toda na sala gelada, não sabia. Estava embaraçado. Marge ficara surpresa ao encontrá-lo ali de manhã. Estava com cãimbra no pescoço, nas costas e no ombro direito. Ergueu-se rapidamente.

— Vou subir para lavar o rosto — disse para Marge em voz alta.

Olhou rapidamente para dentro do seu quarto e viu que Marge já fechara a mala, que estava no chão. Esperava que os dois partissem em um trem da manhã. Provavelmente iria, porque Greenleaf devia se encontrar com o detetive americano em Roma.

Tom despiu-se no quarto contíguo ao de Marge, entrou no banheiro e abriu o chuveiro. Depois de se olhar no espelho resolveu fazer a barba e voltou ao quarto para apanhar o aparelho elétrico que tirara do banheiro, sem motivo, quando Marge chegara. Quando voltava, ouviu o telefone. Marge atendeu. Tom inclinou-se no corrimão da escada, escutando.

— Oh, está bem — disse ela. — Oh, não tem importância se nós não... Sim, eu digo a ele... Está bem, vamos nos apressar. Tom está tomando banho... Oh, menos de uma hora. Até logo.

Ouviu os passos dela na direção da escada e afastou-se, pois estava nu.

— Tom? — gritou Marge. — O detetive americano acaba de chegar em Veneza! Acaba de telefonar para o Sr. Greenleaf do aeroporto!

— Ótimo! — respondeu ele, voltando irritado para o quarto. Fechou o chuveiro e ligou o aparelho de barbear. E se estivesse tomando banho? Marge teria gritado de qualquer modo, supondo que podia ouvi-la. Não via a hora de ela ir embora e esperava que

fosse nessa manhã. A não ser que ela e Greenleaf resolvessem ficar para ver o que o detetive faria com ele. Sabia que o detetive viera a Veneza especialmente para encontrá-lo, do contrário teria esperado Greenleaf em Roma. Imaginou se Marge também sabia disso. Provavelmente não. Exigia um mínimo de dedução.

Vestiu um terno e uma gravata discreta e desceu para o café. Tomara um banho de chuveiro bem quente e sentia-se melhor. Marge não disse nada enquanto consumiam o café, a não ser que os anéis deviam fazer uma grande diferença para o Sr. Greenleaf e para o detetive, pois naturalmente este também acharia que Dickie cometera suicídio. Tom esperava que ela tivesse razão. Tudo dependia do tipo de homem que era esse detetive. Tudo dependia da primeira impressão que tivesse de Tom.

Era outro dia cinzento e úmido; às nove horas não estava chovendo, mas chovera antes e provavelmente choveria outra vez, ao meio-dia mais ou menos. Tom e Marge tomaram a gôndola nas escadas da igreja para a Praça São Marcos, e foram a pé até o Gritti. Telefonaram para o quarto de Greenleaf. Ele disse que o Sr. Carron já tinha chegado e pediu que subissem.

Greenleaf abriu a porta para eles.

— Bom-dia — disse. Apertou o braço de Marge com um gesto paternal. — Tom...

Tom entrou atrás de Marge. O detetive estava ao lado da janela, um homem baixo e gorducho de mais ou menos trinta e cinco anos. Sua expressão era amistosa e atenta. Moderadamente inteligente, apenas moderadamente, pensou Tom.

— Este é Alvin McCarron — disse Greenleaf. — A Srta. Sherwood e

o Sr. Ripley.

— Como vai? — disseram todos.

Tom notou uma mala nova sobre a cama, com papéis e fotografias ao lado. McCarron o examinava.

— É um amigo de Richard? — perguntou.

— Nós dois somos — disse Tom.

Foram interrompidos por um minuto, enquanto Greenleaf providenciava para que todos se sentassem. Era um quarto amplo, com móveis pesados e janelas dando para o canal. Tom sentou-se numa cadeira sem braços, estofada de vermelho. McCarron instalou-se na cama e examinava seus papéis. Havia algumas cópias fotostáticas, Tom notou que pareciam fotografias dos cheques de Dickie. Havia também várias fotografias isoladas de Dickie.

— Está com os anéis? — perguntou McCarron, olhando de Tom para Marge.

— Sim — disse ela solenemente, levantando-se. Tirou os anéis da bolsa, entregando-os ao detetive.

McCarron colocou-os na palma da mão e estendeu-a para Greenleaf.

— São esses os anéis? — perguntou e Greenleaf assentiu com a cabeça depois de olhar brevemente para eles; Marge fez cara de ofendida, como se estivesse pronta para dizer: "Conheço esses anéis tanto quanto o Sr. Greenleaf, talvez melhor". McCarron voltou-se para Tom: — Quando Dickie deu esses anéis ao senhor?

— Em Roma. Pelo que me lembro, mais ou menos nos primeiros dias de fevereiro, logo depois do assassinato de Freddie Miles.

O detetive o observava com os olhos castanhos inquisitivos e calmos. Ergueu as sobrancelhas, enrugando a testa. Tinha cabelo castanho ondulado, cortado curto nos lados, com uma mecha caindo sobre a testa, no estilo dos universitários. O rosto não diz nada, pensou Tom, ele é bem treinado.

— O que foi que disse quando lhe deu os anéis?

— Disse que se qualquer coisa acontecesse a ele queria que os guardasse. Perguntei o que achava que podia acontecer. Respondeu que não sabia, mas tudo era possível. — Tom fez uma pausa deliberadamente. — Não parecia mais deprimido nesse momento do que antes. Eu tinha falado com ele, portanto nem me passou pela cabeça que tivesse intenção de se matar. Sabia apenas que pretendia ir embora.

— Para onde? — perguntou o detetive.

— Palermo, ele disse. — Tom olhou para Marge. — Acho que me deu os anéis no dia em que falou com você, em Roma, no Hotel Inglaterra. Nesse dia ou na véspera. Lembra-se da data?

— Dois de fevereiro — respondeu Marge em voz baixa.

— O que mais? — perguntou a Tom. — A que horas? Dickie tinha bebido?

— Não. Ele bebe muito pouco. Acho que foi de tarde. Disse que era melhor eu não mencionar os anéis a ninguém, e naturalmente concordei. Guardei-os e me esqueci completamente, como disse à Srta. Sherwood, talvez por ter gravado que Dickie não queria que os mencionasse. — Tom falava com aparente franqueza, gaguejando um pouco, como seria comum nessas circunstâncias, pensou.

— O que fez com os anéis?

— Guardei-os numa velha caixa que eu tenho... uma velha caixa onde guardo botões.

McCarron olhou-o por alguns momentos em silêncio, e Tom aproveitou a pausa para se preparar melhor. Aquele irlandês tranqüilo e alerta podia dizer qualquer coisa, um desafio, uma afirmação simples de que Tom era culpado, qualquer coisa. Tom procurou se agarrar mentalmente aos seus fatos, resolvido a defendê-los até a morte. No silêncio quase podia ouvir a respiração de Marge, e uma tosse curta de Greenleaf assustou-o. Este parecia extremamente calmo, quase aborrecido. Tom imaginou se ele e McCarron haviam feito planos para apanhá-lo, baseados no achado dos anéis.

— Ele é o tipo de homem que lhe emprestaria os anéis por algum tempo, para dar sorte? Alguma vez fez algo parecido? — perguntou McCarron.

— Não — disse Marge, antes que Tom pudesse responder.

Tom começou a respirar com mais facilidade. Percebeu que McCarron não chegara a nenhuma conclusão ainda. O detetive esperava a sua resposta.

— Tinha me emprestado outras coisas antes — disse Tom. — Dizia-me para usar à vontade suas gravatas e paletós, uma vez ou outra. Mas é muito diferente do caso dos anéis, naturalmente. — Tivera um impulso de dizer isso porque Marge, sem dúvida, sabia de quando Dickie o encontrara com suas roupas em Mongibello.

— Não consigo imaginar Dickie sem os anéis — disse Marge para McCarron. — Tirava o verde, quando ia nadar, mas sempre o colocava de novo. Eram como parte de suas roupas. Por isso acho

que pretendia se matar ou mudar de identidade.

McCarron assentiu com a cabeça.

— Sabem se tem inimigos?

— Absolutamente nenhum — disse Tom. — Já pensei nisso.

— Pode imaginar por que ele se disfarçaria ou assumiria outra identidade?

Tom falou cautelosamente, virando o pescoço dolorido.

— *Possivelmente...* não, é quase impossível na Europa. Teria de ter outro passaporte. Em qualquer país que entrasse teria de mostrar um passaporte. Até mesmo para se hospedar num hotel.

— Você me disse que era possível fazer isso sem passaporte — disse Greenleaf.

— Sim, em pequenos hotéis na Itália. É uma possibilidade muito remota, naturalmente. Mas depois de toda essa publicidade sobre o desaparecimento, não creio que poderia manter o anonimato. Na certa alguém já o teria traído.

— Bem, ele obviamente levou o passaporte — observou McCarron — porque entrou na Sicília com ele e registrou-se em um grande hotel.

— Sim — disse Tom.

— McCarron tomou mais algumas notas e em seguida olhou para Tom.

— Bem, o que acha de tudo isso, Sr. Ripley?

O homem não terminou ainda, pensou. Sem dúvida ia interrogá-lo a sós mais tarde.

— Infelizmente acho que tenho de concordar com a Srta.

Sherwood. Dickie cometeu suicídio e, ao que parece, não foi uma decisão de última hora. Já disse isso ao Sr. Greenleaf.

McCarron olhou para Greenleaf, mas este não falou nada, apenas olhava com ar de expectativa para o detetive. Tom teve a impressão de que McCarron agora se inclinava a acreditar na morte de Dickie e que era um desperdício inútil de tempo e dinheiro a sua presença no caso.

— Apenas quero verificar os fatos outra vez — disse o detetive, teimosamente, voltando a examinar os papéis que tinha na mão. — A última vez que se viu Richard foi em 15 de fevereiro, quando desembarcou do navio em Nápoles, chegando de Palermo.

— Certo — disse Greenleaf. — Um camareiro lembra-se de tê-lo visto.

— Porém, nenhum sinal dele em hotéis e nenhuma comunicação desde essa data — McCarron olhou de Greenleaf para Tom.

— Não — disse Tom. McCarron olhou para Marge.

— Não — disse ela.

— E quando o viu pela última vez, Srta. Sherwood?

— No dia 23 de novembro, quando ele foi para San Remo — respondeu Marge prontamente.

— Estavam em Mongibello? — perguntou McCarron, pronunciando Monguibello, como se não soubesse italiano.

— Sim. Não consegui me encontrar com ele em Roma, e a última vez que o vi foi em Mongibello.

A boa e amiga Marge! Sob todos os seus outros sentimentos, Tom sentiu algo que era quase afeição por ela. Começara a sentir isso

nessa manhã, embora ela o tivesse irritado.

— Ele tentou evitar todo mundo, em Roma — observou Tom. — Por isso, quando me deu os anéis, pensei que era uma forma de se afastar de todos os seus conhecidos, além de ir morar em outra cidade e desaparecer por algum tempo.

— E por quê? Tem alguma idéia?

Tom explicou, mencionando a morte de Freddie Miles e o efeito que causara em Dickie.

— Acha que Richard sabia como Miles morreu?

— Não. Não creio.

McCarron esperou a opinião de Marge.

— Não — disse ela, sacudindo a cabeça.

— Pense um minuto — disse McCarron para Tom.

— Acha que isso poderia explicar o seu comportamento? Acha que ele está se escondendo agora para não ser interrogado pela polícia?

Tom pensou por um minuto.

— Não me lembro de nada que possa indicar isso.

— Acha que Dickie estava com medo de alguma coisa?

— Não posso imaginar do que teria medo. McCarron perguntou qual o tipo de relacionamento

entre Dickie e Freddie Miles, quem mais ele conhecia que fosse amigo dos dois, se sabia de alguma dívida entre eles, namoradas...

— Só Marge, ao que sei — respondeu Tom, e Marge protestou, dizendo que não era *namorada* de Freddie, portanto não poderia haver nenhuma rivalidade por sua causa. O detetive quis saber

também se Tom achava que era o melhor amigo de Dickie na Europa.

— Não, não diria isso — respondeu. — Acho que Marge Sherwood é sua melhor amiga. Não conheço quase nenhum amigo de Dickie na Europa.

McCarron estudou novamente o rosto de Tom.

— Qual a sua opinião sobre os cheques falsos?

— São realmente falsos? Acho que ninguém está certo disso.

— Acho que não são falsos — disse Marge.

— As opiniões parecem divididas — disse McCarron.

— Os especialistas não acham que a carta escrita para o Banco de Nápoles seja falsa, o que significa que, se alguma coisa foi falsificada, Dickie está protegendo alguém. Supondo que houve uma falsificação, tem alguma idéia sobre quem Dickie está protegendo?

Tom hesitou por um momento e Marge disse:

— Conhecendo Dickie como conheço, não posso imaginar que esteja protegendo alguém. Por que faria isso?

McCarron olhava fixamente para Tom, mas este não podia dizer se ele avaliava a sua honestidade ou pensava em tudo que lhe haviam dito. McCarron parecia um vendedor de automóveis americano, ou outro tipo qualquer de vendedor, pensou Tom: alegre, apresentável, inteligência média, podendo discutir beisebol com um homem ou elogiar estupidamente uma mulher. Tom não o achava muito capaz; por outro lado, porém, era perigoso subestimar o oponente. A boca pequena e de linhas suaves de McCarron abriu-se, enquanto Tom o observava.

— Se importaria de descer um momento comigo, Sr. Ripley, se

tem tempo?

— Naturalmente — respondeu Tom, erguendo-se.

— Não demoraremos — disse McCarron para Greenleaf e Marge.

Tom voltou-se quando já estava na porta, porque Greenleaf se levantara e dissera alguma coisa que ele não conseguiu ouvir. Subitamente percebeu que chovia, que uma cortina cinzenta de água batia contra os vidros das janelas. Era como se fosse um último olhar: Marge, parecendo muito pequena e encolhida no outro lado do grande quarto, Greenleaf avançando vacilante, como um velho protestando. Mas o principal era o quarto confortável e a vista do outro lado do canal, onde ficava a sua casa — invisível agora devido à chuva — e que talvez nunca mais visse.

Greenleaf perguntou:

— O senhor... o senhor vai voltar logo?

— Oh, sim — respondeu McCarron, com a firmeza impessoal de um carrasco.

Caminharam para o elevador. Seria assim que faziam a coisa? Uma palavra calma e em voz baixa no saguão do hotel. E então seria entregue à polícia italiana, depois McCarron voltaria ao quarto, como prometera. O detetive trouxera alguns papéis. Tom olhou fixamente para um friso vertical ao lado do número do andar no painel do elevador: um desenho oval emoldurado por quatro pontos em relevo, até embaixo. *Pense em alguma observação sensata e natural sobre o Sr. Greenleaf, por exemplo*, disse a si mesmo. Apertou os dentes. Se pelo menos não começasse a suar. Não suava ainda, mas talvez estivesse com o rosto todo molhado quando atingissem o saguão. McCarron mal lhe chegava aos ombros. Tom voltou-se para ele

quando o elevador parou e perguntou educadamente, mostrando os dentes num sorriso:

— É a primeira vez que vem a Veneza?

— Sim — respondeu McCarron. Atravessaram o saguão. — Vamos entrar aqui? — Indicou a *coffee shop*. Seu tom era delicado.

— Está bem — concordou Tom. O lugar não estava muito cheio, mas não havia nenhuma mesa onde se pudesse conversar sem ser ouvido. Será que McCarron ia acusá-lo num lugar desses, calmamente expondo os fatos, um após o outro? Sentou-se na cadeira que o detetive puxou para ele. McCarron sentou-se com as costas para a parede.

Um garçom aproximou-se:

— Signori?

— Café — disse McCarron.

— *Cappuccino* — disse Tom. — Quer um *cappuccino* ou um expresso?

— Qual deles tem leite? *Cappuccino*?

— Sim.

— Então tomo um. Tom fez o, pedido.

McCarron olhou para ele. Sua boca pequena sorriu meio de lado. Tom imaginou duas ou três formas de introdução: "Matou Richard, não matou?" Ou: "Conte-me sobre o barco em San Remo, Sr. Ripley, em detalhe." Ou simplesmente dizendo com calma: "Onde estava no dia 15 de fevereiro, quando Richard desembarcou em... Nápoles? Certo, mas onde estava morando na época? Onde estava morando em janeiro, por exemplo?... Pode provar?"

Contudo, McCarron não dizia nada, apenas olhava para as próprias mãos e sorria. Como se o caso tivesse sido absurdamente simples de resolver, pensou Tom, tão simples que quase não se conseguia colocar em palavras.

Numa mesa próxima quatro italianos falavam alto, dando risadas estridentes. Tom queria ficar longe deles. Permaneceu sentado, imóvel.

Tom controlou-se até o corpo ficar rígido, até que a extrema tensão criasse o desafio. Ouviu a própria voz, incrivelmente calma, perguntando:

— Teve oportunidade de falar com o Tenente Roverini, quando passou por Roma? — E ao mesmo tempo percebeu que sua pergunta tinha um objetivo: saber se McCarron ouvira falar do barco de San Remo.

— Não, não tive. Encontrei um recado dizendo que Greenleaf estaria em Roma hoje, mas cheguei tão cedo que resolvi voar até aqui para me encontrar com ele e falar com o senhor. — McCarron olhou para os papéis. — Que tipo de homem era Richard? Como descreveria a sua personalidade?

Será que McCarron pretendia apanhá-lo desse modo? Conseguir mais algumas pequenas pistas nas palavras com que descrevesse Dickie? Ou queria apenas uma opinião objetiva que não podia obter dos pais dele?

— Queria ser pintor — começou Tom. — Mas sabia que nunca seria muito bom. Procurava agir como se não se importasse com isso e como se estivesse perfeitamente feliz, levando exatamente a vida que queria na Europa. — Tom umedeceu os lábios. — Mas acho que a

vida o estava derrotando. O pai o desaprovava, como deve saber. E Dickie estava numa situação difícil com Marge.

— O que quer dizer?

— Marge estava apaixonada por ele, mas ele não a amava, e ao mesmo tempo se viam muito em Mongibello, e ela não perdia as esperanças... — Tom começou a sentir-se em solo seguro, mas fingiu alguma dificuldade de se expressar. — Na verdade, nunca discutiu esse assunto comigo. Sempre falava muito bem de Marge. Gostava muito dela, mas era evidente para todos, para Marge também, que jamais se casaria com ela, Mas Marge não desistia. Acho que esse foi o principal motivo pelo qual Dickie saiu de Mongibello.

McCarron ouvia com paciência e compreensão.

— O que quer dizer, não desistia? O que foi que ela fez?

Tom esperou que o garçom colocasse as duas xícaras de *cappuccino* espumante sobre a mesa e a conta entre os dois, sob o açucareiro.

— Continuou a escrever para ele, dizendo que queria vê-lo, e ao mesmo tempo usando de muito tato, estou certo, afirmando que não queria se intrometer quando Dickie preferia ficar só. Ele me contou isso em Roma, quando o visitei. Disse que, depois do assassinato de Miles, não tinha vontade nenhuma de ver Marge e temia que ela fosse a Roma quando soubesse do caso.

— Por que acha que Dickie ficou tão nervoso depois do assassinato de Miles? — McCarron tomou um gole de café, fez uma careta, por estar muito quente ou muito amargo, e mexeu a bebida com a colher.

Tom explicou. Eram muito amigos e Freddie fora morto alguns

minutos depois de sair de sua casa.

— Acha que Richard pode ter assassinado Miles? — perguntou McCarron calmamente.

— Não, não acho.

— Por quê?

— Porque não tinha motivo nenhum para isso, pelo menos nenhum que eu soubesse.

— Em geral todos dizem: porque fulano não era do tipo de matar ninguém — disse McCarron. — Acha que Richard era do tipo capaz de matar alguém?

Tom hesitou, procurando ansiosamente a verdade.

— Nunca pensei nisso. Não sei qual o tipo de pessoa capaz de matar. Eu o vi zangado...

— Quando?

Tom descreveu os dois dias em Roma, quando Dickie, zangado e frustrado com o interrogatório da polícia, saíra do apartamento para evitar telefonemas de amigos ou de estranhos. Tom ligou o fato a um sentimento crescente de frustração, pois Dickie não estava fazendo progresso na pintura. Descreveu-o como um jovem teimoso e orgulhoso, que admirava e temia o pai, procurando desafiar os desejos deste, de humor variável, generoso para estranhos e para os amigos, mas sujeito a mudanças de estado de espírito, de uma atitude extremamente social a um retraimento quase completo. Resumiu afirmando que Dickie era um rapaz comum que queria parecer diferente.

— Se se matou — concluiu Tom —, com certeza foi por ter

descoberto as próprias limitações... fraquezas. Para mim é muito mais fácil imaginá-lo como suicida do que como assassino.

— Mas eu não estou tão certo de que ele não matou Freddie Miles. E o senhor?

McCarron estava sendo sincero. Tom tinha certeza disso. O detetive esperava que ele agora defendesse Dickie, em nome da amizade que havia entre os dois. Tom sentiu que uma parte do terror o abandonava, mas apenas uma parte, como alguma coisa que se derretesse lentamente no seu interior.

— Não tenho certeza. Mas não acredito.

— Também não estou certo. Mas explicaria muita coisa, não acha?

— Sim. Tudo.

— Bem, esse é apenas o primeiro dia de trabalho — disse McCarron com um sorriso otimista. — Ainda não li os relatórios de Roma. Provavelmente vou querer falar com o senhor outra vez, depois de verificar tudo em Roma.

Tom olhou-o fixamente. Parecia que estava tudo acabado.

— Fala italiano?

— Não, não muito bem, mas leio. Meu francês é bem melhor, mas eu me arranho — disse McCarron, como se não fosse importante.

Mas era importante, pensou Tom. Não podia imaginar McCarron compreendendo tudo o que Roverini tinha a dizer sobre o caso através de um intérprete. Também não poderia conversar com as pessoas, como por exemplo a dona do apartamento de Dickie em Roma. Sim, era muito importante.

— Falei com Roverini aqui em Veneza há algumas semanas —

disse Tom. — Dê-lhe lembranças minhas.

— Sim, darei. — McCarron terminou de tomar o café. — Conhecendo Dickie, onde acha que se esconderia?

Tom ajeitou-se nervosamente na cadeira. Começava a se impacientar.

— Bem, sei que gosta mais da Itália. A França, creio que não. Gosta da Grécia. Falou em ir a Majorca. A Espanha toda é uma possibilidade, suponho.

— Compreendo — disse McCarron com um suspiro.

— Volta para Roma hoje? McCarron ergueu as sobrancelhas.

— Acho que sim, se conseguir dormir um pouco antes. Não durmo há dois dias.

Tinha muita resistência, pensou Tom.

— Acho que o Sr. Greenleaf estava verificando o horário dos trens. Há dois de manhã e provavelmente outros dois à tarde. Ele tinha planejado voltar hoje.

— Podemos ir hoje — McCarron apanhou a conta. — Muito obrigado pela ajuda, Sr. Ripley. Tenho seu endereço e telefone caso precise vê-lo outra vez.

Ergueram-se.

— Será que posso subir para me despedir de Marge e do Sr. Greenleaf?

McCarron disse que podia. Subiram juntos no elevador. Tom tinha de se controlar para não começar a assobiar. *Papa non vuole* tocava na sua cabeça.

Quando entraram no quarto, Tom observou Marge atentamente,

procurando algum sinal de hostilidade. Apenas parecia trágica, pensou. Como se houvesse enviuvado recentemente.

— Gostaria de lhe fazer algumas perguntas em particular, Srta. Sherwood — anunciou McCarron. — Se não se importa — disse, voltando-se para Greenleaf.

— Claro que não. Ia descer para comprar os jornais.

McCarron continuava sua investigação. Tom despediu-se de Marge e de Greenleaf, para o caso de voltarem para Roma naquele dia. Disse a McCarron:

— Terei prazer em ir a Roma a qualquer momento, se puder ajudar. Devo ficar em Veneza até o fim de maio.

— Teremos alguma coisa antes disso — disse McCarron, com seu sorriso confiante de irlandês.

Tom desceu para o saguão com Greenleaf.

— Fez as mesmas perguntas de novo — disse Tom para Greenleaf. — E quis saber minha opinião sobre o caráter de Richard.

— Bem, e qual é a sua opinião? — Greenleaf perguntou, desanimado.

Suicídio ou fuga seriam condutas igualmente repreensíveis, segundo Greenleaf, Tom sabia.

— Disse o que acho ser a verdade. Que é capaz de fugir ou de cometer suicídio.

Greenleaf não fez nenhum comentário. Deu umas pancadinhas no braço de Tom:

— Adeus, Tom.

— Adeus. Mande notícias.

Tudo estava bem entre ele e Greenleaf, pensou. E tudo estaria bem com Marge. Ela aceitara a explicação de suicídio e de agora em diante seus pensamentos se orientariam nesse sentido, ele sabia.

Passou a tarde em casa, esperando um telefonema, pelo menos um telefonema de McCarron, mesmo que não fosse sobre nada importante, mas ele não telefonou. Apenas Titi, a condessa, ligou convidando-o para um coquetel naquela tarde. Aceitou.

Não havia motivo para se preocupar com Marge. Ela nunca lhe criara problema. A idéia de suicídio estava agora fixa em sua mente e ela faria com que sua pobre imaginação se adaptasse a essa teoria.

No dia seguinte McCarron telefonou de Roma, pedindo a Tom os nomes de todas as pessoas que Dickie conhecia em Mongibello. Aparentemente era tudo o que queria saber, porque anotou os nomes calmamente, comparando com a lista que Marge lhe dera. A maioria já constava na lista de Marge, mas Tom repetiu todos, com seus endereços complicados. Giorgio, naturalmente, Pietro, que cuidava do barco, a tia de Fausto, Maria, cujo sobrenome não sabia, embora explicasse de modo complexo como chegar à casa dela, Aldo, o dono do armazém, os Cecchis, e até mesmo o velho Stevenson, o pintor que vivia em reclusão, próximo à cidade, e que Tom não conhecia. Levou alguns minutos citando todos e provavelmente McCarron levaria dias verificando. Mencionou- todos, menos o Signor Pucci, que tratara da venda da casa e do barco de Dickie e que sem dúvida diria que Tom Ripley fora a Mongibello para tratar dos negócios de Dickie, se é que Marge já não lhe contara. Tom não achava muito importante, de um modo ou de outro, que McCarron soubesse que se encarregara disso. E quanto a pessoas como Aldo e Stevenson, McCarron podia lhes perguntar o que bem entendesse.

- Alguém em Nápoles? — perguntou McCarron.
- Não que eu saiba.
- Roma?
- Sinto muito, nunca vi Dickie com amigos em Roma.
- Não conheceu o pintor... hum... Di Massimo?

— Não. Eu o vi uma vez. Mas não cheguei a conhecer.

— Como é ele?

— Bem, eu o vi numa esquina. Separei-me de Dickie quando este ia encontrá-lo, portanto não cheguei muito perto. Talvez um metro e setenta, cinqüenta anos, mais ou menos, cabelo grisalho... é tudo o que me lembro. Pareceu-me bem forte. Usava um terno cinza claro.

— Hum... Certo — disse McCarron distraído, como se anotasse as informações. — Bem, acho que é tudo. Muito obrigado, Sr. Ripley.

— Não tem de quê. Boa sorte.

Tom esperou calmamente em sua casa por mais alguns dias, como faria qualquer pessoa se a procura por um amigo querido tivesse atingido um ponto crítico. Declinou três ou quatro convites para festas. Os jornais voltavam a se interessar pelo desaparecimento de Dickie, inspirados pela presença na Itália de um detetive particular americano contratado pelo pai dele. Quando alguns fotógrafos do *Europeo* e do *Oggi* aparecerem para tirar fotografias dele e da casa, mandou-os embora com firmeza, chegando mesmo a segurar um mais insistente pelo braço, empurrando-o através da sala até a porta. Mas nada importante aconteceu durante cinco dias: nenhum telefonema, nenhuma carta, nem mesmo notícias do Tenente Roverini. Às vezes Tom imaginava o pior, especialmente ao cair da noite, quando se sentia mais deprimido. Imaginava Roverini e McCarron aliando-se e desenvolvendo a teoria de que Dickie desaparecera em novembro; via McCarron verificando a data em que comprara o carro, apanhando a pista ao verificar que Dickie não voltara de San Remo, tendo mandado Tom a Mongibello para tratar das suas coisas. Tentava avaliar e reavaliar a despedida cansada e

indiferente de Greenleaf no seu último dia em Veneza. Interpretava-a como pouco amistosa e via Greenleaf num acesso de raiva em Roma, por não conseguirem encontrar Dickie, apesar dos esforços, e exigindo uma investigação completa sobre Tom Ripley, o vigarista que ele mandara a Mongibello, com seu próprio dinheiro, para trazer Dickie de volta.

Mas de manhã seu otimismo voltava. Um fato positivo era a crença de Marge de que Dickie passara os últimos meses deprimido em Roma; ela devia ter guardado todas as suas cartas e provavelmente as mostraria a McCarron. As cartas eram ótimas. Tom felicitava-se por ter caprichado tanto. Marge era um fator positivo, não um risco. Ainda bem que largara o sapato na noite em que ela descobrira os anéis.

Todas as manhãs, da janela do seu quarto, olhava o sol subindo no céu, erguendo-se entre a neblina sobre a cidade de aparência pacífica, livrando-se das nuvens finalmente, durante algumas horas antes do meio-dia; esse calmo começo de dia era como uma promessa de paz no futuro. A temperatura ficava mais quente. Havia mais luz e menos chuva. A primavera estava próxima, e numa dessas manhãs, numa manhã mais bonita do que estas, sairia de casa e tomaria um navio para a Grécia.

Na noite do sexto dia, Tom telefonou para Greenleaf em Roma. Nenhuma novidade; Tom não esperava mesmo que tivesse. Marge voltara aos Estados Unidos. Enquanto Greenleaf permanecesse na Itália, pensou Tom, os jornais continuariam a noticiar o caso todos os dias. Mas já não tinham mais nada de sensacional sobre o assunto.

— E como está a Sra. Greenleaf? — perguntou Tom.

— Mais ou menos. Acho que essa tensão toda não lhe faz bem. Falei com ela na noite passada.

— Sinto muito — disse Tom. Devia escrever uma carta delicada, pensou, uma palavra amiga enquanto Greenleaf estava longe, para que não se sentisse muito só. Devia ter pensado nisso antes.

Greenleaf disse que ia voltar no fim da semana, via Paris, onde a polícia francesa também procurava Dickie. McCarron iria com ele e, se nada acontecesse em Paris, os dois voltariam imediatamente para os Estados Unidos.

— É evidente para mim e para todos — disse Greenleaf — que Dickie está morto ou se escondendo. A notícia foi espalhada pelos quatro cantos do mundo. Menos na Rússia talvez. Meu Deus, ele nunca demonstrou gostar da Rússia, não é?

— Rússia? Não que eu saiba.

Aparentemente a atitude de Greenleaf era a de que Dickie estava morto, ou para o diabo com ele. Durante a conversa telefônica, o "para o diabo com ele" parecia dominar seu espírito.

Tom foi à casa de Peter Smith-Kingsley nessa noite. Peter tinha alguns jornais ingleses enviados por amigos, um deles com a fotografia de Tom empurrando o fotógrafo do *Oggi* para fora de sua casa. Aparecera nos jornais italianos também. Fotografias dele nas ruas de Veneza e fotos de sua casa haviam chegado aos Estados Unidos. Bob e Cleo tinham mandado, por via aérea, as fotografias e as notícias dos jornais de Nova York. Achavam tudo excitante.

— Estou mais do que farto disso — disse Tom. — Estou ainda aqui por delicadeza e para ajudar se puder. Se outros repórteres tentarem invadir minha casa vão levar um tiro assim que puserem os pés na

soleira da porta — estava realmente irritado e aborrecido, o que se percebia em sua voz.

— Eu compreendo — disse Peter. — Vou para casa no fim de maio, sabe. Se quiser vir e ficar comigo na Irlanda, é mais do que bem-vindo. É extremamente sossegado lá.

Tom olhou para Peter. Já lhe falara sobre seu velho castelo na Irlanda e mostrara algumas fotografias. Um aspecto de sua amizade com Dickie passou por sua mente como a memória de um pesadelo, como um fantasma pálido e diabólico. A mesma coisa podia acontecer com Peter,' pensou, o correto, confiante, ingênuo, generoso e bom Peter. Só que Tom não se parecia com Peter. Mas, uma noite, para distraí-lo, imitara o sotaque e os maneirismos de Peter, e o modo de virar a cabeça quando falava, e este considerara a imitação extremamente engraçada. Não devia ter feito isso, achava agora. Sentia-se amargamente envergonhado daquela noite e do fato de ter pensado, mesmo por um instante, que o que acontecera com Dickie podia acontecer também com Peter.

— Obrigado — respondeu Tom. — Prefiro ficar só por mais algum tempo. Sinto falta do meu amigo Dickie, sabe. Uma falta terrível. — Subitamente sentiu vontade de chorar. Lembrava-se do sorriso de Dickie quando começaram a se dar bem, no dia em que confessara que Greenleaf o mandara à Itália. Lembrava-se da primeira viagem juntos a Roma, aquela viagem maluca. Lembrava-se com afeição daquela meia hora no bar em Cannes, Dickie tão aborrecido e silencioso. Mas tivera razão para estar assim: Tom arrastara Dickie para lá e ele não gostava da Cote D'Azur. Se tivesse resolvido viajar sozinho, pensava Tom, se não fosse tão apressado e tão ambicioso, se não tivesse julgado mal o relacionamento entre Dickie e Marge de

modo tão estúpido, ou pelo menos tivesse esperado que se separassem de comum acordo, nada disso teria acontecido, *è poderia* ter vivido com Dickie para o resto da vida, viajando e gozando a vida para sempre. Se não tivesse vestido as roupas de Dickie naquele dia...

— Compreendo, Tommie, compreendo — disse Peter, batendo levemente no seu ombro.

Tom ergueu os olhos cheios de lágrimas. Estava imaginando que viajava com Dickie num navio de volta para a América, no Natal, imaginando-se em termos amistosos com os Greenleaf, como se ele e Dickie fossem irmãos.

— Obrigado — disse a Peter. Sua voz parecia a de uma criança em prantos.

— Eu realmente pensaria que algo estava errado com você se não ficasse assim arrasado — disse Peter com simpatia.

Veneza

3 de junho, 19...

*Caro Senhor Greenleaf:*

*Quando estava arrumando as malas hoje, encontrei um envelope que Dickie me deu em Roma, da qual, por algum motivo inexplicável, tinha me esquecido completamente. No envelope está escrito: "Não abrir até junho" e acontece que estamos em junho. É o testamento de Richard, e ele deixa tudo o que tinha para mim. Estou tão surpreso quanto o senhor, porém, pelas palavras do testamento (está escrito a máquina), aparentemente estava com as faculdades mentais perfeitas.*

*Sinto, sinto muito mesmo não ter me lembrado do envelope, porque teria provado, muito antes, que Dickie pretendia se suicidar. Eu o guardei numa bolsa interna de minha mala e esqueci completamente. Dickie deu-me essa carta na última vez em que estive com ele em Roma, quando se achava tão deprimido.*

*Estou anexando uma cópia fotostática do testamento para que o senhor possa ler. É o primeiro testamento que vejo em minha, vida e não estou a par*

*dos processos habituais. O que devo fazer?*

*Por favor, dê lembranças carinhosas à Sra. Greenleaf e esteja certo de que sinto muito por ambos e é com pesar que escrevo essa carta. Por favor, responda-me logo que puder. Meu próximo endereço será:*

*a/c American*

*Atenas, Grécia*

*Sinceramente*

*Tom Ripley*

De certa forma era procurar encrenca, pensou Tom. Poderia provocar nova investigação das assinaturas, comparando o testamento com os recibos, uma dessas investigações minuciosas e infindáveis que as companhias de seguros e provavelmente as companhias fiduciárias fazem quando se trata de desembolsar algum dinheiro. Mas estava disposto a arriscar. Comprara a passagem para a Grécia em meados de maio, e o tempo melhorava dia a dia, deixando-o cada vez mais impaciente. Tirara o carro da garagem da Fiat em Veneza e atravessara o Passo de Brenner para Salzburgo e Munique, indo até Trieste e Bolzano, e em todo lugar o tempo estivera ótimo, a não ser uma chuva leve em Munique, quando visitava o Jardim Inglês, tão leve que não se protegera, continuando a caminhar, excitado como uma criança, pensando que era a primeira chuva alemã que apanhava. Tinha apenas dois mil dólares em seu nome, transferidos da conta de Dickie, e economizara das

remessas mensais, pois não se atrevera a retirar mais em tão curto período de tempo. O risco, o perigo de tentar obter tudo o que Dickie possuía era um desafio irresistível. Estava entediado depois das semanas em Veneza durante as quais nada acontecera, quando cada dia que passava parecia confirmar sua segurança pessoal e enfatizar a monotonia da sua existência. Roverini parará de escrever. Alvin McCarron voltara para os Estados Unidos (após apenas um telefonema sem conseqüências, de Roma) e Tom supunha que ele e Greenleaf estavam convencidos de que Dickie morrera ou se escondia deliberadamente, e que seria inútil continuar a procurar. Os jornais já não falavam mais de Dickie, por falta de notícias. A sensação de vazio, como se estivesse suspenso no tempo, o deixara quase louco, até fazer a viagem de carro a Munique. Quando voltou a Veneza a fim de se preparar para a viagem à Grécia, a sensação fora mais forte: estava prestes a ir à Grécia, ver as ilhas antigas e heróicas, como o humilde Tom Ripley, tímido e dócil, apenas com dois mil dólares no banco. Teria de pensar duas vezes até mesmo para comprar um livro sobre a arte grega. Era uma situação intolerável.

Resolveu, em Veneza, que sua viagem à Grécia seria heróica. Veria as ilhas, surgindo do mar pela primeira vez para ele, como um indivíduo esperto, livre e corajoso, e não como um tímido João-ninguém de Boston. Se a polícia do Pireu o pegasse, pelo menos teria passado alguns dias exposto ao vento, na proa de um navio, cruzando o mar cor de vinho, como Jasão ou Ulisses de volta à pátria. Portanto, escrevera a carta para Greenleaf e a colocara no correio três dias antes de embarcar. Provavelmente só chegaria dali a quatro ou cinco dias, portanto não havia tempo para ser retido em Veneza por um telegrama de Greenleaf. Além disso, causaria melhor

impressão se tratasse a coisa toda com naturalidade, não podendo ser encontrado durante outra semana, mais ou menos, até chegar à Grécia, como se realmente não se importasse em receber o dinheiro ou não, a ponto de não adiar a pequena viagem que planejava.

Dois dias antes de embarcar, foi tomar chá na casa de Titi delia Latta-Cacciaguerra, a condessa que conhecera quando procurava casa em Veneza. A empregada conduziu-o à sala de estar e Titti cumprimentou-o com a frase que Tom não ouvia há semanas:

— *Ah, ciao, Tomaso!* Já viu os jornais da tarde? Encontraram as malas de Dickie! E suas telas! Bem aqui, no American Express de Veneza! — Os brincos de ouro tremiam com sua excitação.

— *O quê?* — Tom não lera os jornais. Estivera muito ocupado arrumando as malas a tarde toda.

— *Leia!* Aqui está! Todas as suas roupas depositadas em fevereiro! Foram mandadas de Nápoles. Talvez ele esteja aqui em Veneza!

Tom estava lendo. A corda que prendia as telas tinha se desamarrado, dizia o jornal, e o empregado da agência, quando foi refazer o nó, percebeu a assinatura de R. Greenleaf nas pinturas. As mãos de Tom começaram a tremer tanto que teve de agarrar com força o jornal. A notícia dizia que a polícia estava examinando tudo cuidadosamente à procura de impressões digitais.

— Talvez esteja vivo! — exclamou Titi.

— Não acho... Não vejo como isso prova que ele esteja vivo. Poderia ter sido assassinado ou ter se matado depois de mandar as malas. O fato de estarem com outro nome, Fanshaw... — Teve a impressão de que a condessa, sentada rigidamente no sofá, o observava, espantada com o seu nervosismo; procurou, portanto,

controlar-se rapidamente, juntou toda a coragem que tinha e disse:

— Não vê? Estão procurando por impressões digitais. Não estariam fazendo isso se tivesse certeza de que Dickie mandou as malas. Por que as depositaria sob o nome de Fanshaw, se pretendia retirá-las, ele mesmo? Até seu passaporte está lá. Ele depositou o passaporte!

— Talvez esteja se escondendo sob um nome falso, talvez Fanshaw! Oh, *caro mio*, você precisa tomar um pouco de chá! — Titi ergueu-se. — *Giustina! Il te, per piacere, subitissimo!*

Tom recostou-se no sofá, sentindo-se fraco, segurando o jornal à sua frente. E o nó que dera na corda do corpo de Dickie? Só faltava desfazer-se agora também.

— *Ah, caríssimo*, você é tão pessimista — disse Titi, dando pancadinhas no joelho de Tom. — São boas notícias! Suponha que todas as impressões digitais sejam de Dickie? Não ficaria feliz? Suponha que amanhã, quando estiver passando por uma pequena rua de Veneza encontre Dickie Greenleaf face a face, aliás o Signor Fanshaw! — Riu, com aquela risada aguda e agradável, que lhe era tão natural quanto respirar.

— Diz que tudo estava nas malas. Aparelho de barba, escova de dentes, sapatos, sobretudo, o equipamento completo — disse Tom, procurando esconder seu terror com uma expressão de tristeza. — Se estivesse vivo não deixaria tudo isso. O assassino deve ter tirado a roupa do seu corpo e depositado na agência porque era o meio mais fácil de se desfazer de tudo!

Isso fez com que Titi pensasse no assunto. Então ela disse:

— Quer fazer o favor de não ficar tão triste até sabermos sobre as

impressões digitais? Afinal, você parte amanhã para uma viagem de prazer. *Ecco il te!*

Depois de amanhã, pensou Tom. Tempo mais do que suficiente para Roverini tirar suas impressões e compará-las com as das telas e das malas. Tentou lembrar-se das superfícies planas e das molduras das telas e outras superfícies nas quais suas impressões podiam estar impressas. Não havia muita coisa, exceto os artigos no conjunto de barba, mas podiam encontrar muita coisa em fragmentos e manchas, o suficiente para conseguir dez impressões perfeitas, se quisessem. Seu único motivo para otimismo era o fato de que ainda não tinham suas impressões, e talvez não as pedissem porque não estava sob suspeita. Mas, e se tivessem as impressões digitais de Dickie? Será que Greenleaf não as enviaria imediatamente para serem comparadas? Podiam encontrar as impressões de Dickie em muitos lugares: nas suas coisas, na América, na casa de Mongibello...

— Tomaso! Tome o chá! — disse Titi, apertando gentilmente o seu joelho.

— Obrigado.

— Você vai ver. Pelo menos é um passo na direção da verdade, do que *realmente* aconteceu. Agora, vamos falar de outra coisa, se isso o faz tão infeliz! Aonde vai depois de Atenas?

Tentou pensar na Grécia. Para ele a Grécia era recoberta de ouro, o ouro das armaduras dos guerreiros e o ouro do seu sol tão famoso. Imaginou as estátuas de pedra com rostos calmos e fortes, como as mulheres no pórtico do Erecteu. Não queria ir para a Grécia com a ameaça das impressões digitais pairando sobre ele. Isso o desagradaria. Fá-lo-ia sentir-se tão asqueroso quanto o mais nojento

rato dos esgotos de Atenas, mais miserável do que o mendigo mais andrajoso das ruas de Salônica. Cobriu o rosto com as mãos e chorou. A Grécia estava acabada para ele. Explodira como um balão dourado.

Titi passou um braço gorducho e firme ao redor dos seus ombros.

— Tomaso, anime-se! Espere até ter motivo para toda essa tristeza!

— Não compreendo como você não vê que é um mau sinal! — disse Tom com desespero. — Não compreendo!

## 30

O pior sinal foi o fato de Roverini, cujas mensagens haviam sido tão amistosas e explícitas até agora, não lhe mandar nenhuma informação sobre as malas e os quadros encontrados em Veneza. Tom passou a noite em claro e, depois, o dia, caminhando pela casa enquanto tentava terminar os preparativos para sua partida, pagando Ana e Hugo e os vários fornecedores. Esperava ver a polícia à sua porta a qualquer hora do dia ou da noite. O contraste entre a tranqüila segurança de alguns dias atrás e a angústia de agora quase o destruía. Não conseguia dormir, comer ou ficar parado. A ironia do sentimento demonstrado por Ana e Hugo pela sua dor, e os telefonemas de amigos, perguntando se fazia alguma idéia do que poderia ter acontecido, em vista de a bagagem de Dickie ter sido encontrada, eram mais do que podia agüentar. Era irônico também deixar que soubessem que estava transtornado, pessimista, desesperado, sem que estranhassem esse fato. Achavam perfeitamente normal, pois, afinal de contas, talvez Dickie tivesse sido assassinado: todos consideravam muito significativo o fato de todas as posses de Dickie estarem nas malas em Veneza, até o aparelho de barbear e o pente.

E havia também o caso do testamento. Greenleaf receberia a carta em dois dias. E então já deveriam saber que as impressões digitais não eram de Dickie. Em dois dias já teriam interceptado o *Hellenes* e tirado suas impressões digitais. Se descobrissem que o testamento era falso também, não teriam misericórdia. Os dois crimes estariam

tão claros e evidentes como o ABC.

Quando embarcou no *Hellenes* sentia-se como um fantasma ambulante. Não dormira nem se alimentara, estava empanturrado de expressos, e sustentado apenas por seus nervos à flor da pele. Queria perguntar se havia um rádio no navio, mas tinha certeza de que havia. Era um navio de três deques, de bom tamanho, com quarenta e oito passageiros. Finalmente, cinco minutos depois de o camareiro ter trazido sua bagagem para a cabine, entregou os pontos. Lembrava-se apenas de ter se atirado de bruços no beliche, um braço dobrado sob o corpo, cansado demais para mudar de posição. Quando acordou, o navio se movia, não apenas se movia, mas balançava levemente num ritmo agradável que sugeria uma tremenda reserva de força e a promessa de um movimento infundável e indestrutível para a frente, vencendo tudo o que aparecesse no caminho. Sentiu-se melhor, a não ser o braço sobre o qual dormira, que pendia inerte, como se estivesse morto, batendo contra o seu corpo enquanto caminhava pelo corredor. Segurou-o com a outra mão. Seu relógio marcava quinze para as dez e estava completamente escuro lá fora.

Na extremidade à esquerda podia-se ver um pedaço de terra-, talvez parte da Iugoslávia, cinco ou seis luzes fracas e brancas: além disso, só o mar negro e o céu negro, tão negros que não havia nem traço do horizonte e era como se navegassem contra uma teia preta, exceto pelo fato de que não sentia nenhuma resistência à marcha constante do navio, e o vento soprava livremente em seu rosto como se estivesse em meio ao espaço infinito. Não havia ninguém no convés. Deviam estar todos jantando, pensou. Sentiu-se satisfeito por estar só. O braço começava a voltar à vida. Segurou com força a

amurada da proa, onde formava um V estreito, e respirou fundo. Invadiu-o uma coragem desafiadora. E se o operador de rádio estivesse nesse momento recebendo a mensagem para prender Tom Ripley? Enfrentaria isso com a mesma bravura com que se achava ali de pé na proa do navio. Ou talvez se atirasse ao mar, o que para ele seria o supremo ato de coragem e ao mesmo tempo uma fuga. Bem. e daí? De onde estava podia ouvir o bip-bip-bip da sala de rádio, um som longínquo vindo ia de cima da torre. Não sentia medo. Era isso. Era assim que queria se sentir ao ir para a Grécia. Olhar para a água negra à sua volta e não sentir medo era quase tão bom quanto ver as ilhas da Grécia surgindo ante seus olhos. Na suave escuridão de junho à sua frente, podia imaginar as pequenas ilhas, as colinas de Atenas pontilhadas de casas, e a Acrópole.

Havia uma senhora idosa a bordo, uma inglesa que viajava com a filha quarentona, solteira e extremamente nervosa, que não conseguia ficar deitada ao sol no convés nem por quinze minutos, sem erguer-se de um salto, anunciando que ia "dar um passeio". A mãe, ao contrário, era extremamente calma, de movimentos lentos. Tinha uma espécie de paralisia na perna direita, que era mais curta do que a esquerda, e por isso usava um salto mais alto no sapato e só conseguia caminhar com ajuda de uma bengala. O tipo de pessoa que teria deixado Tom completamente maluco em Nova York, por sua lentidão e suas maneiras constantemente gentis; agora, porém, ele estava disposto a passar o tempo ao lado dela no convés, falando e ouvindo-a falar sobre sua vida na Inglaterra e sobre a última vez que estivera na Grécia, em 1926. Acompanhou-a num lento passeio pelo convés, ela se apoiando no seu braço e se desculpando pelo trabalho que lhe dava, mas evidentemente satisfeita com a atenção. E a filha

estava sem dúvida feliz por se livrar da mãe.

Talvez a Sra. Cartwright tenha sido uma verdadeira fera na sua mocidade, pensava Tom, talvez fosse responsável por todas as neuroses da filha, talvez tenha mantido a filha tão presa a ela que não lhe permitiu uma vida normal e um casamento, e talvez merecesse ser atirada ao mar em vez de acompanhada no seu passeio e ouvida com atenção durante horas — mas que importância tinha is'-o? Por acaso a vida distribuía apenas os quinhões merecidos? Teria ele por acaso tido o que merecia? Considerava-se com sorte incrível por ter escapado de ser descoberto depois de dois assassinatos, com muita sorte desde que assumira a identidade de Dickie até agora. Na primeira parte de sua vida, o destino lhe fora injusto, pensava, mas o período passado com Dickie, e mesmo depois disso, havia mais do que compensado. Porém, alguma coisa aconteceria na Grécia, ele sabia, e não podia ser nada de bom. Sua sorte já durara muito. Mas, supondo que o apanhassem por causa das impressões digitais e pelo testamento e o condenassem à cadeira elétrica — poderia a morte na cadeira elétrica ser tão dolorosa, ou a própria morte aos vinte e cinco anos poderia ser tão trágica que não valessem nada os meses de novembro até agora? Sem dúvida valiam.

A única coisa que sentia era não ter visto mais do mundo. Queria conhecer a Austrália. A Índia. Queria ver o Japão. E a América do Sul. Apenas ver todos esses países teria sido um modo de vida compensador e agradável. Aprendera muito sobre pintura, mesmo tentando copiar o trabalho medíocre de Dickie. Nas galerias de arte de Paris e Roma descobrira um interesse pela pintura do qual nem desconfiava, que talvez nunca realmente possuísse antes. Não queria ser um pintor, mas, se tivesse dinheiro, seu maior prazer seria

coleccionar os quadros de que gostava e ajudar pintores jovens e talentosos que precisassem de dinheiro.

Divagava enquanto caminhava ao lado da Sra. Cartwright pelo convés, ou enquanto ouvia seus monólogos que nem sempre eram sem interesse. A Sra. Cartwright acha-o encantador. Disse-lhe, inúmeras vezes, falando com fervor, o quanto ele contribuía para tornar sua viagem agradável, e faziam planos de se encontrarem num hotel em Creta, no dia 2 de julho, pois era o único ponto em que seus itinerários se encontravam. A Sra. Cartwright viajaria de ônibus numa excursão especial. Tom concordava com todas as suas sugestões, embora não esperasse vê-la outra vez depois de desembarcar na Grécia. Imaginava-se sendo agarrado imediatamente e colocado em outro navio, ou talvez um avião, de volta à Itália. Não chegara nenhuma mensagem pelo rádio a seu respeito — não que soubesse, pelo menos —, mas será que o informariam necessariamente se tivessem recebido alguma? O jornal de bordo, apenas uma folha mimeografada, colocada toda noite ao lado do prato de cada um, tratava somente de política internacional e não traria nenhuma palavra sobre o caso Greenleaf, mesmo que houvesse acontecido algo importante. Durante a curta viagem, Tom viveu numa atmosfera de presságio e de coragem heróica e abnegada. Imaginava as coisas mais estranhas: a filha da Sra. Cartwright caindo ao mar e ele saltando para salvá-la. Ou lutando bravamente, coberto de água, para fechar com o próprio corpo um rombo no casco do navio. Sentia-se possuído por força e destemor sobrenaturais.

Quando o navio se aproximou da Grécia, Tom estava na amurada com a Sra. Cartwright. Ela lhe dizia como o porto de Pireu mudara desde a última vez que o vira, e Tom não estava nem um pouco

interessado nessas mudanças. O porto existia, era isso que lhe importava. Não era uma miragem ali à sua frente, era uma colina sólida sobre a qual poderia caminhar, com prédios que poderia tocar, se chegasse lá.

A polícia esperava no cais. Viu quatro deles, de braços cruzados olhando para o navio. Tom ajudou a Sra. Cartwright até o fim, amparou-a gentilmente até o fim da escada e despediu-se dela e da filha com um sorriso. Tinha de esperar na letra R para receber a bagagem, e elas na letra C, e as duas partiriam imediatamente para Atenas de ônibus.

Sentindo ainda o calor e a leve umidade do beijo da Sra. Cartwright no rosto, Tom voltou-se, caminhando lentamente na direção dos policiais. Sem problemas, pensou, ele mesmo se identificaria. Havia uma grande banca de jornais ao lado dos homens e Tom pensou em comprar um jornal. Talvez não deixassem. Os policiais olhavam para ele fixamente enquanto se aproximava. Usavam uniformes pretos e bonés com abas. Tom sorriu. Um deles levou o dedo à aba do boné e afastou-se para lhe dar passagem. Os outros não se aproximaram. Agora Tom estava praticamente entre dois deles, bem em frente da banca de jornais, e os policiais continuavam a olhar para a frente, sem lhe dar a mínima atenção.

Examinou os jornais, sentindo-se atordoado e como se fosse desmaiar. Moveu a mão automaticamente para apanhar um de Roma. Era de três dias atrás. Tirou algumas liras do bolso, lembrando-se de que não tinha dinheiro grego, mas o jornaleiro aceitou as liras como se fosse na Itália, dando-lhe o troco em liras também.

— Vou levar esses também — disse Tom em italiano, escolhendo

mais três jornais italianos e o *Herald Tribune* de Paris. Olhou rapidamente para os policiais. Não olhavam para ele.

Voltou ao galpão onde os passageiros aguardavam as bagagens. Ouviu a Sra. Cartwright dizendo "alô" alegremente quando passou por elas, mas fingiu não ouvir. Na fila de letra R parou e abriu o jornal italiano mais antigo, de quatro dias atrás.

*NINGUÉM COM O NOME DE ROBERT S.  
FANSHAW ENCONTRADO, O DEPOSITANTE DA  
BAGAGEM DE GREENLEAF*

dizia a manchete da segunda página. Tom leu a coluna toda, mas só o quinto parágrafo o interessou:

*A polícia concluiu dias atrás que as impressões digitais das malas e quadros são as mesmas encontradas no apartamento abandonado por Greenleaf em Roma. Portanto, presume-se que Greenleaf tenha depositado as malas e os quadros...*

Tom abriu apressadamente outra página. Ali estava outra vez:

*... Em vista do fato de serem as impressões digitais nos artigos encontrados nas malas idênticas, às do Signor Greenleaf deixadas no seu apartamento em Roma, a polícia concluiu que o Signor Greenleaf*

*despachou a bagagem para Veneza e supõe-se que possa ter cometido suicídio, talvez se afogando completamente nu. Outra alternativa é que esteja usando o nome de Robert. S. Fanshaw, ou outro, qualquer. Outra possibilidade é que tenha sido assassinado, após ter arrumado as malas, ou ter sido obrigado a arrumá-las... talvez com a finalidade única de confundir a polícia com as impressões digitais...*

*Em todo caso, é inútil continuar procurando "Richard Greenleaf", porque, mesmo que esteja vivo, não está com o passaporte de "Richard Greenleaf"...*

Tom sentiu-se trêmulo e confuso. O brilho do sol sob os beirais do telhado feriam seus olhos. Seguiu o carregador automaticamente em direção ao balcão da alfândega e tentou compreender, enquanto sua bagagem era examinada apressadamente pelo inspetor, o significado das notícias. Significavam que não era suspeito. Significavam que as impressões digitais encontradas garantiam a sua inocência. Significavam não apenas que não seria preso, que não morreria, mas que não suspeitavam dele. Estava livre. A não ser pelo testamento.

Tomou o ônibus para Atenas. Um dos seus companheiros de mesa a bordo estava no banco ao seu lado, mas Tom não fez o menor sinal de reconhecimento e não teria sido capaz de responder se o homem falasse com ele. Devia haver uma carta sobre o testamento no American Express de Atenas, tinha certeza. Greenleaf já tivera tempo para responder. Talvez tivesse consultado seus advogados e houvesse apenas uma resposta negativa e delicada de um deles, e talvez a próxima mensagem fosse da polícia americana acusando-o de

falsificação de assinatura. Talvez as duas mensagens estivessem à sua espera. O testamento poderia pôr tudo a perder. Tom olhou pela janela para a paisagem primitiva e seca. Nada registrava em sua mente. Talvez a polícia grega estivesse à sua espera no American Express. Talvez os quatro homens do cais não fossem da polícia, mas militares.

O ônibus parou. Tom desceu apanhou a bagagem e tomou um táxi.

— Quer parar no American Express por favor? — perguntou em italiano, mas o motorista aparentemente compreendeu as palavras "American Express", pelo menos. Tom lembrou-se de quando dissera as mesmas palavras para o motorista de táxi em Roma, no dia em que fora para Palermo. Como estava seguro de si naquele dia, logo depois de ter se livrado de Marge no Inghilterra!

Endireitou o corpo ao ver o letreiro do American Express e olhou à sua volta à procura de algum policial. Talvez estivessem lá dentro. Pediu ao motorista para esperar, em italiano, e ele pareceu entender também, levando a mão ao boné. Tudo estava correndo com uma estranha facilidade, como no momento que antecede uma explosão. Tom examinou o saguão do prédio. Nada fora do comum. Talvez no momento em que dissesse seu nome...

— Tem alguma carta para Thomas Ripley? — perguntou em inglês, em voz baixa.

— Reepley? Quer soletrar, por favor?

Tom soletrou.

Ela voltou-se, apanhando algumas cartas de um escaninho.

Não estava acontecendo nada.

— Três cartas — disse ela em inglês, sorrindo.

Uma de Greenleaf. Uma de Titi, de Veneza. Uma de Cleo, enviada de Veneza para Atenas. Abriu a carta de Greenleaf.

*9 de junho, 19...*

*Caro Tom.*

*Sua carta de 3 de junho, recebida ontem.*

*Não foi muita surpresa para minha mulher e para mim, como você imaginou. Sabíamos que Richard gostava muito de você, apesar de nunca ter dito isso claramente em suas cartas. Como você afirma, esse testamento infelizmente indica que Richard cometeu suicídio. É uma conclusão que fomos forçados a aceitar — a única outra possibilidade sendo a de que adotou outro nome e que por motivos particulares tenha resolvido abandonar sua família.*

*Minha mulher concorda comigo que devemos fazer a vontade de Richard e acatar suas intenções, seja qual for o caso. Portanto, no que se refere ao testamento, você tem todo o meu apoio. Entreguei a cópia que me enviou para os meus advogados, que o informarão sobre o progresso das providências para passar os bens de Richard para você.*

*Mais uma vez, obrigado pela ajuda quando estive na Europa. Mande-nos notícias suas.*

*Com os melhores votos*

*Herbert Greenleaf.*

Seria uma brincadeira? Mas o papel timbrado de Burker-Greenleaf que tinha nas mãos parecia bastante autêntico — grosso e áspero com as letras gravadas na parte de cima — e, além disso, Greenleaf não faria uma brincadeira dessas, de jeito nenhum. Tom caminhou para o táxi. Não era brincadeira! Era tudo seu! O dinheiro de Dickie e sua liberdade! E a liberdade, como tudo o mais, era a sua e a de Dickie combinadas. Podia ter uma casa na Europa e outra nos Estados Unidos, se quisesse. O dinheiro da casa em Mongibello ainda esperava que alguém o reclamasse, pensou, e devia enviá-lo para os Greenleafs, uma vez que Dickie mandara vender a casa antes de fazer o testamento. Sorriu, pensando na Sra. Cartwright. Ia mandar-lhe uma grande caixa de orquídeas quando as encontrasse em Creta, se é que havia orquídeas em Creta.

Tentou imaginar-se desembarcando em Creta. A longa ilha, cheia de crateras secas com bordas recortadas, o movimento de pessoas no cais quando seu barco entrasse na baía, os pequenos carregadores, ávidos por sua bagagem e suas gorjetas. E teria muito para lhes dar, muito para tudo e para todos. Viu quatro figuras imóveis no cais imaginário, policiais de Creta esperando por ele, pacientemente com os braços cruzados. Ficou tenso de repente e a visão desapareceu. Veria policiais à sua espera em todos os portos onde desembarcasse? Em Alexandria? Istambul? Bombaim? Rio de Janeiro? Não adiantava pensar nisso. Endireitou os ombros. Não adiantava estragar essa viagem pensando em policiais imaginários. Mesmo que houvesse policiais no cais, não significaria necessariamente...

— *A donda, a donda?* — perguntava o motorista, tentando falar italiano com ele.

— Para um hotel, por favor — respondeu Tom. — *Il meglio albergo. Il meglio, il meglio!*

\* \* \*



Nascida na cidade de Fort Worth, Texas, a 19 de janeiro de 1921, Patricia Highsmith foi criada pela avó materna, pois os pais se separaram logo após seu nascimento. Imigrando com a família para o Norte do país, encontrou dificuldades para estabelecer relações sociais, devido ao forte sotaque sulista. Frequentou escolas públicas, formando-se pelo Barnard College. Para sobreviver, colaborou como redatora de histórias em quadrinhos (*Batman* e *Superman*). Seu primeiro conto, *The Heroine*, escrito quando ainda era estudante, foi publicado pelo *Harper's Bazaar* e mereceu o Prêmio O. Henry de 1946.

Escreveu sua primeira novela, *Pacto Sinistro*, em 1946, após uma viagem à Europa. O livro foi rejeitado por seis editoras, antes de conseguir ser publicado. Filmado por Alfred Hitchcock, *Pacto Sinistro* tornou Patricia Highsmith conhecida em todo o mundo. Além de *Pacto Sinistro*, foram transpostos para o cinema *O Sol por Testemunha* (1961),

*Once Kiss a Stranger* (1968), e *O Amigo Americano* (1977), realização do jovem cineasta alemão Wim Wenders. Escrito em 1957, *O Sol por Testemunha* é o primeiro de uma série de romances em que Patricia apresenta o estranho personagem Tom Ripley. De temperamento sombrio, contraditório, Tom Ripley é um típico anti-herói do nosso tempo. Vivendo atualmente na França, Patricia Highsmith escreveu cerca de dezesseis novelas e quarenta contos.

[1] Em francês no original. "Na falta de coisa melhor." (N. do T.)

[2] Polícia.

[3] Visto de permanência.